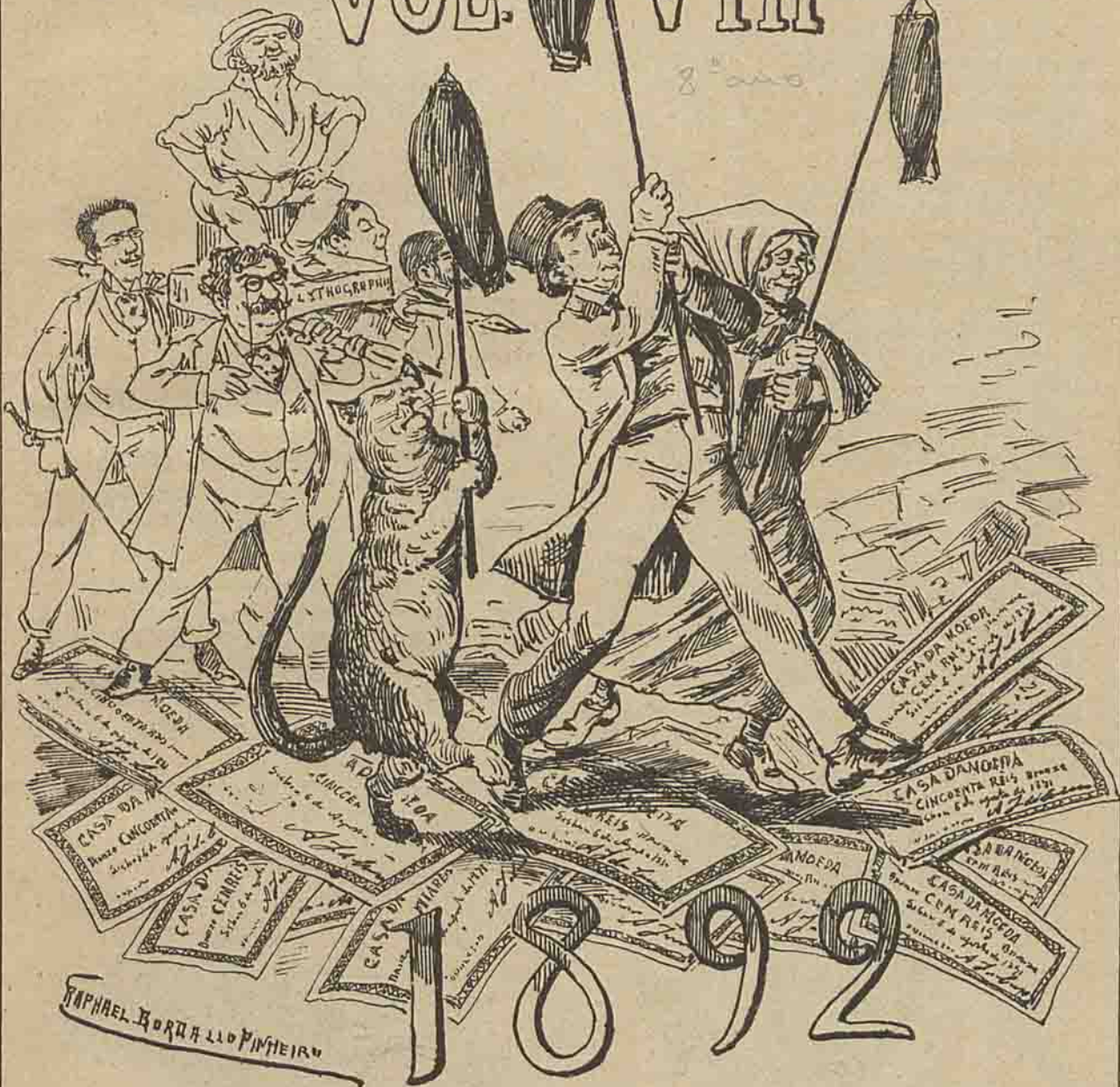




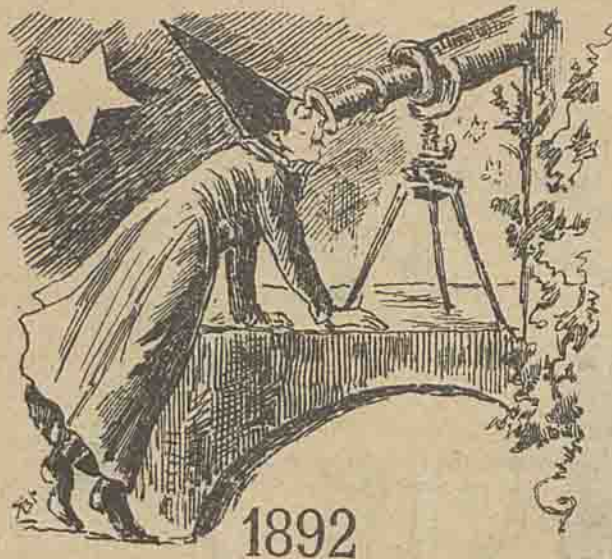
M

# ANTONIO MARIA

1892  
VOL. VIII



Ao mesmo tempo que a imprensa séria começa a cultivar o humorismo, o Antonio Maria passa d'ora em diante a ser um jornal sério, circumspecto, e a usar, como emblema, uma manga d'alpaca.



Do simarra e barrete conico, como os Magos, subimos ao nosso observatorio e, lá do alto, olhos nas estrellas, quizemos ler, segundo os dictames do occultismo chaldaico, a sorte do anno recém-vindo.

A despeito, porem, da nossa presciencia de iniciados e do nosso poder de adivinhação, nada de preciso, de claro, de crystallino viemos a saber. O anno de 92 esquivase aos nossos vaticinios n'uma vaga perspectiva enevoadada, indistincta, amorpha, como uma paisagem vista á noite...

Optimistas dizem lobrigar, ao largo, galeotas d'ouro auriflammadas de azul e purpura; agoireiros pensam ver, distinctamente, corvetas tristes como athaudes, trazidas por enluctadas vela de crepe. Suppõem uns ouvir rythmos alegres de alegres canções que se approximam; suppõem outros escutar gemidos elegiacos que se acercam n'uma escura toada.

Nós nada antevemos, nada ánte-escutamos.

Alegres por indole e por systema, tendo da vida uma risonha opiniao, tendo indifferença pelo commum dos homens e completo desdem pelos communs principios, eliminamos do nosso espirito todas as chymeras e todas as apprehensões, e (esperançados n'uma era de desilludidos) nós esforçamos por, ao correr do anno, vos mostrarmos, fieis leitores, que ainda não morreu a graciosa Esposa do vinho do Porto:—a graça portugueza.



## HENRI PETIT



Henri Petit, o conhecido decano dos mestres d'armas, ultimamente fallecido em Paris, viveu longos annos em Lisboa, onde a sua branca e sympathica fronte de velho era largamente conhecida. A elle se deve, em grande parte, o consideravel desenvolvimento que a esgrima tem tomado entre nós. Fundamente apaixonado pela sua profissão, creando discipulos notaveis, como Antonio Martins, conseguiu Petit, n'esta epoca em que os organismos se depauperam, se gastam, se anemizam, conseguiu Petit crear nos portuguezes amor pelo jogo d'armas, jogo viril, tão proprio d'homens.

Com verdadeiro sentimento o Antonio Maria regista esta recente morte.





Os srs. auctores dramaticos vão ter uma commissão parlamentar, encarregada de escrever um código theatral, que as côrtes depois hão-de approvar, e que terá por fim estabelecer definitivamente o *mínimum* que um auctor deve receber por cada representação d'uma peça.

Sem de modo nenhum querer desvirtuar ou causar o menor damno aos nobres artistas de tão tutellar quanto misericordiosa commissão,—eu não posso também deixar de sollicitar, das chamadas estações competentes, e dos homens que nos governam, e dos poderes encarregados de distribuir justiça e moral por estes reinos, um outro código, não menos justo, nem meenos necessario que aquelle que vae ser formulado.

Esse código poder-se-ha chamar o *código das massadas*; será a salvaguarda do publico; e n'elle ficará perfeitamente exarado o *maximo* de estopada e de sensaboria que é permittido a um auctor applicar a uma plateia.

Ultrapassado esse limite, o criminoso encontrará nos quartos particulares da Penitenciaria o justo pago para as suas temerarias cabriolas nos mundos da asneira e da paciencia humana...

\*  
\* \*

E' por acaso justo que se nomeie uma commissão com o fim expresso de zelar a algibeira dos srs. auctores,—e que se não nomeie logo em seguida outra commissão, não menos parlamentar que a primeira—para zelar a paciencia e a bondade do espectador? Certamente que não é.

Desde o momento que vamos ter código regulando os proventos dos escriptores theatraes, seria injustiça só propria dos tempos que vão correndo, que esses escriptores passassem a ter garantida por lei a remuneração do seu trabalho, e que nós, publico, não tivéssemos garantido o dinheiro que damos por um lugar—pois o damos, ou antes, o depositamos nas mãos do camaroteiro, na certeza de que vamos assistir a um bom espetáculo.

Bem sabemos que ha o direito ou a tolerancia de patear uma peça, quando de todo nos não agrada. Mas para dar pateada é preciso, antes que tudo, ter pés, e ha espectadores que os não teem; se os teem, é preciso que lhes não doam, o que succede frequentes vezes, principalmente quando está mau tempo e os calos apertam; se os pés lhes não doem, é essencial que use calçado bem grosso, de duas solas, e tacões d'uma sola que mais parece pau, e de que só em Portugal tem o segredo, para pateadas, o sr. José Saragga.

Mas a pateada também é julgada por espiritos sufficientemente meigos e pacatos, como uma forma tumultuosa, quiçá ordinaria, de manifestar uma opinião. E ha individuos que por nada d'este mundo ousariam ter opiniões em publico. Não ha nada que mais comprometta e atralalhe o futuro de certas pessoas, do que saber-se que ellas teem uma opinião. Ficam logo pertencendo á familia dos perigosos. O sr. Pedroso de Lima nunca mais os perde de vista—porque uma opinião teimosa é ás vezes peor que uma bomba de dynamite.

\*  
\* \*

N'estas condições, eu não hesito em sollicitar dos poderes constituídos um código das massadas, para restabelecer o equilibrio theatral, agora que elle vae ser desequilibrado com o código dos auctores.

Eu reclamo respeitosaemente do parlamento do meu paiz, que ao lado do *mínimum* de direitos que um auctor possa de futuro exigir dos theatros, esteja também indicado o *maximum* de sensaboria com que um auctor portuguez, a pretexto de procurar reviver o theatro nacional, pode moer a paciencia das plateias.

Não pensem os leitores que isto seja mera *blague* da minha parte. Não, senhores. Isto é muito sério! Confesso a bondade do meu coração e a má qualidade do meu calçado:—não dou pateada, porque me repugna, e porque de cada vez que tenho tido impulsos d'essa natureza, tenho sahido de lá com os sapatos arrombados. Ora uma peça má não vale o preço d'uma cadeira, quanto mais aggravado com 4\$500 réis para uns sapatos novos.

\*  
\* \*

Não senhor, este estado de coisas não pôde durar mais tempo. Vae nomear-se uma commissão para defender os auctores da usura dos emprezarios? Pois salta uma commissão para defender a paciencia do publico contra as tendencias estopantadas dos auctores.

Apesar do muito respeito que alguns auctores me merecem, outros devo dizer, o futura commissão salvadora do publico! que me teem roubado escandalosamente o meu dinheiro, sem que me assista o direito de reclamar.

# TRYPTICO



—Teu avô, o 90, deixou-me papeis velhos...

—Eu deixo-te papeis novos... Governate...

—Se não me trocam esta papellada sou um anno encravado.

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO.

Nós, publico, nós queremos reclamar! Nós estamos sequiosos de reclamações! Porque não ha nada de mais sagrado, de mais puro, de mais sublime, do que este acto ingenuo, cheio de fé e de creença, d'um espectador que compra á sua custa (notem hem!) um lugar para d'entro d'uma casa pessimamente arejada e illuminada, sujeitando-se á visinhança de pessoas que ás vezes detesta, só para ouvir durante trez horas as maravilhas ou as semsaborias que um auctor phantasiou.

Quando se ouvem maravilhas, ainda vale a pena o incommodo, o desarranjo e o preço da cadeira. Mas quando se ouvem semsaborias, quando só nos servem algumas d'essas horracheiras de que infelizmente, para a nossa vaidade nacional, se acha salpicado o theatro portuguez?...

Então, meus senhores, então é que todos nós sentimos a necessidade de uma lei que nos proteja contra os massadores, e então é que compreendemos, quando nos enfiamos pela cama, que não ha justiça humana—porque ha malvados, porque ha auctores que andam por essas ruas passeando, que ha muito deviam estar espiando a culpa á sombra da Penitenciaria!

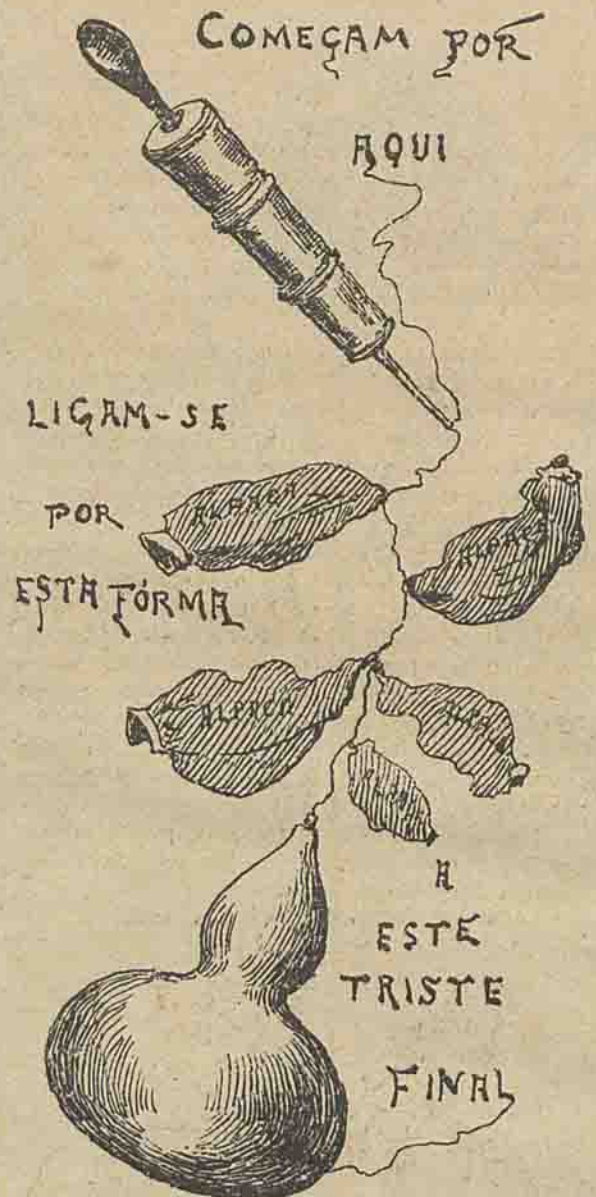
QUIDAM.

## Theatro da Rua dos Condes

### A Archiduqueza



## Commissõs artistico-officiaes



ASSIM SE REFORMAM AS ARTES  
AS LETRAS E AS INDUSTRIAS —

ESCORALHO PINHEIRO

### Conselho para se não ser enganado nunca

O excellente sabonete dos principes do Congo, o mais conhecido, o melhor e o mais perfumado dos sabões de toucador, vende-se em toda a parte. Mas exijam o nome Victor Vaissier, de Paris, porque apparecem á vendá artigos similares que são apenas grosseiras imitações d'este fino sabonete.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XIII

Começou então para Custodio uma era de embringante bem-estar, uma existencia de liso curso, pacifica, emballadora, sem sobresaltos, sem solavancos. Alugou n'uma serena rua, á Lapa, um rez-do-chão, de novo reconstruido, todo alvo de estuques ainda frescos, cheirando ainda a tintas, e n'esse rez-do-chão passava as manhãs, ornamentando, alindando os aposentos, suspendeado molduras nas paredes, calculando a disposição do mobiliario, impaciente, morto porque chegasse o dia, muito almejado, em que Brites, prompta para o delicioso sacrificio, entraria, depois da cerimonia nupcial, n'essa alegre e socegada casa. Lá passava as manhãs, lá passava as tardes... E quando começava a escurecer, quando estrellas e candeieiros de gaz começavam a illuminar a noite incipiente, Custodio descia a Santos, á cata de tranway. De tranway ia elle até ao Rocío, subia depois nos seus avantajados machinhos pretos até ao Castello, e, com uma inequalavel precisão, apenas em S. Christovam soavam as oito, a sua mão acordava a campainha da casa de Brites juncto da qual a noite corria, fugaz, todo de claridades e promessas.

Uma segunda feira, ia Custodio para a nocturna visita quando, em face do Marrere, uns braços amigos lhe cortaram o andar.

--Olá, Mello Barreto, você por aqui!...



Ficaram minutos a conversar, no passeio. Ha muito que se não viam: contaram-se as suas vidas, trocaram cigarros e amabilidades. Barreto propoz a Caminha uma ida ao Colyseu. Era segunda feira, noite da moda, ia a familia real, veriam a Geraldine.

--Pois você ainda não viu a Geraldine!... bradou Barreto, ó homem, nem me diga isso...

Custodio hesitou, primeiro. A ideia de desgostar Brites, de a fazer soffrer com a sua não annunciada ausencia, levou-o a recusar os insistentes convites do amavel letrado. Este, porém, tão irresistivelmente lhe descreveu os encantos da gommosa função e a prodigiosa belleza da apregoadá acrobata que não houve resistir-lhe.



Foram. Estava prenhe de gente, o circo. Homens de casaca cortejavam damas illustres. Olhos e joias flammavam ao gaz. A orchestra ria com alegres instrumentações de cobre; palhaços cambalhotavam na arena.



Nas suas cadeiras, ao pé da entrada para os bastidores, puzeram-se os dois a binocular. Barreto, muito sabido na vida intima de Lisboa, contava anedoctas verdadeiras, ditas com aquella prisão de lingua que tanta graça dá ao seu fallar. Custodio ouvia, guloso e feliz, reflectindo, pensando na vida de rapaz que ia deixar em breve, vida frivola, é certo, mas com seus encan-



tos e compensações. Ia casar-se, approximava-se a agonia da sua mocidade... E no seu espirito roçava uma pontinha de melancholia desbotada e pallida como as despedidas de verão da sua botoeira.

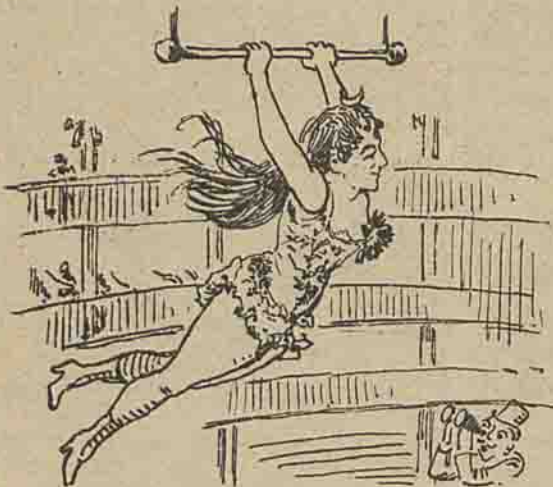
Subito, um grande silencio se fez.  
 A orchestra tocou uma marcha de triumpho, todos os olhares convergiram para um ponto, e, esfiqueada por esses olhares, embuçada n'um manto de velludo, andar leuto, cabellos cahidos, Geraldine appareceu, com o mais glorioso sorriso ao lume dos seus beiços frescos.



Uma cascata de palmas e de gritos se despe-  
 nhou, convulsamente. Barreto e Caminha, mudos de panno, atiraram-lhe com os penantes, n'um rasgado gesto admirativo.



No trapezio, vestida de luz electrica, Geraldine deslocava os seus appeteciveis braços, roseos como conchas, balouçava-se, torcia-se, traçando no ar



as curvas mais doces, mais voluptuosas. A musica arrastava-se, atropellavam-se as palmas.

Por fim, Geraldine desceu, Delirio ardente. Duas alas a esperavam á saida, todos se precipitavam para a sua passagem atapetada pelos casacos dos seus admirador s entre os quaes Barreto e Caminha particular entusiasmo exhibiam. A musica arrastava-se, atropellavam-se as palmas, Geraldine agradecia lanço campo beijos. . .



As duas alas engrossavam de segundo em segundo, todos se precipitavam para a sua passagem, empurrando-se, rasgando-se, pisundo-se. . . . .

Quando, n'essa noite, Custodio recolheu a casa, todo amarrotado pelas loucuras e confusão do entusiasmo, olhando o retrato da sua Noiva, tão completamente se convencem de que lhe cahira a alma aos pés, que se inclinou para a apanhar. Depois de ver Geraldine, Brites, que ainda ha pouco tão graciosa lhe parecia, paracia-lhe agora feia, quasi repellente, sem frescura, sem viço.



Começou a despir-se e a pensar. Ao mesmo tempo ia despojando o seu corpo de vestes e de illusões a sua alma.

Uma da madrugada.

E atirando com as botas para o sobrado:



— Raios me partam se eu me casar com este camafeu!

(Continúa).

Eu.

# HOMENS DA SEMANA

## AO CARGAR DA PASTA



—Toma, menino, por aqui me sirvo e... quem vier atraz que feche a porta,





Findando um discurso, declamára o Ministro:  
«...E no mez de fevereiro restabelecido será o  
curso da prata...»

Palavras que, para a noss'alma apprehensiva,  
foram como azas claras depois d'um temporal, co-  
mo uma janella que se abrisse de subito, illumina-  
ndo com imprevisita luz um quarto escuro.

Ouvida a inesperada declaração, nós que havia-  
mos fechado os olhos para não vermos o futuro  
que se nos apresentava cavernoso e sombrio, cheio  
de escuridade, sob um ceu de pez, ameaçador, des-  
cerrámos confiadamente os olhos e, embora os ares  
não fossem ainda absolutamente limpos e claros,  
vimos no entanto com suprema alegria que a pai-  
sagem começava já a banhar-se de mais doces  
meias-tintas, por uma madrugada cheia de pro-  
messas e de astraes moedas de cinco tostões...  
Clareava. E o Sol—symbolo do Ouro—não tarda-  
ria a apparecer, todo munificente de flavas prodi-  
galidades, como um banqueiro israelita...

Sem manchas, começou então a manifestar-se a  
nossa agradecida admiração peio admiravel Feiti-  
ceiro, que sobre as areas do Erario exhibia mira-  
culosos jogos malabares... com cifras. Eubandei-



rámos com bandeiras de contentamento os nossos  
espíritos, arregimentámos luzidos cortejos de  
chymeras, tivémos insomnias produzidas pelo re-  
ferver dos nossos doirados projectos, e como um  
preso que visse approximar-se a hora de ser livre,

certo de que n'essa hora receberia uma fabulosa  
herança, começámos, alvoroçados e impacientes, a  
aguardar o dia em que a prata deveria começar  
a correr n'um limpido marulho emballador e can-  
tante.

\* \* \*

Vae d'ahi, estavam nós exhumando as nossas  
vasias bolsas de prata, tristes como viúvas incon-  
solaveis, mas que, ao verem-se exhumadas, pare-  
ciam viúvas alegres prestes a contrahirem segun-  
das nupcias, quando o milagroso Ministro subita-  
mente nos desamparou...



Foi um desfolhar triste de illusões...

Retomaram o seu aspecto de viuvez lacrymosa  
as bolsas, que d'ora em deante, na sua melanco-  
lica inutilidade, apenas poderão servir, munidas  
de duas fitas, como uma luxuosa substituição de  
certos saquinhos que os boticarios vendem...

\* \* \*

Oe que lhe querem mal veem agora no Feiti-  
ceiro um D. Sebastião victimado, no Alcaacer-Ki-  
bir do ministerio da fazenda. A' parte o intuito  
malevole do paralelo, parece-nos de uma incom-  
paravel justeza a comparação. O D. Sebastião mo-  
derno acaba de desaparecer levando atraz de si  
um rancho de esperanças. *Le roi est mort?... E.*



em breve, qualquer Cardeal D. Henrique será co-  
roado senhor da finança. Mas d'aqui a mezes  
quando o neveiro, que já começa a descer, se  
cerrar de todo, os mariannistas fieis começarão a  
clamar, em altos gritos, pelo monarcha, pedindo  
soccorro. Assim o monarcha appareça...

Que elle, ao que oiço, é fino como o coral.

Eu.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XIV

Apenas Brites percebeu a desoladora transformação que no sentimento de Custodio se fizera, redobrou para com elle de graças e galanteios, começou a enfeitar-se com supremo cuidado, a ensaiar risos irresistíveis e gestos graceis, a florir de rosas os cabellos e de pedrarias os dedos, buscando, assim, tolher com o visco da seducção as azas de pandego que o seu noivo começára, insolita e bruscamente, a usar. Custodio, porém, não se deixou prender.

Embalde, Brites, praticou todas as biblicas e provocantes artimanhas de Madame Putiphar.

Custodio José do Egypto a nada se moveu.



Resolvido a acabar, custasse o que custasse, com esses amores que a principio lhe tinham feito sentir um certo numero de sensações agradaveis e novas, mas que, por ultimo, á força de se repetirem, já nenhum encanto, nenhum perfume lhe davam, soffreu Caminha com paciência de martyr a saravada de missivas que Brites lhe enviava, duas, trez, quatro vezes por dia, missivas a principio severas e asperas, picadas de reprimendas, depois injuriosas e altivas, cheias de vituperios e de ameaças, por ultimo implorantes e cariciosas, feitas de supplicas e de lagrymas.



Perante a frieza incombatiavel e dura de Custodio, perante os seus desdens, perante a sua indif-

ferença, velou-se de pesado lucto a alma de Brites, cuja constituição debil e fraca começou a allaquebrar-se, a empallidecer, a tornar-se diaphana, requeimada pelos incendios do seu amor escarnecido e martyrisado.

Passava a repudiada donzella suas noites em claro, ora estorcendo-se, deitada, n'uma angustiosa insomnia toda de prantos, ora levantando se quasi nua, de tranças cabidas, e indo para a janella, expondo a sua semi-nudez ao beijo doentio dos nevoeiros, e pedindo a Deus que a fizesse adoecer, que lhe desse a morte, o socego almejado d'um tumulo, em face do qual a dureza de alma de Custodio, havia de quebrar-se emfim, e dissolver-se em sentidas torrentes de abundante e copioso chôro.



Ouvia Deus a desolada moça. E n'uma quinta feira á noite, á hora em que Custodio ria, ceiado com hespanholas faceis e donzeis da sociedade, expirava Brites, victimada por um ataque funesto de influenza, apertando contra o peito virgem o retrato do seu alkoz.

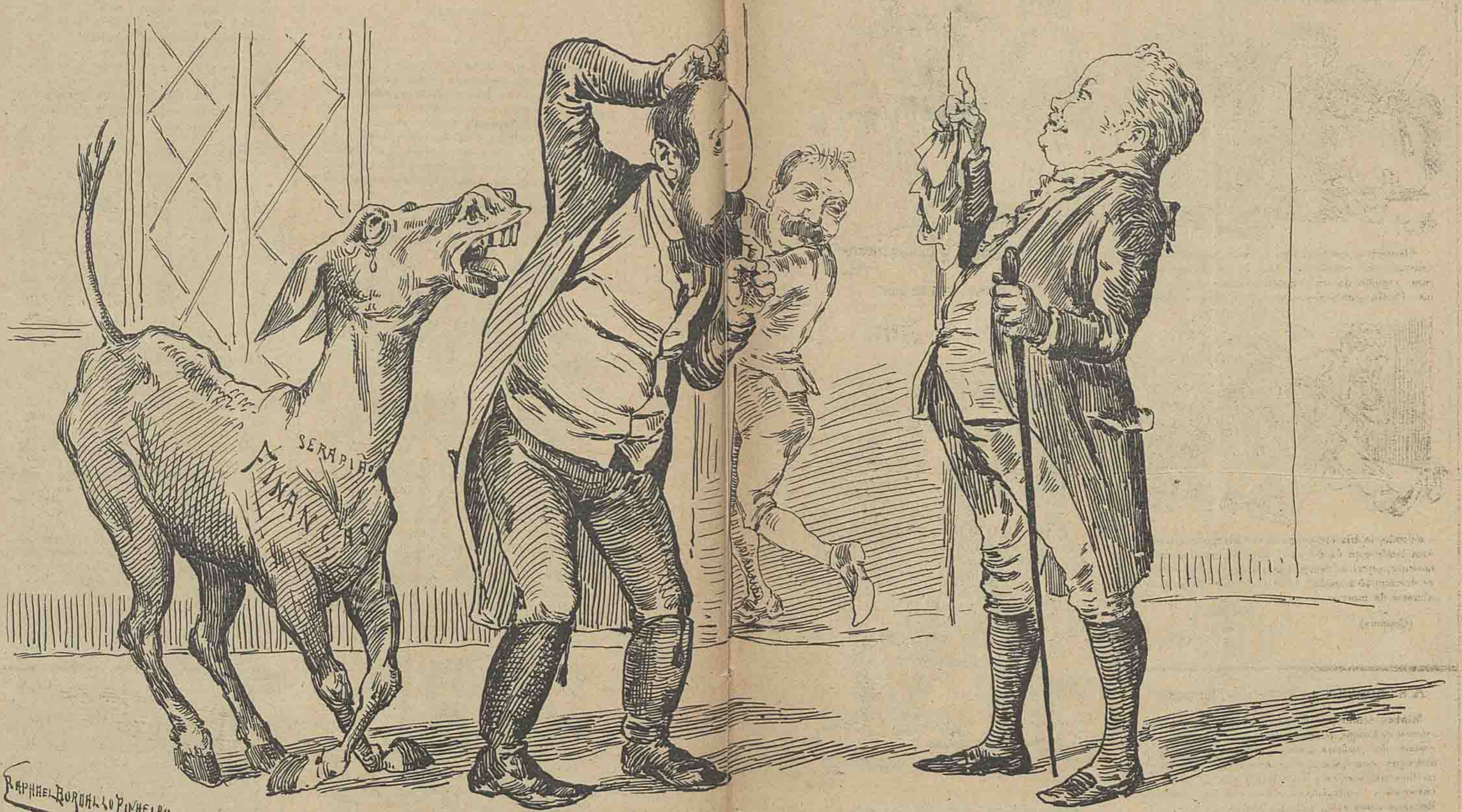
Na manhã seguinte, quando um amigo lhe foi annunciar a morte da que fôra sua Noi a, sentiu Caminha o coração apertado n'um anel flagellante de remorsos, turvou-se-lhe a vista, bastas bagas de suor lhe parlaram a fronte, cambaleou como um ebrio e caliu, sem sentidos, sobre o leito.



Quando voltou a si, ao entardecer, achou-se Custodio mettido na cama, cercado de amigos que fallavam em segredo, á luz d'uma lamparina debil, de doente. Uma claridade triste vinha da janella mal cerrada... Pediu que o deixassem sosinho. E sosinho ficou toda a noite, debullhado em lagrimas, esporeado de arrependimento, enchendo

# A UNICA SALVAÇÃO

Variações sobre o BURRO DO SR. ALCAIDE



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O Alcaide:— Ou curas o Serapião ou vaes para a cadeia.

de beijos o retrato da sua morta, arranhando-se, arrepelando-se e beliscando o peito para assim se castigar da sua má, da sua perversa acção... Abriu uma navalha de barba, pensando em degollar-se mas faltou-lhe a coragem e degollou apenas um callo que cruciantemente lhe doia.



Alvorecia quando, tomada uma resolução definitiva, todo vestido de lucto, Custodio sahiu de casa, seguido do seu domestico carregado de malas. Partiu para Formoselha. Ahi, longe de todos



e de tudo, ia elle entregar-se completamente á saudosa lembrança de Brites, veneral-a, amal-a secretamente, espiritualmente, buscando os sitios ermos, os descampados, onde a distancia da vida o approximasse da morte.

(Continua)

Eu.

### A's nossas amaveis leitoras

Minhas senhoras, façam as suas abluções com sabonete do Congo, porque todas, escuzado é dizel-o, gostam do perfume activo, suave e delicado que distingue este sabão incomparavel. E' pois prestar-lhes um serviço o avizal-as de que se vendem imitações e contrafacções d'este producto celebre. Recusem como falso, todo o Congo que não trouxer o nome de Victor Vaissier, da Paris.

## Theatro do Principe Real

DIOGO ALVES



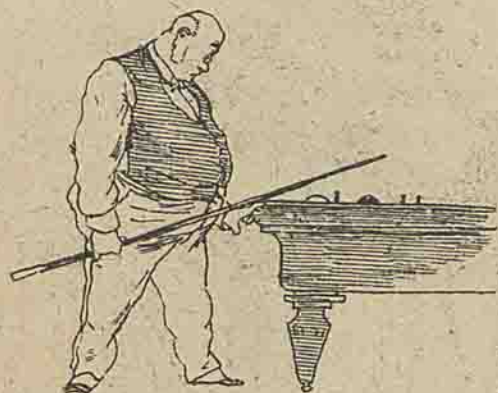
PEÇA FRIA

## O retrato do Burro

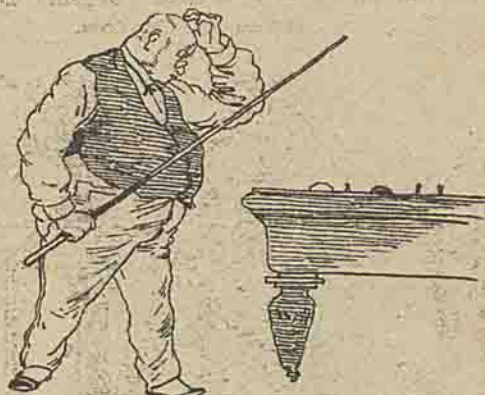


Serapião agradecido, vae cortar uma camiza para o artista Antonio Manuel, em paga do retrato que este lhe fez, a lapis, para a sua festa.

# UMA BOLA DIFFICIL



E fica-se bem, o parceiro...



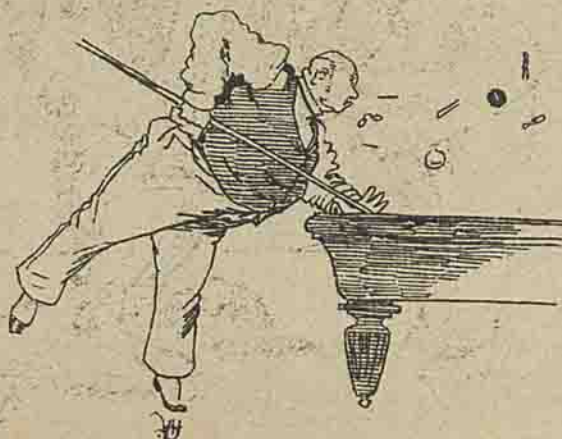
Isto está o diabo...



Vejam os com attenção...



Muito effeito...



Ella ali vae...



Uff!! Já lá está.

# A 100.<sup>A</sup> DO BURRO

OU

## O TRIUMPHO DE SERAPIÃO



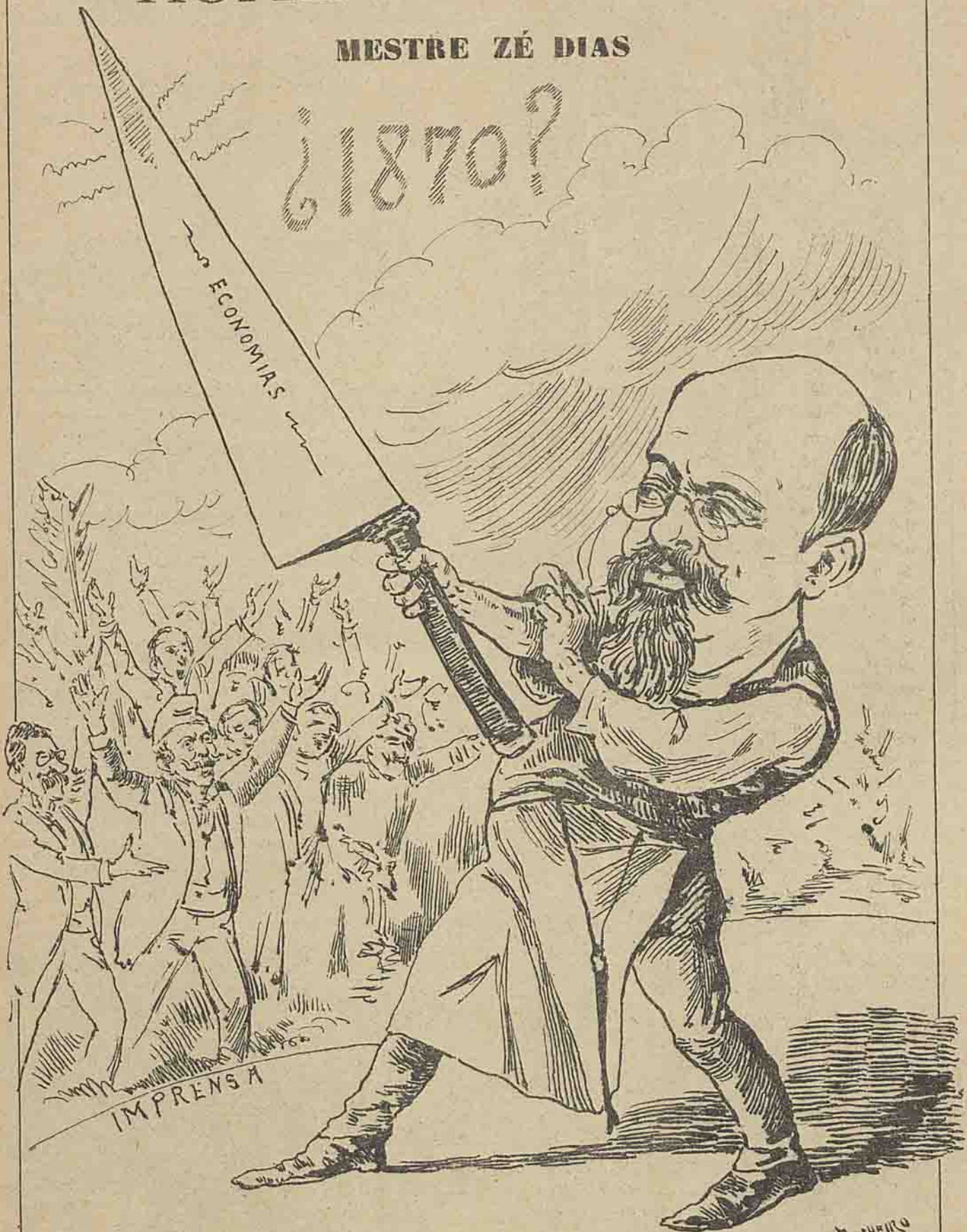
RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Foi muito mais entusiastica a consagração do burro, na Avenida, do que a de Garrett, em D. Maria. D'onde se conclue que o nosso publico é muito mais propenso para burros do que para Garrettes. O burro é mais pratico.

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.<sup>o</sup>  
 Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.<sup>os</sup> 36 e 40.  
 Typographia Costa Saanches Filhos—Calçada do Sacramento, 38 e 48

# HOMENS DA SEMANA

## MESTRE ZÉ DIAS



Será o fuzilhão de 1870, ou estará cheio de bocas?

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Segunda-feira, 18, na camara dos Pares. Da alta vidraça deca uma luz coada e debil. Cheias as galerias: na dos jornalistas alguns empregados publicos e alguns ociosos; na diplomatica alguns jornalistas; na publica alguns diplomatas... Uma reprezada curiosidade faz arquejar os peitos. O ministerio tarda: e o relógio, que, de quando em quando, soa com limpo e demorado timbre, dir-se-ia a Meca para onde convergem; em caravana, os olhares. A luz escasseia, a impaciencia cresce. E um murmurio de vozes, em segredo, circula como uma reza. Cinco da tarde. Como duas boccas abertas n'um sorriso, abrem-se alfin os dois reposteiros de velludo vermelho e os proceres entram. Dois fartos bigodes brancos presidem. O ministerio tarda: das galerias alguns debilitados sahem. Aninhados em suas poltronas, aos grupos, os grandes do reino fallam. Quasi noite. Accendem-se as duas pinhas de lumes na tribuna presidencial. O ministerio entra.

\*  
\*  
\*

E então, aos olhos dos assistentes foi dado um dos mais regosijantes recreios. Não parecia um ministerio, parecia uma caixa de tintas, um caleidoscopio, a loja do Peixe, tão coloridos raios vinham trajando os governantes.

Dias, o presidente, ostentava a farda azul de ministro, com bordados d'ouro, grã-cru: das cores constitucionaes a tiracollo, olhos tortos e bicorne com arminhos; Bethsaida em habitos talares de seda cõr de flor d'olaia e rendas; Martins em casaca preta, com uma honorifica fita, amarello e ouro, sobre o peitilho; Jorge em grande uniforme de general, cheio de galões e bordaduras faiscantes, peito colmado de faiscantes veneras, chinó de côres; Amaral, de capitão de fragata, oiro sobre azul; Lobo e Chauceleiros de par do reino e com-

mendas. Ministerio de chromo-lythographia, luzido e brilhante, quando elle entrou pareceu-nos que entravam pela sala as cores maravilhosas de um poente.

As côres d'um poente!... N'um canto da galeria, ficámos a pensar, apprehensivamente, n'estas palavras, atravez das quaes viamos Portugal como um sol desdoirando-se no occaso...

\*  
\*  
\*

Havendo Dias exposto, vagamente, o programma do seu grupo, tendo alguns, do amphitheatro, queimado, em signal de boa acolhida, a mais cheirosa myrrha e o mais cheiroso incenso da eloquencia foi a sessão fechada,—fechada era a noite, attenta a debilidadê dos circumstantes todos nostalgicos das appeteciveis viandas que os aguardavam. Choviscava, fóra. Uma lama viscosa espelhava a luz ruiva do gaz acceso, em leque, às esquinas. Evasiava-se o parlamento. E todos sa-hiam com um a triste, preocupados com as amargurantes ameaças economicas que Dias declamára, reduções d'ordenados, diminuição de juros, todos os rendimentos cercados, todos os ganhos podados, redução de prazares, suppressão de necessidades...

\*  
\*  
\*

Caminho do jantar, fomos meditando sobre a evidencia da nossa miseria. A miseria!.....

Passámos por tres lojas de flôres e todas ellas estavam cheias: no restaurante onde jantámos, jantavam mais dez pessoas e todas ellas tinham brilhantes nos dedos...

Eu.





# THEATRO DES. CARLOS



Na ultima da *Carmen*, em S. Carlos, foi-nos dado, n'este tempo de desprazeres, o prazer de admirar as joias de Adèle Borghi (muita pedra e pouca voz), joias tão luminosamente ardentes que, se não fôra a generosa intervenção do espectador dr. Mascaró, que generosamente nos recebeu um



collyrio, e nos aconselhou o uso de lunetas fumadas, teriam martyrisado nossos olhos com a mais dolorosa ophtalmia. De lunetas, viámos para casa a seismar no motivo que levaria pela primeira vez á opera o evidente inimigo das molestias da vista, precisamente no dia em que trepava ao poder um ministerio de vistas tão directas mas de olhar tão torto.



# Os chinós do general

Dizem que não tem cabelo.



Calumnia! Jorge tem cabellos... na venta e nas orelhas.



Nas ventas e nas orelhas são postiços, como na cabeça, os cabellos.



Quando se deita, parece, dizem, uma castanha pilada com barrete de dormir.

# AO OSTRACISMO



Tambem não me importa...

# O NOVO MINISTERIO

O PITEU DE RESISTENCIA DA POLITICA PORTUGUEZA



Brochete de passarilheados de... economia.

### O caso do Banco Lusitano

A respeito de toda a honrada e independente actividade do juiz Veiga e do delegado Trindade Coelho, João das Machinas, que já inventára



polvora sem fumo, fiança sem dinheiro e notas sem papel, acaba de inventar prisão sem captura.

Cautella com este percevejo, puros juristas: se lhe poem o dedo em cima é contar com uma epidemia.



Vejam em que lameiro cabimos !... Até já isto tem razão!

### A CONQUISTA DE LISBOA

OU

#### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XV

Dois semanas depois do estiolamento de Brites, amainando o temporal de remorso e de melancolia, que tão borrascosamente havia saccudido o coração de Caminha, deixou este os prados verdes de F. rmoselha e, n'um amanhecer pardo de janeiro, chegou a Lisboa. Depois da grande victoria alcançada pela sua obra litteraria, raptado á vida activa pelo dandysimo e pelo amor cujos philtros adormecedores haviam quebrantado e amollecido a sua tendencia para a conquista, deixára-se Caminha tomar da mais completa e preguiçosa inacção, passando mezes e mezes sem fazer um soneto, sem dar um passo na politica.

Foi n'esse periodo de oriental ociosidade que a lyrica morte de Brites se passou, morte cujo amargurante imprevisto abalou Caminha funda e desoladoramente, lançando-o n'um fosco estado de desillusão, de descrença, roubando-lhe as ultimas parcelas da sua combalida actividade, quasi gasta... As duas semanas de saudavel vida rural, passadas longe da envenenante vida de Lisboa, deram-lhe, porem, forças novas, vestiram-lhe o peito de nova energia, de rijo vigor, por forma que, regressando á luminosa cidade dos seus triumphos, vinha Caminha alado de mais resplendente, de mais victoriosa esperanza do que no dia em que — ha annos já — pisára pela vez primeira as hospitaleiras calçadas de Lisboa. Voltando, pois, á sua patria espiritual, animava-se Custodio a recommençar a sua carreira tão promettedoramente encetada e tão indolente, quasi tão peccadoramente interrompida, resollvido a banir do seu viver todos os appeteciveis mas extenuantes prazeres vulgares, as noites perdidas, as palestras infindaveis nos botequins, o convivio de creaturas vulgares, normaes, resollvido a ser um trabalhador, um conquistador. Olhou em torno, procurando a profissão, o exercicio intellectual mais de geito para evidenciar as suas qualidades. Como poeta e como prosador colhera elle os mais viçosos, os mais invejaveis loiros; como homem do mundo, como dandy, levára o mundanismo até aos mais complicados japonismos; como amante experimentára as mais raras, as mais extravagantes delicias, desde as noites passadas em serpentinos braços de andaluzas endoidantes, até aos crepusculos d'estio passados ao lado de Brites, n'um extasi todo de pureza, todo de castidade.

Remembrando, assim, as phases mais recentes do seu preterito, arrependia-se Caminha de ter tao frivolamente malbaratado o seu tempo e jurava a si mesmo empregal-o futuramente em occupaões mais serias.

Tentava-o a politica, a politica que elle vira tão de relance na tarde em que um chefe de partido o chamára confiadamente, a politica que lhe apparecia tentadora, cheia de promessas, como uma bocca de mulher.

Florido de projectos, episcopalmente almoçado, dirigiu-se Camiulha á livraria Gomes, á cata de algum volume geitoso para a sua iniciação politica. Apenas interrogado, o bibliopola Gomes re-eitou-lhe logo um livro notabilissimo, digno de Demosthenes:—as *Obras Parlamentares* do orador José Augusto... Gonsalves de Freitas e os discursos do sr. de Valenças.



Munido de tão preciosas gemmas oratorias, de Gomes foi Custodio lel-as para o jardim da Estrella, onde a essa hora, sob os arvoredos despidos, ranchos de creancinhas inglezas grasinavam hilariantemente, vigiadas por mestras de loiros bandós. Sentou-se a abrir com um bilhete de visita os dois volumes. Cantava perto uma cascata. E, ao marulho da agua, lidas tres linhas do tribuno José Augusto, adormeceu, tão suggestiva, tão propria para o souho era essa prosa de tão adormecedora musica. E, adormecendo, cuidava Caminha que estava lendo a cascata e que era o discurso que marulhava... Instantes decorridos, foi Custodio furtado á somnolencia que o tomára por uma pesada mão batendo-lhe fortemente no hombro.

—Quem está lá?... rosou Caminha, em sobresalto, e, descerrando os olhos, viu junto de si a elegancia florentina de Candido de Figueiredo, que lhe estendia os dedos.



Abraçaram-se. Obsequioso, abriu Candido a sua carteira de charutos e offereceu instantemente.

—Sirva-se você, são Gregorinos, é do que fuma quasi toda a rapaziada das lettras, o Chagas, o Jayme Victor, o Fernando Caldeira... Veja você que cinza! Eu não quero outro pó de dentes...

Fumaudo, puzeram-se os dois a passeiar. Candido frôa ao jardim para, entre flores e aromas, lavar o seu espirito de poeta exilado no centro de uma capital burgueza, sem ideias, para beber um pouco d'ar fresco e puro. Custodio contou, tambem, ao que lá fóra e expoz as suas tenções politicas.

—Que lhe parece, Figueiredo?

Figueiredo respondeu que lhe párecia bom. Independentemente da qualquer ambição egoista, o facto do abalisado Custodio entrar na vida publica constituia um impagavel obsequio feito á patria, que, na angustia da sua situação, reclamava todas as cooperações intelligentes e superiores.

Chegaram a um alto. N'um banco, a escrever, estava Jayme Victor. Saudaram-se n'uma ardente cordealidade os tres. E n'um trio de indignação, encostados a uma grade que olhava sobranceira sobre Lisboa, começaram a exaltar seus proprios e reciprocos valores e a atacar com pálvoras cortantes, como espadas d'archanjo exterminador, a inconsciencia artistica d'essa cidade que os não comprehendia e onde eram mais visiveis o aimbório da Estrella e o castello de S. Jorge do que elles.



E foram jantar ao Vigia.

(Continua).

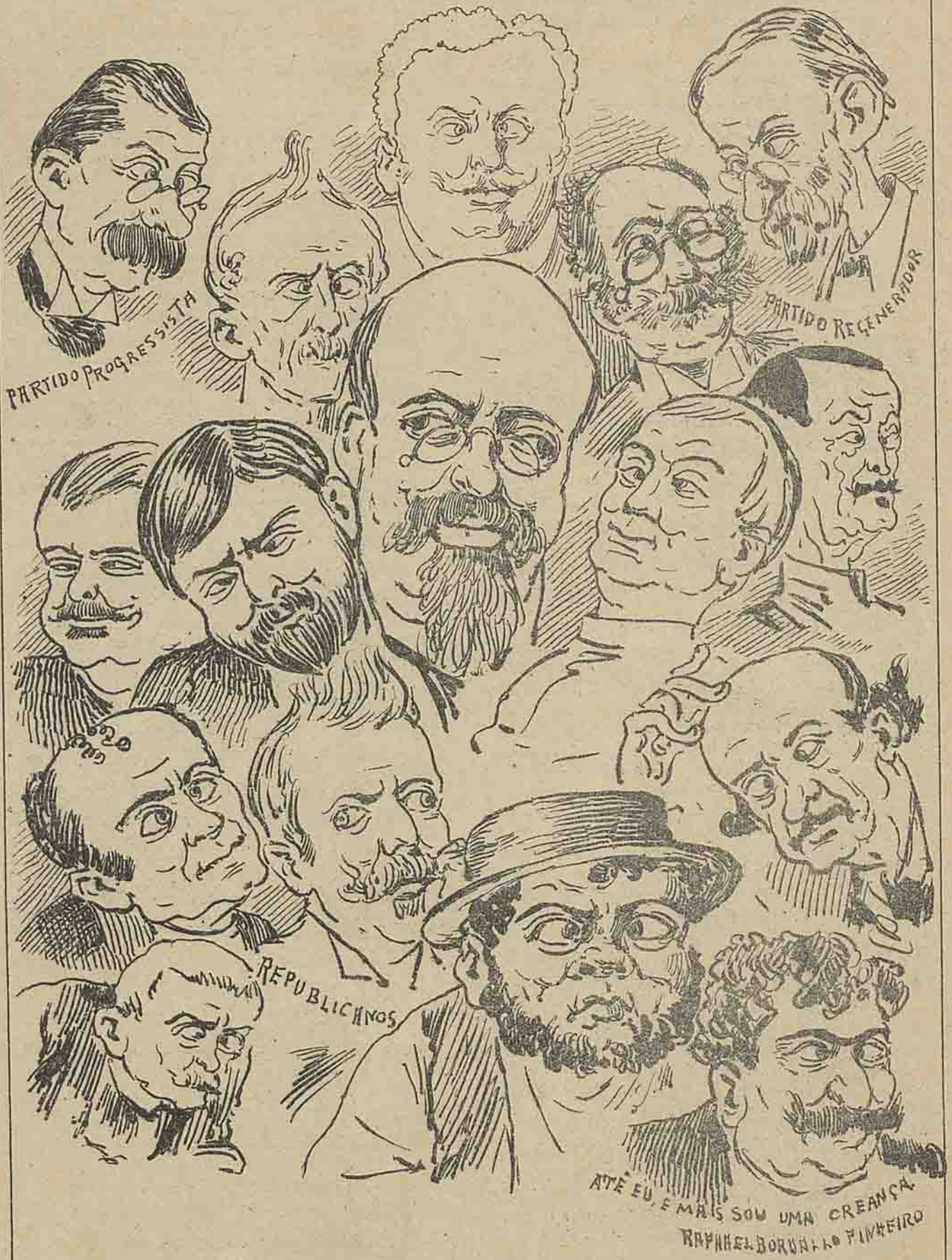
Eu.

## ORIENTAL

Attinge o Congo dos sabões a méta  
Lá o diz o Alcorão:  
Só Deus é Deus, Mahomet o seu propheta  
É o Congo o seu sabão

Saboarda Victor Vaissier, Paris

### Como todos veem o estado actual do paiz



Todos veem pelos olhos de mestre Zé Dias.

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º  
 Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.º 36 a 40.  
 Typographia Costa Sanches Filhos—Calçada do Sacramento, 38 e 48

# OS SATURNOSINHOS



Decretada pelos calendarios a tutelar influencia de Venus sobre os destinos do anno que vae correndo, estavamos nós aguardando maravilhosos successos de amor, quando a fria realidade das cousas nos veiu mostrar que ou a tutella de Venus é um puro platonismo sem consequencias ou a rosada deusa deu deue por si. O Deus substituto foi Saturno. Haja vista a saturnina tendencia dos actuaes governantes que, com uma fera depravação de sentimentos paternaes, vão roendo seus filhos,—as suas antigas opiniões.

# MARIACOIS.

De manhãzinha, ao despertar, Job, o meu domestico, traz-me o chocolate.

—Leu os jornaes, Job?

—Sim, meu senhor.

—E que dizem os jornaes?

—Coisas negras, coisas sinistras, coisas pardas.

—Vá buscal-os... Mas olhe, traga-me as lunetas côr de rosa.

\*  
\* \*

... Porque, em boa verdade, não mereces a pena estar a gente a martyrisar os olhos com a continuada visão do negro. Carregam-se os ares: parece que vae cair uma chuva torrencial de tinta de escrever e que cada alma é um tinteiro. Fugamos da chuva e tornemos o tinteiro em jarra. Se a tristeza pagasse dividas, são tantas as nossas dividas que, ainda que a nossa tristeza fosse enorme, tocasse as rajãs do impossivel, de nada serviria. Melancholia baldada, ficaríamos na mesma.

Cara alegre, surumbatico leitor. Tens vinte mil réis no bolso e precisas de te governar com elles até ao fim da semana? Pois muito bem, manda ao diabo o dia de amanhã, cospe para longe os teus principios d'economia e gasta n'uma hora tudo o que tens. Satisfaz todos os teus appetites, compra beijos e flores, fuma cigarros dos que fuma a czarina da Russia, bebe vinhos d'oiro, debes beber muito, mas não comas: é bom que te vás habituando.

E cara alegre, meu amigo. Incommoda-te o cinzento da atmosphera? Faze como eu: compra umas lunetas côr de rosa.

\*  
\* \*

—Job! Traga-me a meu *dominó* escaarlato.

—Perdão, meu senhor, vae mascarar-se?

—E' como dizes.

—Mas se ainda não estamos no entrudo...

—Ingenua consideração! Posto que ainda vênha longe o carnaval, julgo-me com o direito de me disfarçar exteriormente n'um tempo em que todos trazem disfarce o espirito. Não viu você o *reporter* Schwalbach disfarçado em poeta para

glorificar Serapião, o poeta Fernando Caldeira em musico, e ourives Marianno de Carvalho em empregado aduaneiro, o historiador Oliveira Martins em ministro, o lyrico João Saraiva em burocrata, o amanuense Possolo em gymnasta, o general Jorge Furtado em cabelleireiro e o *Seculo* em S. Sebastião? Depois de tudo isto, será muito que eu me revista d'uma simples *sizarra escaarlata*?

\*  
\* \*

Deixamos por um instante o baile de mascarar da vida moderna e, a despeito do todo o nosso horror pelas elegias, cumpramos um dever pondo um fumo preto — lucto carregado — no chapéu alto da alma portugueza.

Morreu Jayme José Ribeiro de Carvalho.

N'uma era de vocações toreadas, de vocações estranguladas, n'uma era em que todos são o que não são, em que todos andam com dinheiro e profissões emprestadas, em que ha sapateiros transformados em homens de letras, modistas em damas de sociedade, caixeiros em dandys, vadios em viscondes, aristocratas em vadios, n'esta era e n'esta sociedade, Jayme teve o coragem de ser exclusivamente o que a sua consciencia lhe dizia que fosse. Quiz ser homem de letras, nunca quiz ser outra cousa. O seu caseco era pobresinho mas era d'elle. Ninguem lh'o emprestára, niuguem lh'o alugára. Poderia ter sido empregado publico, jardineiro, conductor d'americanos, ecclesiastico ou pintor. Não quiz. E, apesar de todos os apupos de uma multidão muito mais ridicula do que elle, d'uma multidão que ria da sua sinceridade, da sua probidade, dos seus bons intuitos, abdicando dos lucros e da consideração que outra qualquer profissão, que não fosse a sua, lhe poderia fornecer, Jayme conservou-se sempre firme, inabalavel, seguindo o caminho por onde o seu sentimento, desequilibrado mas puro, lhe dizia que marchasse. Foi um tenaz, um persistente, e foi mais do que isso, porque n'estes dias de typos baços, amorphos, confundiveis, conseguiu ser, tambem, uma individualidade, um typo definido. Uma individualidade morbida, mas uma individualidade. Era elle.

\*  
\* \*

Quantos Jaymes eu não vejo por ali bem mais applaudidos, bem mais ricos, bem mais alegres e bem mais comicos do que o pobre Jayme José!?

## ECONOMIAS



A primeira das economias é... cada um fazer o seu proprio chinó... o resto virá depois...

## A PASTA DA MARINHA



Enquanto foi culminante a questão colonial serviram o cargo do ministro da marinha alguns illustres financeiros, prosadores, postas, etc. Hoje que a questão é puramente economica está occupando aquelle cargo um notavel official de marinha, muito conbecedor das questões da sua pasta...

Pelo que não nos espantaremos se amanhã formos nomeados cardeal-patriarcha da Lisboa ou constructor de couraçados.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XV

— Manhã de sol, em janeiro.

Apoz dias frescos, de chuva, um dia claro se levanta, torquiza e oiro. Palpitam azas no ar limpo, pautado de fios telephonicos. Lisboa ri. Creaturinhas amantes d'ar livre, longo tempo enclausuradas pelos temporaes recentes, vão, a alegria nos olhos, saltantes, pelos passeios.

— Uma... duas... tres... dez, onze, doze... Meio-dia.

Caminha ergue-se, feliz, leve, sem apprehensões; casa-se maravilhosamente a sua disposição com a ridencia loira da manhã.

Desce a escada cantarolando.



— Vamos á vidinha, diz a meia voz; e, calçando as iuvas cor de gemma d'ovo, traça, em mente, o programma do dia.

Uma vosinha debil de creança apregoa: Violetas... Custodio busca troco e, florido, prosegue, rua fóra.

Trote de mulas: Custodio ergue a bengala n'um signal: uma campainha retine, em reticencias de som, o americano pára, Custodio entra, o americano segue.

Terreiro do Paço. Ao sol, a estatua laivada de azuavre parece de marmore verde, ás manchas.

Custodio trepa, requebradamente, por uma esquadaria vasta e clara: ao alto uma porta de vidruga, toda brilhante de vernizes e de fechos areia-dos.

— O sr. João Saraiva... está?... Queira entregar-lhe este bilhete...

O continuo parte, abrindo passagem por entre o espesso grupo de pretendentes que, apinhados, aguardam. Cinco minutos correm.



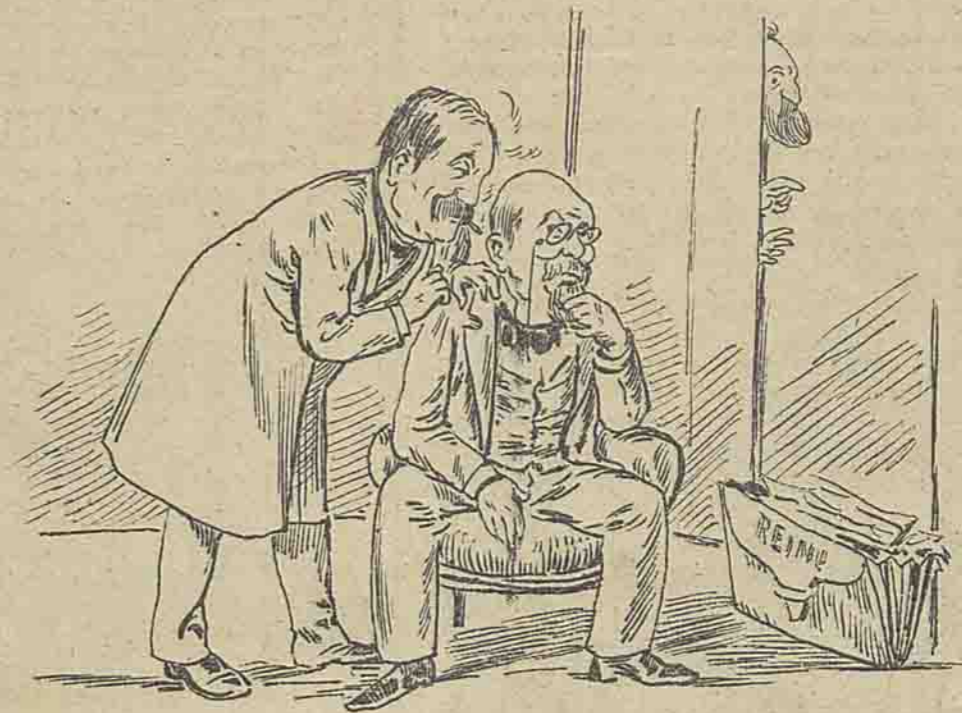
# O APOIO PARTIDOS



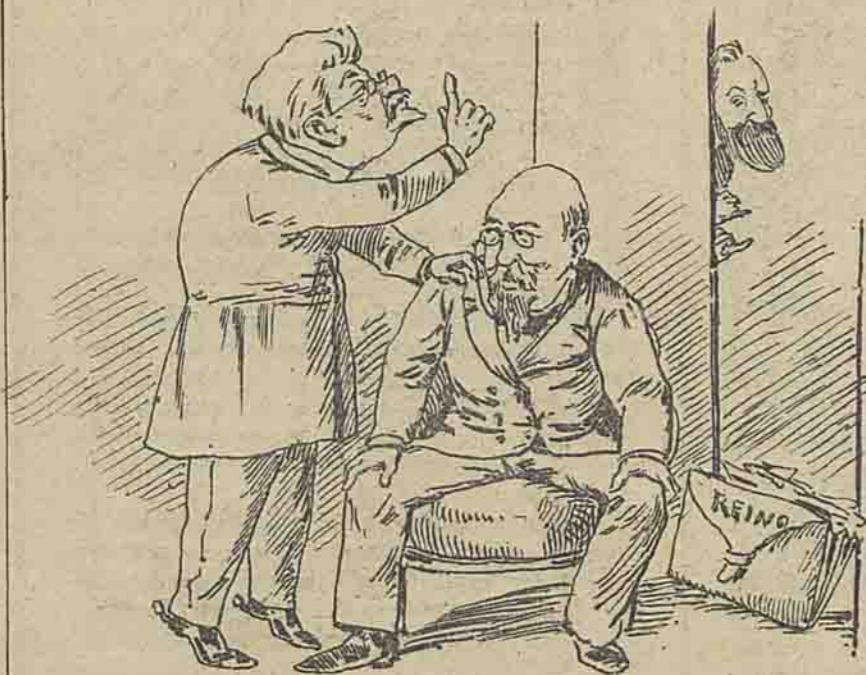
Apoio, mas economias.



Apoio, mas muita eco



Apoio, mas muitissima economia.



A maxima economia e cá estemos



O meu apoio, mas economias  
economias.



Economias! Economias! Economias!

Bem o prega Fr. Thomaz...

RAPHAEL BORGALLO FINH!

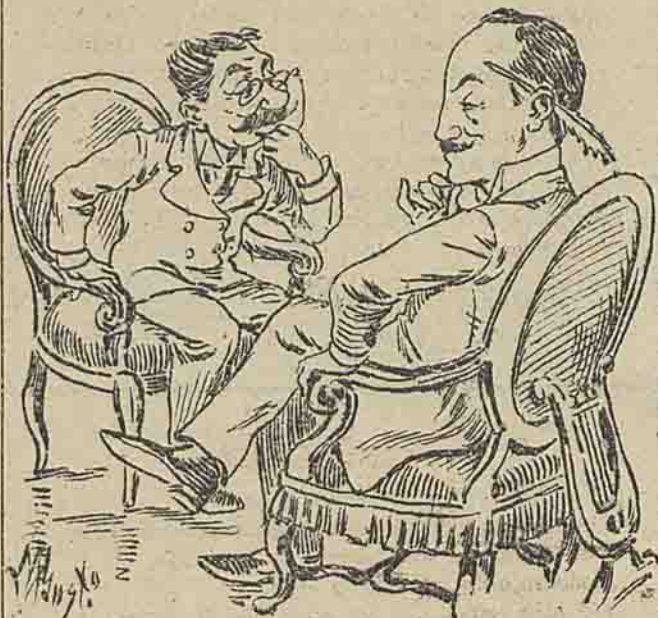
Isso e... moralidade!

—Queira ter a bondade de entrar. Caminha é introduzido no estreito gabinete revestido de crystaes foscos, onde, como uma rara planta n'uma estufa, Saraiva, licenciado por Apoll, o despida a clamyde de linho e envergada a sobrecasaca preta, faz de João Evangelista do Salvador Martins.

—Conversemos, dizem em côro, aconchegando-se em poltronas molles.

—Venho vel-o (é Caminha quem falla), dar-lhe os meus parabens e pedir-lhe um favor...

—Muito amavel, muito agradecido, sabe que estou sempre ao seu dispor, balbuciou Saraiva, na sua voz de velludo, acariciante.



Custodio expõe seus planos politicos. Constituição eminentemente artistica, preguiçoso como todos os artistas, prodigamente tem malbaratado grande parte da sua vida em ninharias, em frioleiras. Urge mudar de rumo, crear uma situação, garantir o porvir, couraçar a felicidade contra as contingencias da vida material. Está resolvido, cheio de coragem, coroado de esperanças.

Custa-lha muito, é certo, ter que se divorciar dos almos prazeres que a cultura do verso lhe dava. A inexoravel dureza do Destino assim o ordena, porem, em face da carestia das modernas existencias e da precaria, affastante situação do mercado litterario em Portugal.

As opiniões de Saraiva são gêmeas das de Caminha, gêmeas as suas situações. Também elle se viu forçado a trocar a lyra p'la manga d'alpaca, e a musica dormente do decasyllabo pelo Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> da liturgia butocratica. Para elles a Arte é um arame, provocador de quedas, sobre o qual urge conservar o mais cuidado equilibrio, sob o qual está aberto o precipio negro da miseria. A collocação certa, a collocação official com garantia de aposentação é uma cadeira de braços. Entre o perigo do arame e a tranquillidade da cadeira, não ha que hesitar: são pela poltrona.

Ouviu Caminha que Dias Ferreira não tem ainda secretario, logar que lhe parece appetecivel.

—Se você conseguisse que o Oliveira Martins me recommendasse ao José Dias.

Tem Saraiva summa pena de, n'este sentido não poder servir Custodio. José Dias fez, porem, já a sua escolha. Procurando desviar de si todos os pretendentes, mandou vir do Porto o Joaquim d'Araujo cuja tradição de massador seria uma cruz se os pretendentes fossem o diabo.

—Vá você ao ministerio do reino, informa Saraiva e veja: desde que Araujo chegou parece aquillo um deserto. Até os continuos fugiram.

Desvanecida a chymera azul do secretariado, Custodio despede-se com resignação e affabilidade.

Na Arcada dois braços fortes e apertam: os braços de Castello Branco, director geral das Lindas-Artes.



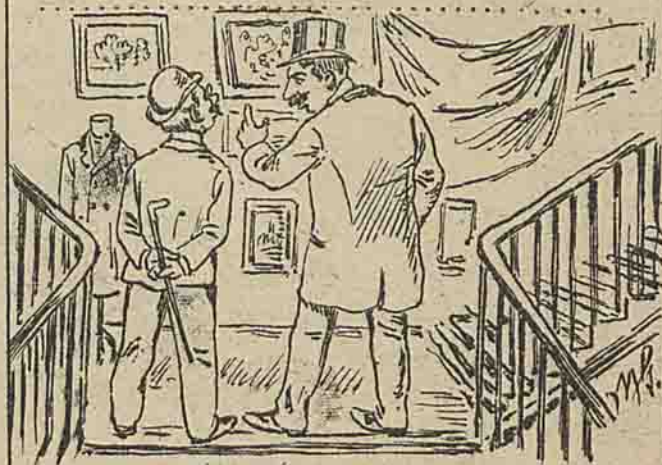
—Inda bem que o encontro! clama Custodio. E explica que, estando sem emprego, tendo o tempo livre, deseja empregar os dias recebendo lições de pintura e precisa que Castello-Branco lhe indique um professor.

Castello-Branco indica-lhe D. Manuel de la Cuadra, paisagista d'altos meritos reconhecidos pelo governo portuguez, que lhe concedeu o habito de Christo.

—Diga lá, ó Castello-Branco, alvitra Custodio, vamos nós ao museu das Janellas Verdes passar duas ou tres horas de pura contemplação artistica.

—É uma massada, não vale a pena...

E os dois marcham para a loja do Povo onde a noite os surpreheende mirando oleographies...



Meia noite.

Custodio acaba de se deitar, morto de fadiga. No nevoeiro que precede o somno, uma voz clara se levanta, voz que diz:



— Custodio, obtuso Custodio, a teus pés as milhas saudações! E's o christão mais estúpido que na Terra vive, mas a tua estupidez será a tua gloria. Não te inquietes com o teu futuro, que será d'ouro. A estupidez é uma aza: abre as azas e vóa! N'outro mundo serias desprezível como um farrapo, como uma casca de pepino: no mundo em que a Sorte te collocou serás glorificado, adorado, thuribulado. Não te incomodes, escusas de te mover, todos te procurarão. A tua estupidez é

um iman. O talento hoje em dia é a mais asquerosa das qualidades: em breve se verão os homens de genio puxando carrcoas e americanos e os burros vestidos de farda, fumando havanos e escrevendo romances. . . . o que, entre nós, já se tem visto. E's incapaz de ser qualquer cousa; pois virás a ser tudo: director-geral, tenente-coronel, deputado, par do reino, arcebispo, cardeal-patriarcha principe dos poetas portuguezes, rei, Gabriel Claudio, Felix da Costa, presidente de conselho, pintor, musico! Não te admires do successo. Lembra-te do que ha dias fizeram no theatro da Avenida a um burro, aclamado por uma multidão compacta, divinizado por tudo o que a aristocracia, a litteratura e a arte portugueza comportam de mais brilhante!

Calla-se a voz. Um relógio distante suspira duas horas. Caminha adormece e, ao correr da noite, sonha (é esta a terceira vez que tal lhe succede) com esterco.

(Continua).

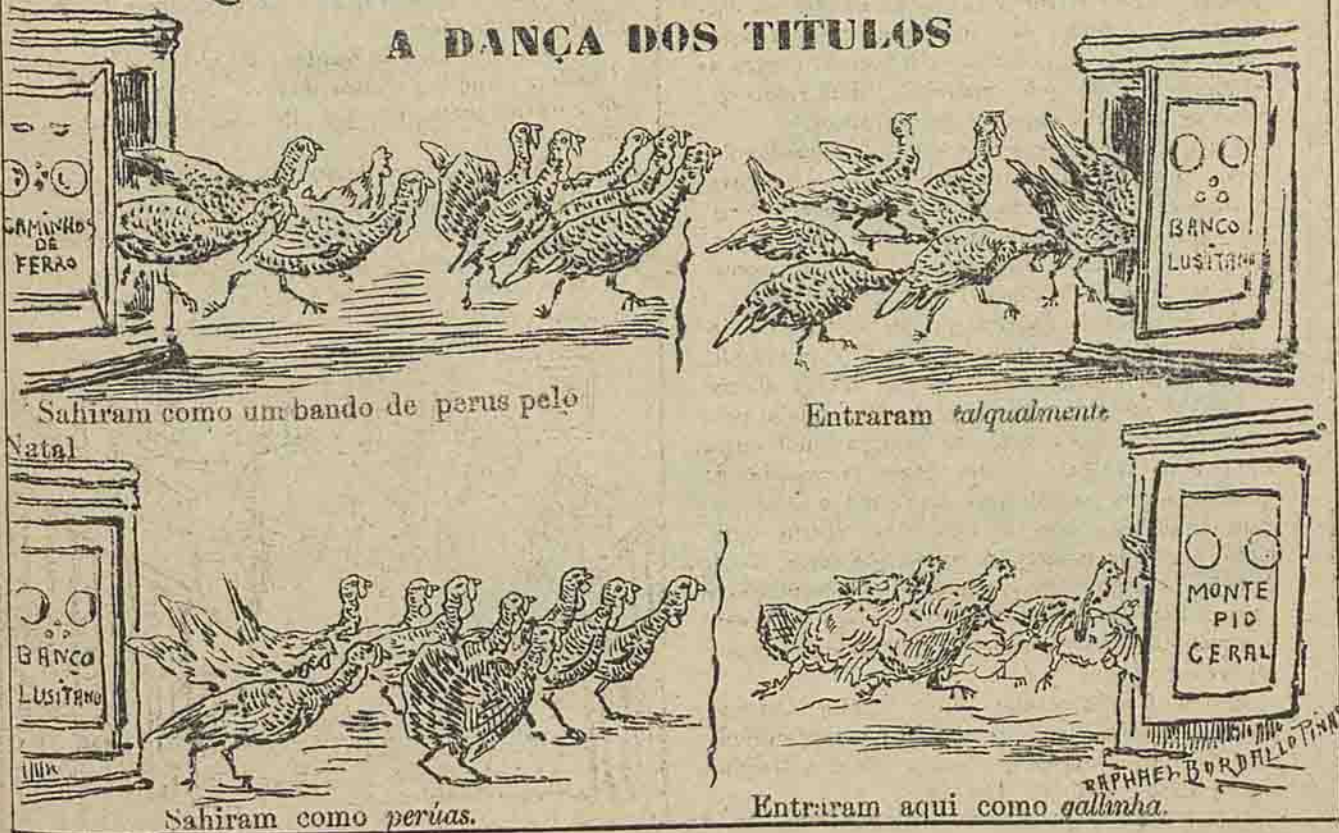
Eu.

### Histórico

Da França o Rei Francisco (isto está escripto)  
Dando um dia um passeio muito longo,  
Todo sujo de pó, bradou afflicto;  
«O meu reino. . . por um sabão do Congo!»  
Sabouaria Victor Vaissier, Paris.

## A QUESTÃO DO CAMINHO DE FERRO

### A DANÇA DOS TITULOS



# HOMENS DA SEMANA

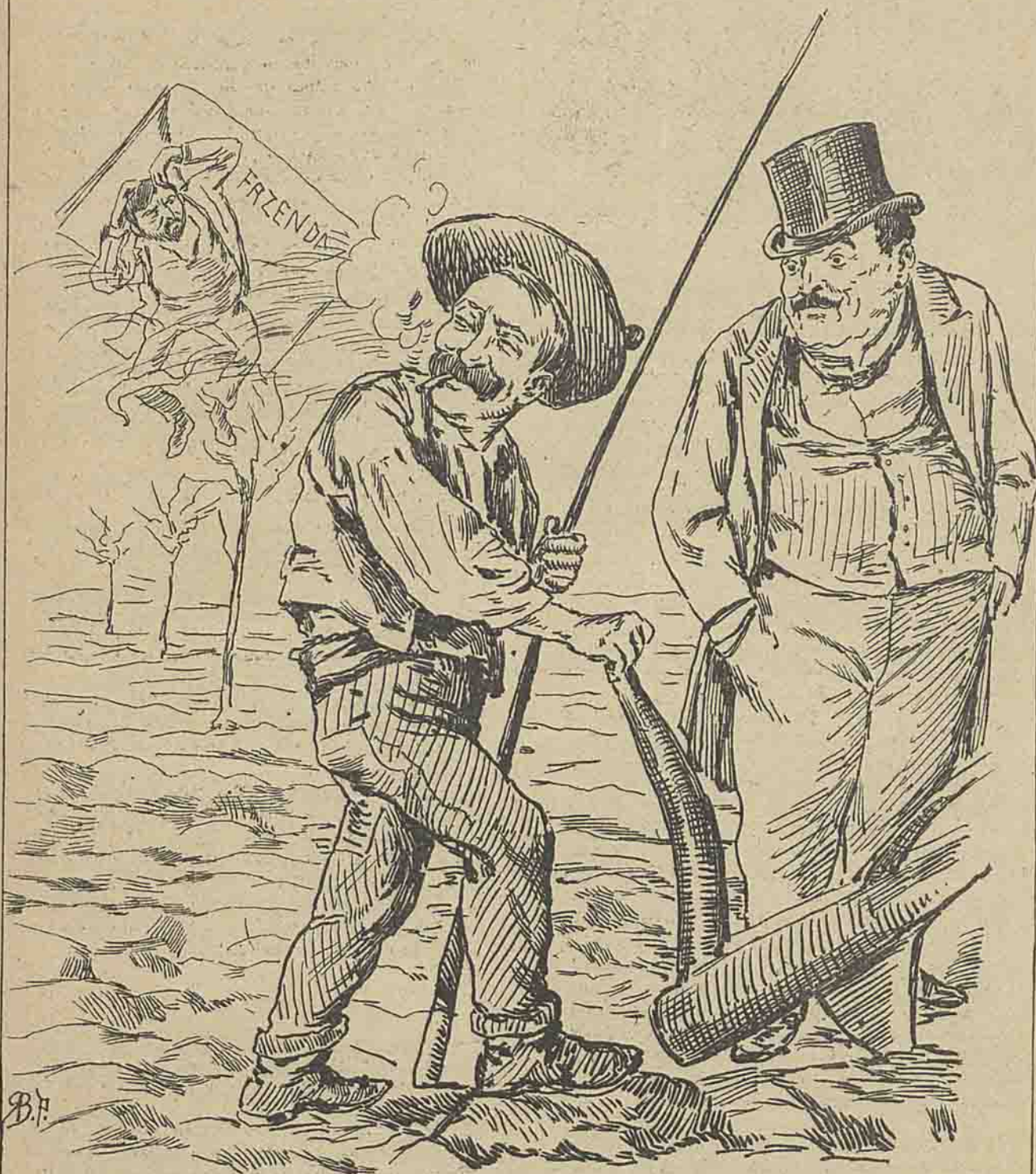
## O ENGENHOSO



Ora aqui está um passaro bem difficil de engaiolar... Dá cá o pé, meu loiro.

# O NOVO CINCINATO

Era e não era e andava lavrando



Ainda agora começa a lavar e já está a dizer: «Atraz de mim virá quem bom me fará»



Ha agora muita santa gente que vive á sombra do estado, prodigiosamente transtornado com a ideia de que os seus ordenados vão soffrer descontos variando entre 5 e 20 0/0 e os juros das inscripções uma redução de 30 0/0.

Efectivamente á primeira vista parece semelhante medida uma odiosa estorsão feita pelo governo para salvar as finanças do estado, que—a julgar pelo que nos disse o sr. Oliveira Martins—são o mais lindo sudario de desperdícios e de esbanjamentos de que ha memoria entre illustres morgados sem vintem.

Para um paiz pequeno e de poucos recursos, uma divida publica de 556 mil contos é o que ha de mais brilhante e de mais surpreendente. Representa a bagatella de 110\$000 réis por cada habitante, calculando que Portugal possui 5 milhões de individuos.

Agora a santa gente que vive á sombra do Estado, grita, berra, vocifera, porque é preciso fazer reduções, porque é preciso fazer sacrificios.

Mas que fazer senão pagar?... Havia talvez um remedio infallivel, e vinha a ser:—declarar a guerra á Europa, como fez Napoleão I, cujo cavallo branco tão apregoado tem sido pela rhetorica indigena e parlamentar; atravessar a Hespanha; ir espalhar o terror pela França e pela Alemanha; arremeter mesmo até á Russia; e depois começar a lançar tributos de guerra sobre os povos que os nossos exercitos tivessem subjugado. Napoleão I assim fez para assegurar o prestigio e a grandeza da França; e Guilherme da Prussia tambem lhe seguiu o exemplo em 1870, quando precisou de 5:000 milhões de francos para equilibrar o orçamento do Estado e de duas provincias ricas e populosas para tornar mais vasto o imperio allemão.

Se nos achamos com força e animo para o fazer, deixemo-nos de sentimentalidades,—e toca a invadir a Europa e a tributá-la. Se nos achamos com sufficiente força maritima, façamos o que a Inglaterra out'ora fazia ás nossas caravellas que vinham da India carregadas de especiarias—tomemos todos os navios inglezes que passarem pela nossa costa.

Mas se não temos nem força nem animo para tanto, então santa gente, é preciso soffrer com resignação a critica dolorosa da arithmetica do sr. Oliveira Martius—e pagar.

—«Mas não temos culpa dos esbanjamentos dos politicos, nem dos desperdícios do Estado!...»

Perdão! As culpas são de nós todos. Desde o momento que nós fizemos assentar todo o edificio do Estado sob o principio do suffragio universal; desde o momento que o povo é convidado, quando muito, todos os 4 annos a eleger os seus representantes em côrtes; desde o momento que todos os orçamentos de receita e despeza e todos os empréstimos que se tem feito não são validos sem a sancção parlamentar; desde o momento que o parlamento é o fiscal inexoravel de todos os actos dos governos;—se o parlamento tem sido cego, imbecil ou criminoso para approvar e sancionar todos os actos do executivo, o culpado de tudo isto é o Povo soberano, é a Nação, somos nós todos, que nunca nos demos ao trabalho de pensar na gravidade e alcance d'õ acto que praticavamos de cada vez que deitavamos uma lista na urna.

E a nossa educação? E o nosso odioso e desalmado egoismo?

Eh! santa gente! não vale a pena gritar, berrar, vociferar—porque os culpados somos nós todos!

Ha 50 annos que o paiz se educa unica e exclusivamente para ser empregado publico, para todos os dias enfiar a manga d'alpaca da mandricce....

Ha 50 annos que a Familia e a Escola nos prepara cuidadosamente para o amanuensado; ha 50 annos que nós só procuramos ser um paiz de empregados publicos.

Fecharam-se os conventos para se abrirem os ministerios. A' aristocracia da tonsura veio succeder a aristocracia do *Deus Guarde a V. Ex.ª* E a agricultura, o commercio, a industria, a navegação, as artes, as lettras e as sciencias, que as cultivem os pés-frescos, os esfarrapadinhos da sorte, os que não tendo padrinhos na politica hão-de forçosamente morrer moiros!

Eh! santa gente! não vale a pena gritar, berrar, vociferar—porque os culpados somos nós todos!

Ha 50 annos que todo o capital disponivel se vae lançar nos poços de thesouro, para sugar ao Estado, que precisa de dinheiro para estradas, para fortificações, para armas, para portos, para dockas e para edificios, a bagatella de um juro de 6 por cento ao anno.

Como somos um povo de gosos mediocres, e como chegamos a ter orgulho de que um trabalhador nosso irmão saiba viver com uma sardinha e um pedaço de broa, o que revela da nossa parte sentimentos pouco louváveis,—em vez de encaminhar o nosso capital para a industria, para a agricultura, para o commercio, para a navegação e para as colonias, onde com estudo, economia e trabalho poderia attingir um juro superior a esses 6 por cento, preferimos confial-o ao Estado... Porque tambem dizemos com emphase imbecil, satisteitos com tão egoista philosophia gallega—mais vale um passaro na mão que dois a voar.]

D'aqui resultou que, por falta de auxilio capitalista, não temos agricultura, nem industria, nem commercio, nem navegação, nem colonias prosperas.

E que o Estado, que só pediu emprestado imaginando poder pagar á custa do desenvolvimento da nação, encontrou-se com a nação pobre, impossivel de collectar e com credores de papo cheio resonando á sombra do acomodatício 6 por cento.

D'aqui a bancarrota, inevitavel e necessaria, vindo confirmar o dizer ds abbade Terray:

*Une banqueroute d'Etat est une chose necessaire une fois tous les siècles, pour empêcher les particuliers d'être trop riches et l'Etat trop pauvre.*

\*  
\*  
\*

Eh! santa gente! não vale a pena gritar, berrear, vociferar — porque os culpados de tudo isto somos nós todos!...

QUIDAM

## BIBLIOGRAPHIA



*Na morte de Anthero*, por Joaquim de Araujo Plaqueta funebre, impecavelmente impressa, contendo quinze estrophes lançadas á memoria de Grande Suicida.

\*  
\*  
\*

*Fim de Seculo* por Lino de Assumpção. Com uma pouco frequente actividade, Lino de quem inda ha pouco bibliographamos um livro d'erudição, manda-nos agora um livro de historias concebida e executada com viveza e vigo: muito para notificar, e entre as quaes devemos signalar, especialmente *A ultima ceia*, onde é feito um bem curioso descriptivo do bairro alto. Illustra o livro um retrato da Lino, por Ramalho.

*Rindo...* por Colette. Que o vocabulario portuguez fosse um jardim e não um vocabulario,—tal o nosso desejo, para, com cheirosas palavras

COLETTE

(Clavdia de Campos)



celebramos, condignamente, a appareição d'este livro de contos escripto por uma senhora, que na nossa epoca cheia de pequeninas vaidades, tem a superioridade de empregar os seus vagares, desprezando bagatellas, fundindo a sua fina sensibilidade n'uma prosa de tons macios e claros, levemente florida como uma seda Luiz XV.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)



Dez da manhã.

Avenida da Liberdade acima, dois sabios inglezes, de passagem em Lisboa; cabellos ruivos, botas de duas sollas, a passo largo, marcham debulhando laranjas. Acompanha-os um cicerone do Hotel Central. Olhando as architecturas marginaes, são de pura e desdentosa indifferença os seus olhares,

## A NOVA LIMA FAZENDARIA

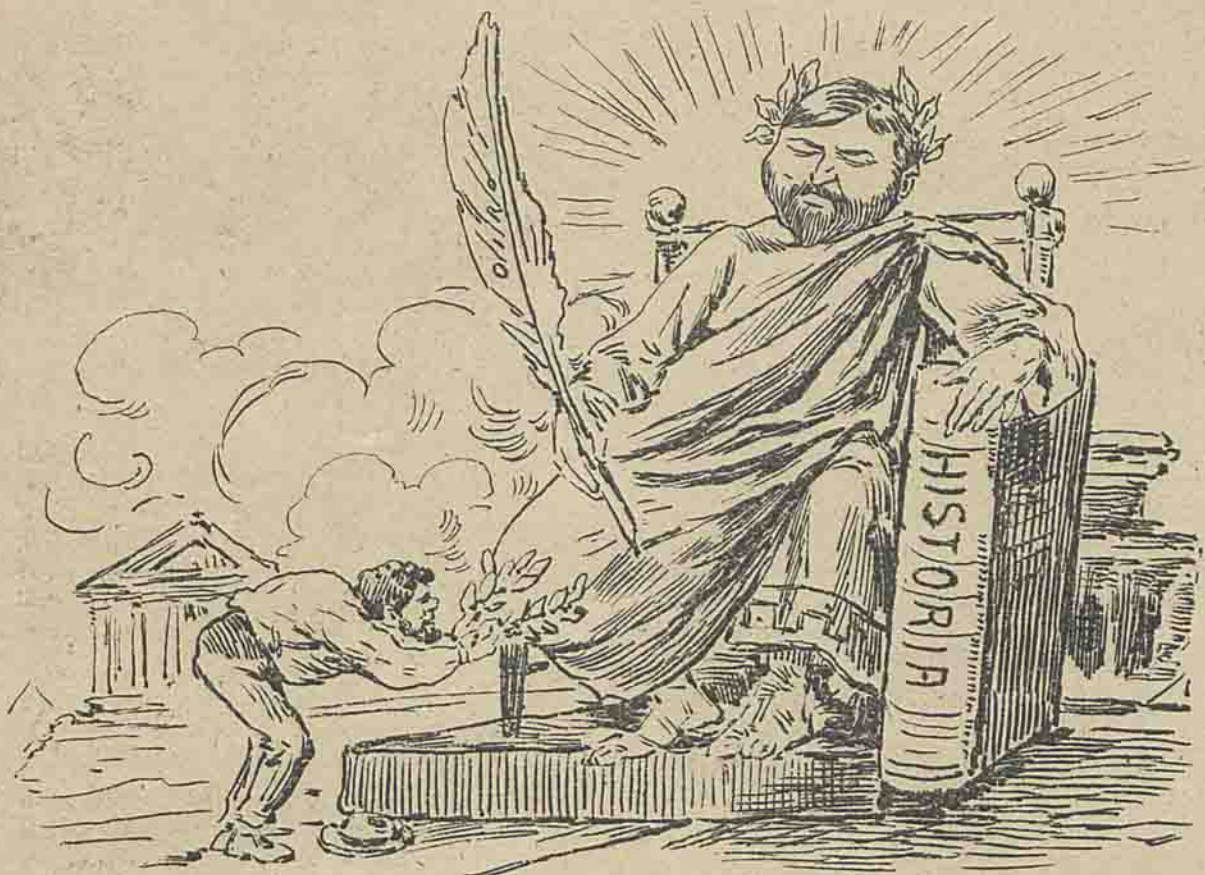


- Agora que já não tenho nem carne nem pelle. limas-me os ossos. Se limas muito vou-me ao chão.  
—Isto é para te endireitar.  
—Não é com essas.



# O GRANDE ESCRIPTOR E O PEQUENO MINISTRO

Cada qual para o que nasceu



Como homem de letras és grande : curvo-me.



Como politico, como financeiro és chócho. Volta p-ra traz, Martins! Lucramos todos. De contrario perde-se o paiz e perde-se o litterato

Eis que, subito, param em face d'um palacio cujos marmores trabalhados riem ao sol. Param e as suas boccas abrem-se admirativamente.

— De quem é este palacio? perguntam.  
— Do conselheiro Caminha.

Onze da manhã.

N'uma varanda do Hotel Central, esperando o almoço, os dois sabios olham o Tejo, olham as embarcações. Olhando as embarcações, são de puro e desdenhosa indiferença os seus olhares.

Eis que, subito, estremece a vista d'um hiate, svelto como uma mulher, com mastreação de madeiras preciosas, e todo enbandeirado com bandeiras de seda.

— De quem é aquelle hiate? perguntam.

— Do conselheiro Caminha.

Meio dia.

A' meza do almoço. Um grande silencio reina. Os dois inglezes leem o *Times*. Eis que, subito, um grande borbório se levanta em torno dos dois commensaes que se esbofeteam.

— Porque se esbofeteam aquelles senhores?

— Por causa do conselheiro Caminha.

Uma da tarde.

Pelas ruas da baixa os dois sabios divagam. Carruagens que passam e mulheres que passam são sem belleza. Olhando as carruagens e as mulheres, os olhares dos dois divagantes encolhem os hombros.

Eis que, subito, as suas boccas se abrem em vermelhos *O O* de pasmo, á vista d'uma dama, toda em velludo verde, olhando com imperial desdem, de dentro d'uma sumptuosa sege construída por Blinder.



— Quem é aquelle dama? perguntam,

— É a hespanhola do conselheiro Caminha.

Duas da tarde.

Na sala de visitas do conselheiro Chagas os dois sabios aguardam o famoso jornalista da *Morgadilha*. Correm minutos; Chagas surge.

— Querendo fazer um consciencioso livro sobre Portugal, dizem, viemos para que v. ex.<sup>a</sup> nos indique as obras que mais facil e accentuadamente poderão dar-nos uma completa ideia da litteratura portugueza.



— Não podendo, por um requinte da minha proverbial modestia, citar as minhas obras, responde Chagas, aconselho-lhes a leitura dos livros do meu collega Caminha, letrado de finos dotes, que, com Jayme Victor e com outro escriptor que não cito por um requinte da minha proverbial modestia, forma o mais luzido triumvirato litterario de que ha memoria.

Tres da tarde.

Os dois sabios consultam os seus relógios. A's 7 da noite devem partir para Madrid: urge aproveitar o tempo.

N'um trem de praça, vertiginosamente, os dois sabios vão pedir ao dr. Antonio Candido informações sobre a eloquencia parlamentar, ao maestro Augusto Machado informações sobre a musica, ao conde de Almedina informações sobre a pintura, ao photographo Bobone photographias das notabilidades nacionaes.

Antonio Candido offerece-lhes os *Discursos* de Caminha, Augusto Machado indica-lhes as operas de Caminha, o conde de Almedina dá-lhes reproduções dos quadros de Caminha, Bobone vende-lhes photographias de Caminha.

Sete da noite. No *Sud-express* os dois partem.

Mezes depois apparece em Londres um livro notificando com inexcedivel justiça e lucidez todos os aspectos da arte, da sciencia, da politica, do commercio, de toda a moderna vida portugueza, em summa. Esse livro é a biographia de Caminha.

(Continua)

Eu.

## Historia romana

A' caça dos ladrões, Cesar astuto,  
Vendo um dia um ladrão no seu *boudoir*  
Exclamou: «Tambem tu, meu filho Bruto»  
O meu sabão do Congo vens roubar?!  
Saboaria Victor Vaissier, Paris.

# O MALDITO DISCURSO



—Por mais que *simule*, de dia e de noite, não vejo se não as frases do maldito discurso ameaçadoras como espectros. Em balde envesgo os olhos á maneira do Presidente: inexoravelmente não me largam esses phantasmas feitos de palavras. Verdade seja que se não fôra o discurso talvez eu não estivesse hoje governando...

# THEATRO D'AVENIDA

## ROUPA DE FRANCEZES



No theatro d'Avenida acaba de ser levada á scena esta opereta, musica de Freitas Gazul, libretto de Machado Correia: musica d'um compositor mais erudito do que inspirado, libretto que desgosta pela feição grotesca e molle que dá aos portuguezes do tempo da invasão franceza e pelo exagerado prestigio de que reveste os invasores.

Devem registrar-se o maestro Cyriaco de Cardoso que soube dar á musica todo realce, e Cinira cuja graça de maneiras cantava ao desafio com a elegancia dos costumes, e Dias sempre faulhante de bom humor.

# JOSÉ DIAS SUPER OMNIA



Deus escreve direito por linhas tortas: o sr. presidente do conselho vê direito, dizem, por olhos-tor-  
tor. Assim seja. *Amen.*



Ah! a esplendência do sol d'hoje, sol em primeira mão, sol virgem!

Sob uma parreira, ao ar livre, n'um quintal á beira de Lisboa, almoçamos. Fortunata, a velha matrona, que tão graciosamente nos recebe, volteia, trazendo azeites, lavando louças. Dentro, na cozinha, uma fritada ei. E gallos cantam em torno. Que seducção de peixe, parece d'agathal — entre esta frescura tenra de chicoria. Cahem folhas no vinho.

De absortos que estavamos fruindo as socegadas delicias d'este almoço digno de poetas gregos, não reparámos na falta d'esse plantonismo culinario — a toalha.

A discreta Fortunata derrama-se em desculpas e desdobra um quadrado de algodão, com franjas, marginado por um vivosinho escarlata. Retira os pratos, o pichel, as malgas do vinho e cobre a mesa, fazendo um brusco ar de desgosto á vista da immundicie da toalha, cheia de gangrenas.

— Que nojo! parece a alma de um politico!

Fortunata, porem, possui um espirito engenhoso: breve lhe acode uma ideia: — volta a toalha do outro lado. Dito e feito. E do outro lado a toalha é d'uma brancura unica, parece irmã da neve e da cal.

O sol cae vertical.

Com o casaco fazendo de travasreiro, chapéu sobre os olhos, regalám'o-nos com um cigarro.

E pensamos na toalha. E com o nosso amor pelas *aproximações*, pelas *correspondencias* meditamos na moderna politica lusitana.

A politica andava mal conceituada. Chegára-se ás ultimas depravações. A alma dos homens publicos parecia a alma d'uma mulher publica. Toda cheia de nodos, suja como um lenço ranhoso. E as nodos viam-se demasiadamente.

E então a politica fez ás almas o que a Fortunata fez á toalha: virou-as do outro lado.

E parecem brancas!

Vêde que pureza de instinctos, que honradez de processos! Castram-se abusos, perseguem-se criminosos illustres, protegem-se os fracos.

Almas brancas, almas d'anjos!  
Mas as nodos lá estão... do outro lado.

\*  
\*  
\*

Estamos seguros na convicção de que os movimentos de branca honradez, rompante como os leões d'armorial, movimentos indicados n'um gesto de rara pureza pelos actuaes governantes, são mero fogo d'artificio, arrebatante mas ephemero.

Tudo vae bem por agora. Cortam-se ordenados, escangalham-se nichos, com a placidez de quem corta flores, de quem escangalha ninhos. O Summo Pontifice das Aduanas é exilado, posto fóra do seu Vaticano, orientalmente decorado com inculpidas madeiras preciosas, bronzes unicos, e esmaltadas procellanas do Japão, onde pagens, fulgurantes de galões d'ouro, passavam ligeiros como espectros; expulso, nunca mais Sua Santidade irá, n'umo flotilha de doge, dormir sob as estreladas laranjeiras verdes de Setubal. D. Antonio Ayres, todo inflexivel d'intuítos sob a mimosa fragilidade das rendas episcopaes, ameaça de demissão, por abandono de posto, Marçal, o temido. E muitos outros estão signalados para o martyrio. O symbolo do governo é uma gaita de enpador.

E tudo vae bem, ninguem protesta, quasi todos applaudem, dando-se ares de puros, a acerada independencia governativa.

Mas, no fundo, o desconsolo cresce, as vaidades são feridas, os interesses flagellados.

E as eleições não-de chegar.

E depois, como depois dos fogos d'ortiticio, a noite parecerá mais negra.

Eu.



O industrial Eduardo Costa acaba de nos enviar tres caixas de folha, vestidas de chromos e cheias de bolachas, amaveis premicias dos seus novos productos. *Peitos de Venus*, *Prolitos* e *Chinezas*, taes os nomes das modernas santas, que, com funda devoção, assim o cremos, vão ser adoradas no altar da Gula.

N'esta epoca de fome, o saboroso offerecimento de Eduardo Costa ultrapassa as raias da generosidade, pelo que quizeramos galgar as raias da graça, para lhe agradecer.

# A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho de Caminha

(CONTINUAÇÃO)

Alvorecer, em janeiro.

Regressando a casa, abatido por uma noite de morna volúpia nos braços da sua fresca e linda flor de Granada, cingido de frio, os olhos extenuados, deita-se Custodio. A luz da manhã, peeneirada pelos transparentes, veste a alcova d'uma vaga tinta roxa. Pernas em X, como um banco de praia, meio nu, sobre a cama, Custodio abra os bra-



ços á maneira dos crucificados, n'um longo espreguçamento, bocca escancarada deixando ver uma dentuça de aqueducto romano. Tolve-o uma quebrada molleza Tosse. doe-lhe a cabeça, cresce progressivamente a agitação do pulso. Tosse com angustia; e, espreitando pelo peitillo entreaberto, os cabellos do seu peito poem desenhos á penna no alvo linho da sua camisa de dormir.

Sente-se doente. O seu domestico unge-lhe as fontes com vinagre aromatico e unta-lhe o nariz e as maçãs com pomada comphorada. Luzindo da untura, parece Custodio uma pintura de Scala.

Deita-se, auiha-se sob o edredon de setim cor de roma. Adormece. Um segundo domestico parte a chamar um medico.



Quasi meio-dia. Uma penumbra leva empoeira o quarto. Caminha sente-se peor e, com amargura, pensa na morte. Distillando tranquillidade, Sousa Martins socega-o. Homem de todos os chics, de todos os dandysmos, sabendo-se at-cado

de influenza, molestia de pessoa de esimação, molestia galante, regosija se Caminha, como se regosijaria d'uma gravata ou d'um anel. Mas eis que o lucto recente do principe de Galles, que o fim lastimavel do duque de Clarence lhe veem ao espirito. E, espartilhado de temor, de receios, d'uma allucinação negra, vê uma farandola de gas-pingados bebendo rodeando-lhe o leito. Pensa



no seu funeral: ecclesiasticos em berlindas de d'oiro, uma primavera de flores florindo o feretro, convidados de expressão soffrente, janellas apinhadas de gente, como caixas de phosphoros, como camarotes de theatro no domingo, sinos do-brando ... Pensa, pensa.

Sabida a doença de Custodio, corre Lisboa em massa a visital-o. Alguns bairros distantes d'onde os moradores partiram a cumprir tão alto dever, parecem abandonados. A' porta do doente deitaram serradura de madeira e os carros deslissam n'um deslizar macio, pariudo devotos.

No pequeno salão atapetado de verde, Luciano Cordeiro e Lambertini Pinto fazem as honras. Os boletins são lidos com olhos avidos.

O duque de Palmella pede miudas informações. A' noite o estado do doente é gravissimo.

Chiado abaixo, aos saltos, como perseguidos, garotos de jornaes apregoam. Vendem-se gazetas por preços inauditos, um, dois, tres, quatro tostões, tão vivo interesse ha de saber noticias do famoso homem. E de quando em quando em officinas illuminadas, machinas gemem vertiginosamente, imprimindo periodicos em segunda edição.

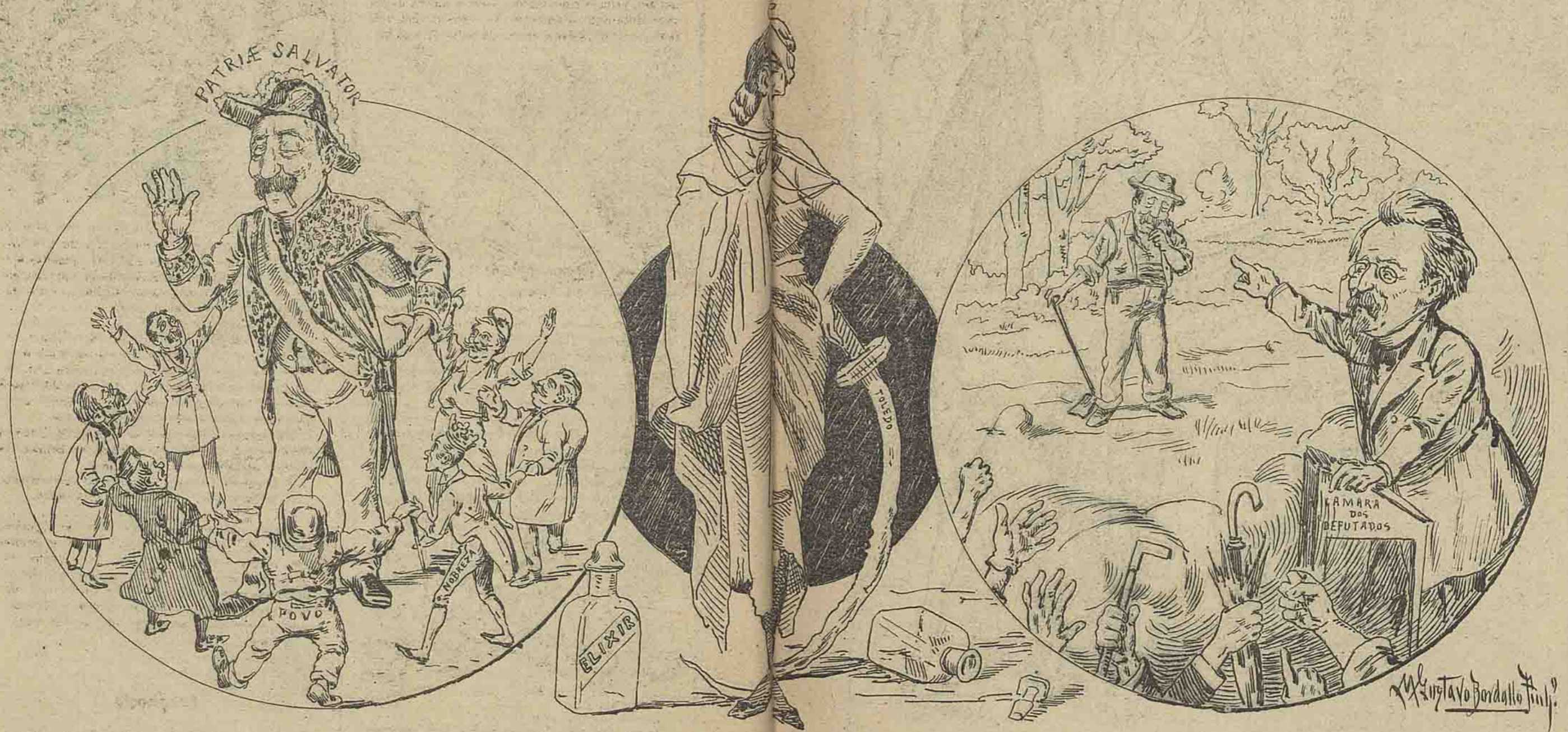
(Continua).

Ev.

## Prophecia

Vendo um sabão do Congo, um dia, no Oriente, O grande Victor Hugo, em casa de um Pachá, Pegou n'elle, cheirou, lavou-se, e de repente Inspirado exclamou: *oçi tuca cela!*  
Saboaria Victor Vaissier, Paris.

# MEDITAÇÕES POLITICAS



Hont e hoje



# UMA RECITA DE AMADORES NAS CALDAS DA RAINHA



A iniciativa do sr. José Filippe, uma das mais captivantes, das mais sympathicas figuras das Caldas, se deveu a festa do dia 9. festa alegre e amavel em que todos —senhoras e homens— se houveram com rara correcção, denunciativa de raras aptidões.

# HOMENS DA SEMANA

## PEITO, O MORENO



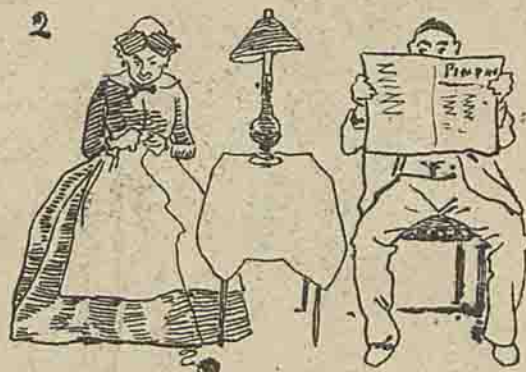
Comparavel á heroicidade de Martim (Moniz) só conhecemos a de Martins (Oliveira) expulsando Peito dos macios divans de velludo do seu rico e apregoadado gabinete.

# OS ENYGMAS DO PIMPÃO

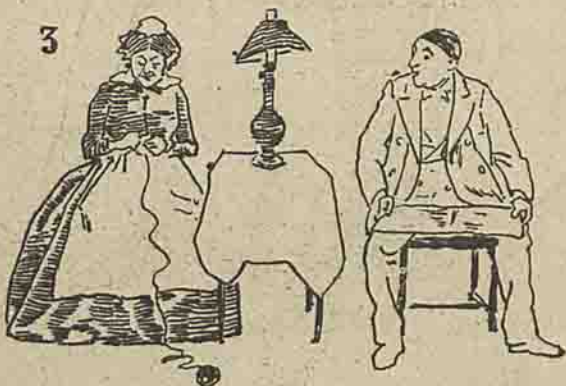
(IMITAÇÃO)



Elle:— Ora vamos a esta leiturasinha ameus.



Elle:— Hoje é que elle vem brejeiro...



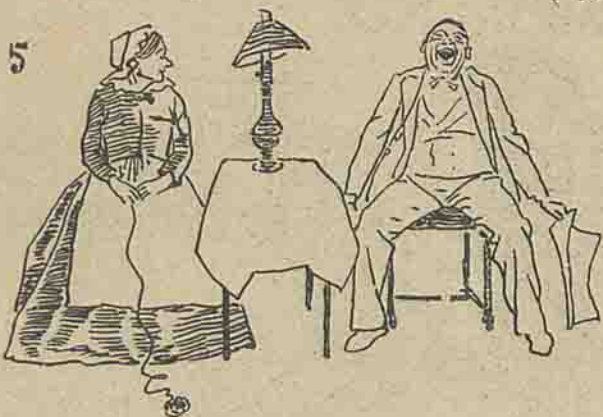
Ella:— Que diabo será?



Ella:— Que estás a ler com tanto interesse?

## OS ENYGMAS DO PIMPÃO

( Conclusão )



Elle:—Ah! Ah! Ah!



Elle:—Pois tu tambem queres ler o Pimpão?



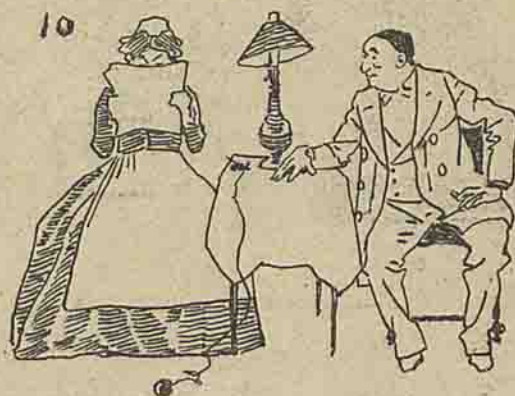
Elle:—Nada, isto não é para mulheres.



Elle:—Já que tens tanto empenho.



Elle:—Mas eu não t'o aconselho.



Elle:—Então quetal, hein?

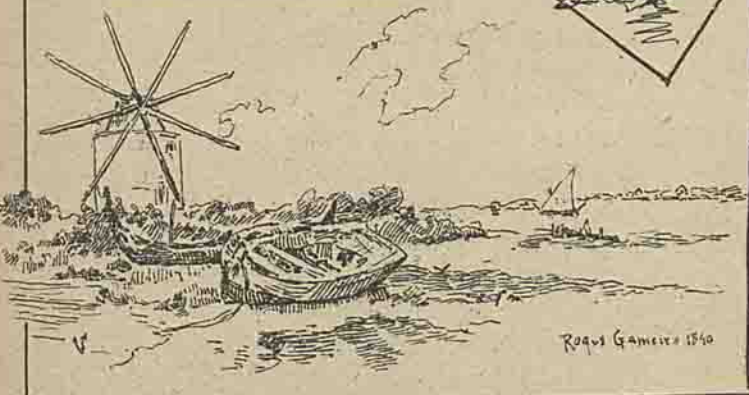
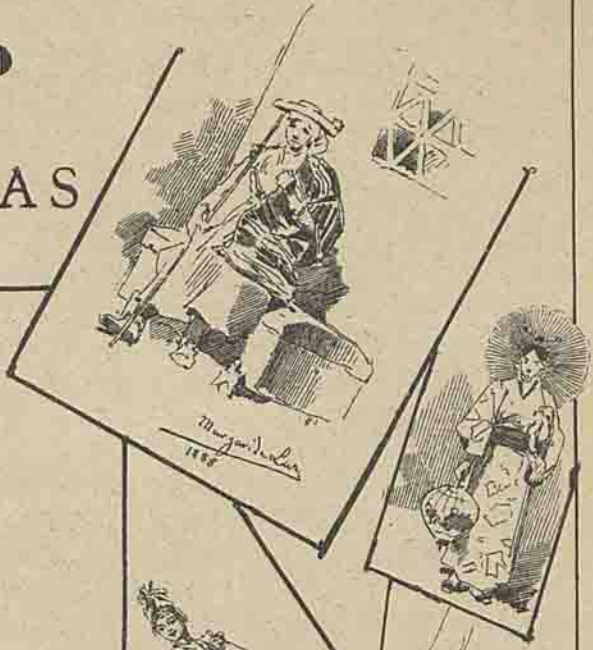


Elle:—Tem graça, não tem?



Elle:—Ah! Ah! Ah! Eu bem t'o dizia.

# A EXPOSIÇÃO DE AGUARELLAS



Entre os trabalhos expostos, salientam-se e insinuam-se, colhendo as mais puras saudações, as bellas esculpturas da senhora Dona Maria Palmella, cortadas com alma, cheias de vida expressiva e quente, e as aguarellas do Roque Gama tocadas limpamente por uma rara frescura de tons.

Entre *amadores* são dois *artistas* e sê-o-iam também entre outros *artistas*.

As obras dos outros expositores são leves frioleiras d'arte, muito bem acabadinhas, mais goitosas, porém, para marcas de *cotillon* do que para esmalte d'uma exhibição publica.

## VARIAÇÕES

Um grupo de graceis senhoras pelas quaes a nossa consideração é incondicional e sem limites, e um grupo d'homens, alguns d'elles dignos tambem dos nossos melhores sentimentos, acabam de expor n'uma evidente livraria lisbonense cento e tantas aguarellas.

Uma exposição de curiosos.

Em honra e louvor do pequeno certamen promovido com generosos intuitos philanthropicos, as folhas da capital teem queimado os mais prestigiosos adjectivos, e a gemma da sociedade não se cança de transformar os olhos em thuribulos e a admiração em incenso e myrrha.

Gentes que nunca entraram no Museu das Janellas Verdes, que nunca sentiram o appetite de passar duas, tres, quatro horas vendo as maravilhas de oiro e prata e os maravilhosos tecidos do cabido da Sé Patriarchal, que nunca tiveram quinze minutos para subir aos *ateliers* dos nossos artistas, correm apressadas e anxiosas á livraria do Chiado onde ficam longos tempos e d'onde saem distillando pasmo.

Os expositores são, na sua maioria, pessoas de tratamento, pessoas de appetivel convivencia, com velhas tradições heraldicas e apregoados dotes de galanteria.

Não é uma exposição de arte, é uma exposição elegante, onde se vae como se vae ás festas dos Inglezinhos, ás corridas de Belem, ás segundas feiras do circo e á Avenida:—por elegancia.

E para que se torne bem saliente a consciencia com que essa centena d'aguarellas é applaudida, bastará citar o exemplo de Z. cavalheiro amavelmente recebido em todos os salões de Lisboa, que, depois de ter admirado as abraçadabrantes pinturas de Pereira Cão, que ornamentam a livraria Gomes, julgava ter visto a exposição de que vimos falando.

\*  
\* \*

Achamos bem que pessoas de educação fina empreguem os seus vagares pintando, desenhando, insculpindo, escrevendo. Mas sem ares, sem exhibições, para uso meramente privado. Comprehendemos todos os *curiosos* dentro de suas casas: não comprehendemos nenhum *curioso* em publico. Em casa teem direito a serem tratados com a mais requintada deferencia: publicamente deixam de ser curiosos para serem *artistas* e, como taes, devem assumir todas as responsabilidades dos artistas de profissão.

Isto sem acrimoia, sveltas aguarellistas: nunca nos perdoarimos uma palavra que vos fosse desagradavel, como nunca nos perdoaríamos um insulto a uma constellação.

\*  
\* \*

Sem sobrescripto:

Ser curioso consiste em se parecer o que não se é, em se fazer o que não se sabe fazer. Exemplos: o sr. Joaquim de Araujo e o sr. conde de Valenças, — o primeiro como poeta, o segundo como orador.

Para se ser curioso não é preciso estudar, não é preciso trabalhar, nada é preciso: exactamente como para se ter a carta do Curso Superior de Lettras ou a carta do conselho! Quanto mais reduzidas forem as habilitações e as disposições, quanto mais negativa for a cultura, tanto mais brilhantes serão as probabilidades de successo.

A arte (com o *a* mais pequenino que encontramos) dos curiosos não é uma cerca murada: é um campo sem limites. Abrange todas as artes... inclusive as de berliques e berloques.

Arte fim-de-seculo, arte equalitaria, sob cuja tutella apparecerão em breve diversas obras calorosamente almejadas: um livro de versos do sr. capitão Machado, um quadro a oleo pintado por um cego, um bordado a missanga devido á agulha de Jayme Victor, umas botas de montar devidas á penna da sr.<sup>a</sup> D. Guimar Torrezão e um ramo de flores de cera finamente composto pelo sr. José Dias Ferreira.

\*  
\*  
\*  
Chegado a Lisboa, o commendador Cunha Lisboa, escrivão da receita e despeza da alfandega de S. Thomé, homem de todas as elegancias, sabendo que a suprema elegancia moderna consiste em se ser *curioso*, resolveu fazer-se curioso. Curioso de quê? De pintura, de musica, de architectura, de litteratura, de relojoaria? Alguem lhe aconselhou a tauro-machia. Commendador Lisboa optou, porém, pelo mundanismo e deu (ha quatro dias) um baile na casa d'hospedes onde está alojado.

Vista a minuciosidade com que as gazetas lisbonenses fallaram d'esse baile, vestimos uma camisa de forças á nossa monomania descriptiva e limitamo-nos a contar a graciosidade final com que o promotor do bailado distinguiu os seus amigos.

Morria o festival (eram 8 da manhã), estava o chão tapetado de pasteis, esgarros, pontas de cigarro e outras iguarias, alguns convivas dormiam com suas vestes desabotoadas, outros vomitavam ás janellas, quando o commendador Lisboa appareceu sobraçando e distribuindo pelos circumstantes duzentos exemplares do seu livro *Protesto africano*.

Parece-nos que esta fina amabilidade não é inédita em Portugal. O dr. Patrocínio da Costa acaba de publicar o seu livro *Outomnaes* em segunda edição.

A primeira edição foi gasta, certamente, n'algum baile.

Eu.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

FINAL

Morreu.

N'uma agonia de Remaventurado, doce como um adormecer, cerraram-se para o ultimo somno os olhos de Caminha e as suas lunetas, tombando no chão do funebre aposento, esmigalharam-se como viúvas feridas. Como se houvera morrido um Patriarcha ou um Príncipe, choraram n'um choro amargo as torres de Lisboa. A Sociedade de Geographia içou, em funeral, o seu pavilhão. E os jardins da cidade ficaram ermos de flores, tantas flores foram arrancadas para o enterro de Caminha.

Fardado de academico, barbeado de fresco, carregado de condecorações, repousava Custodio no mortuario leito, entre uma alvorada ruiva de círios. N'uma cruz d'ebano, um Christo soffria com divina resignação a tortura de tres cravos d'oiro martyrisando as suas carnes de marfim. Subia, n'uma ascensão azul, a aromatica alma dos perfumadores. E na penumbra da alcova, as coifas brancas das irmãs da Caridade pareciam asas de anjos chegados para, em triumpho, conduzirem a alma do illustre morto á estufa firmamental onde vivem as sensitivas-estrellas e a grande magnolia-luar.

.....  
Cemiterio dos Prazeres.

Tudo o que de brilhante existe na politica, na industria, na arte, no jornalismo, na gomma, na burocracia, enxameia sob o verde-escuro dos cyrestes e dos cedros, circumdando um mausoleu da marmora, cujas portas se abrem, hospitaleiramente á chegada do feretro de velludo negro, orvalhado d'oiros.

Um orador ora, exaltando o espirito do morto.

Pallidos reporters commettem erros d'orthographia nos seus livrinhos de apontamentos.

E enquanto o latim do ritual morre no ar puro, o vento arrasta folhas mortas, vivente symbolo de mortas illusões.

.....  
Foi-se, mas o seu espirito reviverá eternamente.

Em quantos deputados, em quantos homens de letras, em quantos pintores, em quantos sabios nós vemos fragmentos da alma e do genio de Caminha!

Vindo de Formoselha, quando chegou a Lisboa trazia Custodio vinte libras. Em poucos annos a sua fortuna quasi fez córar de inveja a do millionario Milhões. Vindo de Formoselha era desconhecido: em poucos annos a sua popularidade humilhava a do sr. Santa Eitta. No amor, na elegancia, na arte, os seus triumphos foram dos mais ruidosos.



Não fez cousa alguma, nunca teve uma phrase justa, um adjectivo preciso: a sua obtusidade era gemea da dos nossos mais conhecidos escriptores: erguia-se ás duas da tarde e odiava os banhos; conviveu fraternalmente com quasi todas as cavalgadas matriculadas no registro da notoriedade e a isso deveu o lustre do seu venerando nome.

*Sic itur ad astra.*

Eu.

# QUARTA-FEIRA DE TREVAS NA ERMIDA DE S. BENTO

# APRESENTAÇÃO DO SANTO SUDARIO



As beatas, em alto berreiro: — *Mea culpa, mea culpa, mea mazima culpa...*  
 Zé, no fundo: — *Tarde piaste...*

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## EXPOSIÇÃO D'AGUARELLAS

(Salão comico)

Sem intuitos azedos, dando azas ao nosso temperamento e conservando os nossos antigos hábitos, que ao nosso espirito seja dada a viva satisfação de, por uma lente de pura alegria, mirármos as aguarellas expostas no pequeno salão do livreiro Gomes, ao Clado.

Sem intuitos azedos, como dissémos, porquanto, apesar da nossa aberta antipathia pelos curiosos, pelos amadores, em materia de curiosidade, de dilettantismo artistico, abertamente preferimos um fragmento d'aguarella a um bordado em missanga ou em co-tiça.

Expostas assim a nossa antipathia absoluta e a nossa sympathia relativa, e levados por esta ultima, applaudimos os expositores— senhoras e homens— que trocaram as facéis deliciosas da nossa futil sociedade por algumas horas de espirital delicia no doce recolhimento d'um atelier.

E para que a nossa independencia seja bem frisante, damos o lugar de honra aos trabalhos de S. M.



S. MAGESTADE EL-REI.—*Estudo.* Moderno e patriótico figurino de clown, — para intermedios comicos no circo.



29—D. MARIA DOMINGAS CAMAEA.—*Estudo.* O Pedro esse bonésinho sempre é melhor de supportar do que barretina de porta-machado.



30—D. FERNANDO DE SERPA.—*Um Salsa.* Que levará elle escondido sob a casaca?

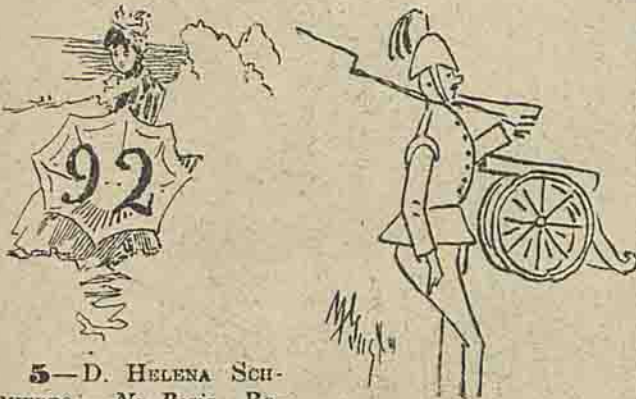


35—M. B. SAN ROMÃO.—*Derriço.* Não vos gabamos o gosto, ingnuas gentes.





27—D. EMILIA RIO VEZ.—Estudo a pastel. A Geraldine da canastra.



5—D. HELENA SCHMIEDEO.—Na Praia. Reclame no 92.

30 B. S. RIBEIRO ARTHUR.—Artilheiro de guarnição. Soldadinho de chumbo. Um franco soixante quinze centimes le baite.



53—L. RAMOS.—Chispero. Está torcido como um parafuso, ou a torcer-se como o Faisca do Burro do sr. Alcaide. E calça da Sapataria Lisbonense.



15—D. MARGARIDA LUZ.—Gallego... malreado malgré lui. Barbeadinho de fresco, collariubos lustrosos, endomingado para a pose, vê-se bem a contrariedade que lhe vac n'alma por o obrigarem a estar de chapen na cabeça diante de senhoras.



24—D. MARIA ISABEL O'NEILL.—Um pagem. Suicida travestio. Para se matar, disfarçou-se a desolada donzella com as luzidas roupas d'um pagem, Philosophia: o suicidio é um acto de loucura. Qm ganhou foi o Cruz do guarda-roupa.

# O VERDADEIRO HOMEM DA SEMANA

## O COMMENDADOR LISBOA



Esta moderna segunda edição do commendador Marcos Maria Fernandes acaba de dar um baile immorttal d'onde alguns convidados foram postos na rua por atacarem o bufete com excessiva valentia e por obstinadamente se recusarem a tirar seus chapéus e onde outros não conseguiram entrar mercê da reduzida lotação dos salões.

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.<sup>o</sup>  
 Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.<sup>os</sup> 36 a 40.  
 Typographia Costa Sanches Filhos—Calçada do Sacramento, 38 e 48

# CARNAVAL D'ESTE ANNO

## BÁILE NÀCIONAL



— O' Zé, conhecees-me  
 — Bem sei, és a Cedula. Mas a verdadeira ou a falsa?  
 — Verdadeira ou falsa pouco importa. Isso depende de quem me empresta o domiú.

— Afinal eu pugo a cejata, a rapioca, o patau, e sou sempre o intrigado. Deixal-o!... Divirtome... e cada um goverua-se.



Ahi chegam os *salsas*.

Incoherentemente vestidos, estrellados de bordaduras e de nodoas, em farandolas absurdas de sonho, pagens, rainhas, astrologos, xexés, diabos e vivandeiras apparecem derramando pelas ruas de Lisboa uma falsa alegria, falsa como Judas. Vão devagarinho,



em passos de convalescença, ar de pessoas bem comportadas, sem exorbitancia de gestos, com rara morigeracão de fallas. Não dizem uma insolencia, não se atrevem á phantasia d'um pulo. E á noite, pelas esquinas, sob os leques de gaz, em vez das naturaes e tradicio-naes bebedeiras, encontram-se grupos discretos de mascarados dincutindo com a mais seria eloquencia a reforma das pautas e os casos do banco Lusitano.

O velho entrudo dos nossos avós, o unico que tinha razão de ser, foi-se. O entrudo d'então era um parenthesis de sincera alegria aberto na convencional tristeza do anno. Chegado elle, despiase a camisa de forças das formalidades,

e cada um tinha direito de fazer o que muito bem quizesse, fosse o que fosse. Eram tres dias de absoluta liberdade, tres dias de contentamento para as almas alegres, para os espiritos novos.

A graça portugueza picantemente temperada nos conventos corria em ondas; meninas fidalgas pallidas, como lyrios, deixavam suas attitdes de cõrte e punham-se á janella despejando sobre os transeuntes baldes de agua suja e vasos d'urina podre; da rua, os marialvas do tempo correspondiam com ratazanas mortas, embrulhos nauseabundos e pedradas; quebravam-se vidraças e cabeças; cada arrote era uma rede de risos; e tudo ria denordenadamente, a bandeiras despregadas, sem hypocrisia, n'uma ingenua e sympathica brutalidade.

\* \* \*

Hoje, o entrudo é o que se está vendo, um entrudo sem razão de ser, sem naturalidade, entrudo de gente effeminada e corrompida. Não se dizem chufas, dizem-se madrigaes, permutam-se pastilhas o flores, deita-se pós dourados no cabello, á seringa succedeu a bisnaga, e á agua suja a agua de tilia de Rimmel.

*Ah! où sont les neiges d'antan!*



O dr. Patrocínio da Costa a quem nos referimos muito de relance no final da nossa ultima chronica, acaba de nos enviar dois exemplares do seu livro *Outomnaes*, e uma carta na qual assevera que fomos menos verdadeiros quando dissemos que a primeira edição do seu volume havia sido consumida n'um baile.

“Milagre seria, diz o illustre lyrico, que tal coisa acontecesse, não costumando eu frequentar bailes, nem ainda os de mascaras pelo entrudo; vim para a capital tão farto d’essas massadas de quando vivia na provincia, que em quatorze annos de residencia em Lisboa só fui a um baile unico, e esse mesmo foi alguns annos antes da primeira edição do meu livro das *Outomnaes*.”



Damos as mãos á palmatoria do sabio professor de mathematica. E restabelecamos a verdade: por engano, a primeira edição do livro do dr. Patrocínio foi levada para uma pharmacia, quando o seu auctor a tinha mandado para uma livraria. Na pharmacia foram os exemplares vendidos como laudano. E com os lucros o pharceutico fez um predio

Eu.



## FABULA

Contam que o corvo um dia ao vér-se á beira d’agua,  
Causou-lhe a negra cór uma profunda mágua!  
Mas Venus, ao passar, do triste se apiedou,  
E com sabão do Congo em pomba o transformou!

Saboaria Victor Vaissier, Paris

Vende-se em todas as capellistas e perfumarias

## A castidade de Salomão

Por uma tarde morna do mez de bul, no salão verde do palacio de Jerusalem, Zabud, privado de Salomão, e Adoniram, superintendente dos tributos, tomando abeynho e fumando cigarrilhas loiras, conversavam.



Apoiado sobre os capiteis em açucena das columnas, o tecto era de cedro do Libano; do tecto pendiam colchas de jacintho; e sobre o mosaico do chão ardiam os vermelhos d’um sumptuoso tapete de Babylonia. Deitavam as janellas sobre o jardim real: pelas janellas entravam galhos floridos de figueira e de macieira, onde papagaios e rolas flirtavam. E de longe vinha a agonia de uma canção moabita, expirante e nostalgica, canção de uma escrava, que, á sombra das nogueiras, feria com dedos finos as cordas d’uma harpa.

—O que se diz do rei sabio é a mais torpe das calumnias, dizia Adoniram a Zabud. Salomão é casto como a flor das romãs, a sua alma é pura como as piscinas d’Hesebon, alva como a farinha, preciosa como o oiro d’Ophir.

—Mas se assim é, replicava Zabud com sibilante ironia, se o rei odeia a mulher, se foge da volupia como d’um lacrau, como é que as mulheres do harem, d’onde nunca sahem, onde só entra Salomão, estão quasi todas gravidas?

—Calumnias! trovejou Adoniram, concertando suas lunetas d’oiro. Se nunca sahem, se ninguem lá entra, quem poderá affirmar tal monstruosidade?

Com um riso de victoria ergueu-se Adoniram e foi para a janella. Zabud deixou cair o monoculo, encheu de ovo o seu copinho de prata e ficou, aprehensivamente, a ler, n’um jornal da tarde os telegrammas expedidos de Elath noticiando a chegada de seis navios que voltavam de Tharsis, trazendo muitos talentos d’oiro, grade cargação de marfim e de madeiras preciosas, e subido numero de macacos, pavões e outros animaes de estimação. Uma estriga de sol peneirada pelos vitraes, incendiava os bordados em relevo da sua simarra cór de azeitona de Elvas.

xi  
\* \* \*

# THEATRO DA RUA DOS CONDES



Gustavo Bordallo Pinheiro  
 AUGUSTO PINA.

A revista do anno *Fim de Seculo*, original de Sousa Bastos, merece os mais doirados, os mais esmaltados, os mais elogiosos adjectivos. Picada d'alegria e viva graça, sem immundicies nas fallas e—delicia dos olhos!—pittorescamente decorada e bizarramente vestida. Certas passagens, em garridice de roupas, brilhantismo de adereços, turbulencia de musica, disposição scenica, são do mais surpreendente, imprevisito effeito. E do desempenho, destacada, inconfundivel, Pepa declamando e cantando com seintillante, subtil, requiebrada viveza de modos. E tambem a registrar as seducções d'uma Geraldine que quasi faz esquecer a verdadeira.

Anoitecia quando se ouviu o tumulto da comitiva real, chegando à praça de Mello n'uma apothose de trombetas, trompas, cymbalos, sistros e clarins. Ao som da fanfarra, voavam no ar bandeiras rubras, e o oiro das lanças fulgia ao luar recém-nascido.

O cortejo subiu as escadarias d'honra, todas em granito rosado de Syena, ornamentadas de palmas e de paños bordados do Egypto. Das galerias superiores, mulheres e creanças derramavam flores à passagem de Salomão.

E Salomão, pallido como Hamlet, os cabellos loiros polvilhados d'azul, o corpo cingido por um manto de lhamo apertado na frente por um peitoral cinzelado e orvalhado de crysolithas e de lyncurios, entrou na sala das recepções, subiu as escadas do throno ladeadas por leões d'ouro maciço, sentou-se na preciosa cadeira de faia, insculpida por Hirão, artifice do rei do Tyro, e poisando a mão na cabeça de Reboão, seu filho, clama para os circunstantes:

—Ide!

Ficou a sala deserta. E a pouco e pouco foi agonizando o rumor das gentes que se afastavam.

Cautelosamente, nos bicos dos pés, Adoniram e Zabud, foram para o escuro d'um corredor e collando seus ouvidos aos espelhos d'umã fechadura, ficaram ouvindo o que Salomão dizia a seu filho.

Dizia Salomão:

—Filho meu, guarda as minhas expressões, e esconde dentro de ti os meus preceitos. Não te deixes ir atrás dos artificios da mulher, porque os labios da prostituta são como o favo que distilla mel, e a sua garganta o mais lustrosa do que o azeite: mas o seu fim é amargoso como o absyntho, talhante com a espada de dois gumes. Os seus pés desceem à morte, e os seus passos penetram até aos infernos...



Ouvindo passos e temendo que alguém os surprehendesse, Adoniram e Zabud fugiram, apressadamente, sahiram do palácio e tomando por uma rua atapetada de rosmaninho e d'aloecrim, entraram n'uma locanda illuminada, sobre cuja porta se lia em caracteres sanscriticos: Retiro dos pacatos.

Pediram pedras para o dominó. E em voz baixa, pondo a mão em alpendre sobre a bocca, Zabud segredou a Adoniram:

—Tendes razão, o que se diz do rei é uma calunnia. As palavras que acabamos de lhe ouvir fundiram a minha incredulidade. Salomão é casto, a sua pureza é inabalavel como as suas fortalezas, invencivel como os seus exercitos.

E jogou uma pedra.

\* \* \*

Alta noite. A' sombra das muralhas Adoniram e Zabud iam fallando de Bethia, a loira mundana, que os tivera a ceiar e lhes dera o embriagante espectáculo da sua nudez incomparavel. Iam fallando pela rua deserta, e nas suas mãos levavam cuidadosamente, como reliquias, alvos ramos de açucenas colhidas nos cabellos magnificos da appetida prostituta.

Chegaram ao harem. Na pequena e silenciosa praça havia um banco sob uma palmeira. Sentaram-se os dois e, sonhadamente, sem uma palavra, ali se deixaram ficar cheirando, perturbados, as açucenas, mais perfumadas pelo cheiro perturbante dos cabellos de Bethia do que pelo aroma proprio.

N'isto, um clarão ruivo e um penacho de fumo se viram subindo do harem para as estrellas.

—Fogo! gritou Adoniram, pallido de terror. E os dois partiram, n'uma correria desenfreada gritando por socorro.

\* \* \*



Guardadas pelos eunuchos, os rostos velados, foram as mulheres do harem conduzidas para uma adega de Salomão. Algumas, convulsionadas, cheias de susto, pariram pelo caminho. Mas todas se salvaram.

\* \* \*

De madrugada, quando Adoniram e Zabud entraram no harem, todo em ruinas, foram achar n'uma vasta sala inundada de entulho, os cadaveres carbonizados de cento e cinquenta creanças.

Eu.

# UMA BOA PARTIDA



-- Chega cá a tipoia.



-- A's ordens, patrãozinho.



-- Cá vamos.



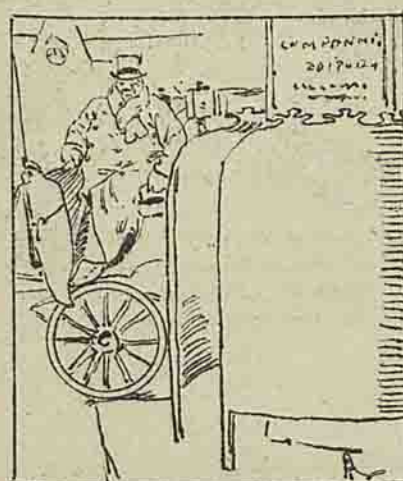
-- Oh! coiso, pára ali!



-- Espera que já te arranjo!



-- Já me não conheces.



-- O homem ia apertado!



-- A modes que vae tardando!  
Moralidade: Não a tem!



-- Ai que o malvado deixou-me  
um nariz de cera!!!



# AINDA O CARNAVAL D'ESTE ANNO



— Conheces-me?  
— Conheço, és da Falperra.  
— Não, sou do Banco.  
— Então tens a mascara ás avessas; está por baixo.

— Conheces-me?  
— Conheço, mas não me intrujas. Passaste a vida a *simular*, mas agora estás tão bem disfarçado que até eu te conheço.

## VISCONDE DE FARO E OLIVEIRA



O Visconde de Faro e Oliveira, o intelligente portuguez, que, depois d'uma longa e fadigosa residencia no Brazil, acaba de repatriar-se, é um puro, um crystallino character, uma excepção de honradez n'esta era em que as consciencias, vulgarmente, se confundem com as sargetas.

Actual Presidente do Lyceu litterario Portuguez do Rio de Janeiro, fundou com o conde de Alto Meirim, membro e protector de quasi todas as associações litterarias e philantropicas d'aquella cidade, os seus serviços a Portugal são inumeraveis. A' sua influencia devem muitos portuguezes muitas riquezas.

E, regressando á sua terra, simples de maneiras, esconde n'alma o que os mais, ordinariamente, só possuem nos dedos e nas gravatas:—ouro e pedrarias.



Na sua passagem por Lisboa, foi el-rei Momo, o alegre filho do Somno e da Noite, festejado com supremo entusiasmo. Seguido pela sua incoherente comitiva, semeando risos, pescando facecias, sob uma chuva torrencial de grão de bico e de tremoço, percorreu Sua Magestade todas as ruas, avenidas, praças e beccos, desde os recantos dramaticos da Alfama e da Mouraria até ás opulentas regiões da Avenida e do Chiado, lançando no ar, de instante a instante, com a sua voz de estrado a tradicional prevenção: *Cá vas o pisa-bostas!*

A despeito do seu ar leviano e risonho, el-rei Momo é um pensador. El-rei Momo é um descontente, sempre em desacordo com o Auctor das cousas terrenas, sempre absorvido na reforma do mundo. Elle que acha os cornos do toiro mal collocados, pois melhor fóra qua estivessem mais perto dos olhos, ou das espadoas, para que as marra das fossem mais violentas; que acha que o homem deveria ter uma pequena fresta aberta sobre o coração, para assim se verem os seus mais secretos pensamentos; que acha a casa muito pesada para ser transportada, quando succeda liavar um mau vizinho: passando por Lisboa ficou altamente penalizado por ver os nossos banqueiros completamente entregues á metaphysica cambial, com as vocações torcidas, desprezando as raras qualidades das suas unhas, descontando letras em vez de tocarem guitarra.

\*  
\* \*

Os socios do *Turf* gastaram, ao que se diz, cinquenta libras em tremoço. Das suas janelas, com peitoris de velludo mangento, era tal a fusilaria, que mais pareciam ministros, derramando titulos e commendas, do que gommosos, jogando o entrudo.

\*  
\* \*

Entre os carros que desceram o Chiado:  
Um fidalgo arruinado ia de cocheiro; dentro, repoltreados nos logares d'honra, dois cocheiros fumavam charutos ricos.  
Parecia a verdade.

\*  
\* \*

Com as lamas, com os pés, com a agua das bisnagas, toda a gente andava suja. No tempo normal, os dandys de Lisboa costumam andar sujos por dentro, limpos por fóra. No entrudo, tudo se muda, faz-se tudo ás avessas. Julgamos, pois, que a porcaria exterior dos janotas denotava limpeza interior.

Alva ingenuidade!

Um svelto moço curvou-se a apertar os atilhos das botas; as suas meias pareciam directoras da Companhia real dos caminhos de ferro portuguezas.



Terça-feira á noite, o tremoço começou a fermentar empestando as ruas.

Um amigo nosso;

—O tremoço é o symbolo do prazer. Ha beijos de mulher, longamente ambicionados, voluptuosamente dados, e que afinal acabam por produzir nojo e desgosto. Os beijos são como os tremoços.

\*  
\* \*

E por entre as mascaradas, dolorosamente, e bando precatório colhendo esmolas para as viúvas, paro os orphãos dos naufragos.

Como um enterro n'um dia de sol.

Eu.

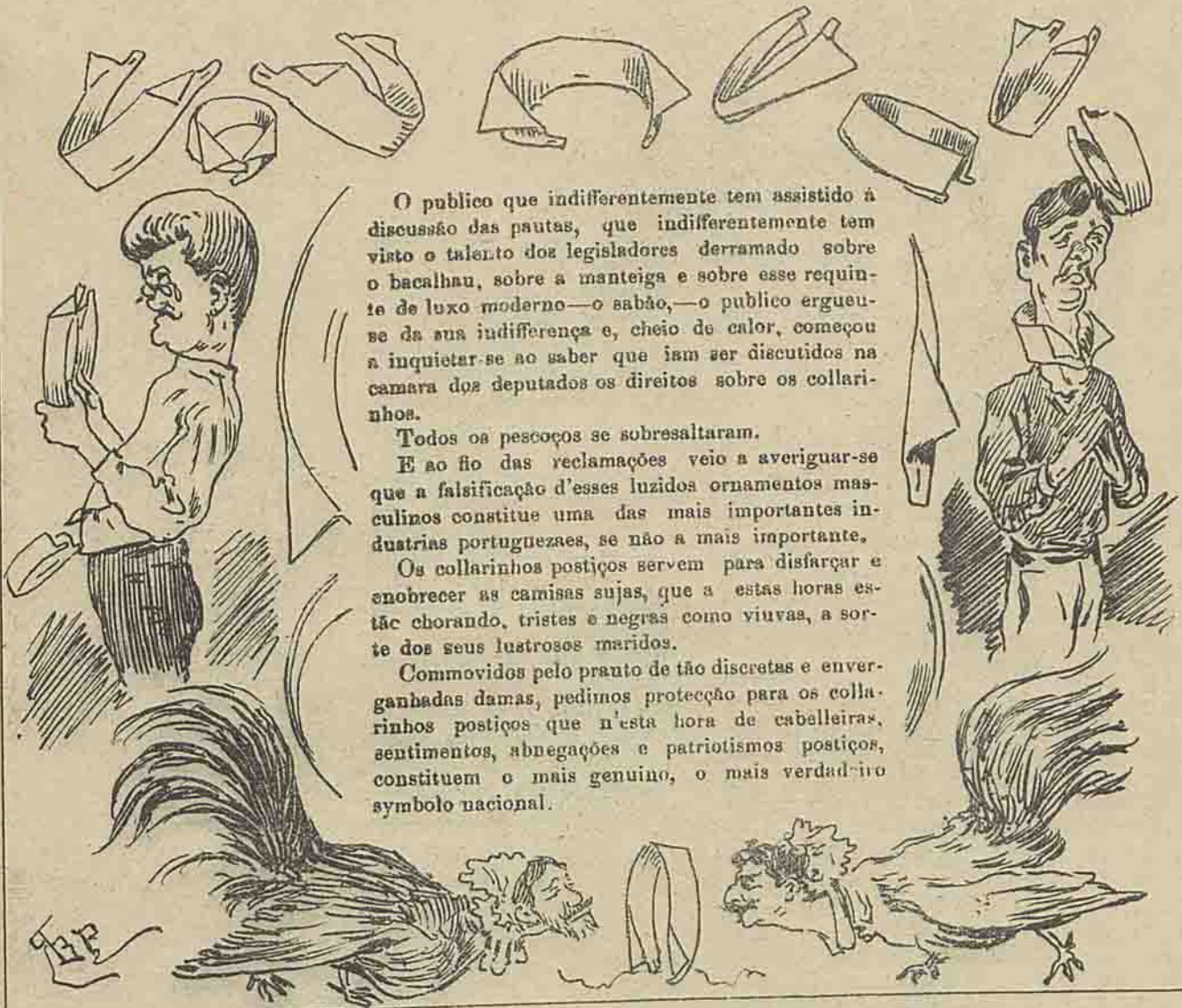
## SUBLIME

Cesse tudo o que antiga muza canta  
Em sabões, desde Homero até Petrarcha,  
Que outro sabão mais alto se levanta:  
O sabão que do Congo tem a marca!

Sabonaria Victor Vaissier, Paris

Vende-se em todas as espelhistas e perfumarias

# OS COLLARINHOS



O publico que indifferentemente tem assistido á discussão das pautas, que indifferentemente tem visto o talento dos legisladores derramado sobre o bacalhau, sobre a manteiga e sobre esse requinte de luxo moderno—o sabão,—o publico ergueu-se da sua indiferença e, cheio de calor, começou a inquietar-se ao saber que iam ser discutidos na camara dos deputados os direitos sobre os collarinhos.

Todos os pescoços se sobresaltaram.

E ao fio das reclamações veio a averiguar-se que a falsificação d'esses luzidos ornamentos masculinos constitue uma das mais importantes industrias portuguezas, se não a mais importante.

Os collarinhos postiços servem para disfarçar e enobrecer as camisas sujas, que a estas horas estão chorando, tristes e negras como viúvas, a sorte dos seus lustrosos maridos.

Commovidos pelo prauto de tão discretas e envergonhadas damas, pedimos protecção para os collarinhos postiços que n'esta hora de caballeiras, sentimentos, abnegações e patriotismos postiços, constituem o mais genuino, o mais verdadeiro symbolo nacional.

## RONDEL

Rara florista, a do Chiado  
Tem umas mãos miraculosas...  
É um abril continuado  
A sua loja toda em rosas.

Rindo do inverno enregelado  
Inventa flores prodigiosas...  
Rara florista, a do Chiado  
Tem umas mãos miraculosas

Quando n'um gesto illuminado  
Levanta as mãos prestigiosas;  
Chovem flores raras, preciosas  
Brancas, brancas como um noivado...  
Rara florista, a do Chiado...



CARNAVAL E CARIDADE



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Terça-feira, enquanto Lisboa ria turbulentamente, um bando precatorio promovido pela redacção da Batalha, á qual consagramos esta pagina, sahio procurando socorros para as familias amarguradas dos naufragos da Povoá. A' passagem do bando cessavam todas as alegrias, todas as vozes, e todos, ricos e pobres, serios e mascarados, n'uma paralyxia de desgosto, de funda dor, todos acolheram com rasgada generosidade e acompanharam com olhos tristes essa caridosa e tão sympathica peregrinação.

O Antonio Maria que, por imperiosos motivos não pôde acompanhar os seus companheiros de trabalho, abre hoje uma subscrição em favor dos infelizes do norte, para a qual subscreve com a quantia de 6\$000 réis.

# HOMENS DA SEMANA

## CAPITÃO MACHADO



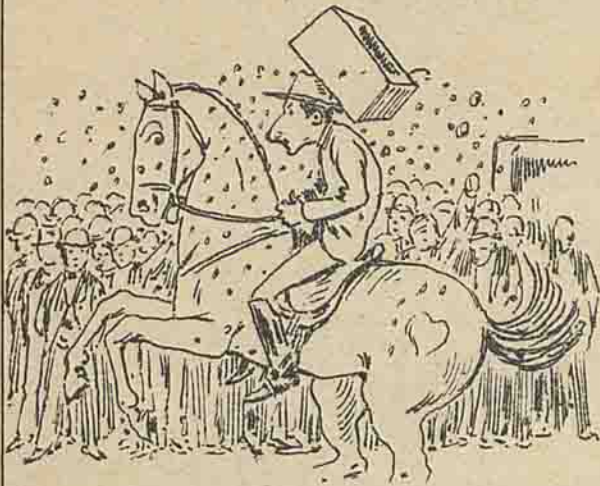
RAFAEL BORRALHO PINHEIRO

Na discussão da pauta, o capitão Machado tratou calorosamente dos generos alimenticios. Um deputado ás direitas que, em vez de *comers* trata do que os outros *comem*.



Victima d'um desastre, foi o sr. João Bregaro recolhido um d'estes dias na redacção d'um jornal onde se lhe fizeram os necessários curativos. E eis que, de repente, quasi todas as folhas começam a gritar: « fomos nós que o recebemos, foi debaixo do nosso tecto que elle esteve ensanguentado, foram as nossas mãos que trataram d'elle!» Oito jornazes fallam assim. O que nos leva a crer que ha oito cavalheiros com o mesmo nome os quaes soffreram oito identicos desastres, ou que, havendo só um, se dá entre este e as oito gazetas o mesmo que se deu entre o Homero e as oito cidades gregas.

### COUSAS QUE FICARAM DO ENTRUDO



Uma pinha rachada.



Um tremçoço.

Um novo cache-nez.



Uma indisposição d'estomago.

### Consequencias



Um par de botas a menos e um namoro a mais.



— Conheces-me?

— O' menina, como hei-de eu conhecer-te se não me conheço a mim mesmo?



— Que esbeça a minha! Bem diz a minha mulher que ninguém imagina como eu tenho a cabeça pesada.

## A supressão do Ministerio da Instrucção Publica



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Graças á vassoura do sr. presidente do conselho, a Instrucção publica acaba de ser lançada ao lixo. Passou d'um palacio para um barril. Por Deus! não lhe bulam mais. Deixem-na agora estar que está bem



# RESULTADOS D'UMA JUBILACAO



P'ra Athenas... com vento fresco

## Subscrição para as familias dos naufragos do Norte

Transporte ..... 63000

Continua aberta a subscrição no nosso escriptorio.



Com o coração golpeado, a alma em sangue, sabendo do dramático infortunio que sobre o norte do paiz acaba de cair, ergueu-se o povo portuguez da sua quotidiana, da sua normal preguiça e n'uma generosa agitação vae mostrando como é fina, doce e amavel a sua sensibilidade, de mulher, toda de requintes, de nuanças.

Em face d'essa funda desgraça, todos esquecem, todos viram as costas á miseria propria. Todas as mãos, as dos ricos e as dos esfarrapados, mãos cheias de aneis e mãos cheias de callos, todas se abrem vertendo esmollas. A phantasia executa os mais complicados acrobatismos na descoberta dos mais complicados processos para acudir aos que ficaram desgraçados. Inventam-se bandos precatorios, subscrições, saraus, theatradas, bazares e kermesses. O naufragio da Povoia occupa o dia de todos os espiritos, e até de noite, cortando o somno, esfarrapa as almas, flagella-as com pesadellos angustiosos, durante os quaes se ouvem gritos despedaçados de marinheiros a morrer entre as pragas das ondas e se veem cadaveres veides boiando, sob a lua inclemente entre destroços de embarcações abandonadas.

E' com a mais sentida commoção que applaudimos a piedosa, a ingenua sympathia com que os nossos compatriotas vão olhando para a infelicidade d'essas amarguradas creaturas.

O mar deixou muitas mulheres sem maridos e sem irmãos, muitas creanças orphãs, muitos tra-

alhadores sem trabalho. Não só empobrecceu, enluctou. Semeou fome e arrancou lagrimas. Despedaçou barcos e despedaçou almas.

Todos esses bandos, todas essas subscrições, todos esses saraus, todas essas theatradas, todos esses bazares, todas essas kermesses, que ahi se vão realisando, são promovidas pelo mais delicado sentimento. E para esmalte do nosso nome, não se vê uma isenção, não ha um retrahimento, todos dão, todos concorrem, ás mãos cheias, como nababos, como millionarios, a despeito da incontestavel pobreza da paiz.

Porem ...

\*  
\* \*

Os resultados obtidos pelas diferentes associações, pelos jornaes, pelas commissões agora expressamente formadas, teem sido os melhores. Dinheiro, roupas, mantimentos cahem ás torrentes.

Urge, porem, canalisar todos esses resultados para um fim meduramente pensado, sensatamente meditado. Urge não deixar a caridade á phantasia dos caridosos: é preciso encaminhal-a, unifical-a.

E n'este sentido é sem restrições o nosso applauso pela proposta do illustre publicista Rodrigues de Freitas que deseja que, uma vez remediadas as necessidades inadiaveis, dos que ficaram recursos, o resto do dinheiro, que deve ser bastante, seja applicado na construcção d'um asylo que garanta o presente e melhore o futuro dos que amanhã hão-de ser os pescadores do norte.

\*  
\* \*

E para acabar:

Entre nós, o sentimento da caridade vae-se transformando n'um vicio e é caracterizado, como todos os vicios, pelo excesso.

Um incendio, um naufragio, um desastre n'uma pedra, um descarrilamento, despertam as fibras mais adormecidas da sentimentalidade, enquanto que outras muitas desgraças mais recatadas, mais humildes, menos vistosas crescem desamparadamente.

Actualmente, uma desgraça para ser sympathica precisa de ser apparatusa, espectacular. No tañ-se os infortunios d'um dia, mas não se veem as miserias que duram annos.

Para se ser feliz é necessario ser-se visivelmente infeliz. Um pedreiro que parte uma perna é mais lastimado do que um artista que morre de fome, incomprehendido e obscuro depois d'uma vida de trabalho honesto e digno.

O que nos leva a crer que é um bocadinho artificial a philantropia moderna.

Eu.

## DOCTOR SUBTILIS

A reclusão, esse refugio tão amavel para os espiritos preciosos, cuja finura se não dá com a brutalidade irritante das massas, é uma coisa velha como a Morte. Em todas as epochas e em todos os paizes, longe de todas as paixões e de todas as impertinencias, fugindo ao convívio obcecante das gentes, creaturas d'exceptão teem-se exilado nos desertos, nas ruínas e nos mosteiros, levantando em torno de suas almas uma inconquistavel muralha, levando uma vida de silencio e descanço na contemplação das cousas e das ideias.

Farto das passageiras delicias humanas, da aspereza dos homens e da futilidade das mulheres, Doctor Marianas, o grande mystico escossez, que no *Segundo Fausto* apparece, tomado d'um estrelado extasi, ajoelhado e de mãos postas, cantando lóas á Immaculada Conceição, disse adeus ao mundo e fundando em Reyensbourg o convento de S. Pedro, internou-se na sua cella, onde gastou toda a vida, mudo e quieto, inteiramente absorvido pelo estudo e pelos exercicios de piedade.

No seu puro e voluntario exilio escreveu uma chronica do mundo, em tres volumes, tocada da mais alta inspiração.

Escrevia de noite. Assim que a tarde esmorecia, um famulo corria a levar-lhs uma barbara lucerna de ferro forjado, em cujo collo uma luz vermelha pestanejava como uma lagryma de sangue. E á luz d'essa lucerna inquisitorial, sobre pallidas folhas de pergaminho, a penna do monge, uma penna de aguia real que já tinha roçado pelas estrelas, corria sobrenaturalmente.



Com as continuadas vigílias, com a febre do trabalho adoeceu o erudito religioso, e os mais religiosos cheios de pavor e susto, resolveram desvial-o d'essas violentas fadigas intellectuaes, custasse o que custasse. Foi-lhe supprimida a luz.



Curvou-se o Doctor Subtil perante as inabalaveis determinações dos freires, sem um protesto, sem uma lamuria. E chegada a noite, sentava-se á mesa de trabalho, como fóra sempre seu costume, e apenas sentado começava a escrever á luz dos seus dedos que miraculosamente se transformavam em cadeias. Este foi um dos mais singulares milagres da Virgem, milagre que encheu de admiração todos os monges do convento de S. Pedro de Reyensbourg.



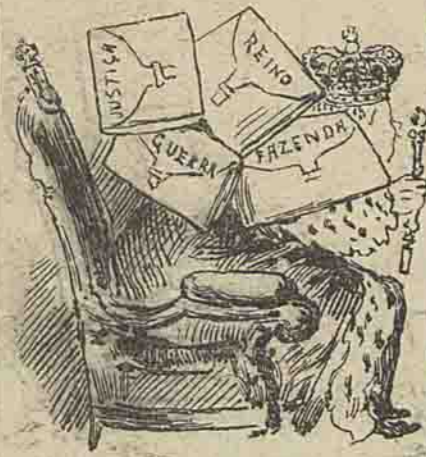
Hontem, oito de março, pelo callado da noite, entrando em casa, era nossa intenção dizer em prosa facetada e cantante, como um crystal que se quebra, os feitos amorosos d'el-rei Nabuchodonosor.

Prosa que, interceptada por suggestivos desenhos, daris as mais ineditas delicias aos que nos leeza.



Com profunda magoa vimos, percebemos a viuvez do nosso candieiro de trabalho. Sem petroleo, como um coração sem amores. Pelo que a narração dos feitos amorosos d'el-rei Nabunhodonosos fica para o proximo numero. — Virgem dos milagres, que a vossa clemencia transforme em cadeias os nossos dedos, se a scena d'hontem se tornar a repetir, que a vossa clemencia transforme em cadeias os nossos dedos, como foram transformados em cadeias os dedos do vosso subtil apologista, do fundador do convento de S. Pedro de Reyensbourg.

# AO QUE CHEGAMOS



Não se pôde ser Rei, porque Rei reina mas não governa.



Ministro: — é impossível depois das economias.



Deputado: — ainda menos por causa das incompatibilidades.



Banqueiro: — é o diabo por causa das querellas.



Jornalista: — por causa do Limocoiro.



Regenerador ou progressista: — porque já não bebem do fino.



Industrial: — por falta de carvão.



Commerciante: — por falta de quem compre.



Operario: — por falta de trabalho.



Artista: — nem fallar n'isso: os curiosos absorvem tudo: — representam, cantam, pintam e vendem... o que é peor.



Financeiro: — está o cambio muito baixo.



Litterato: — não ha editores.



Possuidor d'inscripções — não valem nada as inscripções.



Proprietario: — as chuvas estragaram tudo, e os inquilinos não dão para os concertos.



Burocrata: — estão na espinha por causa das reduções.



Medico: — nunca houve tanta saude como agora.



Diplomata: — não chega o dinheiro para um café.



A não se ser Seixas do Rocio, o que ha-de a gente ser?



A não se ser Seixas só ha uma profissão garantida e sympathica... a de naufrago.



E afinal não somos outra coisa: naufragos da vida! Que sobre nós caia o maná da caridade publica!

## BIBLIOGRAPHIA

**Pilatos no Oredo:** *Aggravo crime. Aggravante, Pedro Angelo Calleya. Advogado, Dr. J. J. M. d'Oliveira Valle.* Brochura cheia de interesse para todos os que tem seguido as questões dos caminhos de ferro. Interessante e magistralmente redigida pelo illustre causidico, dr. Oliveira Valle, uma das mais notaveis figuras do fóro portuguez.

**Pedição de Aggravo do Marquez da Foz.**—Folheto tambem a respeito das questões dos caminhos de ferro. Em appendice algumas importantes opiniões formuladas pelos evidentes advogados, dr. Avelino Callixto, Gabriel de Freitas, Motta Veiga e Carlos José d'Oliveira.

**Exposição Internacional de Chicago.** Publicação da Sociedade de Geographia, na qual se assignata a necessidade de concorrermos a futura exposição americana.

## QUEBRA CABEÇAS



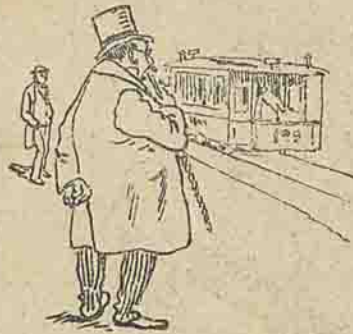
Onde está o caçador?

## DOIDA DE ALBANO

Auda cá, meu filho, escuta,  
E's amigo de tua mãe?  
Por achar um sabão lucta  
Que do Congo o nome tem!

Saboaria Victor Vaissier, Paris

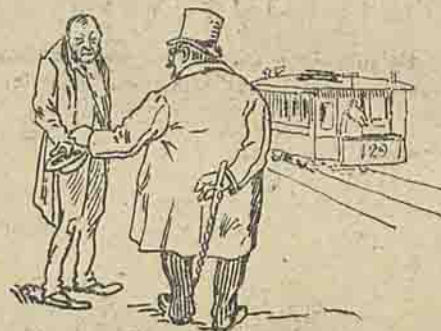
## Esmola bem empregada



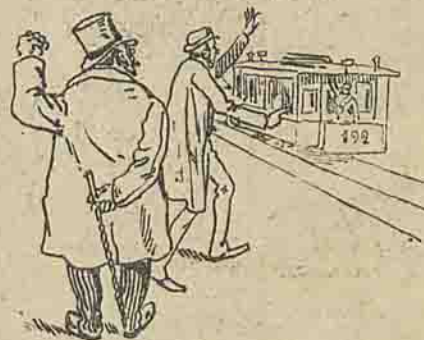
—Os tempos não correm bem...  
Vou a pé, poupo um vintem.



E andando devagarinho  
Nem sequer sinto o caminho.



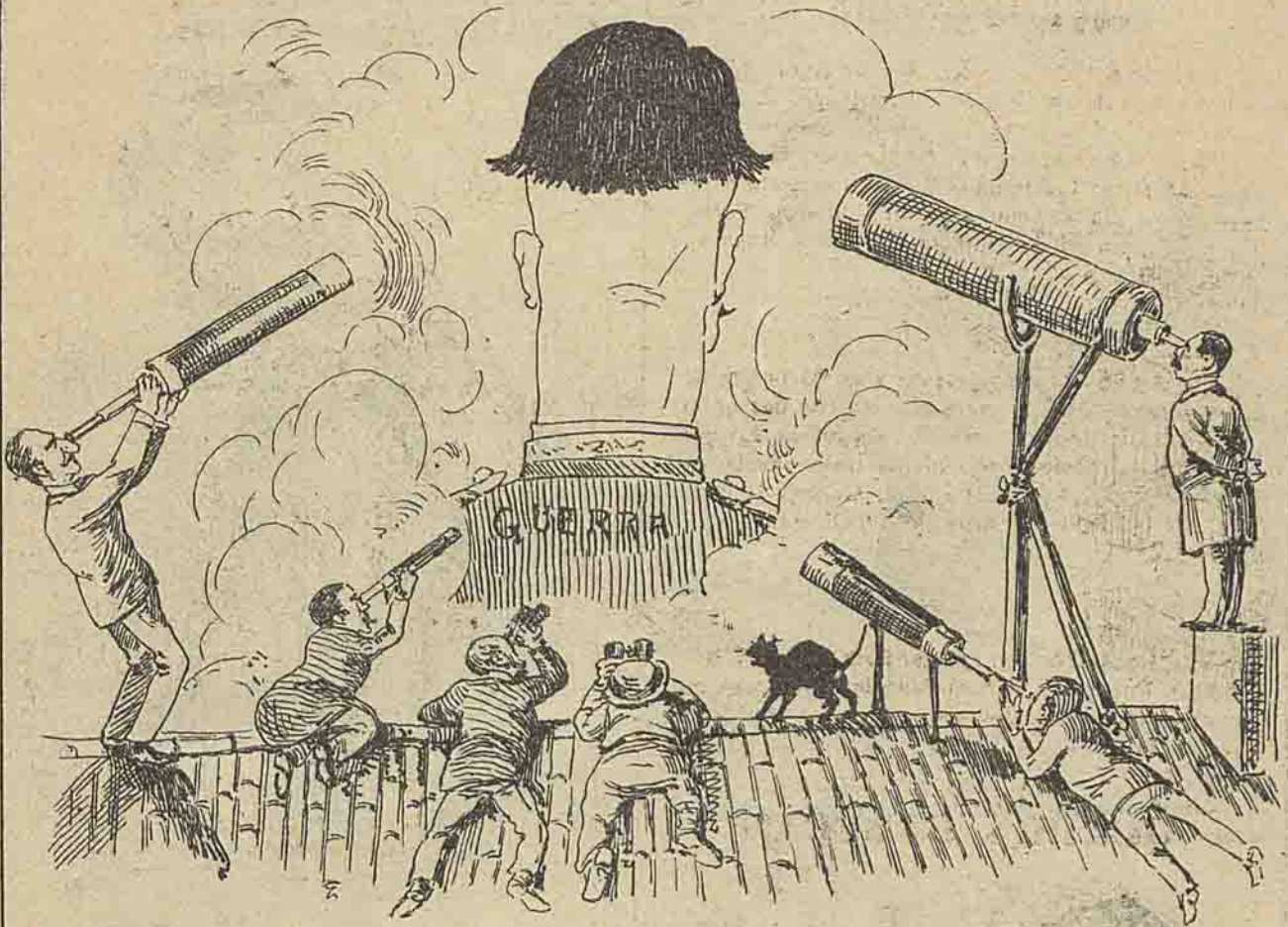
—Cincozesinhos, por Christo!  
Tenho dez filhos e um kisto...



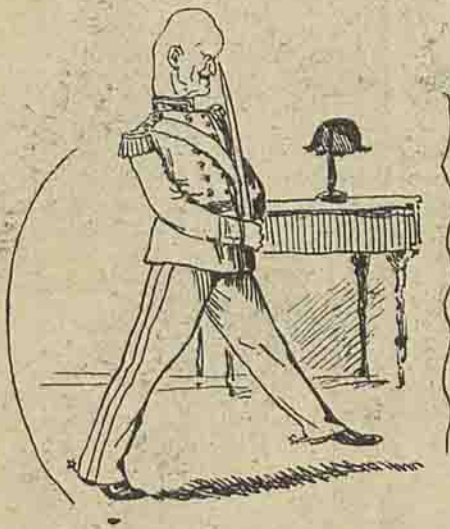
—Com esta bemdita esmola  
Vou de Rippert...

—Mariola!

# O MINISTRO INVISIVEL



Se não fór o saragoçano que adivinha o tempo, parece-nos que ninguém adivinhará onde elle está. por mais olhos que se assestem. Vê-se-lhe apenas o chinó: como um cometa do qual apenas se divisasse a cauda.



Dizem que faz senti-  
nella ao chinó.



manobras sobre o  
chinó.



que pensa, sente, de-  
creta, dorme, come e  
descome dentro do chi-  
nó: — sempre insepara-  
vel do chinó.

# NAS CAMARAS

## INTERPELLAÇÃO AO SR. MINISTRO DA GUERRA



—Posso responder debaixo do symbolo augusto do sr. ministro.



—Persuado-me que *simulo* bem o sr. ministro.



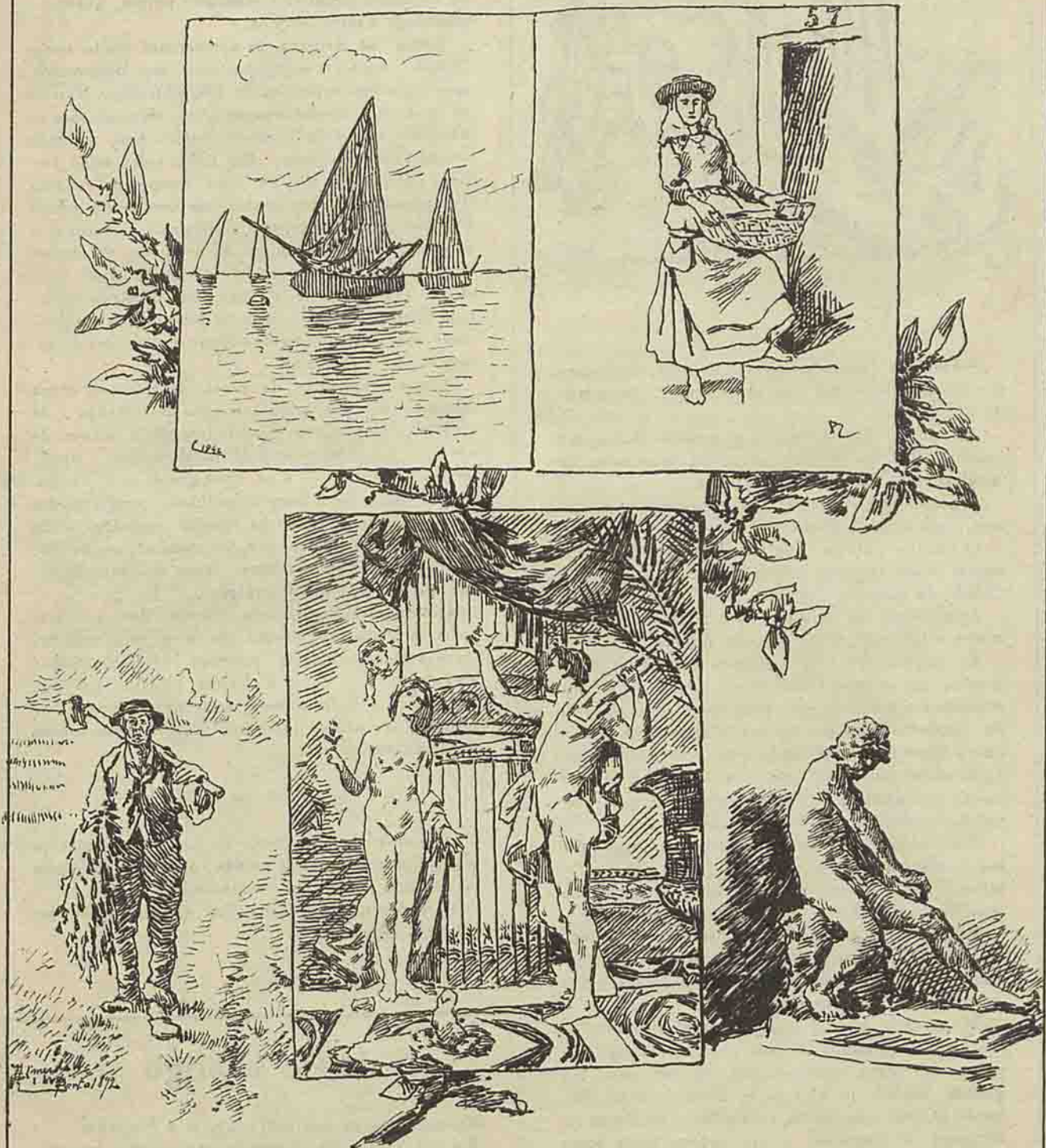
—Com este capacete ninguem dirá que não sou o sr. ministro.



Por mais que o chameem, não responde. Nem já falla ao telephoio.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## A EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO



Acaba de ser inaugurada a exposição do Gremio Artistico. Posto que esta exposição não satisfaça por completo as nossas exigencias, não podemos deixar de louvar os louvaveis intuitos dos que a promoveram e dos expositores.





Sexta-feira passada, saindo de casa, ao entardecer, fui encontrar uma espessa multidão orlando o Chiado.

As portas das igrejas e as janellas das casas eram cheias de cabeças: as portas como ovas, as janellas como caixas de phosphoros.

Predominava o negro nos vestuarios, e a tristeza, uma tristeza idiota, nos rostos.

O Chiado parecia uma rua de cemiterio á passagem d'um enterro notavel, e parecia tambem o Chiado de terça feira gorda.

Juiguei-me no entruído, mas n'um entruído sinistro e luctuoso, n'um entruído funebre.

E julguei que ia realizar-se um carnaval estranho, um carnaval hoffmanico, um carnaval incoherente e macabro, que seria o symbolo perfeito da moderna alma portugueza, d'esta pobre doida, que é como uma muribunda que, á hora da morte, apparecesse n'um baile, rindo e dançando, com os beiços queimados p'la febre e toda cingida de vellydos alugados, e toucada de flores de papel.

Enquanto os mascarados não chegavam puz-me a imaginal-os: e imaginei-os vestidos com mortallas, pallidos como cera, passando em carros de funeral e atirando perpetuas para as janellas.

■ nas janellas, pessoas agonisantes derramando saudades e martyrios, e machucando, com caveiras presas a cordeis doirados, os chapéus dos que andavam nos passeios.

E transportado a esse carnaval de sonho vi creaturas bisnagando-se com phenol, cartazes tarjados de preto, annunciando, ás esquinas, um grande bailado no alto de S. João; homens, deixando sangue pela bocca, abraçados a mulheres lacrimosas e obscenas; e um morto, verde como absyntho, rindo a bandeiras despregadas, dizendo chufas e defendendo-se de seis corvos que o perseguiam.

Fui acordado por uma voz amiga. E vim a saber que ia passar a procissão dos Passos.

\*  
\*  
\*

Foi inaugurada, ha dias a exposição do Gremio Artistico, exposição verdadeiramente notavel pelo inesperado numero de expositores e pela profusão de trabalhos exhibidos, mediocre porém, quanto á qualidade d'estes ultimos.

Todos os artistas se apresentam muito acciadinhos muito bem comportados, sem desmandos, como convem a pessoas de boa educação. Não se vê uma tela verdadeiramente má, mas tambem se não vê uma tela verdadeiramente boa, na pura accepção de adjectivo. Em todas essas salas vestidas de quadros não ha uma inesperada Faulha d'originalidade, um lampejo de arrebatado genio. O que faz admirar não é apenas a correccão, é sob estudo a semelhança de procesos, de ideias, de maneiras de ver: sem certos manirismos especificaes (excepção feita para meia duzia de trabalhos mais evidentes) poderia trocar-se as assignaturas sem que a individualidade dos artistas tivessem muito a reclamar.

N'esta exposição de cerca de trezentas obras notabilisa-se um pequeno ramo de camelias e de violetas, tocado com grande frescura e justeza de cor. A humilde concepção d'este frivolo e appetecivel quadrinho, e as boas graças que tem captado, assignalam bem a futilidade caracterisante d'este certamen, onde ha muita technica, muito *savoir-faire*, muita sciencia de desenho e de cor, mas onde se não vê uma braza de verdadeiro, inconfundivel e inedito talento.

Um rasgado registro de louvor deve ser feito aos tres *pasteis* executados por el-rei com uma firmeza e uma leveza de processo verdadeiramente singulares, bem como á *Varina*, pintada por Sua Magestade a Rainha com uma ingenuidade e uma intenção, raras em quem não faz da pintura uma profissão exclusiva.

\*  
\*  
\*

A *Varina* da Senhora D. Amelia destaca-se n'um fundo de parede caída: á direita de quem vê ha uma porta com o numero 57-

Ouvimos que o quadro foi adquirido pelo sr. Oliveira Martins.

Eu.

## Justo castigo

No caso que se deu entre Eva e a Serpente  
Foi um sabão do Congo, e não maça o engodo;  
E se Deus se zangou, foi só e simplesmente  
Por dar a Adão metade, em vez de usal-o todo!

Saharia Victor Vaissier, Paris

Vende-se em todas as capellistas e perfumarias.



Com viva alegria saudamos a chegada do conde de Alto Mearim, o illustre portuguez que no estrangeiro tão incansavelmente tem pugnado pelo bom nome do seu paiz.



Em beneficio dos infelizes do norte, acaba o Gremio Luzitano de reelisar um concorrido sarau que, sinceramente o confessamos, muito mais encanto, mais pittoresco teria se apresentasse um caracter accentuadamente maçonico.

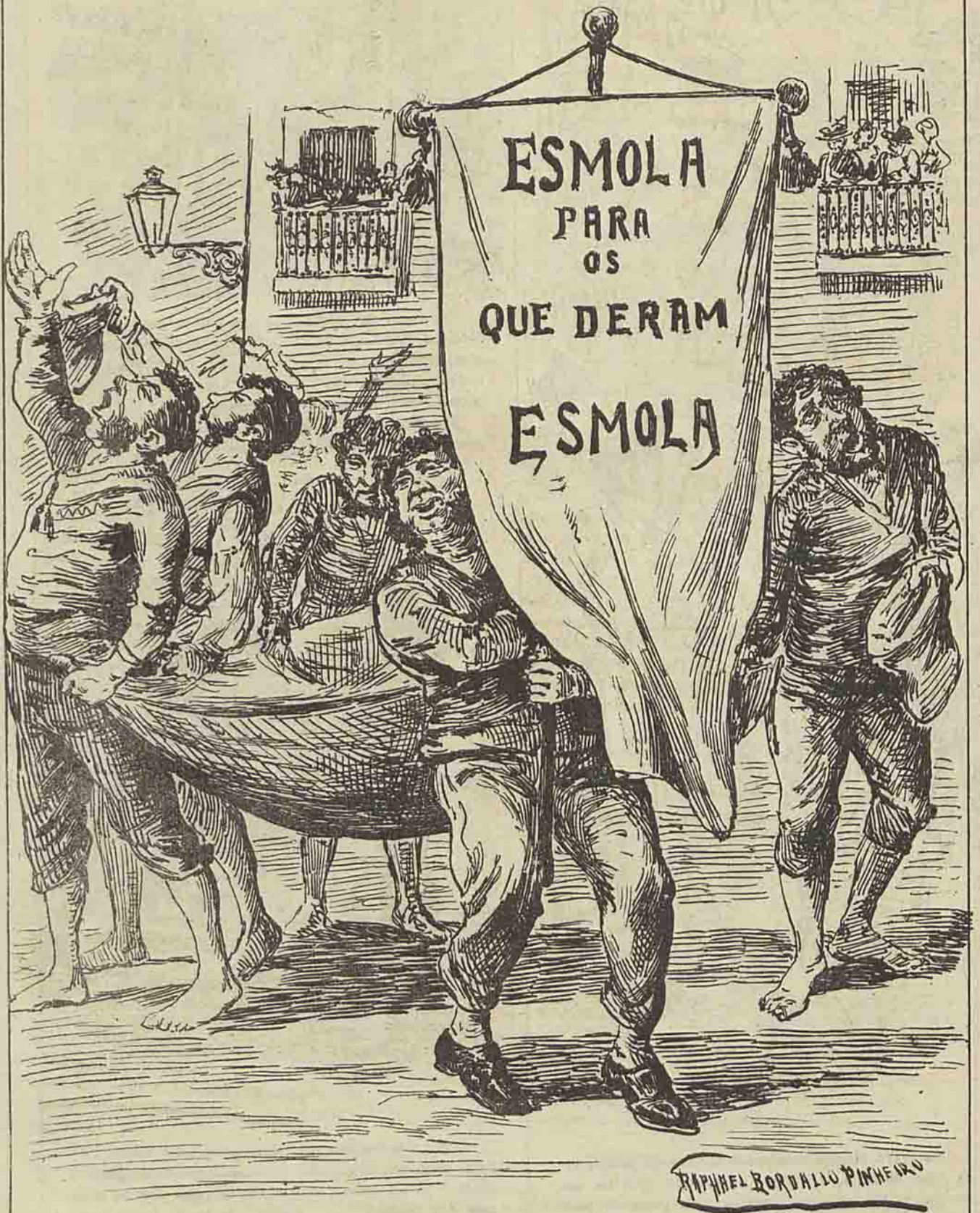
Foi uma festa altamente sympathica, mas incharacteristica, confundivel, — como as outras.

## A' BEIRA MAR



—És um maroto, não tens geito para nada... nem para naufrago. Se tivesses morrido afogado, disbo! já eu estava bem e tinha com dar de comer aos rapazes... Assim, és uma besta que nem para morrer serves!

# BANDO PRECATORIO



Bando precatorio da semana que vem.

# UMA IDEIA



Uma ideia que apresentamos ao governo para arranjar meio de pagar o coupon d'abril. E não lhe levamos coisa alguma.

## SALÃO COMICO

POR

M. Gustavo Bordallo Pinheiro



Malhóa (J. V. B.) O ultimo interrogatorio do Marquez de Pombal.

Uma grande tela 'onde se notam alguns detalhes felizmente realizados mas antipathica pelo aspecto lamentavel, quasi ridiculo, sob o qual apresenta o grande ministro cujas altas obras não devem ser maculadas pela recordação d'uma fraqueza que só a violencia e a velhice podem explicar.



**165**—Ramalho (Antonio Monteiro) Retrato de creança. Dois olhos negros e humidos como duas azeitonas. O que mais se vé são as azeitonas. Parece um hors d'œuvre.



**184**—Silvestri (Silvestre) Cabeça de pobre... entorcado Victima da crise.



Verde.— O retrato de Fifi.  
Neta d'uma cadella do cardeal Richelieu.  
—Oh! Fifi seja mais decente.



130 — Ribeiro (J. A.) *Horas d'ocio.*  
 — Este Ribeiro parece Ribeira.  
 — Hum! O viçho é que é Ribeira Brava.



131 — Braga (D. Emília Santos Es.udo. Retrato de uma touca azul.



132 — Costa (Felix da) Retrato. Retrato de um official de marinha, que com má catadura procura na algibeira qualquer arma aggressiva. Tenha prudencia. Mendonça, Veja o que faz!



114 — Mello (A. N. Vieira de) *Pensativa.* Escaldou-se, coitada!

— Mas quem mandou a menina mexer na caldeira d'agua a ferver? Sempre a pensar, a pensar na morte da bezerra... Ahi tem o resultado.



133 — Salgado (J. V.) *Hamlet.* A silhueta d'Hamlet cortada n'um transparente amarello.



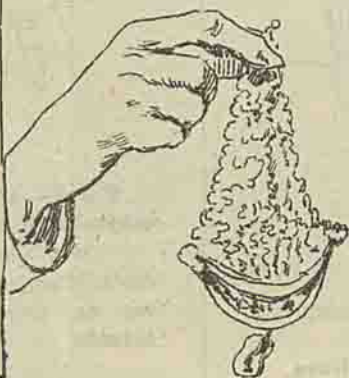
11 — Amaral (J. E. Ferreira) *Peixes.* Peixe tão vivinho que para evitar nma fuga, forçoso foi prendel-o com um cordel.

# O APOIO MORAL



— Damos o  
nosso apoio ...  
moral.

EM NÃO SENDO DINHEIRO  
OU COUSA QUE OVALHA...  
... CÁ ESTEMOS



Isto é : uma  
bolsa sem dinhei-  
ro...



— Um kilo de  
manteiga... Quan-  
to é?

— Seis tostões.  
— Aqui tem o  
meu apoio moral.  
— Nada, não  
me governo com  
scantigas.

# RESULTADOS DO NAUFRAGIO



— Não ha di-  
nheiro, já hontem  
não jantámos,  
empenhaste tudo,  
para que?

— Para os nau-  
fragos, coitadi-  
nhos ..

— E nós?

— Voces espe-  
rem. Bem vês que  
parece mal não  
soccorrer os da  
Povoa.



— Tenho fome.  
— E's da Po-  
voa?

— Não, sr., sou  
das Caldas.

— Então não  
tens fome.



— Sem trabalho,  
tenho fome...

— O senhor é  
viuva ou mãe de  
naufrago?

— Não, sr.

— Então não  
tem fome.

RAPHAEL BORDALLA PINHEIRO

# EM BENEFICIO DOS NAUFRAGOS



— Fizemos-lhe uma linda festa, sr. naufrago casa & cunha a despeito da carestia dos bilhetes.:



— Os gastos foram enormes, pelo que somos forçados, srs. naufragos, a pedirmos-lhes dez tostões que faltam para as despesas. . .



— O beneficio foi para os senhores. . . Nós não podemos dar mais que o nosso trabalho e boa vontade. Por isso, logo que os dez tostões-nhos possam vir . . .



— Muito obrigado. . . mas de futuro, como naufrago, prefiro fazer as festas para os senhores. Ao menos divirto-me.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO





Factos capitaes da semana: duas mortes,— a do conselheiro Lopo Vaz e a da *Revolução de Setembro*, do politico que, n'estes ultimos tempos, tantas adorações e tantos odios havia captado, e do velho jornal que, ha annos já, n'uma tão silenciosa atmospherá de indifferentismo andava morrendo.

Em Lopo, acima de todos os defeitos, oblitando todas as virtudes, havia o homem de talento, subtil, engenhoso, arguto, vendo as coisas a distancia, lendo nas nuvens politicas como um piloto lê nas do mar.

Foi em homenagem a essas qualidades que, n'esta hora amarga em que a perda de qualquer espirito de valor se torna excepcionalmente sensível, seja qual fôr o contorno e a côr d'esse espirito, quasi todas as boccas e quasi todos os jornaes deploraram a passagem do coche real, que levou Lopo aos Prazeres, callando todos os sentimentos, todas as prevenções, não tocando nas fraquezas do morto para lhe realçarem a força.

Estrangeiro que, desprevenidamente, ignorando o nome e os merecimentos do defuncto, assistisse no Principe Real á passagem d'esse enterro, suppria, sem duvida, assistir ao funeral d'um dos mais gloriosos vultos portuguezes, tão doloridas physionomias e tal magnificência de tardas se notavam no cortejo. E se tal pensasse, enganado ficaria o estrangeiro. E' que em Portugal ha o systema de exaltar emphaticamente certos talentos em quanto outros—ordinariamente os mais brilhantes e mais puros—são injustamente deprimidos, esquecidos, despresados.

Comparem-se as honras ultimamente prestadas a Lopo Vaz com a humildade do enterro de Anthero do Quental.

Lopo foi, certo, um homem intelligente, um homem que, conhecendo bem a sua epocha e o seu meio, das fraquezas d'esse meio habilmente soube extrahir a força com que se impoz. Homem intelligente, sem duvida, mas não um grande homem. D'essa intelligencia sahiram planos, combinações de limitadissimo interesse, quasi pessoal, discursos mais ou menos bem declamados, remodelações dos serviços judiciaes, quando esteve dirigindo os negocios da justiça, pirotechnias de cifras quando administrou a fazenda, subtilezas eleitoraes, quando tomou a pasta do reino. Mas, a despeito de todo esse engenho, de toda essa finura, o seu talento nunca gerou uma obra destacada, alta, superior, uma d'essas obras que o tempo torna em bronze.

Lopo foi isto. Lopo teve um enterro de principe.

Todos os que sentem, todos os que veem, todos os que, de costas viradas para as pequeninas exigencias quotidianas, vivem uma vida mais levantada e espirital, todos esses sabem o que a obra de Anthero vale. E Anthero teve um enterro de pobre.

Mas o tempo põe tudo no seu lugar. E d'aqui a cem, d'aqui a duzentos, d'aqui a trezentos annos os versos d'oiro, de Anthero, viverão ainda, sempre novos, sempre grandes, sempre immortaes, todos os ouvidos lhes procurarão a musica, todas as almas lhes beberão a essencia, emquanto que o nome de Lopo será de todo esquecido ou, quando muito, apenas conhecido d'algun secco erudito, amigo d'antigualhas.

Velha de cincoenta annos a *Revolução de Setembro* finou-se, ao desamparo, e todos os jornaes carpiram, amargamente, essa morte, causticando com dureza o partido regenerador, que assim deixou morrer o seu velho orgão jornalístico.

A *Revolução* representava, em Portugal, uma antiga tradição, a da politica de principios, tradição conservada no encanecido jornal com uma pureza que só encontraria semelhante no monte Athos, nos pintores que passam a vida perpetuando com suprema fidelidade os duros moldes de hieratica pintura byzantina.

Na moderna sociedade, a *Revolução* era nu platonismo . . . pilado. Depois da morte de Sampaio parecia a viuva d'um homem illustre. E, um mo uma viuva, morreu a rabujar.

# OS GATOS



— Até que enfim vamos ser considerados como gente! . . . gritam os gatos, em coro, sabendo da contribuição que sobre suas cabeças vai pesar. Sentidas condolências ao nosso amigo Fialhe d'Almeida pelo enorme imposto que terá de pagar.



PROUZ, DEPOIS DA ALEGRIA, O PANICO DAS FANEÇAS. RAPHAE BORDALO PINHEIRO

# THEATRO DO GYMNASIO VENCIDOS DA VIDA



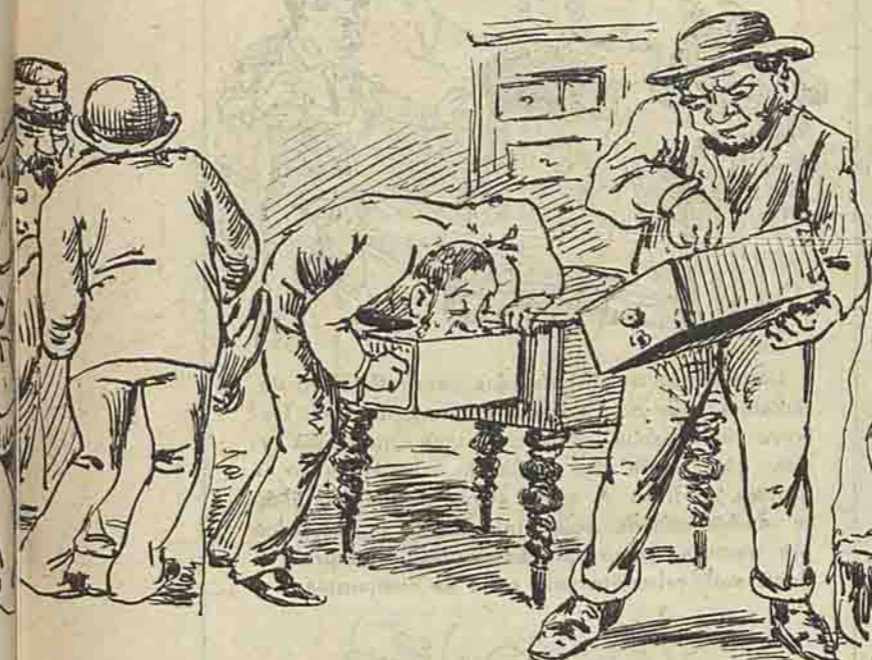
Ruborisada, a Policia poz uma folha de vinha na peça do sr. Abel Acacio. Requite de honestidade foi velar as escabrosidades da peça quando esta já tinha ido de caixa á cova.

# CONSELHOS AOS EX-MINISTROS



Unica maneira de provar que um ministro não rouba:—dar-lhe uma sova,

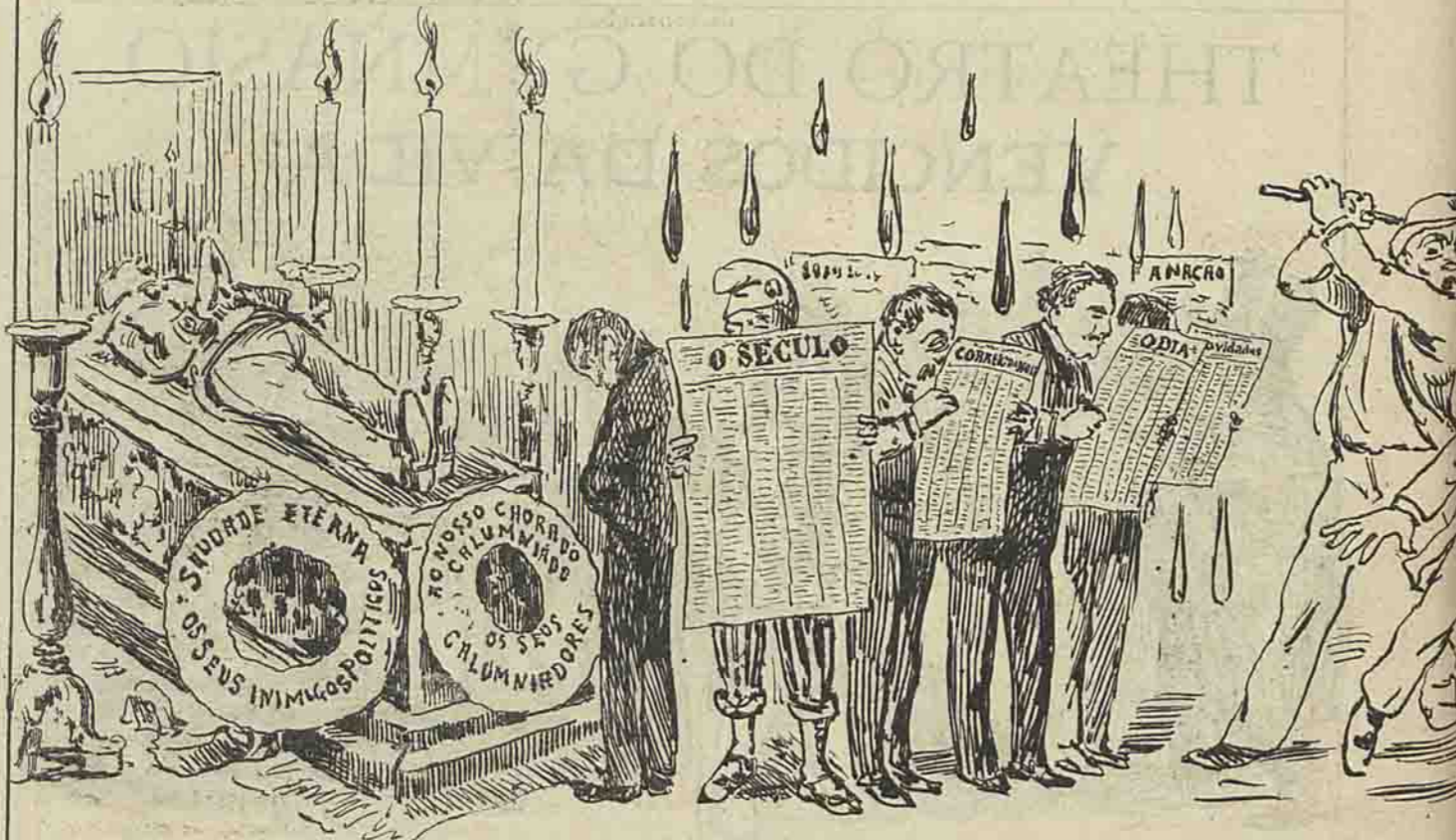
abrir-lhe a cabeça, pol-o ás portas da morte,



ver-lhe depois as gavetas e verificar que esse delapidador da fazenda publica não tem em casa um pataco para adhesivo.



Só assim um ex-ministro consegue a aureola da honestidade.



Outra cousa tem o ministro a fazer para captar a consagração publica:—morrer.



IR PARA OS ANJINHOS

TRISTE  
APHAEL BORDALLI PINHEIRO

Receita para a honestidade; uma sova; para a consagração publica: a morte.

BIBLIOGRAPHIA

INSTITUTO PHOTOGRAPHICO



CAUTINHO COELHO ALMADA  
A NOVA SOCIEDADE

Formulario photographico. Preenchendo uma importante lacuna, n'este paiz onde a arte de Daguerre vae tendo tantos cultores, acaba o Instituto Photographico de publicar um prestante Formulario do qual amavelmente nos foi enviado um exemplar, que, reconhecidamente, agradecemos.

INDUSTRIA NACIONAL



Que os sacerdotes da Gula afinem suas harpas a lhas firm as cordas, e desfillem sob a gloria verde das palmeiras, derramando rosas e levantando hymnos, em honra e louvor de Eduardo Costa, prestigioso Feiticeiro do Paladar, cujas recentes invenções, as bolachas Magalhães Lima e Pimpão, causariam entusiasmo doido, até mesmo no banquete do rei Thule.

Real Colyseu de Lisboa

CARMEN



Consolando os entristecidos pelo prematuro encerramento de S. Carlos, a empreza do Real Colyseu de Lisboa contractou uma companhia lyrica que agora está cantando, com applauso, a Carmen, de Biset. A opera é muito agradavelmente desempenhada pela linda Elvira Lorini, sempre tremula, como um passarinho de lampreia — doce, soffrivelmente pelo resto da companhia.



Quebra cabeças



Quem ouve o flautista?

# SALÃO COMICO

POR

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

(Continuação)



34—Brândão. Almoço do operário.—30\$000 r.

35—Brândão. Champagne e charutos.—20\$000

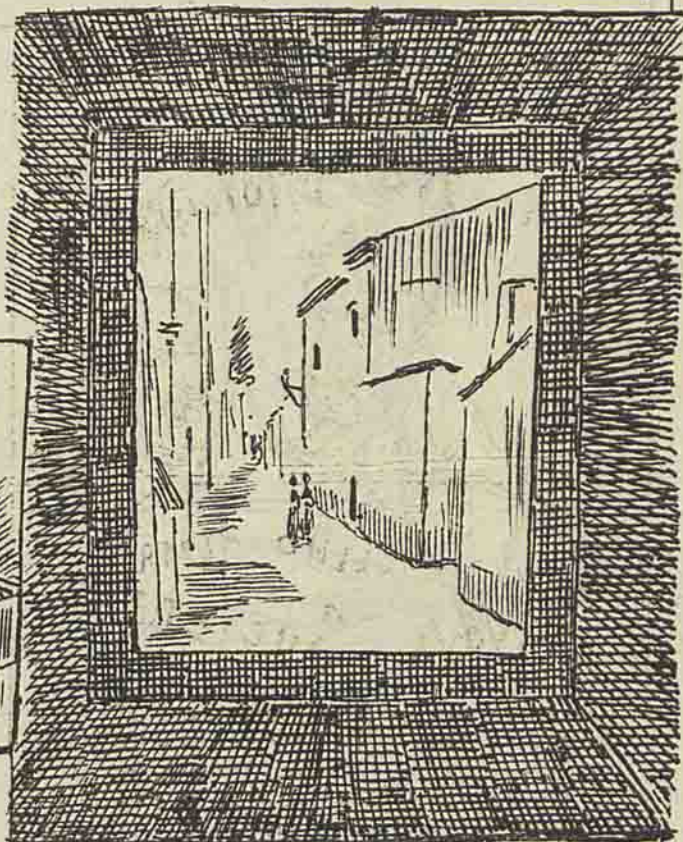
Não percebemos a razão porque uns tristes carapaus e um pedaço de broa custam 30\$000 réis e uma riquíssima garrafa de Champagne, uma caixinha de charutos, uma taça e uma caixa de phosphoros, constam apenas 20\$000 réis.

O quadro 34 foi pintado ainda no tempo bom em que os operarios almoçavam!



37—Malhoa. O almoço para o pae.

O pae que espere, que o «menino da matta» está saboreando a sua cachimbada. Precocidade no vicio.



159—J. Queiroz —Travessa do Valle da Rama. (Villa Viçosa).—Branco, branco e branco. Symphonia em branco maior.

Os quadros de Queiroz parecem pintados pelo sr. Ramalho Ortigão.

Muito fresquinhos, muito lavadinhos, muito branquinhos.

O diabo são as moscas, no verão...



34—Freire (J). Ilha dos amores.—Ora o que está a nympha ali espreitando? E elle lá vem a coxear.

—Se te apanho, se t'agarro!!



**99**—Malhoa. *O Tónico.*—Typo de belleza. Quadro proprio para casa de jantar. É uma especie de aperitivo.



**98**—Malhoa. *Gritando ao rebanho.* O «menino da matta» chamando pelo seu cão Piloto, e o Piloto sem apparecer.



Ribeiro Arthur.—*Official de ordenanças.*  
Un petit Detaille



**60**—Condeixa. *Cabeça de estudo*—Indecisão! Terrivel problems! E' homem ou mulher? Para mulher tem cabelo de menos, para homem tem brinco de mais.



**170**—Rodrigues (Adolpho). *A' porta da taberna.*

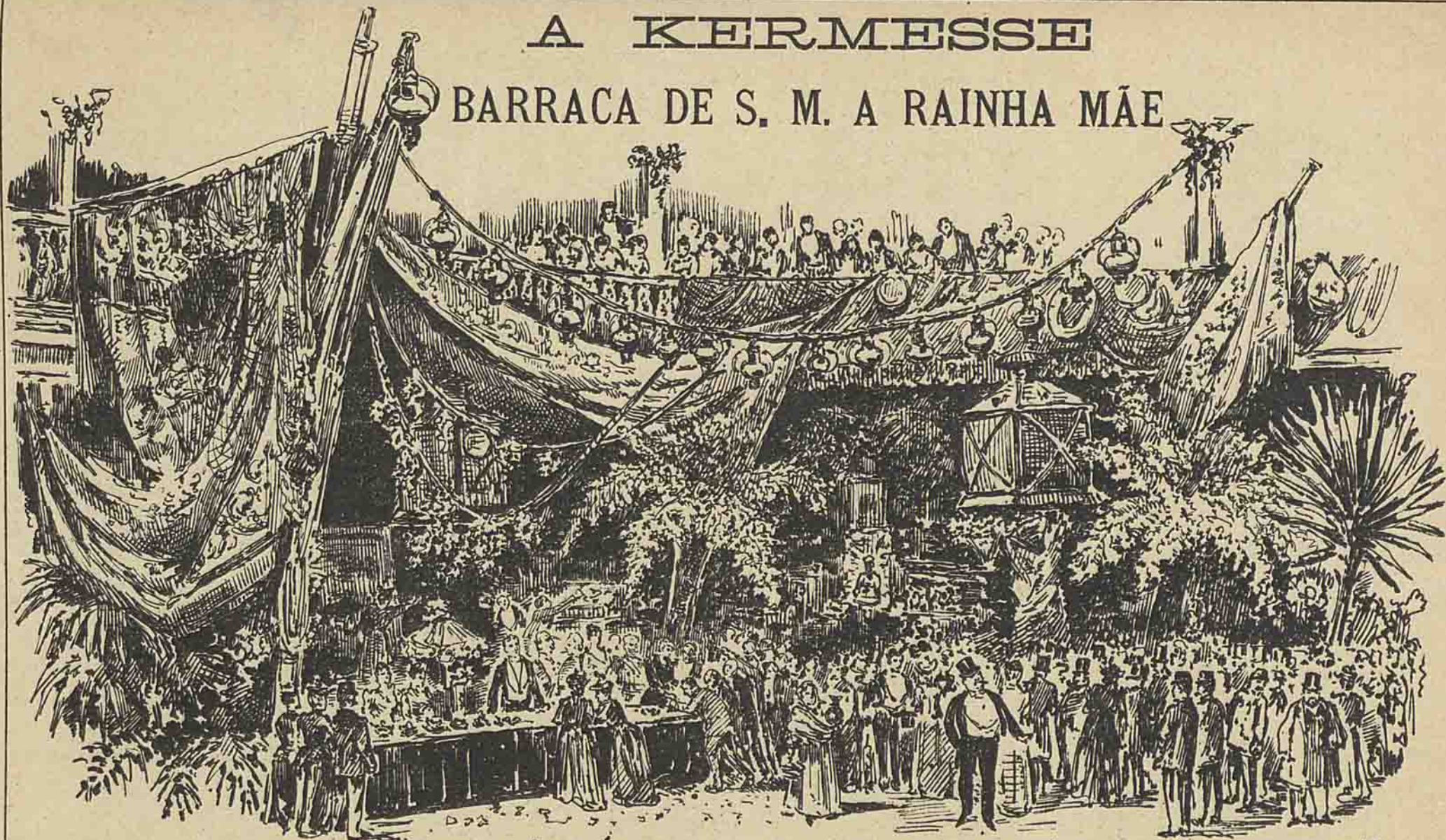
«Quando os meus olhos te viram  
«Estavas tu a assar castanhas.»



**198**—Silva (Almeida) *Questão de textos.*  
—Alberto Durer de trazer por casa.

# A KERMESSÉ

## BARRACA DE S. M. A RAINHA MÃE



Ornamentada por Casanova com uma sumptuosidade de material decorativo—tapeçarias, colchas, brocados e peças marítimas—e um engenho muito para serem notados.

E no meio de toda essa magnificência de cor e de linha, a graça prestigiosa da Rainha Viuva, como uma amethysta n'um esmalte.

RAPHAEL BORRALLO PINHEIRO

## VARIAÇÕES

A kermesse do Colyseu novo não foi como as feiras flamengas por tal nome conhecidas, estrondosas pandegas trasbordantes de animalidade, onde o vinho corre em jêrros de toneis desconformes, como o de Heidelberg; matronas plantuosas com epidermes claras, de manteiga, se deixam abraçar por energicos typos de Van Dyck, loiros d'olho azul profundo; e doidas choreographias se desenlaçam, ao rythmo preguiçoso das cornamusas, e gentes se rébolam pela relva, ás cabriolas e aos apalpões emborcando picheis e bifando beijos, enquanto sóbe no ar lenta a fumarada densa das fritadas.

A kermesse do Colyseu não foi como a de Rubens, uma patuscada de gente grossa, amante de borracheiras e de pouca vergonha: foi uma festa para gente mimosa, de maneiras finas, uma festa cheia de casacas e de sedas maravilhosas, onde se exhibiram gracilidades Luiz XV, e se flirtou, como n'um baile de córte, entre ondulações de leques e bafuradas de perfumes brandos.

Marginando a vasta sala, duas meias luas de barrachs, ornamentadas com uma riqueza unica, resplendentes de setins bordados, de brocateis preciosos, de crysterias, de porcellanas e de lumes, captavam as vistas com o imprevisto das suas sensações e a sua indizível riqueza de côr.

Lá dentro, vendendo *sortes* em velhas salvas de prata, creaturas evidentes no mundo do Sangue e do Ouro, novas na maioria e na maioria bonitas, com perfis de medalha e de camafeu, os cabellos repartidos em bandós, deixando á mostra um claro triangulo de testa, ou erguidos em capacete, loiros uns, outros castanhos, outros pretos, dando ares de Minerva aos respectivos rostos.

E, fervente, atropeladora, uma multidão cerrada convergindo, aos encontrões, da porta para as barracas, dispondo, para lá chegar, d'uma energia e d'uma coragem, que só encontrariam gêmeas entre os nossos antepassados que batalharam em Aljubarrota e em Diu.

\*  
\* \*

Com sinceridade ou por ostentação, a caridade ultrapassou as fronteiras do delirio.

Pagou-se: uma gardenia com um dobrão, uma flauta de champagne com cinco mil reis, rosas com libras, maçinhos de cigarros com diferentes moedas d'esse metal, que é, como o Brazil, uma coisa que já tivemos.

Tilintou ouro, choveu prata; ricos e remediados fizeram loucuras de prodigo; o simoun do dinheiro varreu n'um instante todos os premios, que eram muitos; isto no momento em que o estrangeiro desconfiado hesita em nos emprestar uns insignificantes milhões.

D'esta arte, forasteiro que por aqui passasse, e visse o aspecto rico, a faiscante opulencia da kermesse, tomaria Portugal por um disfructador, por um gracioso millionario, amigo de fingir o que não é, exactamente como nós tomaríamos o sr. duque de Palmella, se nos constasse que o illustre capitão da guarda real tinha contrahido um emprestimo de cem mil réis para pagar a conta do seu alfayate.

\*  
\* \*

No palco, revesando-se, uma musica d'orchestra, um bando de guitarristas e uma banda marcial tocavam.

Umaz vinte e cinco mulheres da Beira, dançando, cantavam cantigas rusticas.

Mas de todas estas quatro theorias orpheicas, regida pelo opulento Gaspar, destacou-se, singularmente, a banda militar, que, n'uma larga eloquencia instrumental, com amplas sonoridades de trompas, trombetas, saxophones, clarinetes e clarins enchia o circo d'um glorioso halito de alegria d'enthusiasmo, de florescencia, de qualquer coisa como um regresso de batalha antiga ou como a aclamação d'um Pharaó

\*  
\* \*

Foi esta festa promovida por Sua Magestade a Rainha Pia, a pallida Senhora de cabellos ruivos cuja barraca, protegida de sumptuosas tapeçarias, tão procurada era dos humildes, sobretudo, que para lá corriam levados por uma curiosidade tradicional e resistente a todos os jacobinismos, e por um palpito de milagrosa chança.

Sentada ao balcão, vastida de negro, com o seu ar dominante e svelto, de planta de estufa, ninguém como Ella soube ser incansavel e amavel de risos para todos, mas para os simples de preferencia, como ninguém como Ella sabe dar á caridade uma feição tão artistica, tão larga, tão destacada, tão opposta á reles mesquinheria das funcnatas philanthropicas usadas n'esta era de camelote.

Eu.

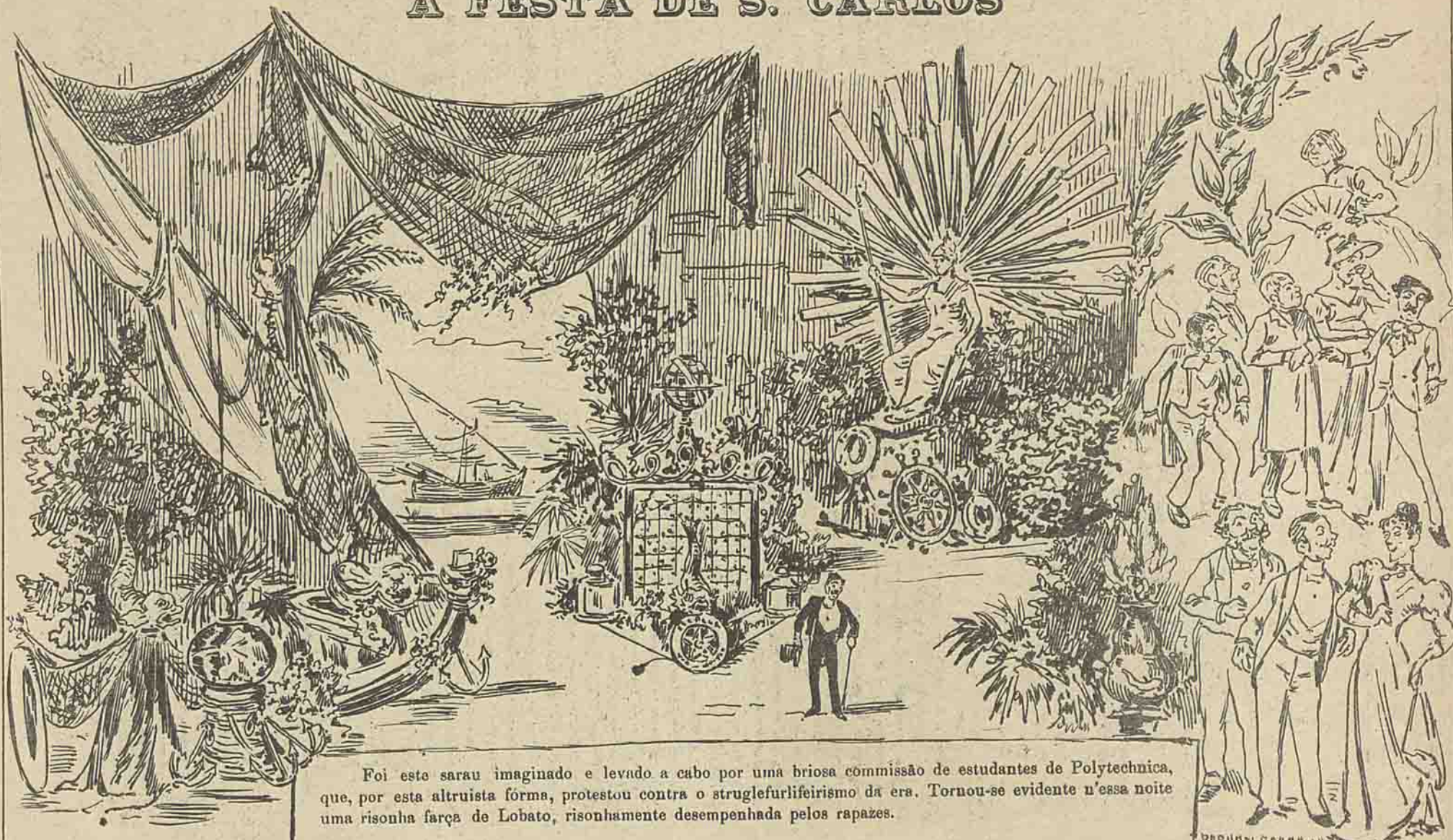
## ADEUS!

Ai! adeus acabaram-se os dias  
Que ditoso vivi a teu lado,  
Por mais tempo aqui ter-me podias,  
Se do Congo o sabão tens usado!

Saboaria Victor Vaissier, Paris



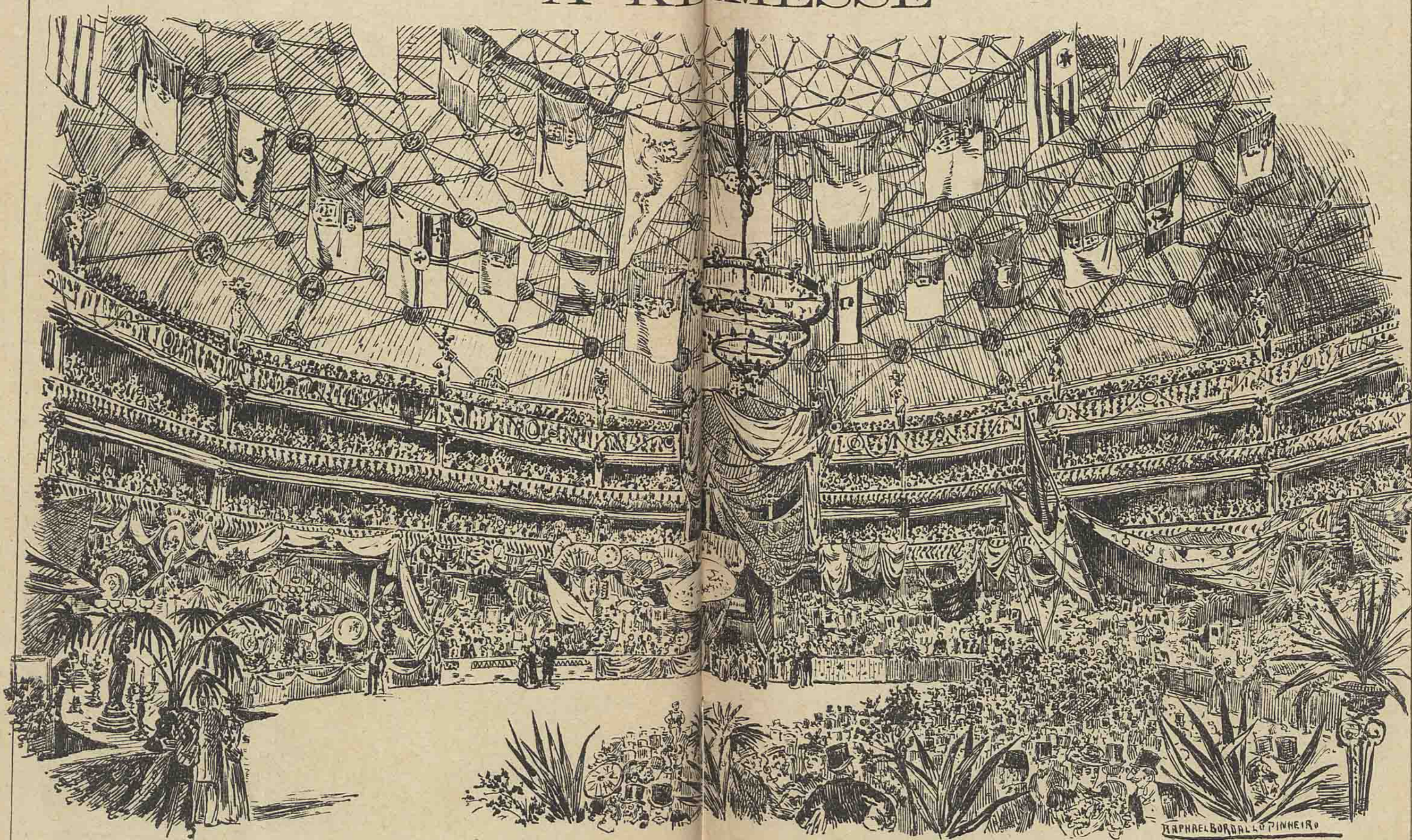
# EM BENEFÍCIO DOS POVEIROS A FESTA DE S. CARLOS



Foi este sarau imaginado e levado a cabo por uma briosa comissão de estudantes de Polytechnica, que, por esta altruista forma, protestou contra o struglefurliceirismo da era. Tornou-se evidente n'essa noite uma risonha farça de Lobato, risonhamente desempenhada pelos rapazes.

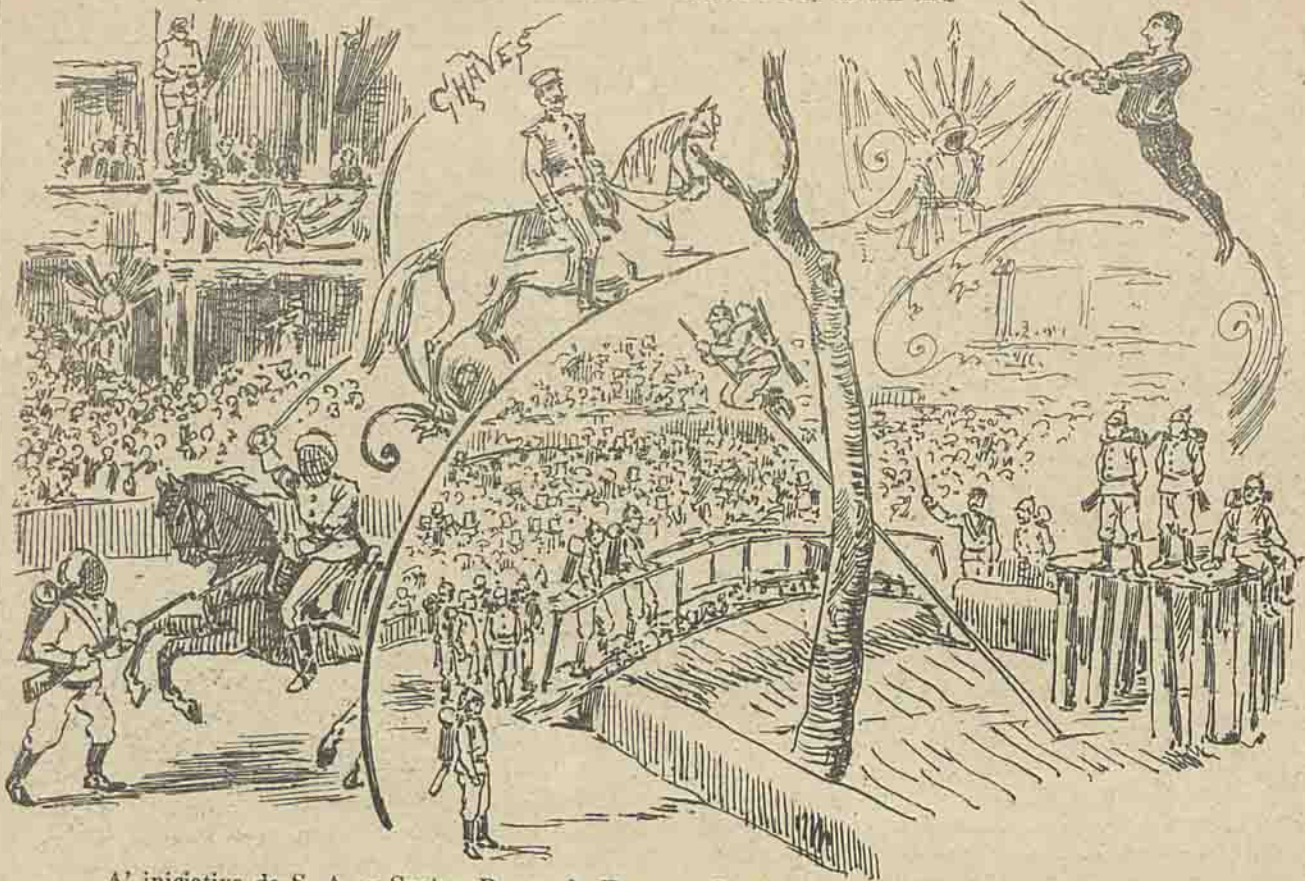
RAFAEL BOKALUPTA

# A KERMESSE



Aspecto geral. Desenho feito, com acrescimos, sobre uma magnífica photographia de Bobone.

# A FESTA MILITAR



A' iniciativa de S. A. o Senhor Duque do Porto se deveu a realização d'esta festa d'um raro sabor, d'um imprevisto pittoresco. Entre os exercicios militares lá exhibidos singularisaram-se, com fartos applausos, a passagem d'um rio e o duello entre um cavalleiro e um peão, exercios que, embora prejudicados pela estreiteza do recinto, foram contudo do mais surprehendente effeito.

## A KERMESSE

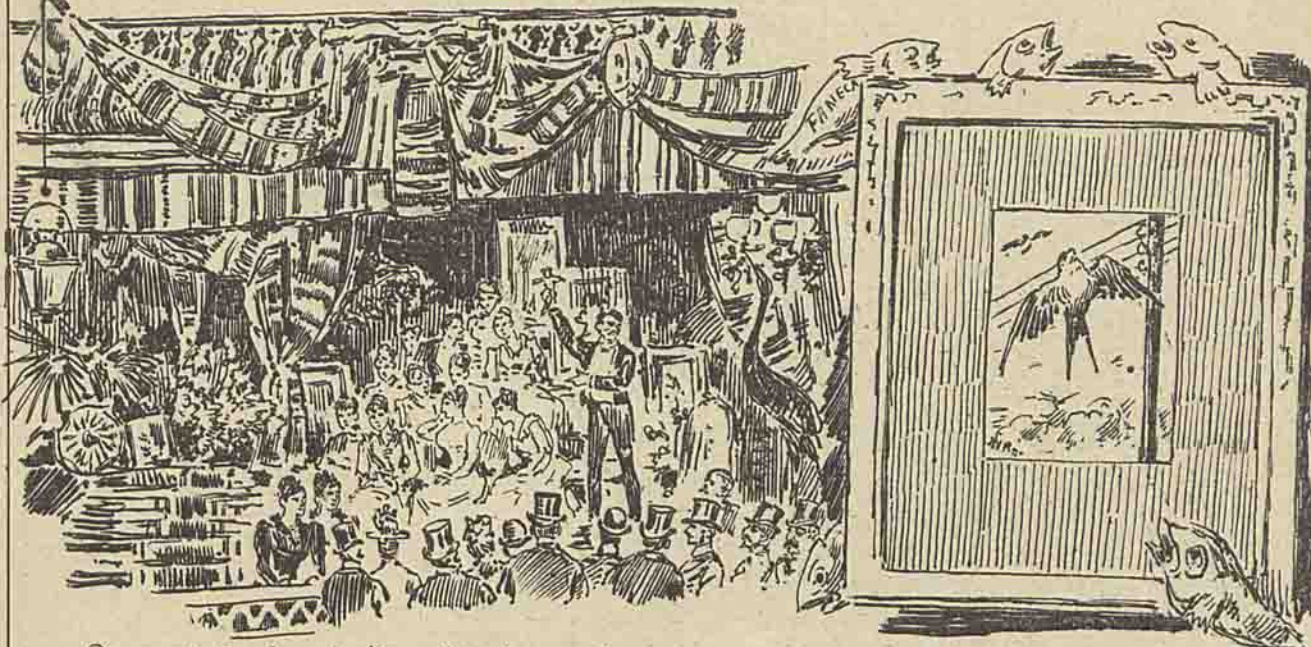
BARRACA DA SENHORA CONDESSA DE BURNAY



Gastos os bilhetes, abriu-se n'esta barraca uma pesca de premios, que, como a pesca milagrosa relatada no Novo Testamento, produziu os mais inesperados resultados. De longe, quem ignorasse o ideal dos anzoes, julgaria que uma corrente d'agua passava dentro da barraca: e a reforçar esse julgamento as vendeiras e os vendedores movendo-se, adentro da barraca, com gentilezas de nereides e de tritões.

## A KERMESSE

Barraca da senhora condessa de Penalva d'Alva



Ornamentação de cobrejões alemtejanos e de utensilios de lavoura. Contrastando com o ar rustico da decoração, um cacho de mimozas pessoas femininas, que no pequeno amphitheatro iam tomando o logar dos premios desaparecidos, com supremo regalo dos que paravam defronte.

Uma aguarella de S. M. a Rainha, a Senhora D. Maria Pia. Pelo conde de Alto Mearim foi arrematado este bello e viçoso trabalho que largamente confirma as largas aptidões artisticas da sua Auctora.



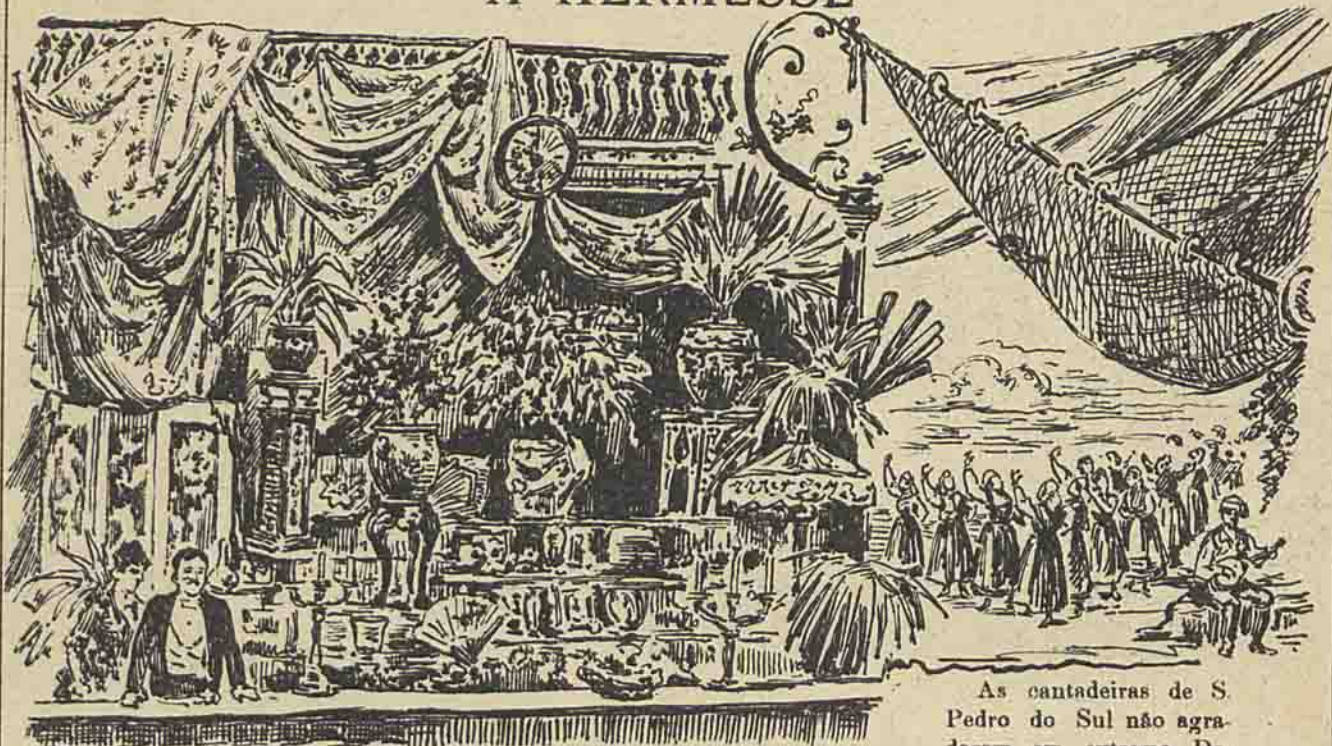
BARRACA DAS «NOVIDADES»

Decorada com artefactos nacionaes. Aguçando ambições (a ambição, aqui, casava-se com a philantropia), era incalculavel a multidão que corria para esta barraca, a jogar nos cavallinhos de flandes, engenho que mereceu as melhores graças do publico.



Por intermedio da bem nomeada florista do Chiado, recebemos de S. M. a Rainha D. Maria Pia um delicioso cabaz cheio de extemporaneos e preciosos fructos, dignos de serem merendados por uma Infanta de Legenda, e que para nós foram, pela sua raridade, como um sol á meia-noite, como uma chuva d'estrellas ao meio-dia.

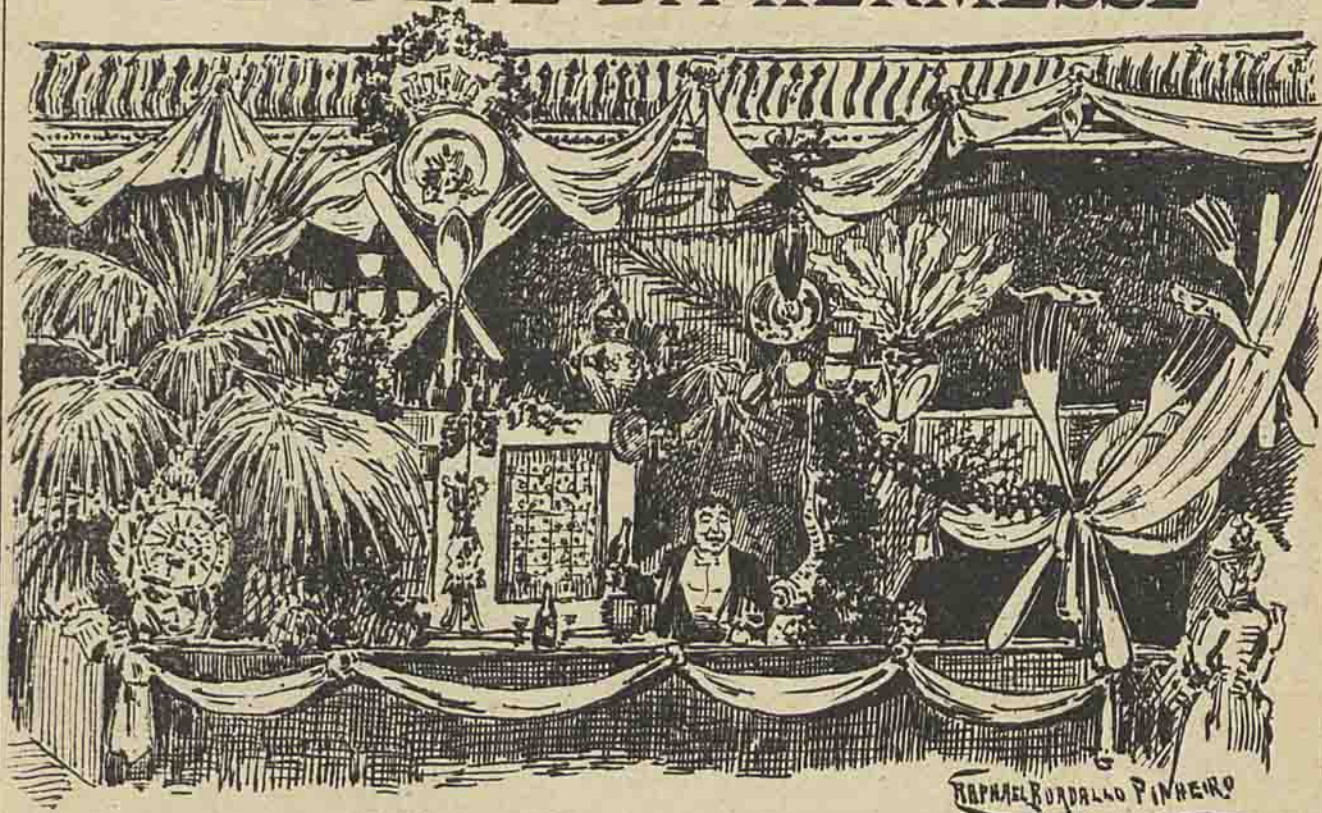
## A KERMESSÉ



Barraca da senhora condessa de Valbom. Uma inaudita riqueza de matizes recamando as sedas decorativas e não menos ricos matizes de graça expendidos pelas finas senhoras que lá vendiam.

As cantadeiras de S. Pedro do Sul não agradaram em extremo. Demasiado rusticas, no meio das finuras da kermesse, foram como um carapau frito n'um prato de Sévres.

## O BUFETE DA KERMESSÉ



RAPHAEL RODRIGUES PINHEIRO

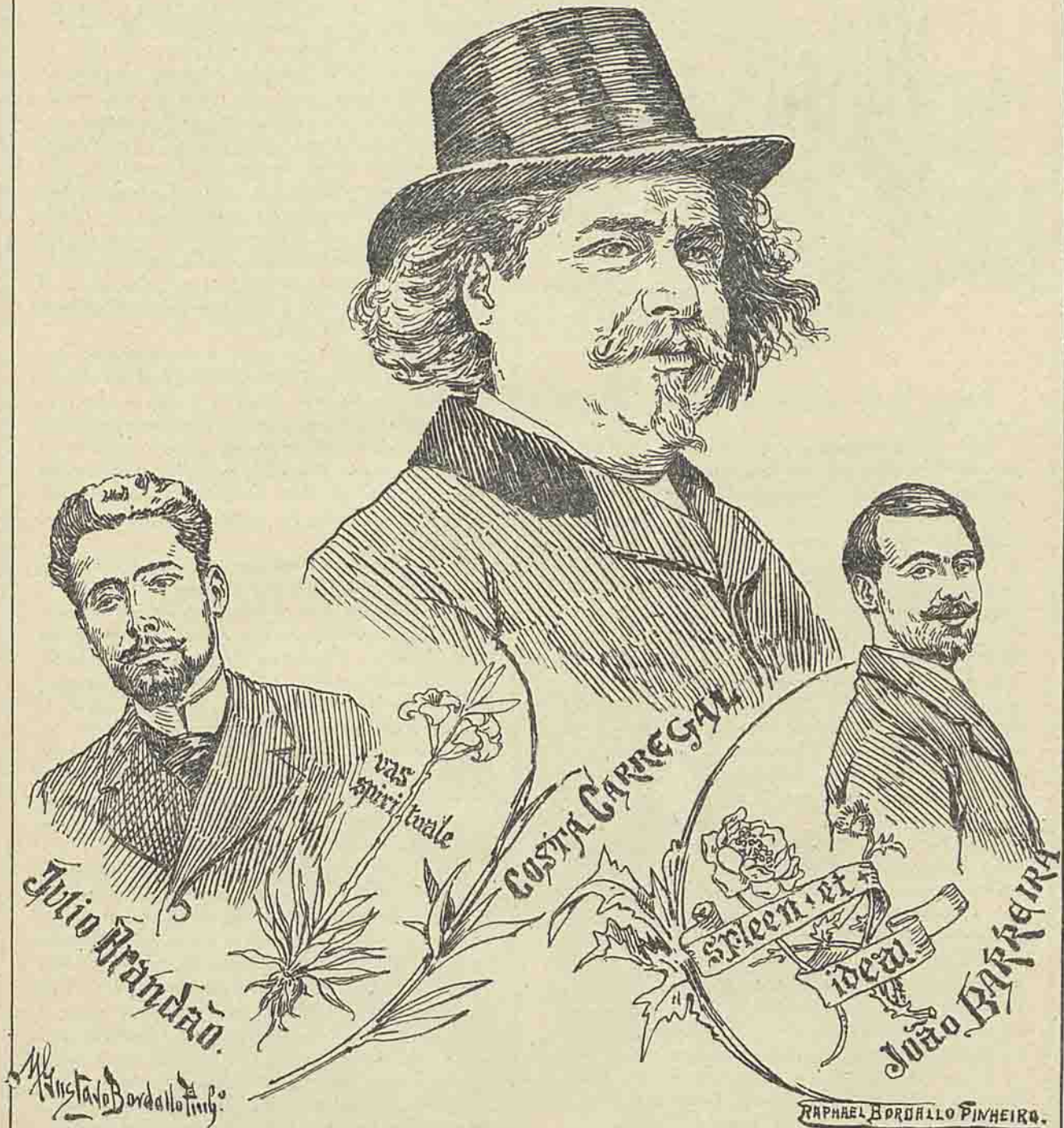
Por um melindre facil de perceber cohibimo-nos de apreciar a ornamentação do bufete, mas não podemos nem queremos deixar de agradecer a collaboração que n'ella teve o incomparavel artista Frederico Augusto Ribeiro, collaboração que foi a mais prestimosa e desinteressada collaboração d'amigo.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sêde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia Lusitana, R. do Ferregial de Baixo, n.ºs 36 a 40.

Typographia Costa Sanches Filhos — Calçada do Sacramento, 38 e 48

## LITTERATURA NOVA



Maravilhosamente impressos sob os lucidos dictames de Costa Carregal, com uma saborosa apparencia archaica d'ecucologio, dois livros de dois incipientes letrados do Porto appareceram ha dois dias: o *Livro de Aglais* por Julio Brandão, *Gouaches* por João Barreira, o primeiro em verso, o segundo em prosa, ambos de sabor moderno, ambos mordidos de talento. Incondicionaes louvores devem ser prestados a estes dois Novos, que, despresando os incensos da gloria facil, anseando por uma nobre remodelação artistica, partem, cheios de esperança, procurando o Inedito, o Raro, o Virgem, e engrossando assim a doirada flotilha cujos galeões foram, entre insultos e rancores, os dois livros *Oaristos* e *Horas*.



Semana Santa: semana de adoração, recolhimento e paz.

Uns por arreigada crença, outros por arreigado habito, outros por um bem motivado principio de reacção contra a aspereza das modernas negações philosophicas, vestidos de velludo ou de farrapos, de cabellos loiros ou de cabellos brancos, misturadamente, sem distincções, durante toda a semana, longos grupos teem formigado pelas egrejas, onde, entre estrellhamentos de cirios, bafordas de incenso e flôres de primavera se commemora o martyrio do moreno Rabbi d'olhos doces que, com seus cabellos apartados ao meio, descalço, vestido de branco, a cabeça rodeada d'um halo d'ouro, andou por terras da Judeia pregando o amor, a paciencia e a caridade, e foi crucificado ao pé de Jerusalem, insultado e ferido pela soldadesca romana, e unguido de balsamos por piedosas mãos.

A velha crença d'outras eras, crença funda, severa, inflexivel, que levava todos estes sete dias em extenuantes jejuns, longos recolhimentos d'alma e apertadas penitencias, essa crença tem-se desbotado, amarellecido, enfraquecido, está uma anemica, uma tuberculosa, parece reclamar a todo o momento ferro ou Serra da Estrella. Mas, tuberculosa ou tísica, ainda não morreu. E se os cilicios já não flagellam as carnes, se as vigílias e as fomes procuradas já não quebram os corpos, se as largas meditações e o isolamento já não exaltam os espiritos, a existencia da velha doente é manifestada, ao correr da semana, por uma suspensão de paixões, de pequenos interesses. Apeiam-se as vaidades, exilam-se azedumes e malquerenças.

Vamos com a onda. E pois que a semana é toda de intuitos pacíficos, sejamos pacíficos, guardemos os inoffensivos alfinetes com que aqui costumamos prender as borboletas da evidencia, e sem melindrar creaturas, sem beliscar ideias, fallemos hoje, como o Rabbi fallava, parabolicamente.

Conta Petronio que houve em Epheso uma veneranda Matrona cuja pura, inimitavel fidelidade para com o respectivo homem era a mais singular maravilha da cidade. Fabulosamente linda, requestada até pelos mais castos, ninguem como ella tinha uma tão alta comprehensão da honestidade conjugal, ninguem como ella sabia tão victoriosamente resistir aos galanteios, ás promessas e ás ameaças dos libidinosos. Ouro em pó, joias, tecidos e perfumes, — todas as armadilhas geitosas para enredar corações femininos, — jámais lograram desviar-a do seu caminho. De muito longe, por caminhos incultos, sob inclemencias de sol e chuva, mulheres e homens iam visital-a com o respeito e a veneração com que nos tempos doirados da fé osromeiros corriam a visitar o Santo Sepulchro e o Jardim das Oliveiras.

Morre o marido. No auge da desesperação, arrependendo-se e dilacerando os seios com as unhas, despediu-se a desolada viuva de todos os parentes e conhecidos e, acompanhada d'uma serva leal, desceu á caverna onde havia sido posto o cadaver do homem, no firme proposito de se deixar morrer de fome e de sede ao lado de quem tão inolvidaveis requintes de dedicação e fidelidade lhe merecera em vida.

O caso foi larga e admirativamente spregoado e todos diplomaram de santa a honesta Matrona.

Por essa occasião a justiça d'Epheso fez crucificar tres malfeteiros n'um campo proximo á funebre caverna. Havia tres dias que a viuva se estava deixando morrer á beira do defunto amado, quando, por uma noite d'astros, a curiosidade d'um soldado que estava guardando os crucificados, foi despertada pelo brilho d'uma luz que parecia sahir da terra. Correu o soldado para o luminoso sitio e, chegado lá, deu com o famoso sepulchro onde a ama e a serva estavam quasi agonisantes, sempre juntas do cadaver infecto do homem.

Depois de largas instancias, de persuasivos argumentos, deixou-se a serva vencer pelas palavras do soldado e aceitou os alimentos que este caridosamente lhe offerecia e que magrosamente a revigoraram. Mais difficil foi vencer a resistencia da viuva. Mas com a eloquencia do marcial desconhecido, com as supplicas da creada e com a ideia não de deixar de cumprir o seu voluntario martyrio mas de o prolongar e portanto de o tornar mais penoso, resolveu-se a matrona a tomar uma pequena refeição que, como acontecera com a creada, lhe deu novas forças. Os tres sentaram-se em torno do cadaver e, á luz ruiva d'uma lucerna, começaram a parlamentar sobre a fragilidade das humanas coisas.

Quando o sol nasceu, e havendo promettido que voltaria ao anoitecer, partiu o soldado para o seu posto, enquanto as duas ficavam discutindo os eucantos physicos do caridoso moço que as salvara.

Abreviando: o soldado voltou, como promettera, levando novas provisões, e d esta vez a bocca da viuva não só se abriu ás saborosas comedorias offerecidas pelo namorado guarda, como tambem sedecerraram aos beijos do mesmo. Entretanto, emquanto o sepulchro era assim transformado em téca de amorea, o cadaver d'um dos crucificados, foi roubado da respectiva cruz. Saben lo tal, correu o soldado a buscar um pauhal, disposto a acabar com a vida para assim fugir ao castigo que, pelo seu desleixo, não tardaria a cahir sobre a sua cabeça.

Tocada com a justa afflicção do soldado teve a viuva uma engenhosa idea. Com o auxilio da serua conduziu ao sitio onde os tres malfeitos haviam sido suppliciados e pregou na cruz expoliada o cadaver do marido.

Assim occultou o roubo, assim o soldado escapou ao castigo, graças á inicistiva da virtuosa Matrona.

\* \* \*

Moralidade: o ministerio actual é na politica e que a Matrona d'Epheso foi na lealdade conjugal.

Es.

## ÁS MÃES

O' carinhosas mães que tanto estremeceis  
Os filhinhos gentis, os fructos dos amores,  
Layae-os com sabão do Congo e vél-os lieis  
Junto de vós crescer formosos como flôres!

Saboarda Victor Vaissier, Paris

## JURIEN DE LA GRAVIÈRE

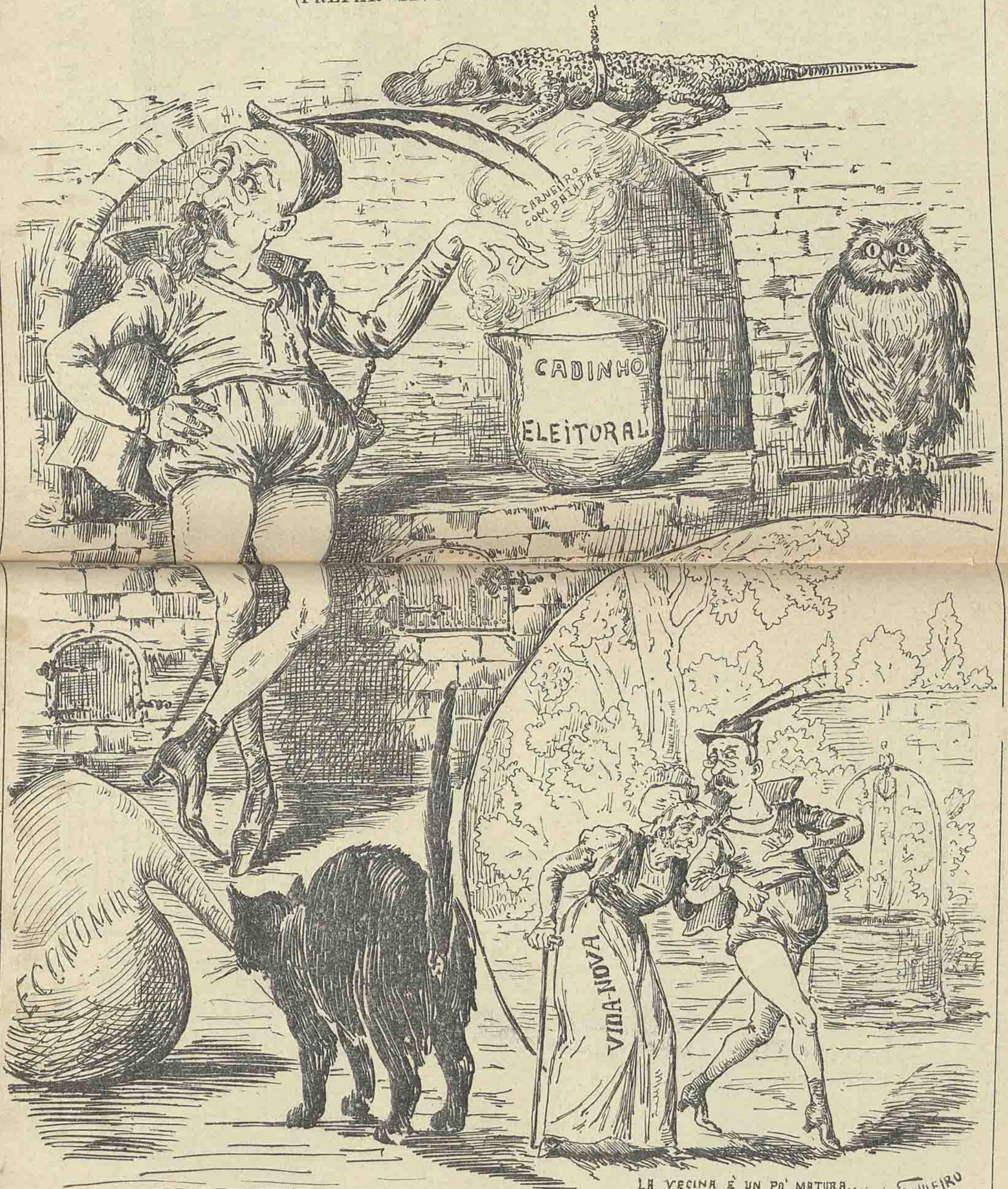


O vice-almirante Jurien de la Gravière, membro da Academia franceza e da academia das sciencias, e que ha pouco falleceu em Paris, foi um notavel historiador maritimo. Em duas das suas obras—*Les marins du XV<sup>e</sup> et du XVI<sup>e</sup> siècle*,—*Les anglais et les hollandais dans les mers polaires et dans la mer de Indes*—erguem-se altares aos antigos portuguezes, e com um tal amor e um tão grande respeito religioso que nos maravilha, tão habituados estainos a ser amesquinhadados por estrangeiros, quando não diffamados. Eis porque o Antonio Maria presta derradeira homenagem de respeito ao vice-almirante francez—porque foi sempre um dos grandes admiradores do velho Portugal.



# O NOVO MEPHISTOPHELES

(PREPARATIVOS PARA AS ELEIÇÕES)



LA VECINA È UN PO' MATURA...

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Terceiro acto do FAUSTO: no jardim de Margarida.

# THEATRO DE D. MARIA

## GRISÉLIA



Por uma successão de imprevistos contratempos só hoje nos é possível signalar a representação d'este *mysterio*, delicia de peça theatral, cheia de ingenuidade, de sabor legendario, como um vitral gothico onde as imagens se movessem, como uma illuminura le evangeliario cujas figuras tivessem vida, peça que, a despeito das suas altas qualidades de imaginação, e da arte com que está tecida, só logrou alcançar do publico lisboeta, desdens e odios. A peça caiu: n'isto está, ao que nos parece, um dos melhores titulos de gloria da *Grisélia*, cuja esmaltada e brilhante traducção, feita pelo nosso amigo o conde de Monsaraz, acaba de apparecer n'um svelto volume.

# OS RAPADINHOS



Por ordem superior foram deitados abaixo os bigodes dos policiaes secretos. D'esta arte se explica o fundo terror com que ultimamente tem sido olhados pela malandragem de Lisboa, os nossos amigos acima desenhados



## Theatro da Trindade—Primeira do TIO CELESTINO

Peça muito alegre e engraçada um optimo trioleto e um piano interminavel parecido com o do meu visinho.

# HOMENS DA SEMANA

## O VALLE



Sabbado ultimo, no Gymnasio, beneficio do Valle com *A filha do regedor*, peça tilintante de lusitana graça, composta pelo sr. Campos Junior. Em materia de desempenho, notabilisou-se o trabalho de Jesuina, o de Silva Pereira, e—destacadamente—o do alegre Valle, do Valle alegre como um *vale* do correio, do Valle que transforma em *valle* de risos os theatros d'este *valle* de lagrymas, do alegre Valle que não devia chamar-se o Valle do Gymnasio, mas sim o Valle da... Alegria.



Offerecido pelos srs. conselheiro Mattoso dos Santos, visconde de Gomiei, Miguel Braga e Gaspar da Silva, em honra do conde do Alto Mearim, realisou-se, quarta feira passada, um grande jantar no *Hotel da Avenida*.

Estiveram n'esse banquete algumas das mais notaveis individualidades portuguezas, homens de todas as procedencias politicas que, banidas divergencias d'opinões, n'uma larga communhão de sympathia pelo illustre e benemerito presidente do Lyceo Litterario do Rio de Janeiro, quente e unanimemente o festejaram. Jantar de primeira agoa, durante o qual permanentemente se reconheceu o miraculoso dedo do velho Matta—o primeiro cozinheiro portuguez.

A Gaspar da Silva que n'esse banquete nos honrou com o mais amavel brinde, a expressão do nosso mais alto reconhecimento.

# OIGRADECEMDO



A todos os artistas que collaboraram no programma do torneio, amavelmente offereceu S. M. a Rainha D. Amelia preciosos alfinetes d'oiro trabalhados p'lo joalheiro Leitão.

Pelos dois com que S. M. nos honrou, o nosso mais fundo, mais sentido agradecimento.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
 Augusto Jordão de Sá

Tocada pela deploravel situação dos operarios da Fabrica de Faianças das Caldas, ha longo tempo sem trabalho, do producto da kermesse tirou S. M. a Rainha Viuva a quantia de duzentos e vinte e cinco mil réis que generosamente nos enviou para serem distribuidos por aquellas bem pouco felizes creaturas.

E' com suprema alegria que aqui registramos e commovidamente agradecemos a levantada acção da caridosa Rainha.

# O TORNEIO



Domingo, no hippodromo de Belem, sob um ceo de rebuçado e torquesa, realisou-se o torneio promovido com caritativos intuitos por S. M. a Rainha D. Amelia.

Sahindo da commum vulgaridade dos espectaculos philantropicos — representações por amadores, saraus musicaes, bazares, — teve esta festa um feitio inedito, um imprevisto perfil, uma rara feição de linha e côr. E embora a reconstituição não fosse d'uma pureza sem tara, d'um absoluto rigor, quem lá foi, inda que vaga e artificialmente, viveu um trecho de vida antiga, sahio da trivialidade d'esta era de chapeo alto e collarinho postiço para a era galante das casaças de seda, dos hofes de rendas e dos bicornes arminhados, foi transportado aos dias mortos da gracilidade, das mapeiras finas, transporte que, para as almas complicadas, para as almas de requinte, que a aspereza do tempo faz soffrentes, foi o mais delicioso, como um sonhado passeio nos jardins de Babylonia, como um mez de ferias na Lua.

O sol queimava. Nos restolhos que circumdam o hippodromo, oiros e cores ardentes de uniformes marcias clangoravam. E os metaes das charangas, clarins, trompas e cymbalos, explosiam n'uma assumptione de triumpho, como repuxos de cravos vermelhos e de girasoes. Crescia a maré dos risos e das vozes. Chovia oiro. Nas tribunas embandeiradas, claras polychromias de toilettes agaloadas com galões metalicos e orvalhadas de pedrarias, lequez e plumas arfantes, e rosas e lilazes fanando-se ao calor.

Quatro da tarde.

Na tribuna entram Suas Magestades, na arena entram dois cavalleiros pedindo licença para comecar o torneio. Escalda. Conduzida por moços sumptuosamente fardados, uma azemola branca, coberto o dorso por uma maravilhosa colcha de velludo carmezim bordado a oiro, apparece, carregada de lanças de roca, cannas, dardos, alcanzias e outras peças.

Composta de seis trombetas e de dois timbales chegam as charamellas, e logo a traz, cada um por seu lado, os dois fios, explendentes de brocados, velludos, sedas, setins e plumagens. Os dois estandartes flamejam como labaredas. Alinhados, saudando com os bicornes, os cavalleiros param em frente da tribuna real. Charangas e charamellas vibram. De sob as patas dos ginetes erguem-se nuvens de poeira doirada.

Começa o Carroussel:

O Duque do Ferto, sanguineo e loiro, todo vestido de velludo verde, sae da sua fileira n'um galope airoso, e, circulando em torno d'um pagem que lhe dá uma lança de roca, vae com esta enfiar, em certo arremesso, uma argolinha de metal brilhante.



Cascata d'applausos. O infante circula em torno d'outro pagem, que lhe dá um dardo: fendendo o ar, o dardo vai cravar-se n'um quadrado de madeira, onde, nimbada de serpentinos cabellos, uma cabeça de Medusa está pintada. Novo Niagara de applausos. Circula depois em torno d'um terceiro pagem que lhe dá uma pistola: um tiro derruba a cabeça de Polyphemo. Parte por último em des-



abrida carreira e todo debruçado para a direita, quasi rasando o chão, espeta com a espada uma cabeça de turco. Tempestade de bravos e de pal-



mas. Como um incendio de som, as musicas ardem na atmospheria polvilhada de sol. E d'uma e d'outra fila, os outros cavalleiros correm a repetir os mesmos jogos, e acabam pela *escaramuça de cadeia dobrada*, cruzando as espadas faiscantes como sardinha fresca.

Terminada a primeira parte do torneio.

\*  
\* \*

Começa a segunda parte com o jogo das *avanzias*, bolas de barro cheias de flores. Atiradas por um cavalleiro vão partir-se no escudo d'outro, e partindo-se, são como amendoeirinhas ao vento. De-

pois a *corrida aos pombos*, que voam, brancos, partidos a golpes de lança os vasos onde estão presos.



Vem em seguida o *jogo das cannas*, apoz o



*da rosa* singularmente movimentado, curiosamente seguido por todos os olhares, e por fim, já o dia esmorece, a *corrida ao estaferno* que com o *chambre* procura castigar o cavalleiro que o alanceia.



Quasi noite. As musicas não cessam de tocar. O vento da tarde agita n'uma ondulação de gloria, as bandeirolas e os lábaros dos pavilhões.

Caminho de Lisboa, entre cerradas alas de curiosos, partem tipoias, cavallos, americanos, prenhes de gente, n'uma corrida doida.

Assim, em plena miseria, n'estes dias de pelintrice, de fome, de franciscana pobreza, vimos momentaneamente ressuscitado o fausto, a opulenta grandezza d'outros tempos, tempos d'ouro e de gloria, do tempo em que os reis passeavam em coches grandes como bazilicas, preciosos como altares, e as minas do Brazil inundavam os thesoiros, e os brilhantes se contavam aos quartilhos.

Assim, em plena penuria, vimos o espectro da mais ampla riqueza. O torneio foi como um baile n'uma casa hypothecada.

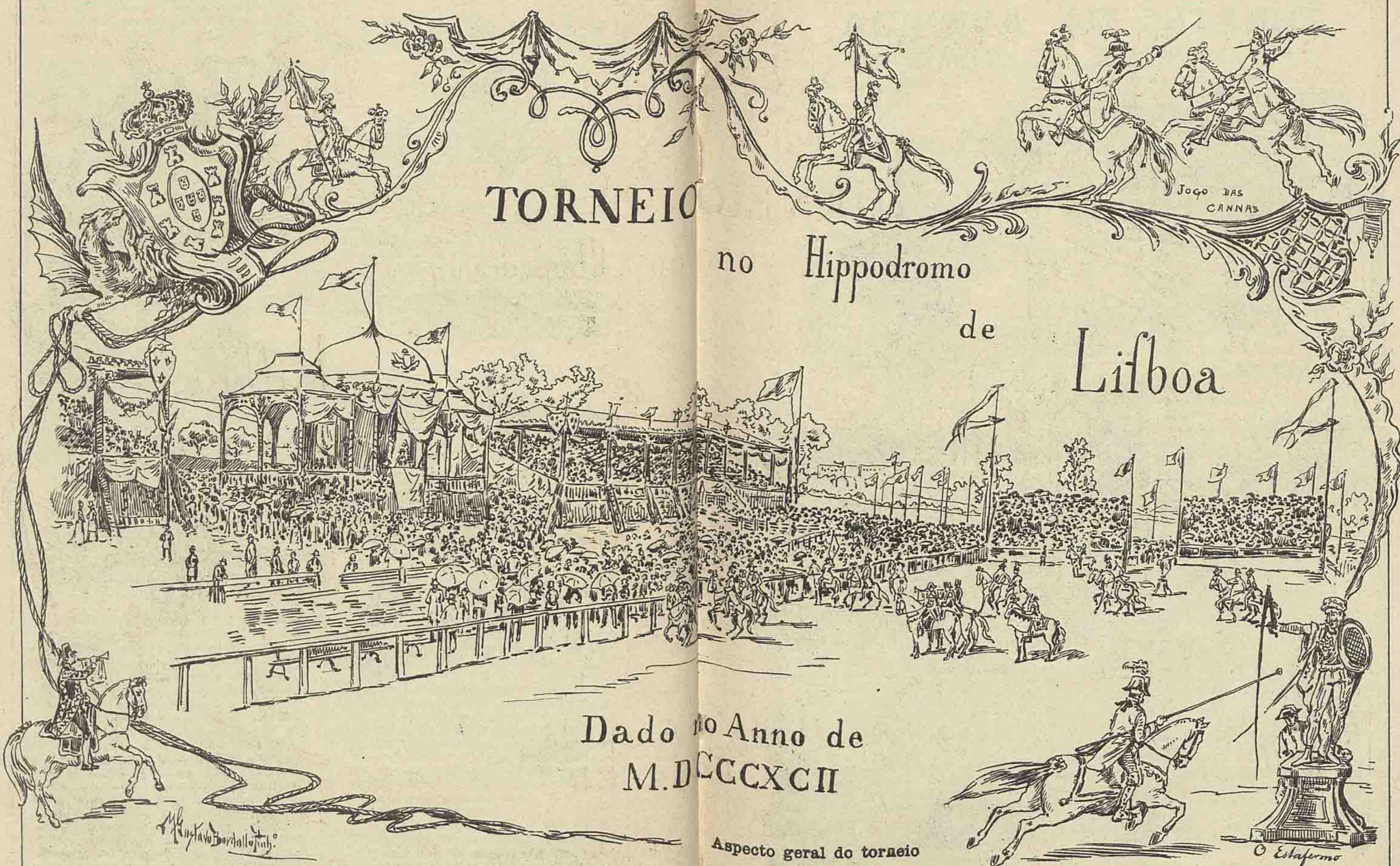
Eu.

# TORNEIO

no Hippodromo

de

# Lisboa



Jogo das  
CANNAS

Dado no Anno de  
M.DCCCXCII

Aspecto geral do torneio

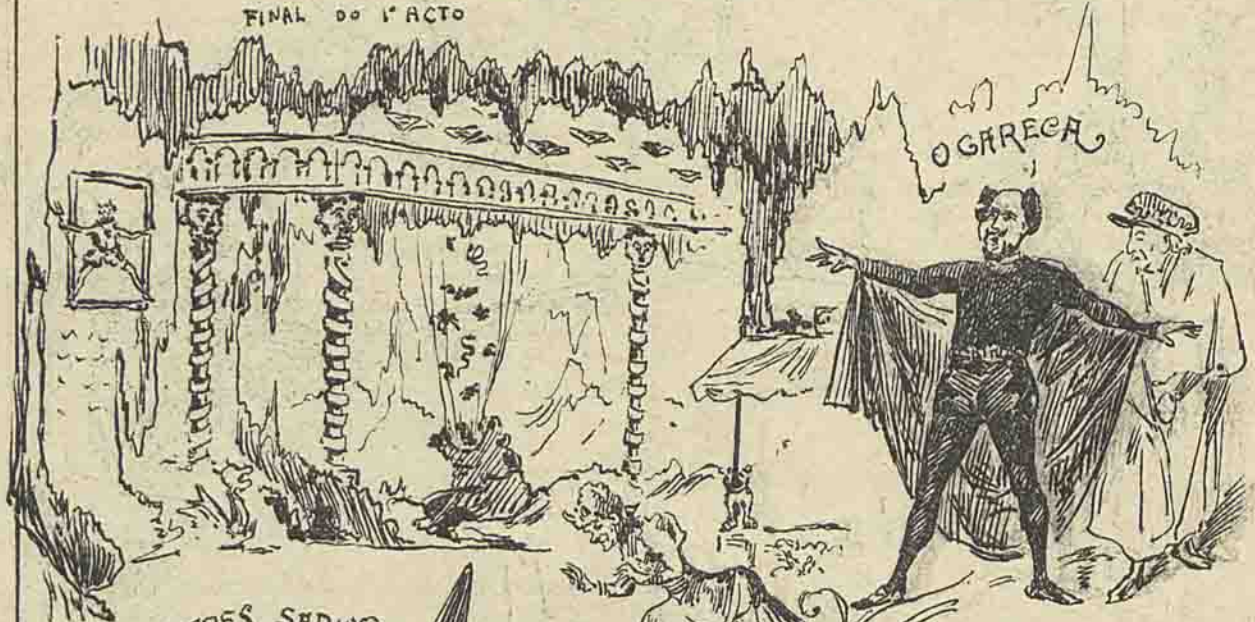
O Estafermo

Augusto Bordallo Pinheiro



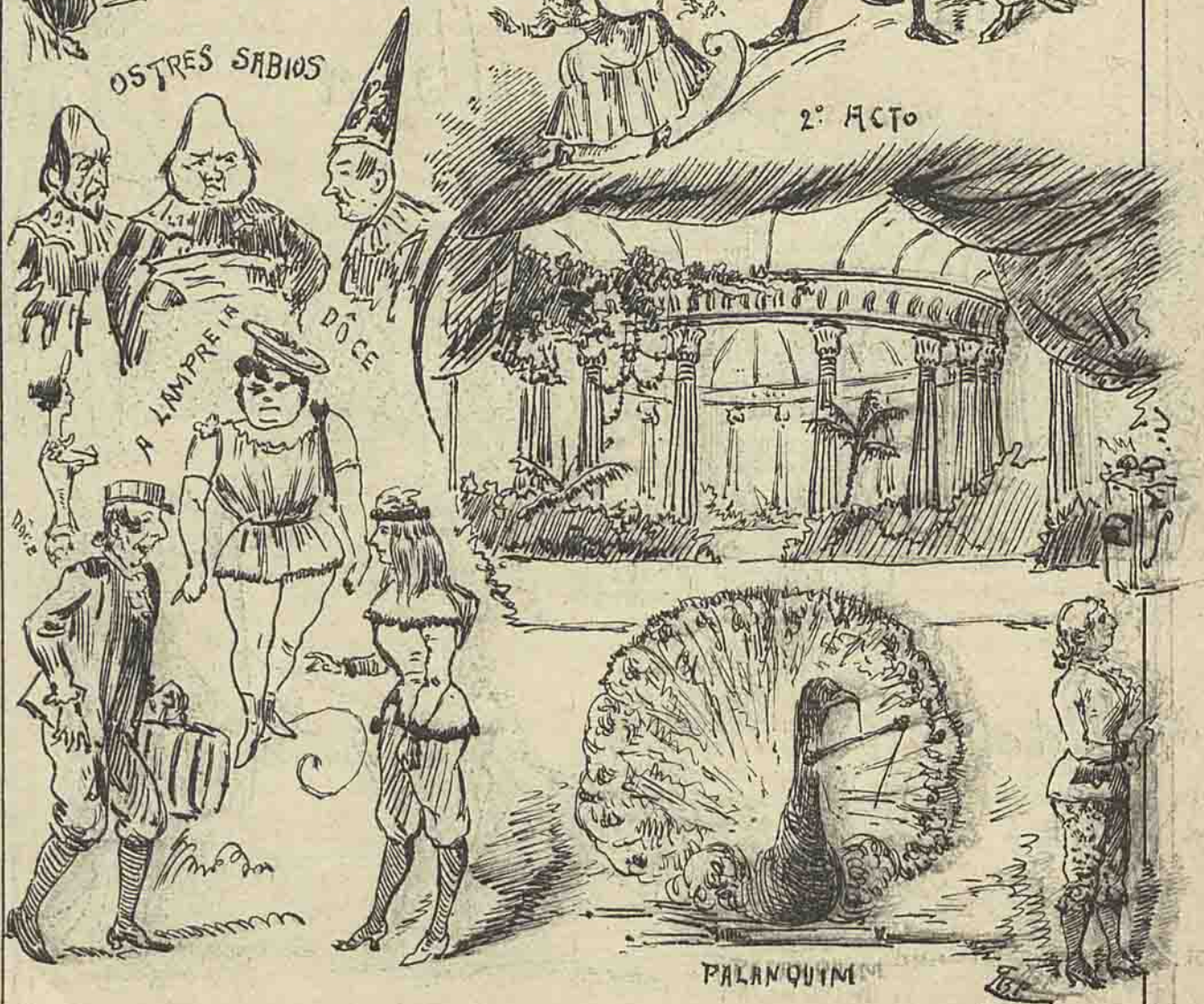
# THEATRO DA AVENIDA O VALETE DE COPAS

FINAL DO 1º ACTO



OSTRES SABIOS

2º ACTO



PALANQUIM

# FORA CAUSA DAS DÚVIDAS

Sujas boccas emporcalhadas de calumnia andam por ahi apregoando que o director d'este jornal, recebeu largas recompensas e commetteu exagerados dispendios na ornamentação do bufete da kermesse ultimamente realisada no Colyseu, graças á iniciativa de S. M. a Rainha D. Maria Pia.



Para tapar essas estrumeiras disfarçadas em boccas cujo fedor n'esta epoca se torna perigoso como o d'um cano aberto, ahi vão as contas da despesa feita com a referida ornamentação, contas que graciosamente nos foram fornecidas pelo nosso amigo o sr. barão da Regaleira:

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Barão da Regaleira:

Tendo em tempo pedido a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de *des-tacar* nas contas relativas á kermesse, a despesa que fiz com a ornamentação do bufete, isto na supposição de que essas contas viessem a ser publicadas, e por me constar que diversas versões me attribuiram extraordinarios gastos; vejo com surpresa no *Jornal do Commercio* que se englobaram, nas notas que me dizem respeito, despesas extranhas que enormemente avolumam o total. N'estas circumstancias peço a V. Ex.<sup>a</sup> o obsequio de consentir que publique a nota detalhada das contas em que puz o *visto*, unicas que auctorizei; e de me declarar se o meu trabalho teve qualquer remuneração. E' triste ter de mecher em taes assumptos quando da melhor boa vontade nos prestamos a collaborar em festas tão sympathicas alterando para isso os nossos negocios e interrompendo trabalhos que nos occupam diariamente,—mas de forma alguma deixarei de pé qualquer supposição, embora vage, do que as minhas notas não foram inteira e absolutamente justas.

Lisboa, 24 de abril de 1892.

De V. Ex.<sup>a</sup> amigo obrigado

Raphael Bardallo Pinheiro.

Meu caro amigo

Em resposta á carta que V. fez favor de me dirigir, tenho a honra de lhe enviar uma copia das contas que paguei em nome da commissão presidida por Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, relativamente á barraca do Restaurant na kermesse do Colyseu.

Estas contas, como muito bem sabe, são as unicas despesas que se fizeram, pois todos estão scientes que V. não recebeu retribuição nenhuma.

As contas que appareceram nas *Novidades* e em alguns jornaes mais estão exactas no total, mas veem erradas nas parcialidades e nas designações. Brevemente espero poder publicar essa rectificação.

Disponha o meu amigo de mim sempre que eu lhe peder ser util e agradável. Creia-me

Seu etc.

Regaleira

Lisboa, 25 d'Abril de 1892.

Despesa feita na barraca do buffete:

Armação, orramentação, carpinteiros, panno para forrar etc. ....	93\$770
Pratos pintados, talheres alegoricos prateados .....	50\$000
Transporte de louça das Caldas e objectos comprados. ....	24\$300
Frutas compradas na Praça da Figueira.	13\$280
	<u>Rs. 181\$350</u>

Lisboa, 25 d'Abril de 1892.

Barão da Regaleira



## ELIZA!

Era no outomno quando a imagem tua  
A' luz da lua seductora vi,  
Tão branca vinhas, tão bem tu cheiravas ..  
—Que o Congo usavas logo presumi!

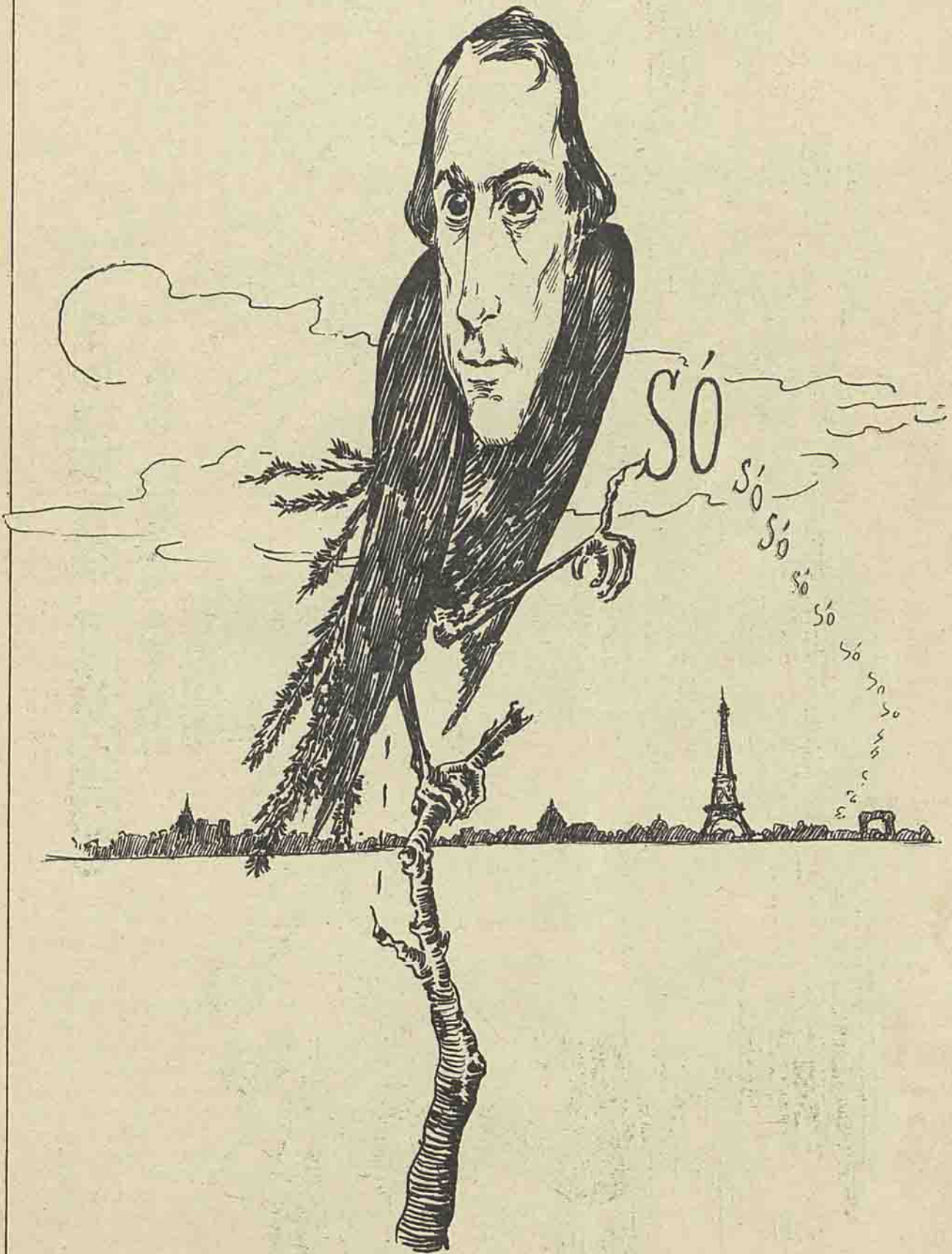
Saboaria Victor Vaissier, Paris

# THEATRO DE D. MARIA II A MADRUGADA



Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º  
 Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.º 36 a 40.  
 Typographia Costa Sanches Filhos—Calçada do Sacramento, 38 e 48

# ANTONIO NOBRE OU ANTONIO SÓ



Sósinho !... Antes só que mal acompanhado.

# O PARAISO PERDIDO

POR MILTON SOARES



COA... COA... COA... Nephelibata palmipede.

NOTA. — N'um dos nossos ultimos numeros publicamos em retrato as caras de dois Novos. Foi por engano: deviam ter apparecido em caricatura.



Que os arautos ergam no ar limpo e azul os floridos caduceos, symbolos da paz!

Apoz uma noite encarvoad e longa, como as do pólo, tudo se aclara emfim.

A miseria imminente; o jugo estrangeiro tentando agrilhoar a nossa dignidade; as machinações dos anarchistas, urdidas em mysterio e surgindo entre fumos e estoiros de dynamite; a invasão dos novos letrados perturbando as almas com sombrias concepções d'inferno sadicamente polvilhadas de mysticismo; a questão da Universidade semeando preocupações e sustos, affligindo corações maternas: todas estas obsecantes nuvens perdem, com a proximidade, o tragico ar de luctos esfarapados, tomam mais socegadas cores, formas menos espectraes, amaciam-se, abrandam-se, por onde mais uma vez se prova que o Diabo não é tão feio como os Primitivos o pintaram.

As negociações do conselheiro Serpa, actualmente em Lutecia, desviaram, sabiamente, os vexames d'uma tutella estrangeira, ao mesmo tempo que, preparam a queda d'uma chuva d'oiro sobre as areias seccas das nossas finanças; o 1.º de maio passou serenamente, sem grandes disturbios; reconheceu-se que os poetas e prosadores modernos, muito menos perigosos do que parecem, são optimas e inoffensivas creaturas, casos cerebraes dignos d'attenção pelas suas bizarras e maluqueiras, com as quaes a pathologia tem mais que ver do que a critica; a questão da Universidade, se ainda não está composta, composta será em breve.

D'est'arte, vamos entrar n'um periodo de paz, de trashordante alegria. Salva a nossa independencia, o erario cheio, açaimado o anarchismo, reconhecida a innocencia dos modernos toxicos litterarios, a torre da Universidade florida de ramos

d'oliveira, vistam se as almas de alegria, desfraldem-se nos espiritos grandes pavilhões rubros d'entusiasmo, commettam-se loucuras, cultive-se com amor a rara flôr do epicurismo, faça-se da vida uma coisa amavel, uma coisa estrellada, ame-se, beba-se e durma se!

Sómente... isto não ha de durar muito.

Os nossos netos que se aguentem! queridas pessoas que nos lèdes.

A formula egoista é a unica que nos convem. Cultivar com cuidado o nosso eu, fazer d'este o centro de todo o mundo, ver nas coisas e nas pessoas simples prolongamentos de nós mesmos, agitar o mundo exterior ao nosso espirito, crear uma vila propria, individual, eis a unica concepção a seguir.

Beber o melhor vinho pelo maior copo.

E vista grossa, amiguinhos, vista grossa para as pequeninas semsaborias quotidianas.

Faz bom tempo e é bom dormir ao sol.

De papo para o ar, ricos amigos! de papo para o ceo!



O dinheiro do emprestimo deve dar para dois ricos annos de patuscada. Depois... Mas quem sabe se a gente lá chegará?

De papo para o ar, ricos amigos! e *après nous le déluge!*

Ev.

## ETERNA BELLEZA

Uzar sabao do Congo é ter na mão a idade,  
A eterna formosura, a juventude eterna!  
Té já no mundo fóra extineta a lealdade  
Se esta bella invenção não tosse tão moderna!

Saboard Victor Vaissier, Paris

# A VIDA NOVA



Assôa-te a este guardanapo

## BIBLIOGRAPHIA



Conde de Monsaraz, *Poetas*. No meio dos complicados e arrevesados livros ultimamente apparecidos, o do conde de Monsaraz, simples, sem arrebiques, accentuadamente parnasiano é como uma collegial n'um baile. E a sua leitura amavel como um mez de campo depois d'um anno de capital.

Antonio d'Oliveira Soares, *Paraiso Perdido*. O nosso Milton é um moço de olhos de lynce. Seria cru exigir de Soares que cegasse para em tudo parecer com o velho poeta britanico. Mas que ao menos ponha umas lunetas fumadas.

Candido de Figueiredo, *Lisboa no anno de tres mil*. Humoristica previsão do que será Lisboa no anno de tres mil. Servindo-se do mesmo processo, a revelação hypnotica, hem conveniente seria que Candido de Figueiredo nos dissesse o que será Lisboa d'aqui a tres annos. Que isto, ao que ouvimos, não vae bem...

Fernando Leal, *Corymbe exotique*. Recebemos e agradecemos.

Magalhães Lima, *O Socialismo na Europa*. Prefaciado por Benoit Malon, o conhecido chefe do socialismo scientifico em França, rebusca e estuda este livro, despreocupadamente escripto e altamente concebido, todos os detalhes do movimento socialista. Livro do maior do mais proximo interesse.

José Forbes Costa, *Pela Capital*. Impressões da vida Lisboaeta, observada com notavel finura de visão.

## THEATRO DA AVENIDA

BENEFICIO DE CYRIACO DE CARDOSO



Com uma enorme concorrência, marulhante de vivo entusiasmo, realisou-se hontem no theatro da Avenida o beneficio do notavel maestro e nosso amigo Cyriaco de Cardoso. Representou-se o *Burro do Sr. Alcaide*, o eterno e sempre joven Burro cuja eterna mocidade é o desespero de alguns dos seus irmãos muito mais condecorados mas muito menos prestimosos e intelligentes do que elle.

## TOURADA EM SETUBAL



Domingo que vem, realisa-se na praça de Setubal o beneficio do sempre applaudido cavalleiro Adelino Raposo que na sua arte, na tão portugueza arte taumachica, é, sem duvida, uma das mais salientes e estimadas figuras. Antecipadamente, o nosso applauso.



# A DYNAMITE



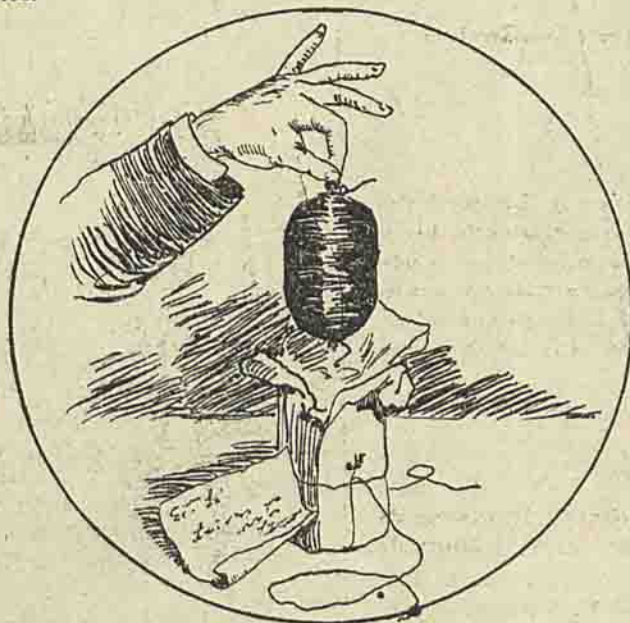
No 1.º de maio, às 10 horas da manhã, o correio bateu à porta do capitalista Seixas do Rocio. Uma encomenda postal. Bebido o ultimo trago de café com leite, servida com gula e voluptuosidade uma pitada escura, o capitalista correu a abrir o mysterioso embrulho. O que será? o que não será? N'isto uma ideia aguda, penetrante como uma agulha, apparece. Os telegrammas, ha instantes lidos no *Noticias*, povoam-lhe o espirito de espectros dynamicos.

Um petardo!

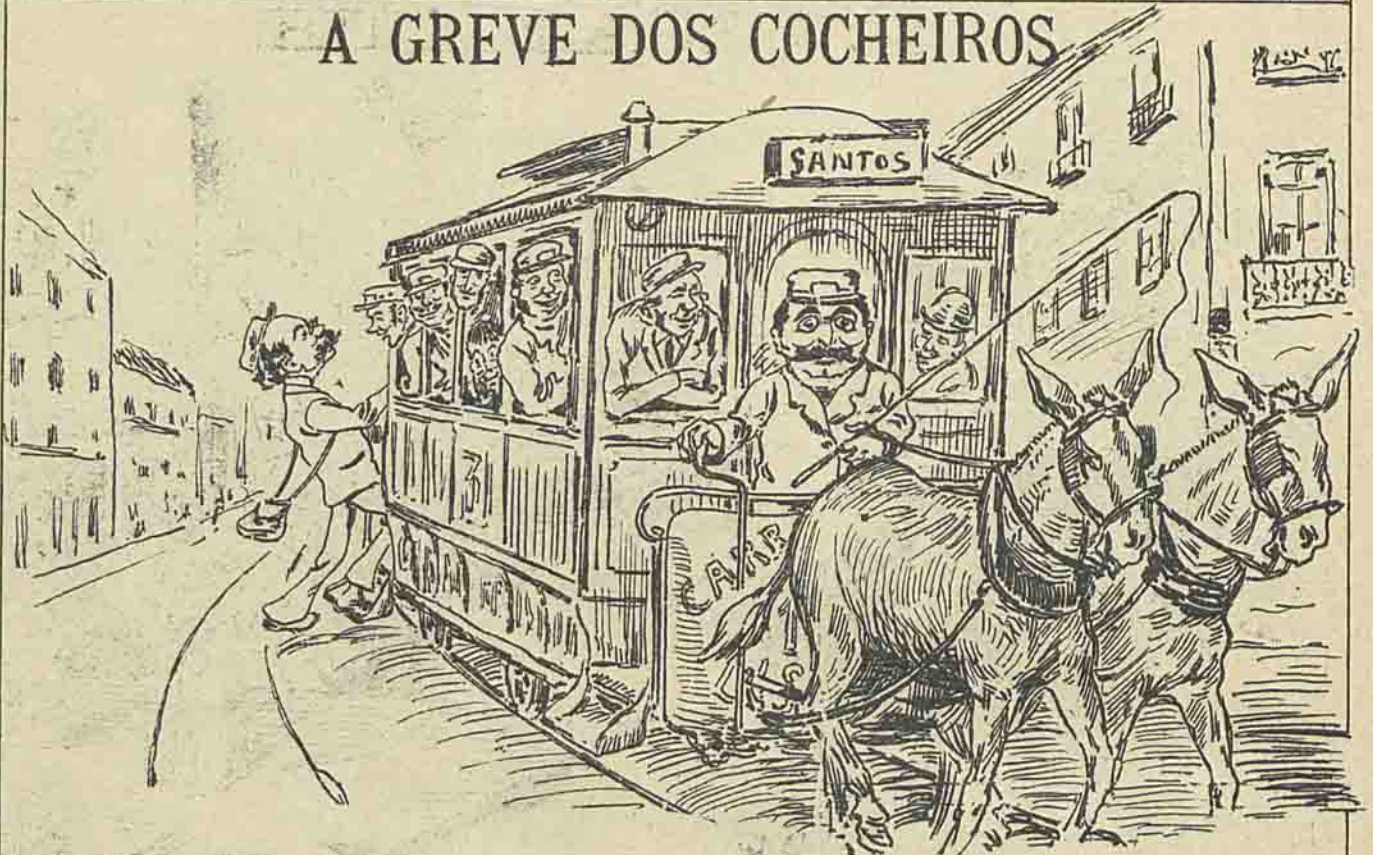
Abre-se! não se abre! O pavor cresce. Tornam-se còr de cidra, os rostos. Chama-se a policia... não se chama a policia...

Alguem mais corajoso atreve-se. Com todas as precauções descamisa-se o embrulho.

Um paio de Arrayolos.



## A GREVE DOS COCHEIROS



Por via d'nuas reclamações inattendidas, fizeram greve os cocheiros dos americanos. Ah! elle é isso? E ahí vereis os directores da companhia largando por um instante as redeas da administração e tomando as das mulas, com vivo gaudio dos grevistas que, anchos dos seus talentos ficaram á espera de atropellamentos e descarrilamentos. Gaudio passageiro, porem, porque em breve se reconheceu a superioridade dos substitutos sobre os substituidos. Chucharam na greve, os grevistas, mas ficaram depois a chuchar no dedo.

## A QUESTÃO DA UNIVERSIDADE



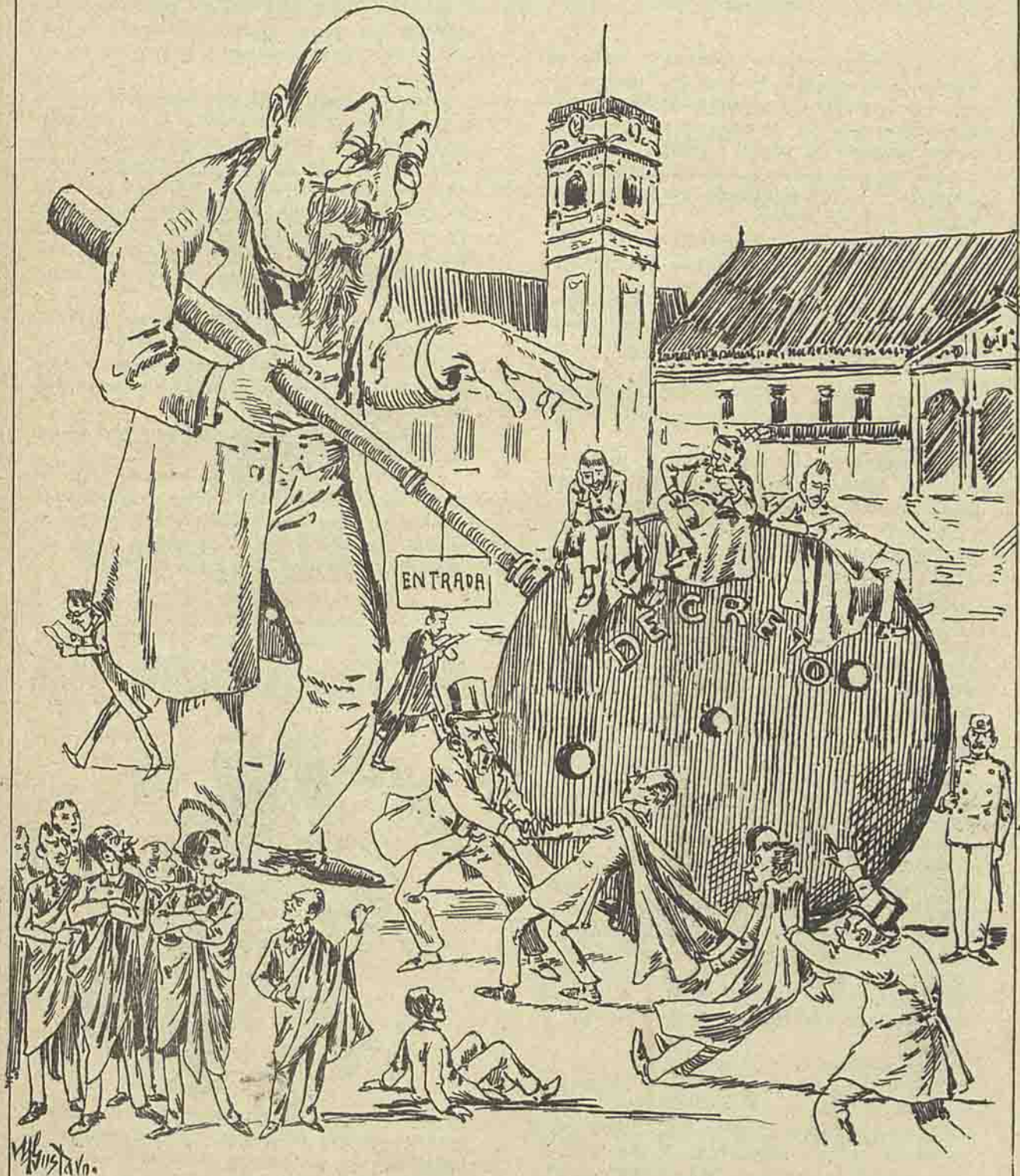
Grande pandega bellicosa a dos estudantes em Coimbra. Montaria á policia, morras ao Reitor, parede nas aulas e, por ultimo, a ordem de expulsão—inesperadas ferias!



E cada um dos expulsos parte para os respectivos penates, apressadamente, coração em festa. Desillusão! As respectivas paternidades distillam furia, vomitam ralhos,—aceradas frechas que deixam\* em sangue esses pobres Sebastiãoesinhos academicos.

# O DECRETO--PALMATÓRIA

## PHANTASIA INGENUA



O decreto e as imposições paternas abateram os empavonados ardores dos estudantes de Coimbra. Para os humilhar, obriga-os o sr. José Dias a passar não sob uma *route d'acier* mas sob uma abobada de palmatorias. Mundo d'apparencias! O sr. ministro da guerra não tem tanto cabelo como parece, e a intransigencia academica não tem, ao que se diz, a fortaleza que se lhe attribuia.

Passarão? ou ficarão à porta... *ferrea*?

E os de medicina vendo as toirinhas de palanque...

## VARIAÇÕES

Os horisontes politicos continuam, como os bigodes do sr. conde de S. Januario, inalteravelmente negros, sem que appareça um Cambournac ministerial, capaz de os tingir de azul, verde ou d'outra qualquer cor amavel e branda.

Tudo negro: o Terreiro do Paço parece uma carvoaria e o Tejo alimentado por uma enorme botija de tinta de escrever.

Os astrologos estão nos mirantes.

—Que vedes, argutos astrologos, que vedes no futuro?

Erguendo as mãos, como para uma theurgia, movendo no ar varinhas magicas e psalmeando psalmos de mysterio, os astrologos lêem nos astros.

—Nada vemos, o futuro apparece-nos indecifrável como uma inscripção cuneiforme.

A noite continua de pez.

Subitamente, um dos sabios torna-se livido, como uma banana, braços abertos em adoração, olhos cerrados, a testa perlada de suores.

Minutos depois, sahindo do seu quebrado stupor, esfregando as palpebras, o sabio clamou:

—Vi, finalmente, o futuro!

Fizeram-lhe circulo.

—E sob que forma?

—Sob a forma d'um portão de quinta... fechado. Nem Hercules era capaz de lá entrar. Dentro, uma raivosa matilha de cães intimida os mais fortes.

\* \*

O nosso futuro é realmente aquillo: um portão de quinta, trancado e chapeado de ferro, e vigiado por cães ferros como lobos.

Entretanto, o ministerio, esse ministerio de reabilitação e honestidade, de independencia e desinteresse, no qual estavam confiadamente cravadas todas as esperanças, esse ministerio acaba de mostrar, pela sua conducta, que é como todos os ministerios, e que são da mais pacovia ingenuidade os espiritos que por um instante acreditaram na sinceridade das suas affirmações e promettimentos.

Absolutamente como os outros.

Toda a sua actividade é gasta em pequeninas questões sem interesse, em insignificantes combinações eleitoraes, em accordos e desaccordos com os diversos grupos politicos, isto n'uma hora em que, supprimidos todos os vicios, todos os maus costumes, urgia levantar a bitola das aspirações, enxotar, como se enxota um gato podre, as convenienciasinhas particulares, e agrupar todas as vontades honestas, todas as energias puras para com ellas se partir para a descoberta d'uma ideal America, a America da nossa independencia.

As secretarias estão cheias de idiotas, de insignificantes. Os nossos mais serios negocios são dirigidos por velhos sem talento, gananciosos e seccos, vesgos d'alma como o sr. José Dias o é dos olhos, e cuja facilidade de vida se torna incompativel com a força de trabalho, com o ardor d'acção de que o paiz carece e que só os novos, inda que não fosse senão com o intuito egoista de se collocarem evidentemente, seriam capazes de desenvolver.

Emquanto esses papelões da burocracia passam existencias de conego, sugando a teta murcha do erario, regalados pelos salamaleques, pela humilhante consideração deus que d'elles dependem, um grupo de novos provadamente cheios de aptidões, letrados, pintores, esculptores, homens de sciencia, etc., apparecidos na vida n'um momento em que a vida é a mais aspera e desconfortante, são completamente abandonados, esquecidos, como inúteis.

A crise do trabalho accentua-se. Pela imprensa, pela litteratura, pela pintura, pela esculptura, por qualquer ramo da sciencia torna-se cada vez mais difficil a vida. Todos os caminhos, todas as portas são fechadas.

Portugal, que poderia ser um gymnasio de novos, é um asylo de velhos.

D'est'arte se quebrantam as vontades mais firmes e, arvorado o estandarte preto da indifferença, o supremo ideal dos que ainda teem sangue na guelra continúa a ser a mordedura d'um cão damnado... para se ir de graça até Paris.

Du.

## BENEFICIO DO ACTOR DIAS



Com o *Capitão, Metralha*, musica do illustre maestro Cyriaco de Cardoso, faz na proxima segunda feira o seu beneficio o actor Dias, o alegre Dias, bem mais alegre do que os manos do seu appellido que ultimamente temos atravessado. As hemquerenças que do publico lisbonense progressivamente tem conquistado bem como as attractivas qualidades da peça serão para os frequentadores do theatro da Avenida como dois fortes imans para um pires cheio de agulhas.

Relação nominal dos operarios que se encontram em pencas circumstancias pela paragem dos trabalhos da fabrica de faianças das Caldas da Rainha e que foram generosamente contemplados por S. M. a Rainha a sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia com a quantia de 225:000 réis distribuidos aos mesmos operarios no dia 14 de maio de 1892

Profissão	Nomes	Estado	Quantia com que foi contemplado
Torneiro	Adelino de Moura.....	casado e com 3 filhos	15\$000
Oleiro	Joaquim Cartaxo.....	" " " 3 "	10\$000
"	Francisco Victorino.....	" " " 1 "	10\$000
"	João Pereira.....	" " " 2 "	10\$000
"	Etelvino dos Santos.....	" " " 1 "	10\$000
"	Avelino Bello.....	" " " 1 "	10\$000
"	João Gil.....	Solteiro	5\$000
"	Eduardo Moreira.....	"	5\$000
"	João Duarte.....	"	5\$000
"	José Vicente.....	"	5\$000
"	Francisco da Clara.....	"	5\$000
"	José Francisco.....	"	5\$000
"	José do Couto.....	Casado	5\$000
"	Archimedes.....	" e com 3 filhos	5\$000
"	João Fernandes.....	Solteiro	2\$000
"	Luiz do Couto.....	"	5\$000
Escultor	Augusto Baptista.....	Casado	10\$000
Pintor	José Carlos.....	Solteiro	10\$000
"	Felix dos Santos.....	"	5\$000
"	Maria Sebastiana.....	Solteira e com 1 filho	10\$000
"	Olinda Pardal.....	"	5\$ 00
"	Maria do Lino.....	"	5\$000
"	Maria Parenta.....	"	5\$000
"	Maria Sobral.....	"	5\$000
Serventa	Anna Nobre.....	Solteira e com 2 filhos	10\$000
Trabalhador	José Victorino.....	Casado " " 2 "	10\$000
"	Caetano Bispo.....	" " " 5 "	5\$000
"	José Barbado.....	" " " 2 "	10\$000
"	José Chaves.....	"	5\$000
"	Josquim Duarte.....	" " " 2 "	5\$000
"	Julia Rego.....	Viuva " " 9 "	5\$000
"	Alberto Dias.....	Solteiro	2\$500
"	Manuel Gabriel.....	Casado e com 2 filhos	2\$500
Oleiro	João Mafra.....	Solteiro	1\$500
"	José Corica.....	"	1\$500
			Rs. 225\$000

Fui presente

Caldas da Rainha, 14 de Maio de 1892.

O administrador do concelho

(A) AVELLAR

# MONTAGEM DA MACHINA ELEITORAL

Bem o prega Frei Thomaz.  
Fazei o que elle diz...

QUE GRANDE GAJO!!



Perante a galopinagem.  
—A's ordens de V.V.<sup>as</sup> EEx.<sup>as</sup>...



Carneiro e batatas com  
pés de galinha



—Preparem carneiro.  
—Nós julgavamos que V, Ex.<sup>a</sup> queria vida  
nova!



—Sim, filhos, é vida nova mas... com carnei-  
ro velho.

—Oh que pechincha! e nós que pensavamos...  
não ha nada como a vida nova.

RAPHAEL BORGALHO

## A SEDUCÇÃO

1 Filho meu, guarda as minhas expressões, e esconde dentro de ti os meus preceitos, Filho.

2 observa os meus dictames, e viverás: guarda a minha Lei como a menina do teu olho.



3 Traz-a atada aos teus dedos, escreve-a nas taboas do teu coração.

4 Dize á sabedoria: és minha irmã, e chama á prudencia a tua amiga,

5 para que te guarde da mulher estranha e da alheia, que adoça as suas palavras.

6 Porque da janella da minha casa, olhando por entre as grades,

7 observo os incautos. E vejo um mancebo insensato,



8 passando pela rua, ao anoitecer,

9 quando o dia se vae acabando na obscuridade da noite.

10 E eis que lhe sae ao encontro uma mulher ornada á moda das prostitutas, prevenida para caçar almas, falladora e andeja,

11 não lhe soffrendo o coração estar queda, nem podendo ter os pés em casa,

12 pondo-se de emboscada, umas vezes nas praças, outras ás esquinas.

13 E tendo mão no mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz caricias dizendo



14 — «Pela tua saude offereci victimas, hoje dei cumprimento aos meus votos :

15 «por isso te sahi ao encontro, desejando vêr-te, e eis que te achei.

16 «Fiz sobre cordões a miuha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egypto ;

17 perfumei a minha camara de myrrha e d'aloes e de cinamómo.

18 Vem, embriaguemo-nos de amores, e gozemos dos abraços desejados, até que amanheça.



19 Porque meu marido não está em casa, foi fazer uma viagem muito dilatada,

20 levando consigo um saquitol de dinheiro. Lá para a noite da lua cheia é que voltará.

21 Assim ella metteu na rede com seus discursos o desprevenido mancebo, e o arrastou com as lisonjas dos seus labios.



22 Segue-a elle como boi que é levado ao sacrificio, como cordeiro que vae saltando caminho da morte,

23 como ave que apressada corre ao laço.

24 Ouve-me, pois, filho meu :

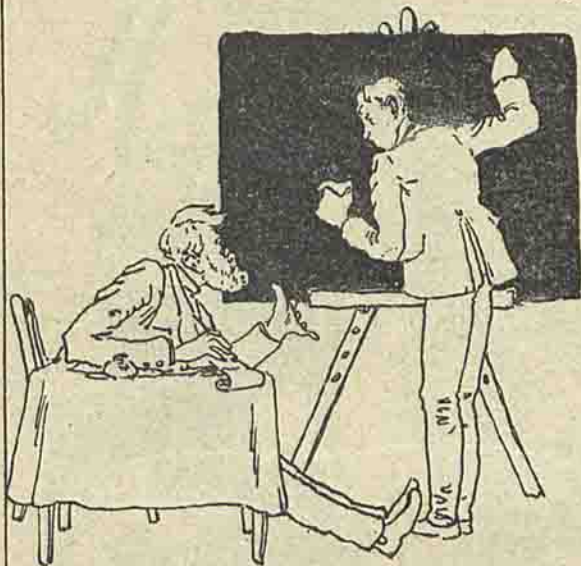


25 Não te deixes ir pelos caminhos d'esta mulher.

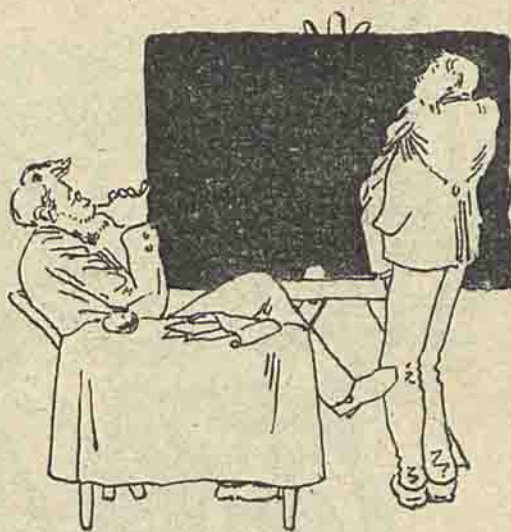
26 Caminhos do inferno são a sua casa, que penetram até ás entranhas da morte.

# UMA LICÇÃO

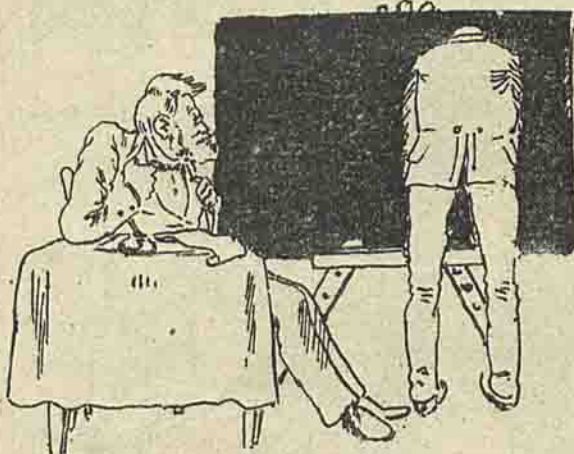
(CÓPIA DE GUILLAUME)



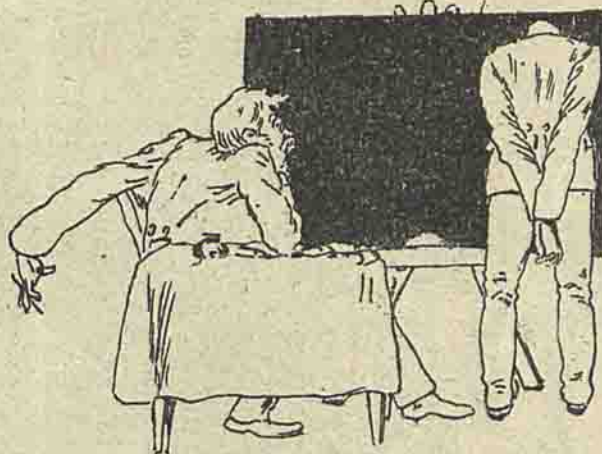
Queira demonstrar...



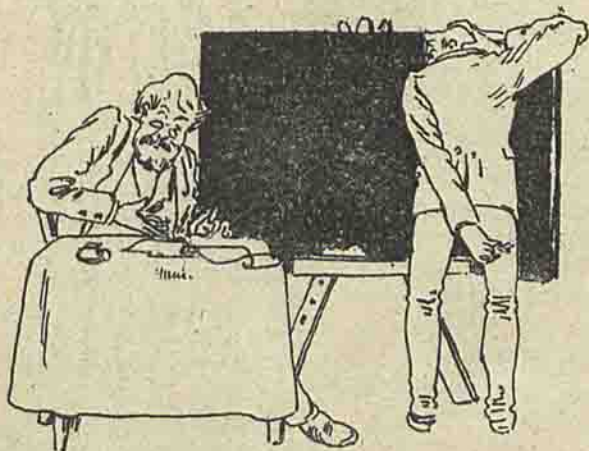
Então?



Cá estou á espera...



Quando quiser começar...



Deu a hora...



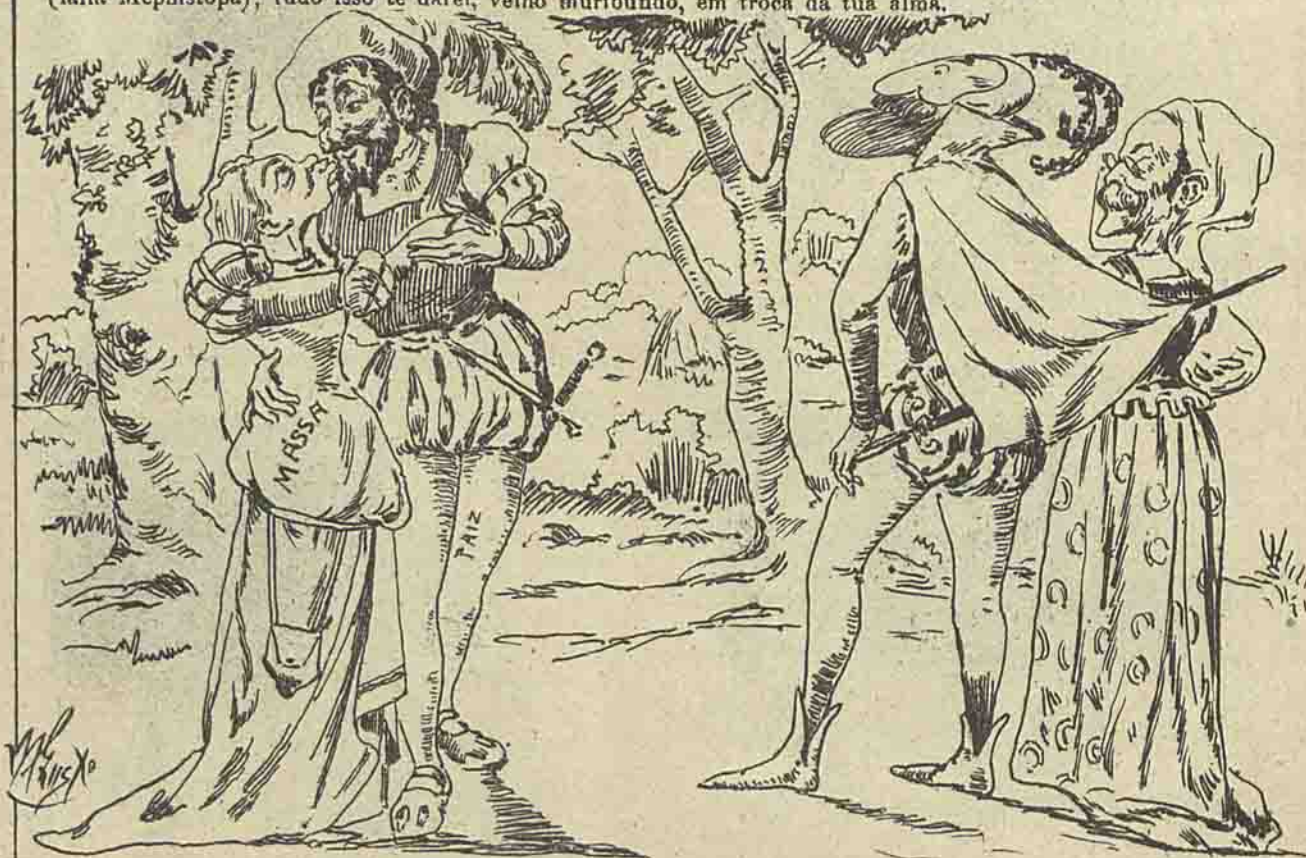
Estou satisfeito.



## MEPHISTOPATUDAMENTE



—Alegria, mocidade, vigor, entusiasmo e os appetecidos encantos da appetecível Margarida Massa (falla Mephistopa), tudo isso te darei, velho muribundo, em troca da tua alma.



No jardim de Margarida Massa. Enquanto os dois amados se perdem em doces veloptuosidades, Mephistopa passeia ao lado de Martha Serpa e, olhando para o seu rejuvenescido amigo, pensa: Pôis sim' menino vas folgando, cá virás parar...

## SOUSA BRANDÃO



Era uma das figuras mais austeras e mais sympathicas da antiga democracia portugueza. No meio d'esta nossa sociedade irrequieta e anarchisada, de turbulentos e ferozes democratas da ultima hora, o velho general Sousa Brandão parecia o venerando representante d'essa geração de 1820, de que Sequeira nos legou preciosos retratos. Chamar *democrata* a um general, n'um paiz monarchico em que *democrata* é synonymo de *republicano*, parecerá talvez um contracenso. Não é. O general Sousa Brandão pertencia á escola dos que julgam os interesses da nação acima das conveniencias dynasticas. Para elle o povo portuguez era o soberano de facto, ou não tivesse eleito os seus reis nas cortes de Lamego, e acclamado o duque de Bragança chefe do Estado, nas luctas contra a Hespanha. Nós somos e sempre temos sido — uma monarchia, não de direito divino, mas sahida da vontade popular. Assim se explica como ha generaes republicanos — ou antes, generaes democratas — sem que isso envolva nem deslustre para o exercito, nem ridiculo para as instituições. De todos os tempos a monarchia portugueza teve os seus soldados predilectos — e o povo tambem. D'este era uma figura querida Sousa Brandão, como o foi Elias Garcia.



Como uma injeção de morfina, a assignatura do convenio abrandou, ao que parece, as dores do ministerio, cuja proxima agonia havia feito desfaldar claros estandartes de esperança na alma dos cangalheiros politicos.

O ministerio melhora, o ministerio fica. Da situação de muribundo passa á de convalescente, com esfusante alegria dos que lhe querem bem, com profundo desgosto dos que lhe são adversos.

O ministerio aguenta-se. Conseguirá ficar bom de todo? o seu restabelecimento será completo? voltará a ter bom sangue, boa cór, agilidade e força? Sentimo-nos esphyngue quando tal nos perguntam. E n'um proposito todo de conciliação e piedade (a santa piedade para com os doentes, para com os fracos), sobre este assumpto, a nossa bocca abre-se para murmurar apenas esta advertencia, filha da observação:

—Cuidado com a rechada...

\*  
\* \*

Celebrou-se na Sociedade de Geographia um congresso de professores de instrucção primaria. Uma velha legenda, fundamente cravada em Portugal, signalava essas veneraveis amas de leite, do espirito, como lastimaveis creaturas ciliciadas de miseria, como tristes esfaimados, pelos quaes deviam ser distribuidas a dalmatica vermelha, a palma verde e a aureola em fogo com que a lithurgia catholica ornamenta os martyres. Crentes n'esta legenda, ao saber-se da pedagogica assembleia, todo o mundo ficou crendo que o salão nobre do palacete das Chagas ia ser transformado em qualquer cousa de lugubre, de funebre e sinistro como uma agoa forte de Goya, como uma lythographia de Odilon Redon ou como uma pagina negra de Edgar Poe. Anteviram-se perspectivas escuras de cemiterio á meia-noite, scenographias arripiantes entre as quaes passariam bandos macabros, esqueletos vestidos de farrapos, brandindo ferulas, e discutindo com as maxillas alvas os mais requintados problemas da instrucção, ao som da convulsa Dança, de Saint-Saens.

Puro engano.

Em volta do dr. Bernardino Machado, que presidia, com a sua forte barbicha sal e pimenta, o seu olhar fundo, de arabe, a sua cór de antigo marfim e o seu collete cór da sua alma, viu se apenas um punhado de robustos sujeitos córdinhos e d'ar feliz, com claras vozes derivando de pulmões intactos, bem vestidos, bem calçados, alguns exhibindo até estes dois raros byzantinismos da elegancia lisboeta: a luneta e o collarinho positiço. Nos intervallos do congresso os professores cabiram sobre Lisboa como puros epicuristas, praticando nos theatros e nos cafés prodigalidades superiores ás que se contun do sr. Marquez de Franco e dos mais habeis estroinas da capital, e adormecendo, ás noites, entre lençoes de rendas, sob a caricia molle de braços peccadores.

\*  
\* \*

Do mesmo modo que a *Historia*, de Herculano arruinou a lenda do milagre d'Ourique, o congresso acaba de arruinar a lenda que, com fremittos de angustia e estremeções de dor, envolvia os professores primarios.

A' lastima que elles nos mereciam succedeu a inveja. Ser mestre de primeiras letras, viver longe d'esta sociedade de enganos e perfidias, n'um recanto d'aldeia, n'um casinholo branco entre arvoredos, o corpo vestido de saude e a alma de alegria, eis a nossa mais doirada ambição.

E' possivel que o congresso fosse esteril de resultados mas pelo menos teve a suprema vantagem de abrir uma porta á illusão, n'esta hora em que todas as portas se fecham.

Rapazes novos, homens d'amanhã, deixae o Chiado, deixae o Baltresqui e a Arcada, ide ser mestres de meninos, parti para as pequenas povoações onde a agoa é de prata e o vinho puro, se quereis tornar-vos alegres, sadios, vigorosos e honestos.

O diabo é que Vocês não sabem lér.

Eu.

## Festas de caridade

Na ultima quarta feira realisou-se no salão da Trindade um soberbo concerto vocal e instrumental, promovido por uma commissão de senhoras da nossa primeira sociedade em favor d'uma escola de creanças cegas, e d'um asylo para educação de costureiras e creadas de servir. O concerto, desempenhado por amadores, era dirigido pelo sr. Antonio Duarte. Cantou-se a missa solemne, o *Stabat mater* de Rossini, e o rondó da opera *Romeu e Julieta* de Vaccai. O publico applaudiu com entusiasmo, as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Isabel Ponte, D. Maria Emilia Brandão Palha, D. Herminia Franco, D. Maria Pery Boto e D. Sarah da Motta Vieira. Estes applausos, tanto aos executantes, como aos córos e ao director da orchestra, foram de toda a justiça. Principalmente o *Sanctus* da missa solemne e o *Stabat mater* tiveram uma execução magistral.

## PARA OS OPERARIOS SEM TRABALHO

O Sr. Guilherme de Azevedo teve a rara generosidade de, afim de soccorrer os operarios sem trabalho, nos enviar, por intermedio da redacção do *Commercio do Porto*, a quantia de 20\$000 reis, retirados da importancia d'uma *quête* feita em Paris e Londres a favor das familias, agora já remediadas, dos pescadores da Povoas, quantia que vamos distribuir pelos operarios das Caldas.

Agradecendo do fundo d'alma, a levantada acção do sr. Guilherme de Azevedo, aproveitamos este momento para aqui signalar a nossa opinião acerca do modo, ultimamente tão discutido, de distribuir soccorros a pessoas pobres e desarrumadas.

Somos contra a distribuição de donativos uma vez que a verba destinada para estes atinja uma certa grandeza.

Um donativo de dez, quinze ou vinte mil reis pode temporariamente remediar a situação de quem o recebe mas só temporariamente. O futuro continua sem garantia, completamente sujeito a contingencias, a acasos. Depois — e é este o supremo mal dos donativos pecuniarios — enquanto o dinheiro do donativo dura, amollece-se a actividade do operario que, momentaneamente ambarado por uma ephemera fortuna, deixa de trabalhar e de procurar trabalho, ficando assim enterrado, passados dias, na mesma miseria.

Com as quantias subscriptas pela caridade nacional, promovam-se trabalhos e distribua-se trabalho em vez de se distribuir pinheiro.

Quaes são as classes agora em mais afflictivas circumstancias: os typographos, os oleiros, os marceneiros? Mandem reimprimir obras raras da nossa litteratura, encomendem peças de ceramica, encomendem peças de mobiliario.

Assim se accudiria á pobreza d'esses operarios, cujo trabalho poderia ser vantajosamente aproveitado e cuja actividade por esta forma se robusteceria, longe de se enfraquecer.

## A ESPIGA



O culto da espiga, celebrado apenas uma vez em cada anno, deveria pela generalidade da sua influencia, ser celebrado quotidianamente Todos tem a sua espiga: uns as doenças, outros os empregos, outros os jornaes e todos a falta de dinheiro, a maior de todas as espigas.

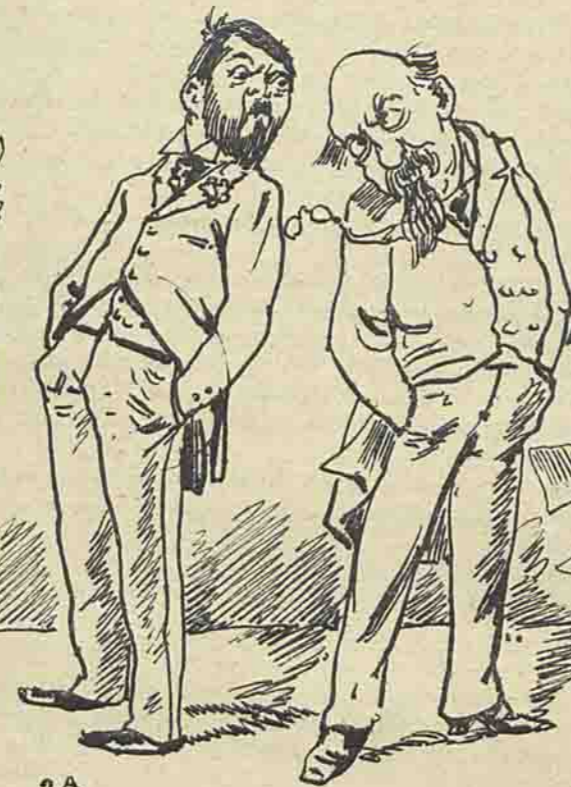
# A CRISE

## A POLITICA ACTUAL



1.<sup>a</sup>

Faz-se o convenio?

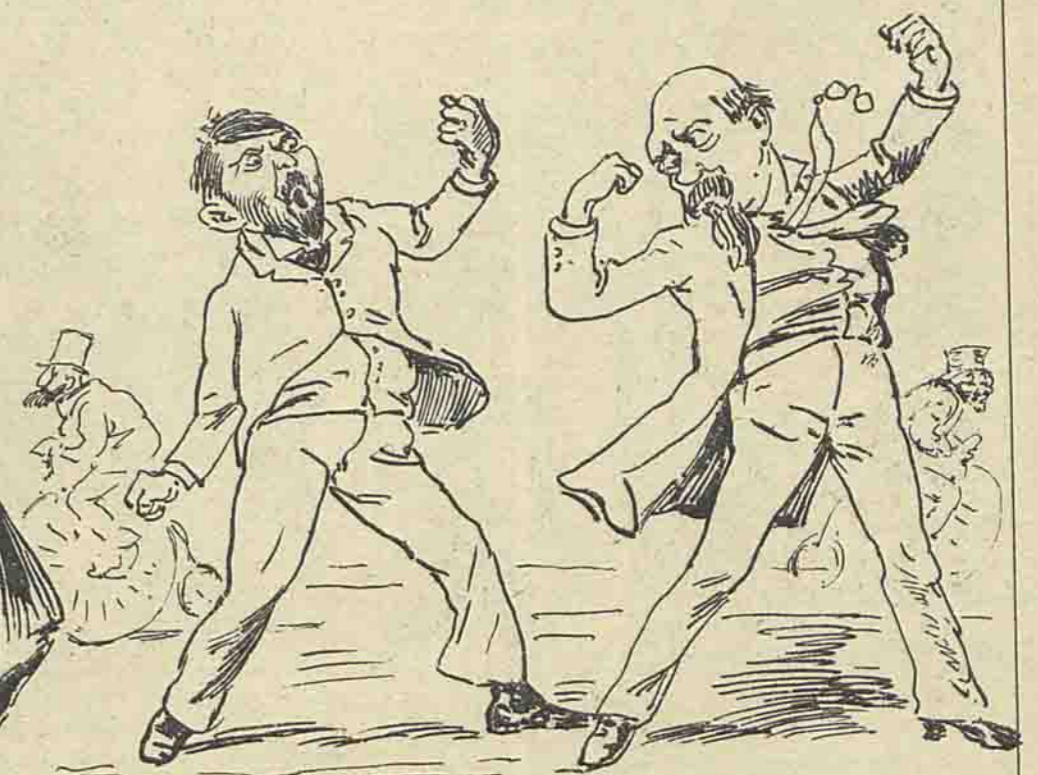


2.<sup>a</sup>

Não se faz?

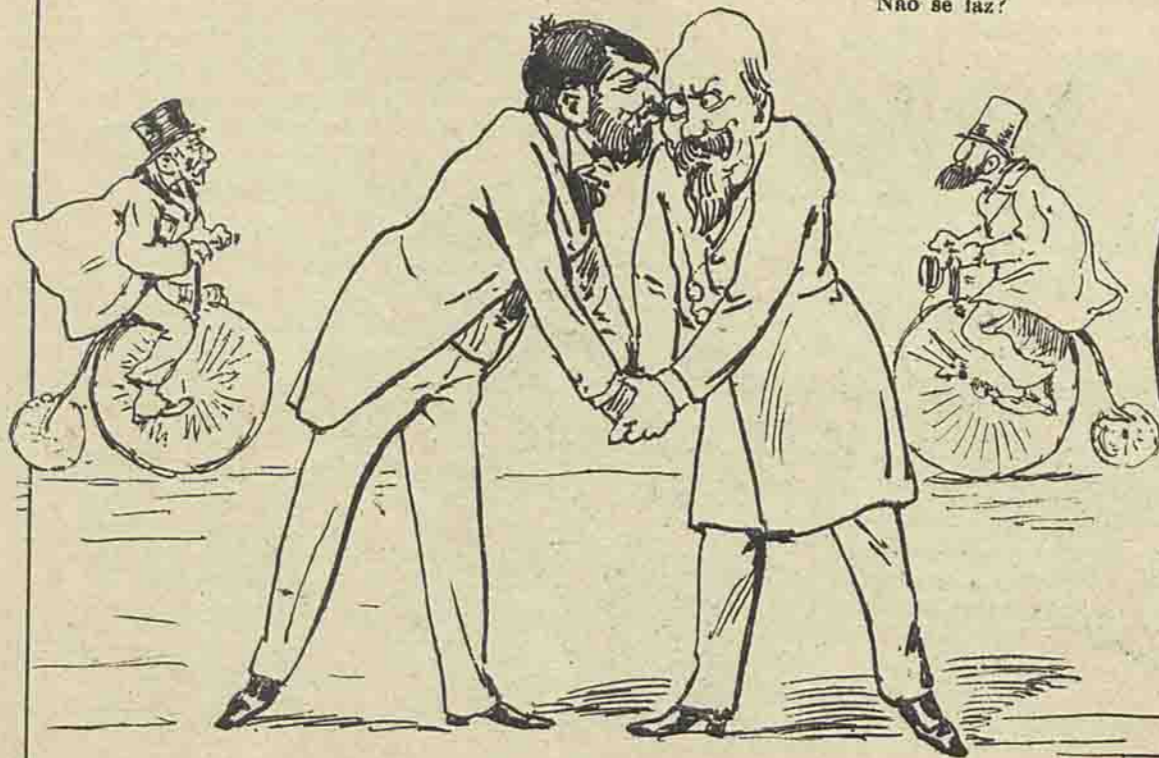


CONHECES-ME?



4.<sup>a</sup>

Torna a desfazer-se?



3.<sup>a</sup>

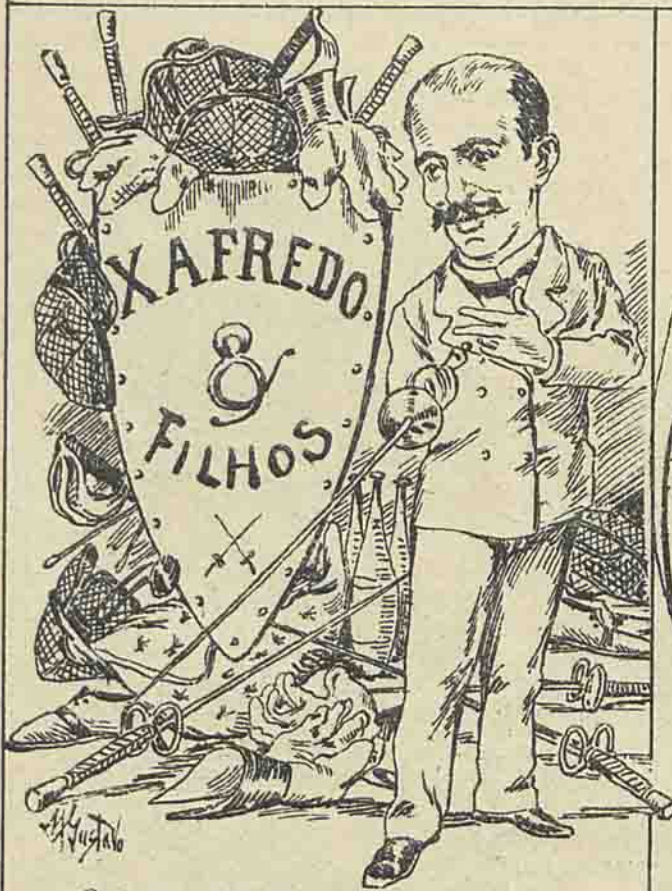
Torna a fazer se?



5.<sup>a</sup>

Faz-se.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



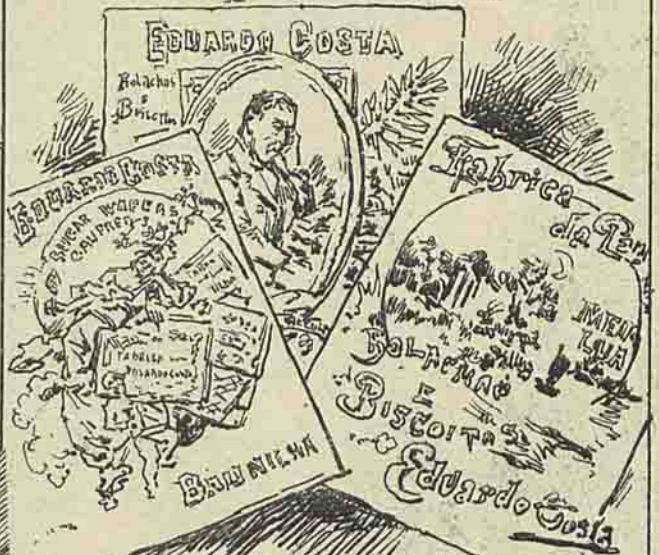
Os irmãos Kafredos, dois benemeritos a valer, que, a favor da educação physica em Portugal, teem, com uma fé e uma energia extraordinarias, desenvolvido a actividade mais singular, praticado os maiores sacrificios, acabam de alargar o seu estabelecimento de alfayate, abrindo uma venda de objectos de sport, da melhor, da mais escolhida qualidade. D'esta forma, ao mesmo que contribuem para que os rapazes da nossa terra se tornem bellos, fazem com que elles se tornem fortes. Ao mesmo tempo que veneram Apollo, dirigem o seu culto a Hercules.



Approximando-se o verão, abre se, como uma ilha de delicias, o Café Europa, á rua da Prata, onde a mais fresca cerveja corre em jorros d'oiro espumante, entre preciosos piteus, raros de nome e de sabor.

Vamos a esse templo de Epicuro! E enquanto os espiritos se desconsolam, consoiem-se os estomagos.

### Industria nacional



A facilidade de produção de Hugo e o feitio original dos modernos poetas francezes ficam a perder de vista ao pé da facilidade de produção e do feitio original com que Eduardo Costa cultiva a sua industria. Tres novas qualidades de bolachas, *Alexandre Herculano*, *Sugar Wafers* e *Meia Lua*, acaba elle de expôr á venda, tres qualidades de bolachas, doces como os versos de Luiz Osorio, macias como o pello d'um regalo.

# Os professores d'instrucção primaria

Ha vinte annos que toda a gente fazia d'elles esta ideia.



Atinal sahiram-nos assim.

N'um intuito todo altruista, porque a instrucção traz infelicidade, não querem requintes d'instrucção. Para eiles não ha gymnastica que valha a subida a uma figueira. Gymnastica fal-a cada um em sua casa, com sua mulher e seus filhos.



Que nos faz ver o congresso? Professores gordos e meninos magros. Antes fosse o contrario: professores magros e meninos gordos.



PROFESSOR MAGRO, INSTRUCÇÃO GORDA.  
PROFESSOR GORDO, INSTRUCÇÃO MAGRA.

# THEATRO DO GYMNASIO.

## AS NOIVAS DO ENEAS



Mais um original portuguez, um original do incansavel dramaturgo Gervasio Lobato, *As Noivas do Eneas*, peça toda borrhada de graça á antiga portugueza e desempenhada pelos artistas do Gymnasio com uma larga correcção e aguda comprehensão.

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.ºs 36 a 40.

Typographia Costa Sanches Filhos—Calçada do Sacramento, 38 e 48



## GUERRA JUNQUEIRO



O novo livro de Junqueiro, *Os Simples*, é uma esponja d'oiro que absorverá todas as admirações, apagando aquellas que uma irmandadesinha litteraria de má morte havia feito convergir, á custa das mais risiveis humildades, para dois ou tres volumes mediocres ultimamente sahidos. Enquanto estes vão de mulletas por veredas de ha muito palmilhadas, o de Junqueiro vae por seu pé, por caminho seu.

Livro elevado e claro, com erupções de genio, e cuja technica miraculosa, impondo-se irresistivelmente, assignala o triumpho das modernas theorias poeticas, o triumpho d'essa Arte nova, nervosa, viva, voluptuosidade dos Raros e gaudió de certos criticos que, em frente das montras dos chapeleiros, agora cheias de chapéos de palha, se extasiam gulosamente, como os lambareiros se extasiam deante das confeituras.



Da minha janella, alta e dominante, estou vendo o sol no Tejo.

A atmospherá é limpa, salpicada d'oiro, como um frasco d'aguardente de Dantzig; e o ceo, torquesa e perola, d'uma macieza transparente de pastel.

Telhados rubros clangoram como charamelas de torneio.

Pelos jardins da vizinhança, brotam verduras mimosas; colchões flexuosos, colchões de pennas, onde os olhos se espreguiçam.

E vermelhos e voluptuosos, como beiços de virgem pubere, deitando a cabeça por entre as grades das varandas, cravos sanguineos veem quem passa.

Correm no chão doirado as sombras das pombas.

Pregões.

Vista, como eu a vejo, assim d'alto e ao sol, Lisboa surge como uma incomparavel cidadezinha de felicidade, alegria e paz, sem uma tara d'infortunio, toda luz, flores, cal branca e ceo azul.

Vamos por hi fóra. E, rua adiante, a mesma expressão de tranquillidade e offegante bem-estar se vê toucando as creaturas que, cingidas de tecidos claros d'estio, flannels brancas, sedas frouxas, gravatas brilhantes como dalmaticas, lãs de cór morta, veos leves como nebrinas, vagabundeiam, despreoccupadas e felizes, tomando a vida como uma estação de prazer, como um eterno mez de ferias passado á beira d'um mar manso, em frivolidades embebedantes de casino e alegres merendas na areia.

Assim se deu um pontapé n'essa enguicenta traparia de lucto que nos tornava a alma n'um chapeo alto de viuvo, e, n'uma indiferença de fatalistas, janellas fechadas sobre o saguão da tristeza, janellas abertas sobre o parque florido da alegria, todos vamos saboreando a existencia, como se saboreia um alperce loiro e córado.

A velha, a torturante opinião de que isto é um paiz morto, um paiz na agonia, tysico em ultimo grau para o qual não ha sanatorio possivel, tem-se enfranquecido, tem perdido raizes. Está isto mal? Estará, mas vae-se aguentando. Ha dois annos que se levantam prophcias de morte imminente. Morre hoje, morre amanhã... E o doente vae vivendo, vivendo sempre.

As prophcias não se realisam. E n'um desdem supremo para com os inhabeis prophetas, a gente acaba por perder o medo, por despir a armadura de terror que nos flagellava as carnes e por olhar o mundo aavez do monoculo cór de rosa, de Epicuro.

Caem ministerios, fazem-se comicios, a vida nova vae por agoa abaixo, estrampalham se as negociações com os credores estrangeiros, as industrias fenecem... Tudo isso, que a principio nos sobresaltou, nos mercece agora a mais completa indiferença. E de cara alegre, flores na botoeira, risos na bocca, Lisboa canta, ri, bebe, tapando as massellas e as melancholias intimas com tufos de castante alegria, como uma linda mulher occultando com geadas de rendas as escrophulas abertas do pescoço.

Eu.

## DOM RODRIGO OU OS BANHOS DAS CALDAS DA RAINHA



Botas grossas, chapeo largo,  
Longo manto verde-mar,  
Anda o fero D. Rodrigo  
Em seu mirante a passeiar.

De quando em quando á janella,  
Fero, se vae encostar,  
Uma braza no cigarro,  
E duas brazas no olhar.



Suas unhas são agudas  
Como as unhas d'um jaguar,  
A sua respiração  
Como uma tromba no mar.

Todo elle é tereza e furia,  
Na voz, no rosto, no andar,  
E cada gesto que traça  
Põe um cyclone no ar.



Eis que surge muito ao longe  
Longo cortejo a marchar,  
Sussurro d'aquellas vozes  
Lembra o sussurro do mar.

D. Rodrigo Estraga-tudo  
Vae seu oculo buscar,  
Por seu oculo de prata  
D. Rodrigo põe-se a olhar.



Passados poucos instantes  
Vê-se o cortejo parar  
Sob o mirante onde bate  
Em cheio a luz do luar.

D. Rodrigo se debruça  
Com duas brazas no olhar  
Dom Rodrigo põe-se á espera,  
Um homem põe-se a fallar:



«—D. Rodrigo, D. Rodrigo,  
Senhor de duro mandar,  
Chegou o tempo da aberta  
Que é o tempo de folgar.

«Para que os vossos vassallos.  
Possam rir, possam dançar,  
Mandae, senhor, para as danças  
Vossas salas preparar.»



Ouvindo tal, D. Rodrigo,  
Fero, começa a córar:  
—«Mudae-vos, raça d'ociosos,  
Que não vos posso escutar!»

Tal falla de D. Rodrigo,  
Senhor de duro mandar,  
Soa rijo, soa forte,  
Como duro trovejar.



Surpresos de fundo medo  
Todos se põem a alvorar,  
Vae cada um para seu lado  
A correr e a tropeçar.

Em breve, de humano peito  
Não se ouve o menor piar,  
E' tudo um silencio enorme  
Só se escuta ao longe o mar.



E do alto do seu mirante,  
onde bate a luz do luar,  
D. Rodrigo Estraga-tudo  
Senhor de duro mandar,

Fica passeiando, orgulhoso,  
Com duas brazas no olhar,  
Como um lobo afugentando  
Um rebanho á luz do luar.

1 ABERTA — Dia da abertura solemne do Hospital das Caidas da Rainha em 15 de maio.

# O FILHO PRODIGO

(Parodia ao quadro de Dubuffe)

2



Chegam os dias negros. Abandonado de todos, pastoreando n'um montado uma vara de porcos, Martins Prodigio deplora amarguradamente a sua leviandade, os seus erros, e lembra, olhos em lagrymas, e o espínlio da nostalgia a rasgar-lhe a alma, lembra os encantos do lar abandonado, os conselhos do Pae, as solitudes da Ama.

1



Empolgado pelas irresistiveis seducções do poder, Martins Prodigio deixa o lar paterno, o recato, a placidez domestica, a companhia do seu pae, o bom-senso, e as caricias da sua ama, a Historia, e parte, estroina e gastador, entregando-se ás mais balthicas e perfumes, os beijos ardem, e os abraços eston...

3



O bom filho á casa torna.

Augusta Bordallo Pinheiro

## FESTIM DE BALTHAZAR.



## A FESTA INDUSTRIAL

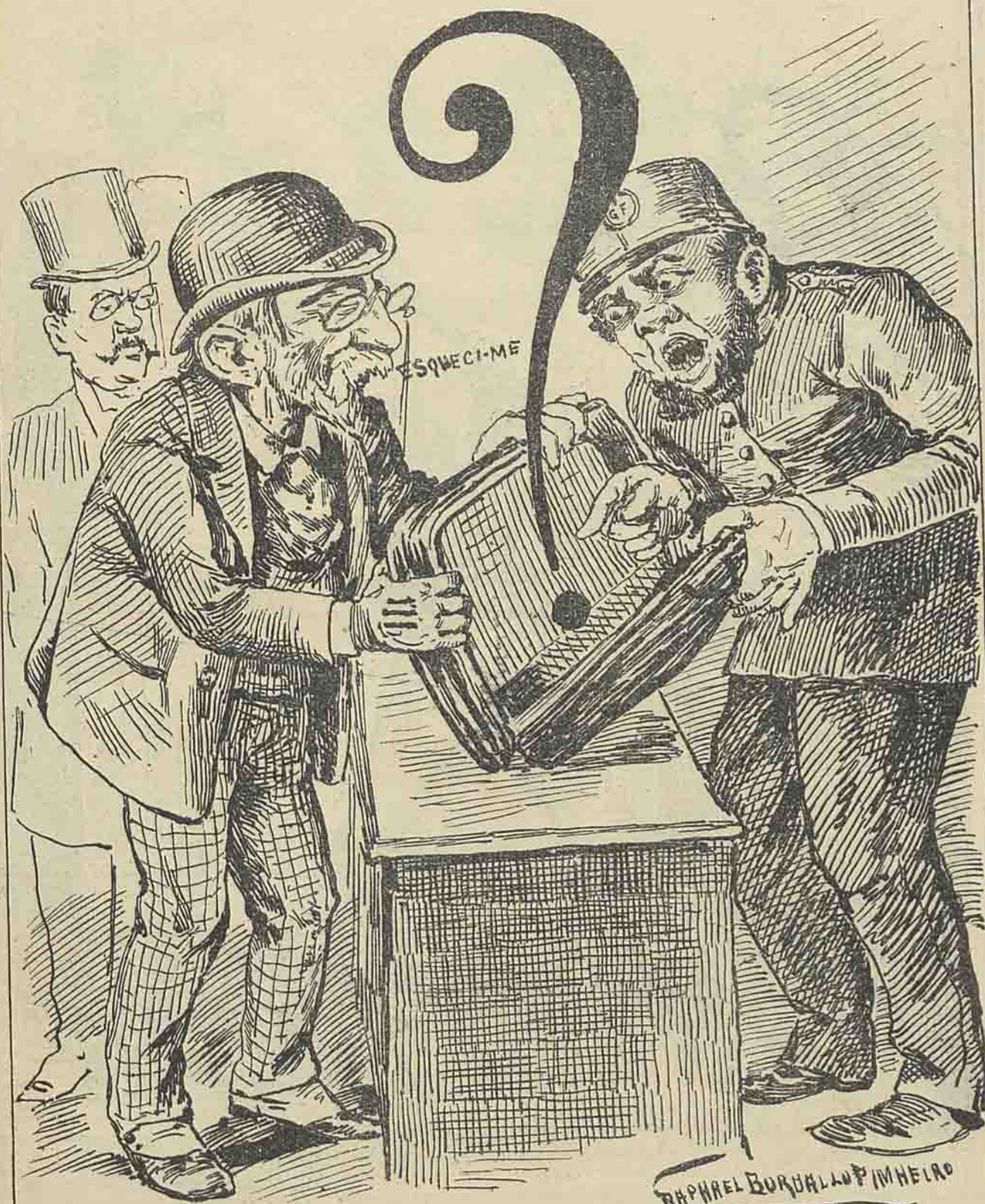


RAPHAEL BORGALLO PINHEIRO

A festa industrial realisada em S. Carlos foi, entre as muitas que ultimamente se tem realisado, uma das mais brilhantes e de mais accentuado caracter nacional. Pelos nossos mais eminentes actores comicos foi representada uma alegre farça de Gervasio, expressamente escripta para essa noite, e, entre explosões de fundo entusiasmo, ouviram-se as *Rhapsodias* de Victor Hussla, um artista de primeira agua, que n'esta obra duradoira e séria, faz apparecer, entre desmaios, risos e nebrinas d'orchestração, toda a ingenuidade, todo o suggestivo encanto da alma popular, portugueza.

A decoraçáo do theatro revelando claramente os raros recursos artisticos de quem a dirigiu, a senhora duqueza de Palmella.

# O CONVENIO



Chegada do negociador.

# LIMPEZA DA CASA



— São Bento te prenda!...

## CONTOS ESCOLHIDOS DE ALBERTO BRAGA



N'um agradável volume, do feitio dos de Guillaume, gracilmente illustrado por Casanova, impecavelmente typographado na Imprensa Nacional, acaba o bibliopola Gomes de reunir e pôr em commercio a flôr dos contos de Alberto Braga.

Livro de prosa cursiva, sem complicações de phrase, sem labyrinthos de dizer, simples, transparente e facil, manando como um veio d'agua n'um chão deervas, livro calmante, leitura geitosa para todos os que, em litteratura, preferem aos verdes venenosos da nevrose e aos escarlates absurdos dos sonhos depravados, as nuanças tenras e mácias das ficções singellas, singellamente ditas





Com a assistencia dos directores geraes da contabilidade e da thesouraria, reuniu, terça feira passada, o conselho de ministros, afim de tomar uma resolução definitiva a respeito do convenio e do emprestimo.

As previsões deram certo.

Convenio e emprestimo, os dois palliativos com que se contava amortecer e attenuar as dores agudas que affligem o erario, não foram ratificados pelo governo, que, no sentido de *provar o seu respeito pelos interesses legitimos dos portadores da divida externa*, resolveu pagar um terço do coupon da divida amortisavel, vencido em 1 de abril e ainda não pago, e um terço do coupon da divida consolidada, que deve vencer-se no primeiro dia do mez que vem.

Conhece-se a determinação do governo, largamente propagada pelas folhas diarias, mas o que integralmente se ignora é o que elle regeitou, isto é, o contracto realisado, em Paris, pelo conselheiro Serpa, a quem o sr. José Dias Ferreira, em nome da collectividade que dirige, deu, ou vae dar, segundo se diz, uma ampla satisfação devida aos talentos, posição e honestidade do negociador.

Ha, evidentemente, um proposito firme de sigillar, de raptar ao exame publico as linhas geraes e os detalhes d'esse contracto.

O esoterismo da kabala assyria começa pois a ser empregado na politica portugueza, onde, conquistada a suprema sabedoria, só accessivel aos iniciados, os ministros, como sacerdotes da sciencia occulta, celebram os altos mysterios da governação, longe dos renegados, dos barbaros, dos ignorantes, que ainda não foram tocados pela miraculosa faisca que os inspira a elles, governantes.

\* \* \*

Sómente, os renegados, os barbaros, os ignorantes, que somos nós todos os que vivemos longe do augusto templo da magia politica, com janellas para o Terreiro do Paço, os renegados, os barbaros, os ignorantes, perdido o enthusiasmo, perdida a fé, perdida a confiança, nem já possuem o sentimento da curiosidade e tem ares de desdem para os ares mysteriosos do governo, e, amantes de nudezas, preferem ver desnudadas certas damas que cultivam com arte o terceiro dos peccados mortaes, a ver desnudado o famoso contracto do sr. A. de Serpa, que a estas horas está purificando o seu espirito, entre a frescura das fontes e sob a verdura agasalhadora das arvores de Cintra, o florido Asylo Hermetico do occultismo occidental.

\* \* \*

O actual ministerio é um predio em obras.

Todos os que passam em baixo se desviam, receiosos de que alguma pedra lhes caia em cima. E os pedreiros hão-de cair dos andaimes antes do predio estar concluido.

Eu.

## CADENCIAS VAGAS

Com o titulo *Cadencias Vagas* acaba o Poeta Joaquim d'Araujo, nosso amigo, de publicar em volume uma serie de poesias de Anthero, disseminadas em jornaes e carteiras, e até hoje inda não recolhidas em livro.

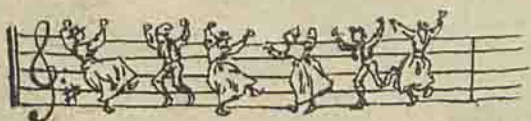
Tiragem de vinte e quatro exemplares, apenas, que não serão vendidos. Publicação, pois, do mais alto valor litterario, do mais alto valor bibliographico.

# SALTO A PÉS JUNTOS



Isto é que é um catita; merece o agradecimento de todos.

## Real Academia de Amadores de Musica de Musica



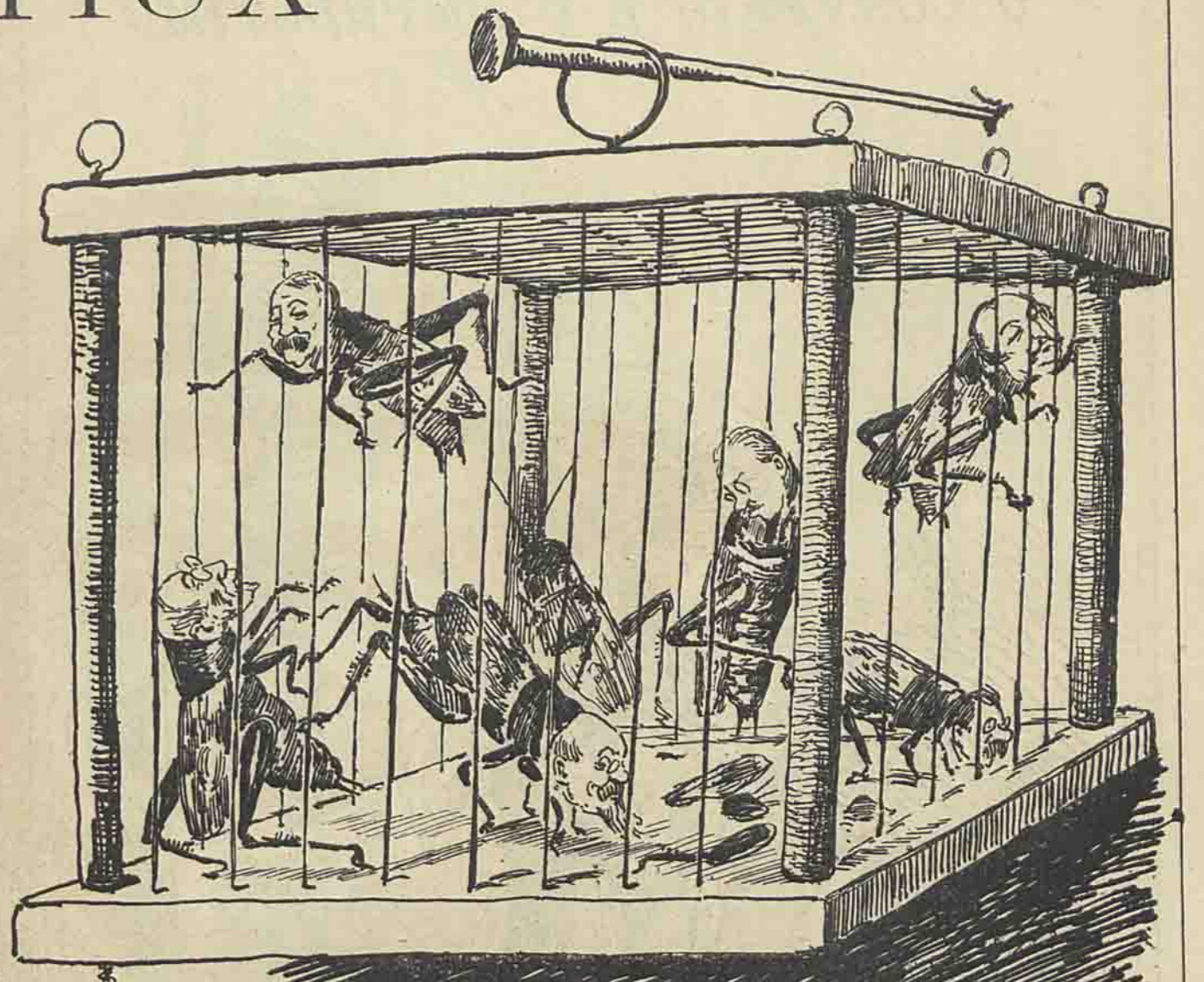
A Real Academia de Amadores de Musica, a bem artistica sociedade que, parallelamente com o seu ideal esthetico, sabe fazer correr o seu ideal philantropico, promovendo, continuadamente, festas em favor de gentes e instituições necessitadas, dá no dia 17 um concerto em beneficio proprio. Beneficio a que concorrerão todos — que são todos—os que, admirativamente, reconhecem os altos serviços prestados á musica portugueza pela Real Academia.

## Beneficio de R. Peixinho



Domingo que vem, na Praça d'Almada, festa do bandarilheiro Raphael Peixinho. Festa que, n'este tempo de sol e de cravos, dado o nosso particular amor por espectaculos d'esta natureza, fará com que, n'esse dia, a tira do Tejo, que vae do Cues de Sodrê a Cacilhas, seja interminavelmente talhado pelo vae-vem dos vapores, abarrotados de gente.

# A POLITICA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Exactamente os grillos do Padre Simões.

# O CONVENIO E O EMPRESTIMO

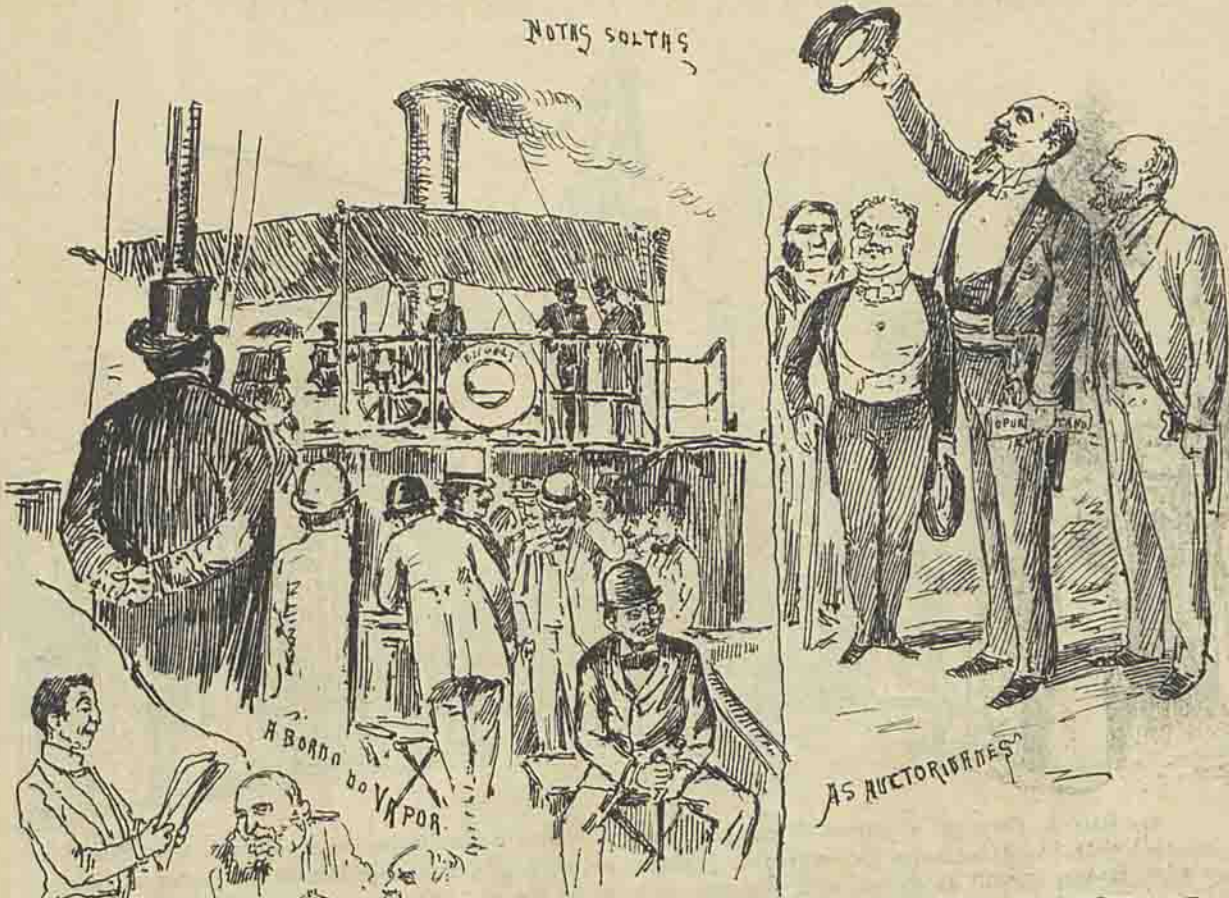


RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

—E então eu?

# FABRICA DA ARRENTELLA

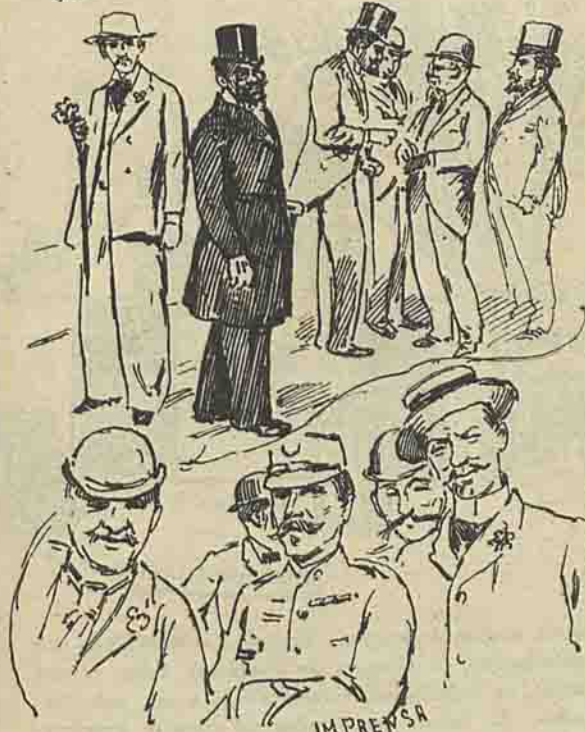
NOTAS SOLTAS



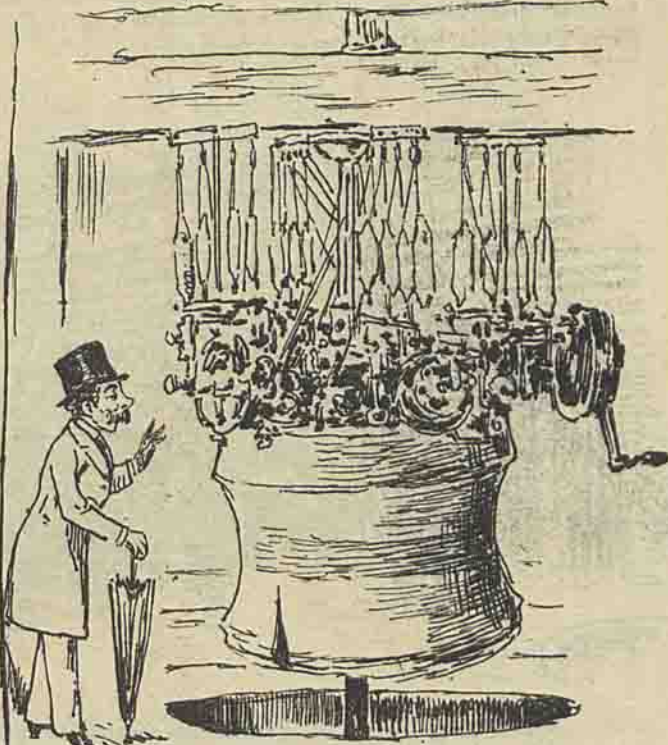
A BORDA do VAPOR

AS AUCTORIDADES

DISCURSO DA DIRECCAO



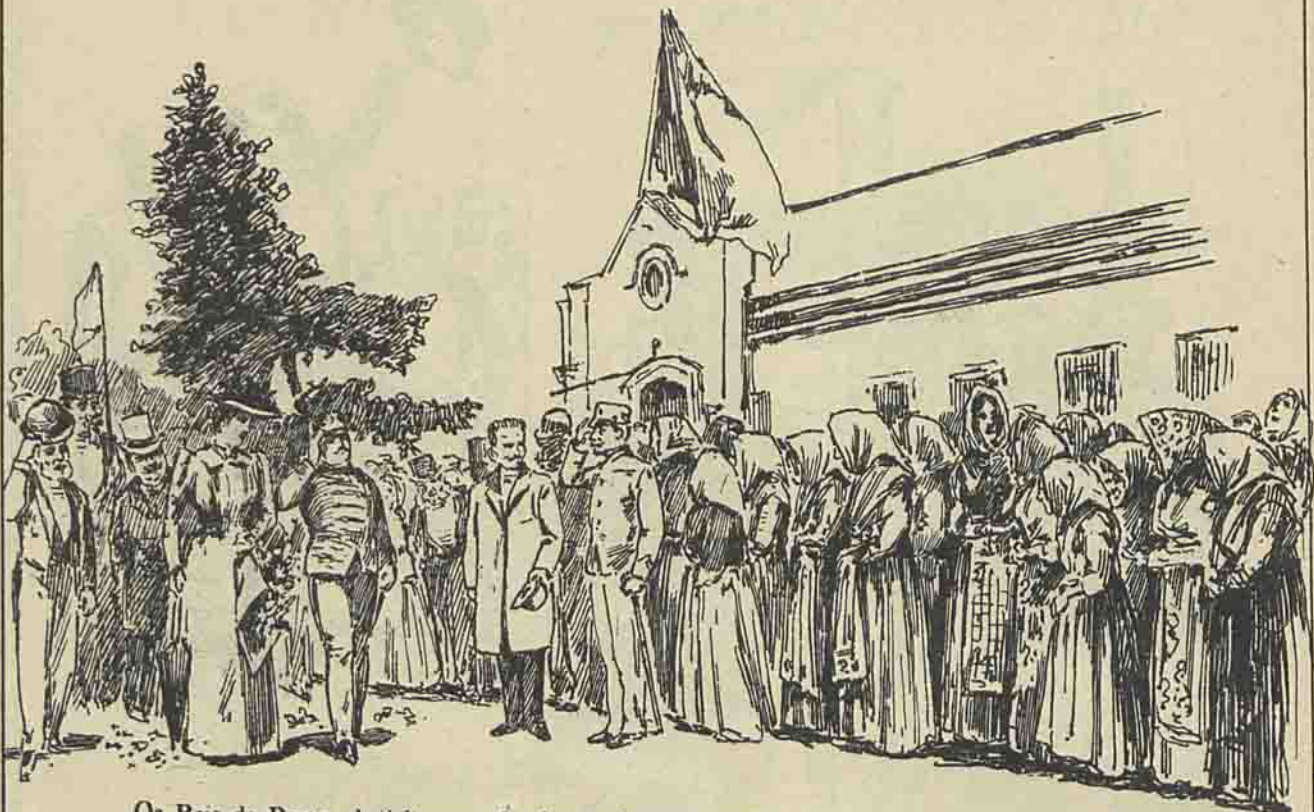
IMPRESSA



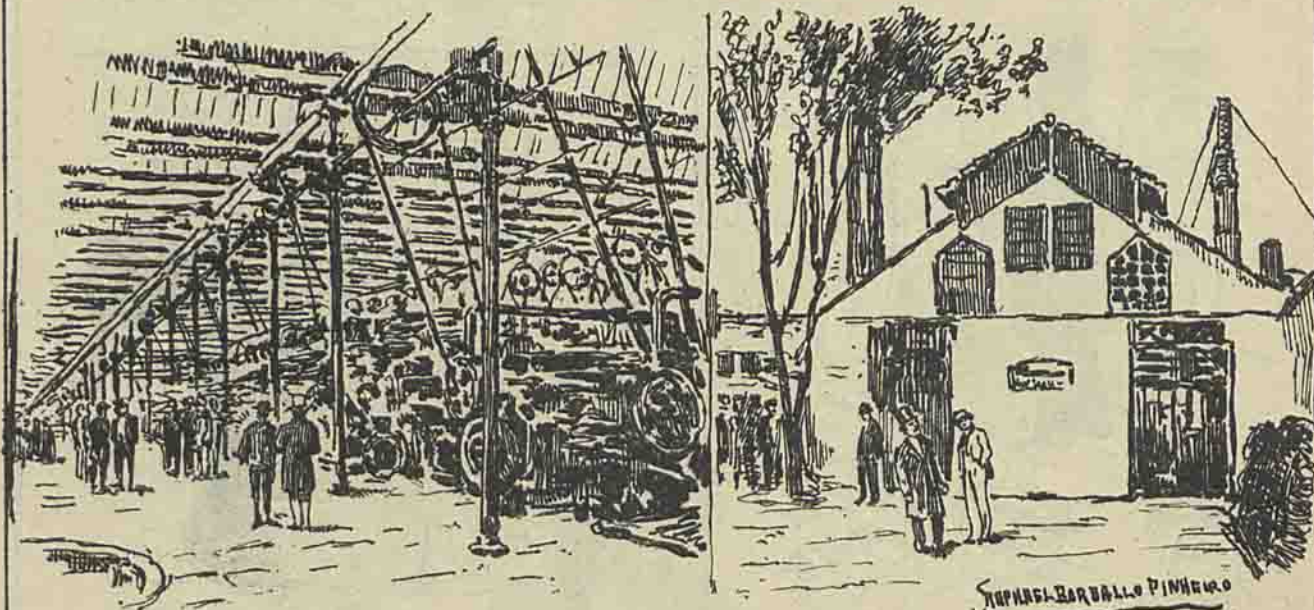
AMACMIFICA MACHINA DE FAZER MEIA. MACHINA INTELEGANTISSIMA SO AHE FALTA FALAR PARA SER COMO UMA PESSOA.

RAPHAEL BONDILLO PINHEIRO

## FABRICA DA ARRENTELLA



Os Reis de Portugal visitaram, domingo ultimo, a fabrica de lanificios, da Arrentella. Com Suas Magestades foram representantes da imprensa, grandes industriaes, homens evidentes de todas as classes. A' chegada, sob um sol de gloria, uma explosão ardente de alegria, philarmonicas com incendios de som, foguetes, discursos, vivas, symphonias de cór nas vestes domingueiras, todo o cerimonial, em summa, das festas d'este jaez. Fabrica de primeira ordem.



Visitando-a, todos os pessimismos ácerca da industria nacional cahiram. Engenho e actividade dos operarios, senso dos administradores, magnificencia das installações, excellencia de artefactos, tudo, n'uma palavra, fez recobrar a esperanza perdida de nós, os atrasados, os indolentes, virmos ainda a ser, pelo trabalho, os eguaes das nações mais laboriosas, mais adeantadas. Ao correr dos brindes do almoço, graciosamente offerecido aos convidados, transpareceu bem essa esperanza, unica esperanza ajuizada, séria, consoladora, n'estes dias fuscos, de desesperanças.

# COLYSEU DOS RECREIOS



A companhia lyrica, que actualmente está no Colyseu dos Recreios, é, sem favor algum, de primeira agoa. Igual, harmoniosamente formada, cheia de bons artistas, alguns de horisontes largos. Entre estes, justo é signalar Joaquin Aragó, nm notabilissimo cantor que ha-de dar que fallar; Maria Vendrelli, quasi uma creança, cheia de talento e de gracilidades; P. de Urrutia, regente da orchestra e regente como ha poucos; Damiano Roura tenor incipiente com uma bella voz; Carolina Caroli e Giusepe Boldu, que na ultima epocha cantou em S. Carlos.

## VARIAÇÕES

Uma fina mão d'anneis sollevou o velludo espesso do reposteiro, e uma voz clara, como um fio de vinho pallido cantando n'um crystal fragil, cantou:

—Queira ter a bondade d'entrar.

Um beijo meu turva as esmeraldas da fina mão d'anneis.

Sentamo-nos.

Maria da Curiosidade, a minha linda amiga d'olhos verdes, uma tulipa azul nos dedos, uma tulipa negra nos cabellos, tem sobre a pelle uma cabaia de seda furta-cores, onde, entre cegonhas, dragões, caranguejos e avestruzes, se desmancham ramilhetes de crysanthemos imperiaes. Os pés nus n'umas chinellas mouriscas, brancos de leite com ceruleas divagações de veias, reclamam a amorosa submissão dos labios. Nos seus pulsos pennugentos e perturbadoramente ungidos com perfumes doces do Cairo, braceletes, como boecas d'oiro com pedrarias por dentes, riem. E como a sua cabaia é de seda furta-cores, a parte da cabaia que lhe cobre os peitos, movida pela respiração, subindo e descendo, apparece ora azul, ora côr de fogo.

Maria da Curiosidade, a linda nervosa que tudo sabe, que tudo procura saber, que tudo vê, que de tudo dá fé, está infinitamente aborrecida. Nem uma novidade, nem um pequenino escandalo, nem uma conspiração para a distrahir! Tudo adormecido em Portugal! Portugal é para ella como uma tina para um nadador.

E a linda magra deita, custosamente, a cabeça para traz, meio adormecida.

A janella do aposento é uma larga janella de vidros limpídos, velados por uma rede fina e brilhante, atravez da qual se vê sem se ser visto. Em baixo, uma rua silenciosa e deserta, como as de Cordova, ás horas do calor. N'uma esquina: *Rua da Evidencia,*

Nem viv'alma.

—Ora veja, diz ella. Ha longos dias, ha longas semanas que por aqui não passa o mais leve acontecimento. Por isso eu me entristeço e me mortifico. Antes viver n'uma cidade morta do Egypto...

Os dragões da sua cabaia abrem as fauces, aborrecidos tambem.

Estoiram os canhões. Corremos á janella.

—Ah! bem sei, é a procissão de S. Jorge que recolhe.

Minutos depois, uma carruagem de ministro passa, correio ao lado.

—Que bigodes tão brancos!

—De que côr terá elle o talento?

—Não sei, meu amigo. Mas parece-me que aquelles cabellos misturados com aquelle talento dariam qualquer coisa como uma chavena de café com leite.

A carruagem desaparece ao tundo.

—O decreto dictatorial, a reunião em casa do Serpa, a chegada da Rosa d'Oiro, a revolta militar: que noticias me dá de tudo isto?

—Que noticias hei-de eu dar-lhe! Como sabe, as mumias nunca me preoccuparam.

Crepusculo.

Uma penumbra azul dilue os contornos.

Subitamente, passos na rua.

Voltamos á janella.

Passo grave, flores na botoeira, um cavalleiro caminha ageitando o chapeo que mal se sustenta.

—Olhe que ideia a de F.! Cortou o bigode.

—Engana-se, meu amigo, o bigode subiu-lhe ás fontes e, chegado lá, petrificou-se.

Noite fechada. Cerra-se a janella...

O chá fuma em porcellanas da India.

—Que paiz este! meu amigo, um paiz onde uns bigodes brancos e uns bigodes petrificados prendem as attentões...

Eu.

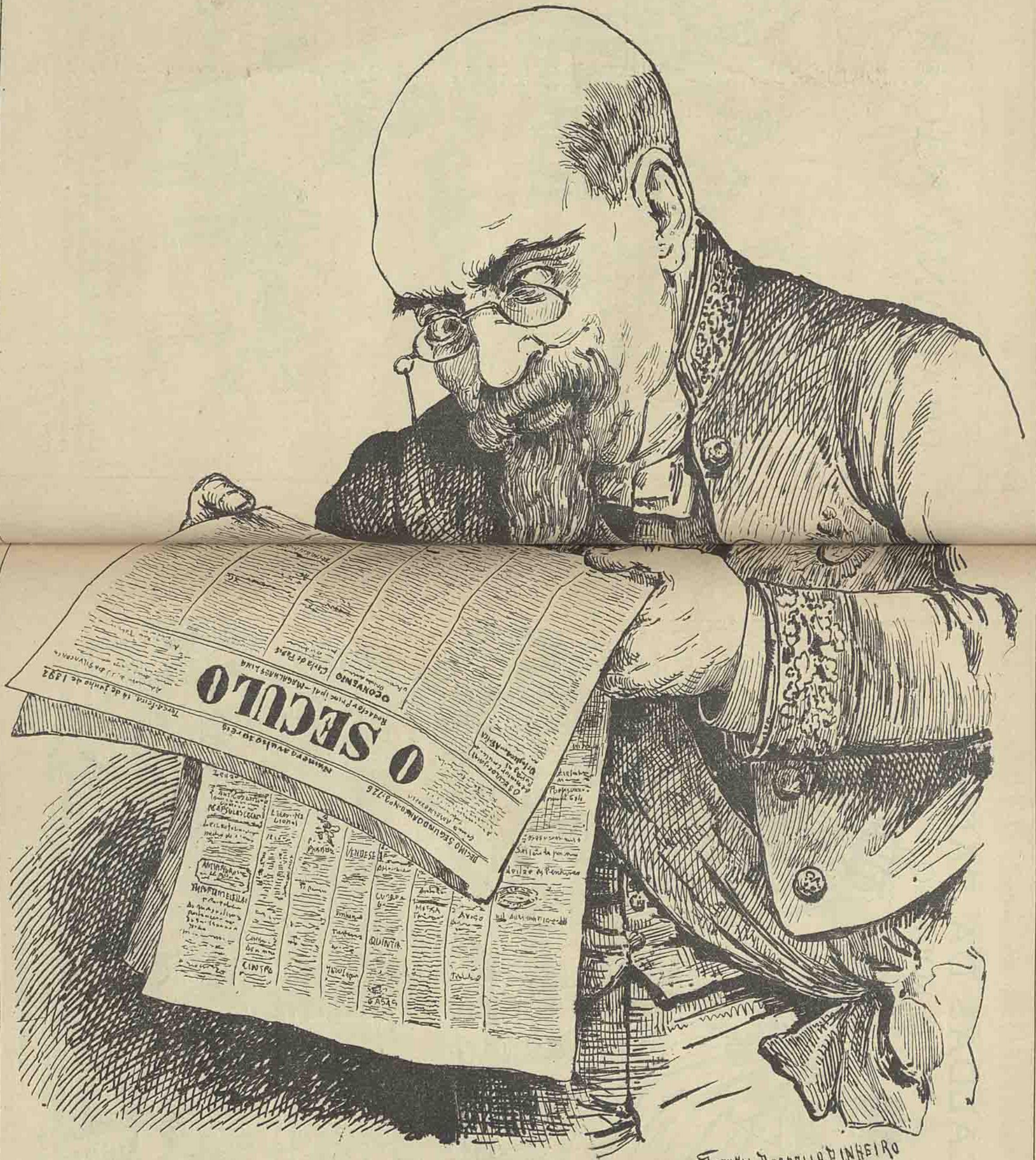


# PRAGANÁ NAGAR-AVELY



A' intelligente attenção dos que nos leem recomendamos o curiosissimo livro que o sr. A. A. de Macedo Pinto sobre a publicar ácerca da Praganá Nagar-Avely, livro de cheio de interessantes notas ácerca de Sindony, Querpum, Berpum, Berdum, Cararpará, Dadará e outros sitios de Praganá e de justos descriptivos das enormes florestas de Bridabini, onde a teca, o ker e o sadra sombreiam o agitado curso do Pimpoliá.

# O NOVO ORGÃO OFFICIAL



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

# CALDAS DA RAINHA

## D. RODRIGO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Por um dia de calma D. Rodrigo Estra-tudo, fontes perladas de suor, desceu ao parque a reclamar a sombra fresca dos arvoredos. Terreno secco e gretado como a lingua d'um bebedor. Olhos meio cerrados, D. Rodrigo, como um beduino dormindo a sesta no deserto, pensava no encanto que seria um lago, alli, sob aquellas folhagens, refrescando os olhos. E resolveu fazer o lago. Gentes da plebe vieram e com euxadas, picaretas, pás e alviões rasgaram a terra. Ficou o lago prompto; em torno, como ameias, collocaram-se pedras ornamentaes do feitio de thiaras. Faltava uma unica coisa: agoa. Procurou-se por toda a parte, não se encontrp. E os inimigos de D. Rodrigo desataram a rir, vendo gorada a hydraulica empresa. Subitamente e milagrosamente, sem se saber como, a um gesto de Moyses—D. Rodrigo, dez mil pipas d'agoa enchem o famoso lago, deixando mortos de pasmo e de despeito os citados inimigos.



Modelo de gondola para passeios no lago.

# CALDAS DA RAINHA

D RODRIGO



D. Rodrigo passeava os dias á beira do lago mirando-se na agoa. Uma vez, d'uma gruta onde vicejavam fétos, sahiram estas palavras de Homero: «As abelhas visitam este asylo onde, em taças e anphoras, deixam o seu mel d'ouro; em teares de pedra as Nymphas tecem veos de purpura; maravilhosos...» Ouvindo tal, D. Rodrigo larga as suas vestes de côrte e, mudado em Tritão, tocando uma busina, entra no lago, onde ficou vivendo entre as caricias e os folgedos das femininas divindades dos lagos, sempre prodigas de risos, sempre toucadas de nenuphares e perolas liquidas.

# A RODA DOS ENGEITADOS

(A proposito do artigo de Eugenio de Castro, publicado no «Jornal do Commercio» de 12 do corrente.)



**Desnaturada mãe !**

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.<sup>o</sup>  
Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.<sup>os</sup> 36 a 40.  
Typographia Costa Sanches Filhos—Calçada do Sacramento, 38 e 48

## MAURICE BARRÈS



Este é o retrato de Maurice Barrès, moço escriptor da mais rara sensibilidade, querido de todos os espiritos finos e agudos.

Depois dos seus famosos romances ideologicos onde tão magistralmente, com tanta subtileza desenvolveu a sua theoria da cultura do eu, *Sous l'œil des barbares*, *Un homme libre*, *Le jardin de Berenice*, acaba de publicar um pequeno volume, *Toute licence sauf contre l'amour*, delicioso breviario que toda a juventude moderna diariamente deveria ler, e no qual, provada a inexistencia das discutidas antinomias do pensamento e da acção, provado que o pensamento é a unica acção, Barrès, dirigindo-se aos novos, clama contra o *enregistement*, adverso a todo o individualismo, a todo o desenvolvimento intellectual.

De todos os que entram na vida chamamos a attenção para esta obra de primeira agoa, purissima, sem tara.

## VARIAÇÕES

Esperava-se um morteiro de dynamite, appareceu uma limonada.

O manifesto republicano, redigido com uma serenidade e uma brandura d'expressão inegalaveis, observando maciamente as coisas portuguezas, sem phrases explosivas, discreto e bem comportadinho na sua completa abstenção de alvitres revolucionarios, vem—com pasmo de todos—mostrar a candura d'alma e as platonicas, inoffensivas intenções dos nossos jacobinos.

Surge como um pombal branco aquillo que a gente tinha por um paiol de polvora.

Na hora em que se esperava ver passar uma legião de insubmissos, rubros de colera e de enthusiasmos, agitando no ar pavilhões incendiarios e cabeças lividas, de mortos, espetadas em chuços perlados de sangue fresco, desfila um batalhão das escolas municipaes.

Em vez de vitriolo: agoa morna com assucar.

\*  
\* \*

Largamente apregoado e anciosamente esperado, o manifesto republicano de forma alguma corresponde á propaganda que o precedeu e ás curiosidades que sobre elle convergiram.

O manifesto é um artigo de jornal, escripto depois da lei das rolhas: lo-gar commum e moderação.

Observando o estado da politica portugueza, os seus achaques, as suas lesões, reeditam-se n'esse papel famoso todas as coçadas formulas quotidianamente usadas por todos os ronceiros do jornalismo.

Que são "graves os erros commettidos pela politica facciosa contra a fazenda e a honra nacional," que os costumes são roxos de gangrena; que é preciso purificar os actos eleitoraes: eis o que lê se diz

Nem uma observação nova, nem uma nova consideração.

Observações calvas, d'oculos azues, lenço de ramagens, bengalorio de castão e caixa de rapé.

Na indicação de caminhos novos a trilhar, de veredas a abri: teias d'aranha e bulor.

Qualquer coisa como um projecto de batalha imaginado pelo actor Taborda, o mais pacifico dos ho-mens.

\*  
\* \*

*Do Reporter :*

"Queixa-se um nosso assignante d'Oliveira d'Azemeis de que recebe esta folha com a maior irregularidade.

Ao sr. director geral dos correios pedimos providencias.,,

Pois sim, hão-de ganhar muito com isso. Peçam ao José Dias que endireite os olhos.

\*  
\* \*

*No Madrid, á noite.*

—Um copo de leite.

Minutos depois:

—Este leite está quente.

—Está, sim senhor.

—Dá-me gelo.

Com uma colher o freguez põe-se a agitar aquelle gelo n'aquelle leite, aquelle diamante n'aquella opala.

Arrefecido o leite, o freguez:

—Este leite não é puro, este leite tem agoa.

\*  
\* \*

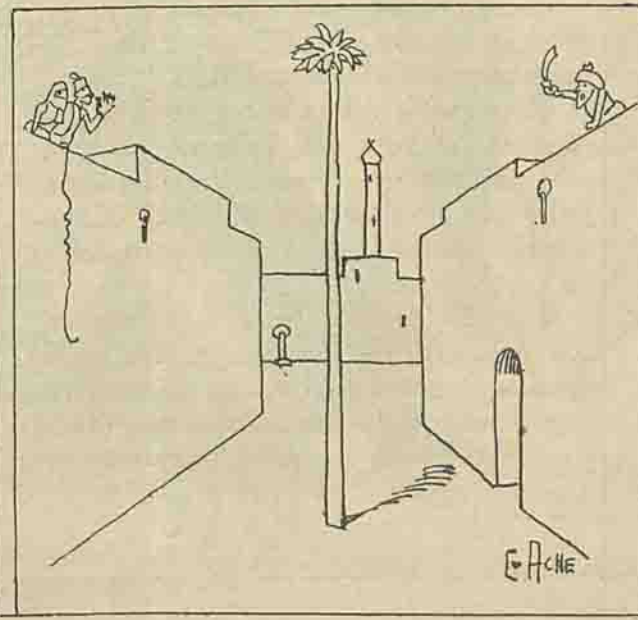
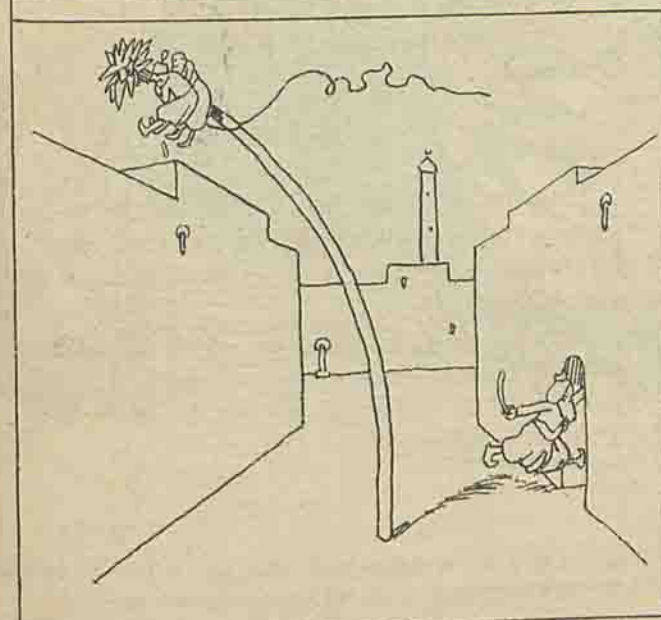
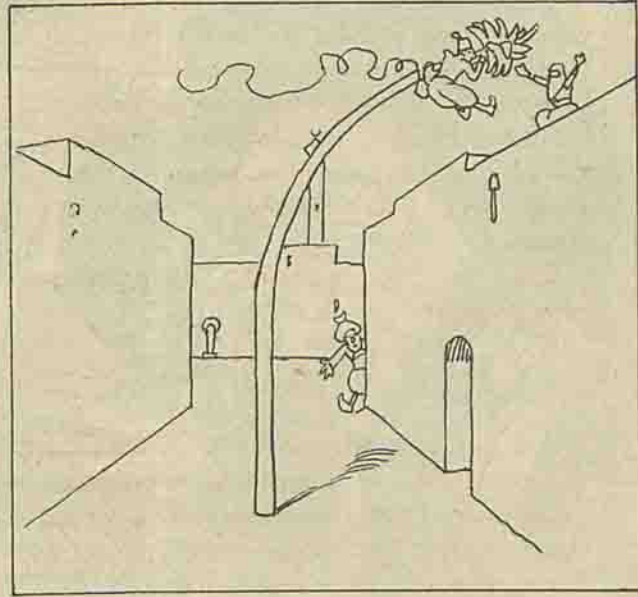
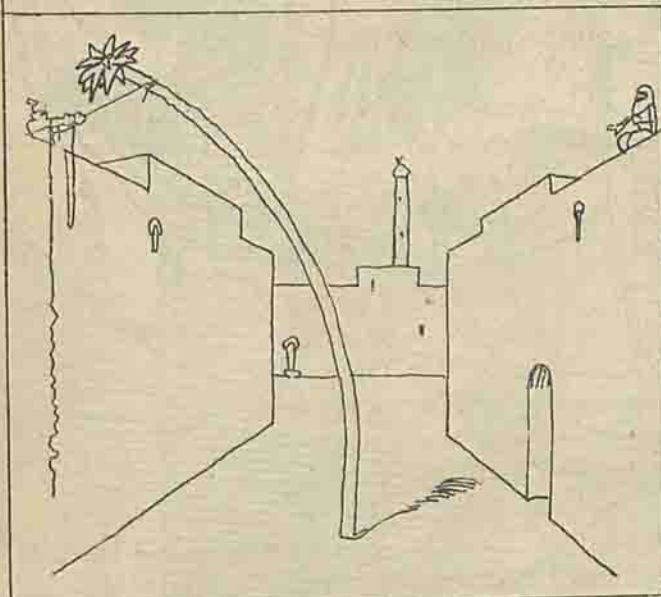
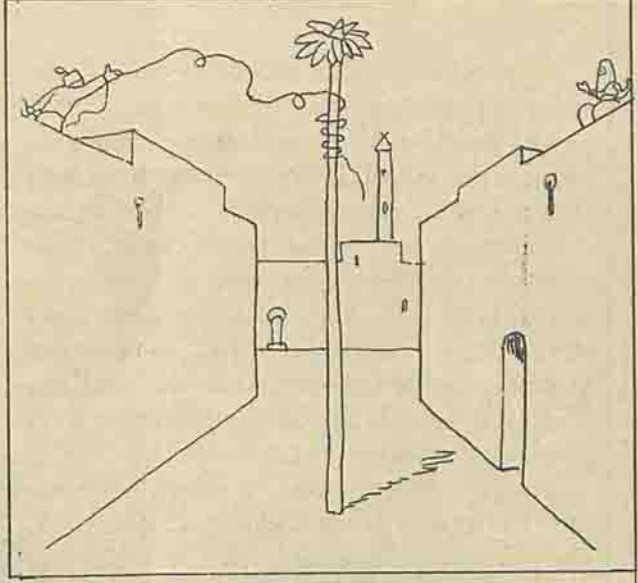
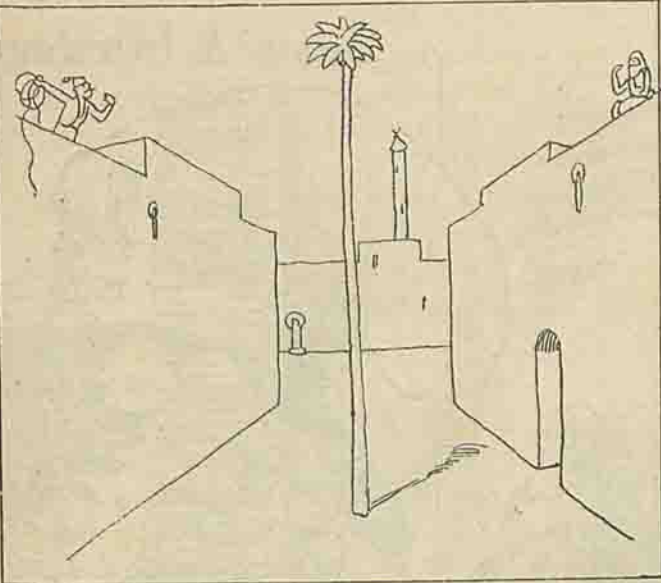
Guardando um troco de cigarros, vejo uma cedula suja de sangue, de immundicie. Parece que esteve a cobrir um cancro.

Nunca me pareceu tão verdadeira a phrase de Goncourt:

—*Le papier monnaie c'est la charpie d'un état blessé*

Eu.

# MEIOS DE COMMUNICAÇÃO





# O MANIFESTO REPUBLICANO E O ZÉ POVINHO

A fresca substituição do carneiro com batatas

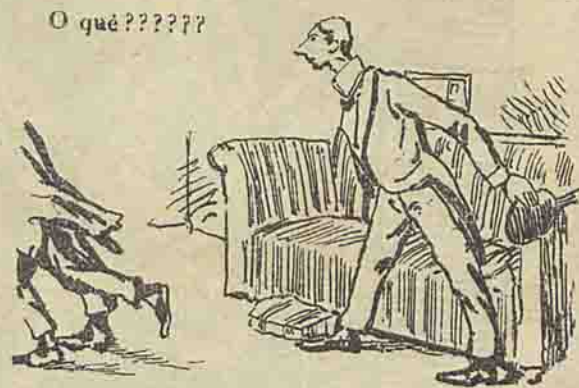


—Muitíssimo lindo, fino como quem o fez, mas... é frio e tem muita espuma. Não era preciso tão grande toilette para tão pouca soda.



—Isto sim, cheira que é um regalo: tem molho com *tudo* e sabe que nem gaitas. E' piteu já conhecido e bem cosinhado por mestre Zé Dias sem toilette nova.

# OS COLLARINHOS



Ao fundo da rua do Alecrim, lado direito quando se desce, ha agora uma *brasserie*, mantida por gentes de França, onde a *faulhanta*, viva, inegalavel graça gaulleza, como um fogo de artifício, rutila. Discreto e ameno logar onde uma cerveja, um *crystal* com xarope, uma flauta de champagne, um calice de porto nos é servido por mãos lindas de mulher graciosa, mãos bem mais agradaveis, bem mais *apperitivas* do que os callosos *appendices apprehensores* dos gallegos que nos nossos cafés enxameiam.





N'este Colyseu está trabalhando agora uma companhia com o feitiço das que costumam apparecer nas Folies Bergéres, o famoso café-concerto de Paris. Citando artistas, devemos pôr em primeiro lugar: Kina-Nera, notavel pelos seus equilibrios e jogos athleticos, Geram, engracado imitador e dançerino cosmopolita, e a Princeza Topazio, uma anãzinha cantando com uma incrível affeição temperada de graciosidades e malicia.

# A BARULHEIRA



Maestro Burnay dirigindo com o seu proverbial desembaraço a chifrinada dos credores estrangeiros.

# A ROSA D'OIRO



Zé Povinho:—«A mim cuitão nem ao menos um cravo de papel... moeda.»

## RAIOS DE EXTINGTA LUZ



Hoje ou amanhã deve ser posto á venda um volume editado pelo livreiro Manuel Gomes, contendo as poesias ineditas do grande poeta Anthero do Quental, colligidas pelo nosso amigo e illustre escriptor Theophilo Braga e pelo mesmo pretaciadas. *Raios de extincta luz*, o incomparavel titulo, é o começo da poesia com que abre o volumè.

A critica portugueza, sempre sollicita em rodear de applausos e louvores as obras mediocres e insignificantes, certamente ficará callada perante o apparecimento d'esta obra notabilissima. Mas nas almas finas, nas almas luminosas e sensiveis, o livro do glorioso morto encontrará piedosos altares, cheios de devoções e de incensos.



Segunda feira passada, celebrou-se na capella do real paço das Necessidades a cerimonia da entrega da Rosa d'Oiro offerecida pelo Summo Pontifice a S. M. a Rainha D. Amelia.

Mesmo para aquelles cujo radicalismo exaltado observa com desdem o alcance politico e religioso da offerenda, a cerimonia em questão, sob o ponto de vista decorativo, foi, sem duvida, uma das mais lindas festas que ultimamente se tem feito em Portugal.

Tudo o que de rico e de sumptuoso costuma apparecer em funcções da cõrte foi aproveitado: Os velhos coches, grandes como cathedraes, filigranados como joias, as velhas librés dos servos, vermelhas e com galões de preço; os ricos tapetes de Carmania, que tem assistido ás opulencias e aos desastres de tres dynastias; os inegalaveis objectos lithurgicos que na sachristia da real capella se guardam, brocados, lhamas, veludos, rendas, oiros trabalhados, antigas pratas monumentaes: tudo isso appareceu e brilhou ao sol d'aquella segunda feira incomparavel, dando aos raros privilegiados, que concorreram á festividade regia, a doce delicia d'uma digressão pelo passado, unico refugio dos espiritos agudos, amantes de finura e de requintes.

Venha d'onde vier, seja qual fôr a sua significação tudo o que tiver um accentuado cunho artistico capaz de exaltar uma imaginação, de aquecer uma phantasia, deve ser ardentemente adorado.

Ora, modernamente, confundidas as castas e os mistéres, substituida a casaca de seda, dos fidalgos, pela burguezia e antipatica casaca preta de toda a gente, dos cortezaõs, dos confeiteiros e dos gatos-pingados, substituida a caleça armoriada pela tipoiã de praça, baldadamente se procura coisa contemporanea apta para consolar gostos apurados, coisa que em si não encerre, em maior ou menor grau, o caracter d'estes tempos de industrialismo, de negação esthetica, d'estes dias de rodas dentadas e de chaminés de tijolo.

\*  
\* \*

Para que a vista se regale, para que o espirito se sobresse em nervosas voluptuosidades d'arte é preciso lançar mão do passado, das eras mortas, apagadas, ir aos museus, ir ás egrejas, assistir ás restaurações de velhas usanças, de velhos costumes, preferir os Jeronymos aos templos fim de seculo, do Chiado, e o torneio ultimamente realisado ás seccantes corridas do Turf-Club.

\*  
\* \*

E' por isto que, artisticamente, a festa de segunda feira teve um elevado alcance, alcance que o jornalismo portuguez não viu.

As gazetas luzitanas, umas distrahidas em genuflexões monarchicas, outras inflammadas em motejos e imprecações facobinas, myopemente não deram pela linha e pela cõr tão accentuadamente finas da funcção, que apenas lhes serviu para pirotechnias de estylo occo e para accender pequeninas questões de momento.

O que vale é que um jornal dura um dia e um tapete vive seculos.

Eu.

# A AMABILIDADE INGLEZA



O rapazinho anda mal arranjado, traz uma gravata que é uma indecência. John Bull, caridoso, dá-lhe uma nova e leva a sua amabilidade até ao ponto de lh'a pôr ao pescoço.

Mas quando lhe dêr o nó não vão de ver como elle aperta com força.



## BIBLIOGRAPHIA

*Oscar Leal, Viagem ás terra goyanas (Brazil Central).* Prefaciado pelo conselheiro Chagas, acaba de apparecer este livro onde o sr. Oscar Leal conta as suas explorações e aventuras nas terras goyanas.

Tecido com grande simplicidade de dizer o livro do sr. Leal tem passagens muito interessantes descriptivos muito curiosos.

Pelo exemplar que nos foi enviado, o nosso agradecimento.



## Beneficio de Peixinho



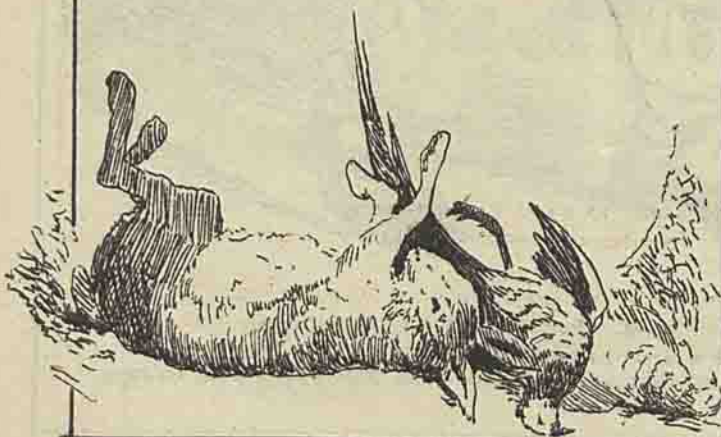
Domingo que vem, na praça de Cintra, beneficio do applaudido bandarilheiro José Joaquim Peixinho. Cavalleiros: Jorge Rebello da Silva e Manuel Casimiro de Almeida. Gado trazido das pastagens do lavrador Faustino da Gama.

Será, sem duvida uma encantadora tarde, attentas as sympathias e merecimentos do beneficiado, as qualidades do programma e as probabilidades d'um tempo magnifico, cheio de sol e de cor.

## CABARET DU ROCHER

A florista franceza, do Chiado, acaba de transformar a sua loja de flores n'um fino e delicado restaurante onde os mais exigentes paladares poderão sentir as mais altas delicias. Um loiro e herculeo cosinheiro francez (um Hercules que fosse ourives, tanto mimo teem as suas obras), um *gros-bonnet* da culinaria, quotidianamente exhibe n'esse restaurante as subtilezas incomparaveis da sua sciencia.

E, pelas mezas, separadas por frescas verduras ornamentaes, um tacto decorativo muito agradavel o para applaudir.



# GALLERIA DAS BOAS PESSOAS



Damos hoje os retratos das excellentes pessoas implicadas no crime de falsificação, n'estes ultimos dias tão minuciosamente relatado pela imprensa de Lisboa. As artes, o engenho do chefe da quadrilha, do habilidoso Mineiro, são verdadeiramente espantosas.

Com uma rapidez extraordinaria, em dois minutos, firme, sem uma hesitação, é de ver como elle imita as calligraphias mais arrevesadas, mais cheias de complicações. Os outros, meros comparsas do crime, sem qualidades especiaes, apenas mais ou menos depravados, mais ou menos manhosos.

# COLYSEU DOS RECREIOS



Terminamos hoje a publicação dos retratos dos artistas que formam a companhia lyrica do Colyseu dos Recreios. Maria Amodio, discipula do maestro Urrutia, é uma gentilissima me'o-soprano cujo trabalho na *Favorita* lhe grangeou os maiores e mais bem merecidos applausos. A contralto Magdalena Fabregas muito graciosa, viva, sabendo cantar. O barytono Garcia Pietro e o baixo Filipe Arando com qualidades muito apreciaveis de voz e de sciencia.

Attenta a modicidade dos preços do Colyseu, accessiveis a todo o mundo, e attentos os recursos, alguns d'elles verdadeiramente notaveis, sem favor, dos artistas que formam a companhia, o publico d'aquella casa de espectaculos não tem o direito de fazer o mais leve reparo ao desempenho das operas que lá se cantam, e, pelo contrario, deve desfazer-se nos mais quentes applausos.

E' ouvir e applaudir.

## J. VELLOSO SALGADO



De passagem para o norte, vindo de Paris, esteve ha dias em Lisboa este moço artista que em poucos annos de persistente e confiado trabalho tem visto o seu nome crescentemente rodeado da mais alta consideração. O seu successo no *Salon* d'este anno, onde obteve uma segunda medalha, distincção difficilissima de colher, notifica bem o seu alto valor.

O *Antonio Maria* envia as suas mais quentes saudações ao illustre pintor que, com o seu talento e a sua actividade, tão brilhantemente tem desmentido os que apregoam a decadencia da arte nacional.



Minuciosamente reteridos pelos jornaes de Lisboa, dois singulares casos de amor, recentemente passados, andam ha dias predendo fortemente a attenção publica.

Um d'esses casos deu n'um suicidio, o segundo deu n'um desfloramento.

Uma linda rapariga, dezeseite annos em flor, olhos molhados e brilhantes, cabelleira d'astros, epiderme de fructo, creada entre mimos, entre maciezas de existencia, e forçada por uma busca mudança da sorte a ganhar a vida accetando o modesto logar de moritora n'um asylo municipal, deixou-se requestar por um homem cujas fallas doces, cujo mel epistolar faziam esquecer o grisalho da sua cabeça.

Com o coração virgem e moço, apto para receber todas as suggestões amorosas, com a cabecinha povoada de chymeras brancas, de claros sonhos, e morta, alem d'isso, por recuperar, pelo casamento o bem estar perdido, morta por de novo se ver em casa sua, entre movei. seus rodeada de gente querida, a linda creatura poz todas as suas ambições, todas as suas alegria nas mãos do seu namorado, esperando com uma anciedade doida a hora em que, cumpridas as prescrições civis e religiosas, lhe fosse dado pagar a generosidade e o desinteresse d'esse homem amavel, entregando-lhe a sua florida virgindade.

Vidal—chama-se assim o namorado em questão — pediu-a em casamento, que dizia proximo.

Um dia, porém, soube-se que o homem era casado e que tinha atraz de si um passado de negras e arditosas conquistas. Pediram-lhe explicações. Para as dar, entre outras baixezas, fez uma certidão falsa. Ingenuamente foi acreditado. Mas quando, tempo depois, a verdade appareceu nua, mostrando a alma do Vidal como um saguão da Baixa, vendo todas as suas illusões perdidas, ferida no que de mais sensivel e delicado no seu coração havia, a pobre rapariga ludibriada subiu a um telhado e deitou-se á rua, morrendo instantaneamente, buscando na morte a paz que a vida lhe negava.

\* \*

O outro caso passou-se n'um hospital provinciano, mantido por irmãs da Caridade.

Estava lá recolhida uma rapariguinha orphã.

Feia, de appetecivel só tinha a frescura dos seus quinze annos puros.

Um rapaz da terra namorou-a escrevendo-lhe, por intermedio d'uma outra rapariguinha, sua, irmã que tinha no hospital.

A inexperiente virgem, ingenuamente accetou a corte que lhe era feita.

E uma noite, levantando-se da cama descalça e quasi nua, caminhando cautellosamente como uma ladra, foi encontrar-se com o que se dizia seu noivo e que d'ella abusou infamemente.

\* \*

São estes os dois casos.

Vulgares, identicos a outros que quotidianamente apparecem, a particular sensação que despertaram provem de estes dois casos terem sido passados em duas casas d'educação, onde a mais rigorosa vigilancia deveria reinar.

Empenhados em tudo esclarecer, em provocar o justo castigo para os criminosos, a imprensa tem tomado o mais vivo calor ao tratar d'estes assumptos.

A esse ardor, a essa intenção sincera e digna não corresponde, porém, a attitude publica.

O publico em geral esgota as edições dos jornaes não para saber o alcance, o fundo moral da questão, mas exclusivamente para ter conhecimento dos pequeninos detalhes mais ou menos aphrodisiacos que rodearam esses dois tão tristes casos.

Lê os jornaes como os velhos tomam cantharidas.

O publico, indifferente perante as mais altas questões, politicas, litterarias e artisticas, que não supporta um artigo do fundo, nem a critica d'uma exposição d'arte, nem a leitura d'um poema ou d'uma prosa brilhante, o publico delira por qualquer escandalosinho d'alcova capaz de lhe exaltar a monomania libidinosa.

E assim, o esforço honesto da imprensa cae perante os sentimentos prevertidos da maioria da gente, que no casamento só vê a cama, que na mulher só vê a femea.

Eu.



Manuel Gayo acaba de publicar o seu annunciado livro: *Canções do Mondego*. No meio da praça de lyricos volumes que ha mezes assola as vidraças dos bibliopolas lusitanos, volumes na sua maioria vistosos, cheios de arrebiques, mas viuvos de sentimento e de sinceridade, e, por isso, comparaveis áquelles limões asiaticos, d'oiro por fóra mas cheios de cinza, o volume de Gayo, simples, sereno, fremente d'emoção, de expontaneidade, luz como uma estrella entre velas de stearina. *Canções do Mondego*, canções tão ingenuas, d'um tal sabor, que as moças de Coimbra as andam já cantando sob os choupaes verdes. E quanto á parte material, um encanto de edição d'um encantador feitiço archaico, realizada sob os dictames de Albino da Silva, um fino espirito todo embebido de arte.

## JOSÉ DO PATROCINIO



José do Patrocínio, o illustre jornalista, o esforçado campeão do abolicionismo, foi pelo governo brasileiro exilado para o mais aspero dos degredos. Manifestou-se contra o funesto prestigio do militarismo na Republica do Brazil: tal foi o seu crime. Esquecendo os seus enormes serviços, esquecendo o seu alto valor, deportando-o, sem consideração alguma especial, a nova Republica praticou uma condemnavel acção, maculou-se e d'essas maculas só se limpará na hora em que a grandeza d'uma reparação expontanea apagar o negrume da sua condemnação injusta.

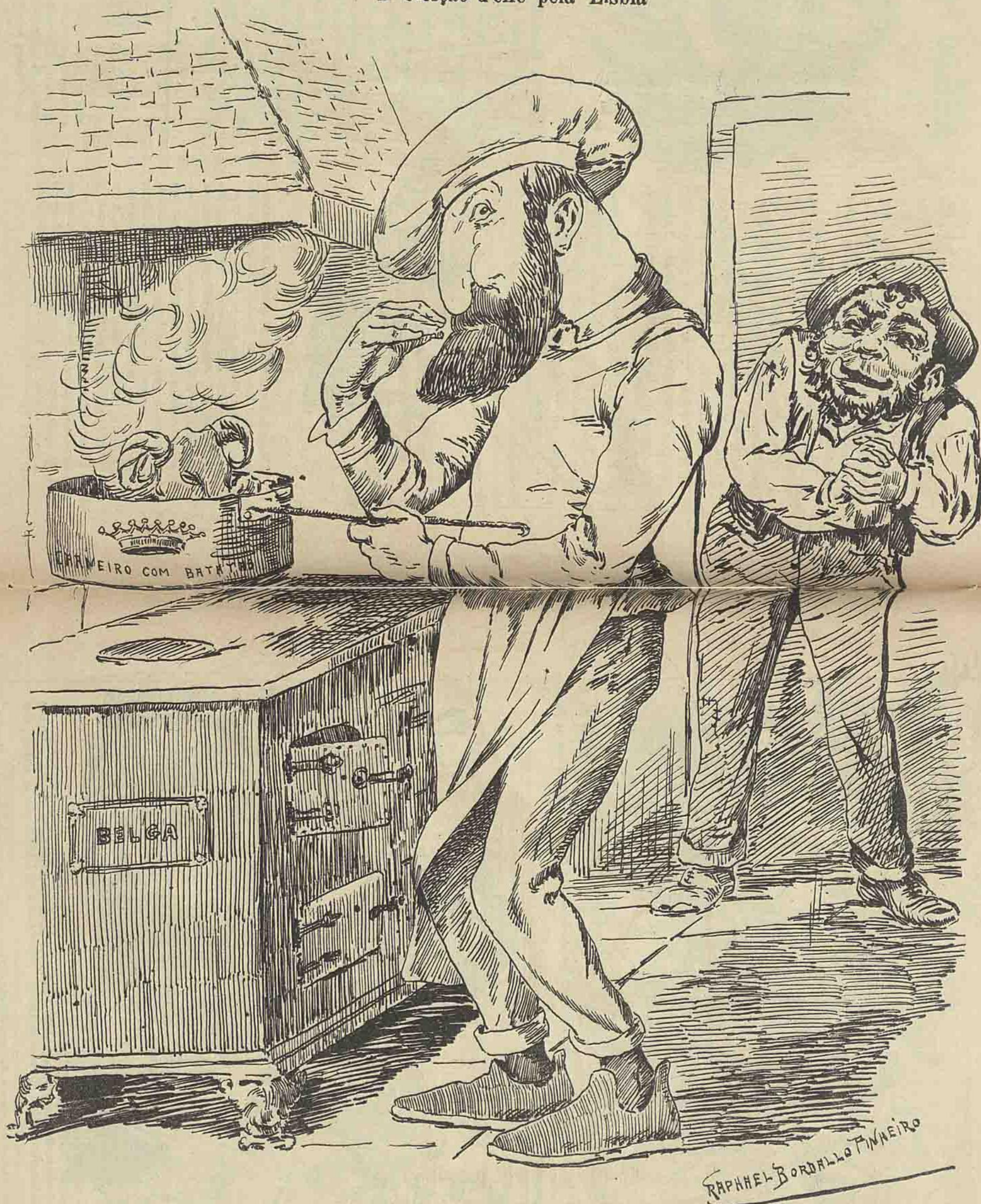
Urge que essa reparação appareça com brevidade. Um governo que leva o pavilhão da liberdade não deve escravisar quem libertou os escravos.

## AGUA DE TOILETTE DO CONGO

Esta agua sem igual possui na quinta essencia Perfume superior, do qual a permanencia. Eguala o fino drama e effeitos tão possantes. Que avelludando a tez, remocam os semblantes. Victor Vaissier, inventor do «Sabonete do Congo»

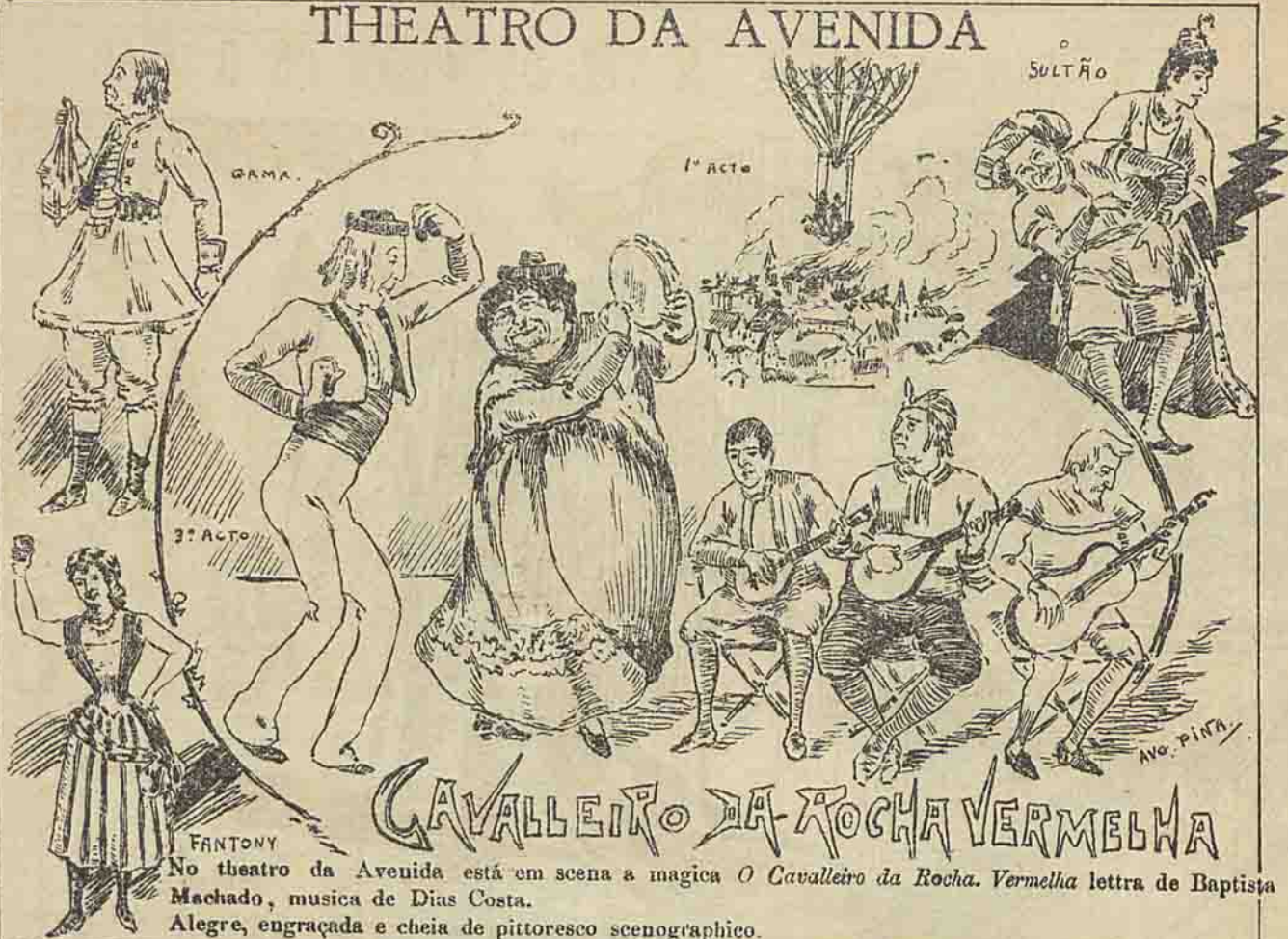
## O COSINHEIRO DOS COSINHEIROS

A eleição d'elle pela Lisbia



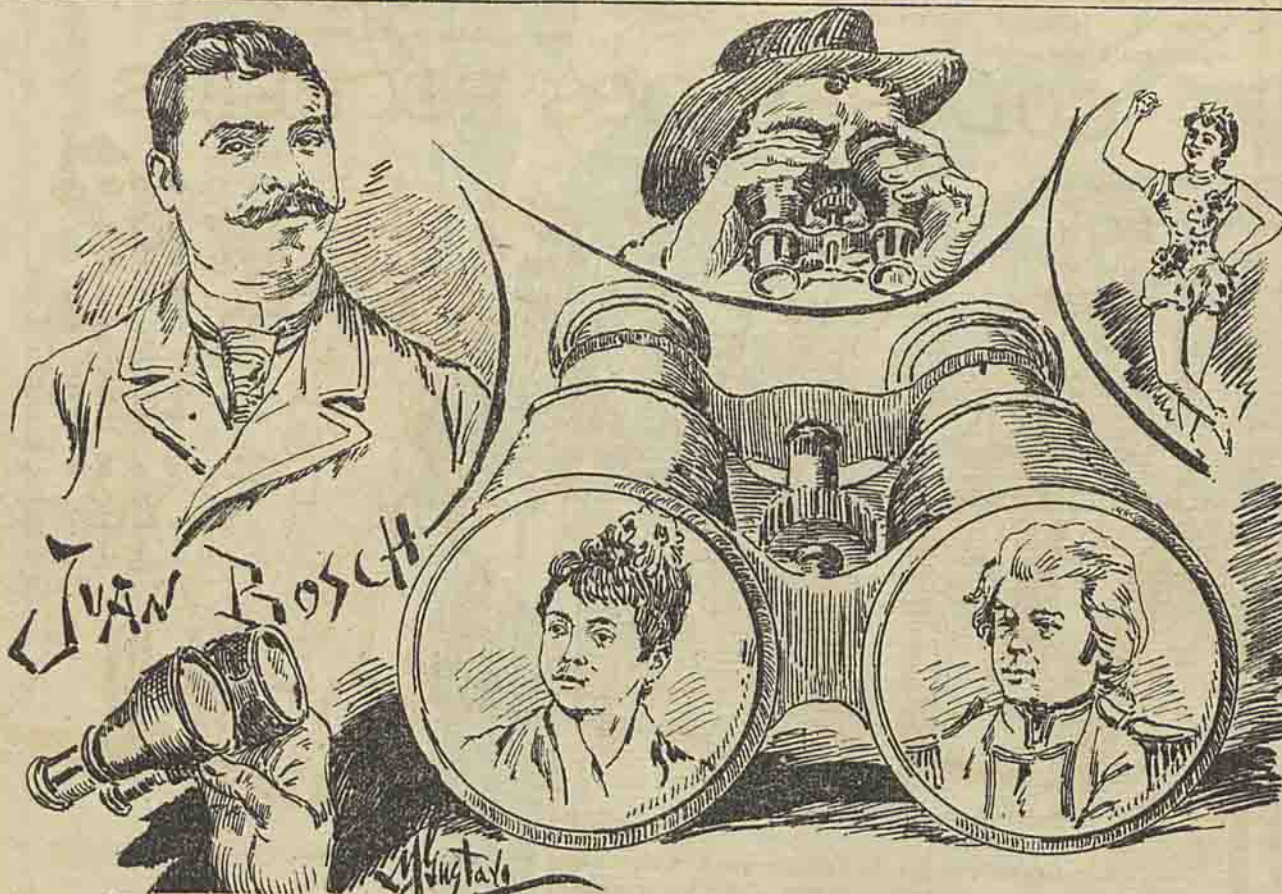
—Está de X. P. T. O, d'alto lá com elle, não lhe fugir aos temperos.  
—E' *carneirinho* com ellas de se lhe tirar o chapeo.  
—De se lhe tirar o chapeo?  
—De se lhe tirar a chapelada.  
—Só o cheiro me faz lamber os beiços. Isto é que vae ser carneiro *d'esbar-*  
*rund'á todos e encrav'á nós.*

# THEATRO DA AVENIDA



FANTOMY

No theatro da Avenida está em scena a magica *O Cavalleiro da Rocha Vermelha* letra de Baptista Machado, musica de Dias Costa.  
Alegre, engraçada e cheia de pittoresco scenographico.



Uma companhia formada de creanças hespanholas, dirigida pelo mais paciente dos homens, o illustre maestro Bosch, está actualmente no Real Colyseu de Lisboa. Nos theatros de Lilliput não ha melhor, com certeza.

Pequeninos actores cheios de graça e de naturalidade. E por melhor que a gente assese o binoculo, sempre a impressão de que o binoculo está ao contrario.



## O D. JOÃO DA MORTE EM VEZ DA MORTE DE D. JOAO



Este é o Campos Vidal, uma especie de mocho lascivo que anda a suggerir paixões e a abrir covas. Os srs. que leram os jornaes diarios devem já saber de que casta elle é. Vejam-lhe a cara os que já lhe conhecem a alma. Que n'esta não mechemos nós porque não mechemos em porcarias.

## COLYSEU DOS RECREIOS



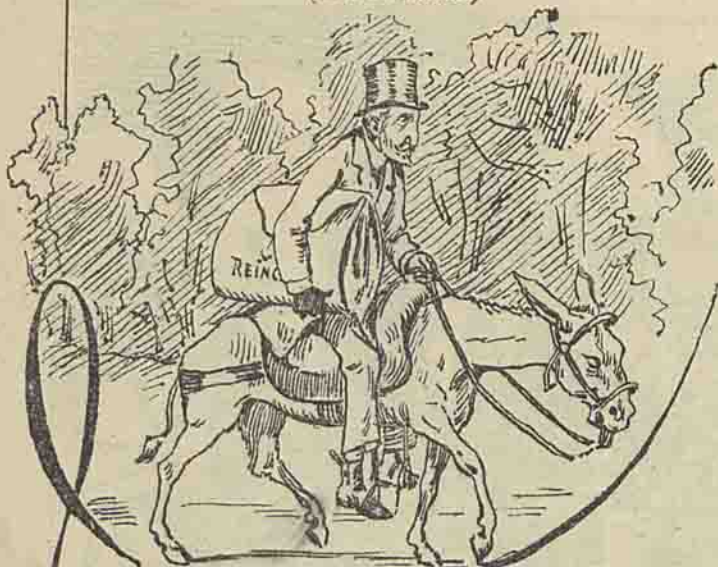
A companhia lyrica do Colyseu deu-nos ultimamente uma maguifica *Aida*, um bom *Rigoletto*, um rasoavel *Roberto*, e uma *Carmen*. . . . esta é que foi o diacho.

A Sr.<sup>a</sup> Amodio que fez o papel de *Carmen* nem hespanhola parecia. Excessivamente pacifica e nutrida.

De resto, para o preço e para as condições do theatro pouco mais se pode exigir.

## Caminho de Collares

(Das Novidades)



N'uma linda burra d'olhos somnolentos  
(Detestando os burros, só das burras gosta!)  
Levando no bolso trinta mil duzentos  
E vinte pedidos de *adeantamentos*,  
O Carrilho surge e vae subindo a encosta.

Toc, toc, burra d'olho manso, ethereo,  
P'r'a vender na feira quem m'a dera a mim!  
Leve como as nuvens do azul siderio!  
Ai! quando o Zé Dias foi p'r'o ministerio  
Com certeza ia n'uma burra assim.



Junto d'um palacio pára a burricada,  
Todos se desmontam e, ruidosamente,  
Sobem a florida, luminosa escada,  
Emquanto os seis burros na deserta estrada  
Esperando ficam, silenciosamente.

A lua entreabre os labios morticos,  
Azulada como as azues hortenses,  
E um dos burros pensa com olhos submissos:  
—Queira Deus que, em paga dos nossos serviços,  
Finalmente vamos ser amanuenses.

Porcalhota.

Pela estrada plana, toc, toc, toc,  
Vae n'um jumentinho o espirital Fevereiro,  
Vae todo suado, já tomou um bock,  
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,  
Os despachos leva para o conselheiro.

Toc, toc, toc, n'uma pasta leva.  
Vinte mil despachos, bem bonito rol!...  
Titulos, commendas, que na pasta leva,  
São mais do que astros que brilham na treva,  
São mais do que as leguas que ha da terra ao sol.

Logo, logo atraz, n'um burro amarello,  
O Per'strello corre todo alcapremado...  
Cruas moscas mordem o burrinho bello,  
Tange-o, toz, toc, o director Perestrello  
Com um grande rolo de papel sellado.



Mais tres cavalleiros, n'outros tres burrinhos  
Repentinamente surgem ao luar;  
O Mangualdo e o Taibner cavalgam juntinhos,  
E atraz, despertando a paz dos caminhos,  
O Zé d'Azevedo a cantarolar...



G. JUNQUILHO

# HISTORIA VERIDICA

(A SCENA PASSA-SE EM COIMBRA)



O progresso não pára na sua marcha vertiginosa. Fiados n'elle, munidos d'uma detectiva, apressadamente tratá-mos de obter elementos para um numero curioso e brilhante.



Toca a aproveitar.



E zás, dá-lhe que dá-lhe, vira e tira.



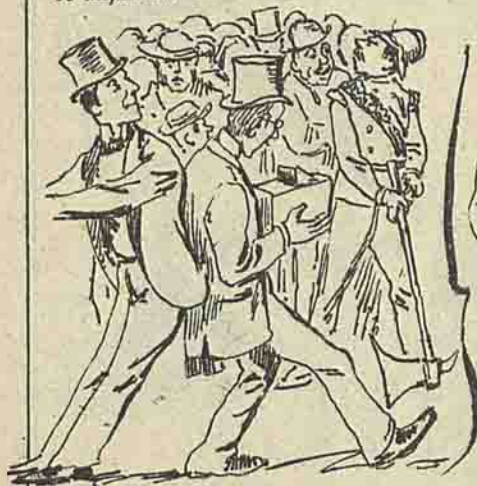
Pomo-nos de cócoras para apanhar os anjinhos.



A tres quartos.



A correr



Nos apertões.



—Tenho aqui elementos de primeira ordem, elementos para tres numeros bem recheiados.



Recolhemos a petatés, ao cahir da tarde.

(CONTINUA)

# HISTORIA VERIDICA

(CONTINUAÇÃO)



Certos do bom exito do nosso trabalho, chegados a casa, n'uma vasta cadeira tranquillamente repousamos.

Uma vez em Lisboa, passamos 6 horas n'uma camara escura.

Terminados os festejos partimos para a estação levando com mil cuidados a machina salvadora.



—Ingrata machina! Depois de tanto trabalho e de tanto carinho... um coice na bocca do estomago.



O resultado : nada !...



—Meu Deus! Oh progresso enganador!...



Que fazer?... O suicidio prepassa-nos pelo espirito.

Um portapé na machina.. para desabafar.



E toca a puxar pelo bestunto e a pedir desculpa aos que nos folheiam, desculpa de neste numero não termos feito o que desejáramos fazer: uma maravilha.

## VARIAÇÕES

Festas da Rainha Santa em Coimbra.

El-rei, a sua comitiva, ministros, representantes da imprensa e directores da companhia dos caminhos de ferro partiram da manuelina gare do Rocio; as 10 horas d'um dia de fogo, n'um expresso que parou no Cacem para receber S. M. a Rainha, o Principe Real, veador, dama e aia respectivas.

Do Cacem abalou o comboyo ás onze e tanto.

Paragem em Santarem onde se fizeram as manifestações do estylo; no Entroncamento onde se almoçou á meza real; em Pombal onde se repetiram as manifestações de Santarem.



\* \* \*

Chegada a Coimbra ás 5 da tarde.

Polychroma e brillante, uma multidão enorme esperava o comboyo. Capellos brancos, azues, azues e brancos, amarellos e vermelhos, fardas bordadas a oiro, honorificas placas esmaltadas, prelaticias sedas cõr de mosto, ardiam ao sol.

N'uma sala da estação armara-se um throno para a cerimonia da entrega das chaves da cidade.

Foi n'essa sala que o presidente de camara, dr. Costa Allemão, foi victima d'um funesto engano, lendo, em vez do discurso que para a solemnidade compozera, a scena-comica que o seu fino senso theatral tinha escolhido para ser recitada d'ahi a dias na recita de gala do novo theatro da quinta de Santa Clara.



A's 5 e meia o cortejo partiu para a cidade, entre nuvens de poeira doirada, entre aclamações, sob a garridice das bandeiras, dos damascos rubros e dos festões de burxo que alindavam as ruas.

Logo á chegada, *Te Deum* ná Se Nova, sendo celebrante o bispo-conde, a mais decorativa figura de prelado que temos visto, um bispo que devêra ser cardeal, que devera arrastar a cauda da sua batina vermelha pelas capellas do Vaticano, sob os frescos de Miguel Angelo e do inspirado pintor d'Urbino.



Da cathedral foi el-rei, sob um rico pallio, para a Universidade, onde ficou installado.

Charamellas e phylarmonicas claugoravam. Foguetes. Acclamações do povo. Bandeirolas e pavilhões de cor afflavam ao vento.

Anõtesia.

\* \* \*

Sabbado:

Depois d'uma missa na igreja de Santa Cruz, a real familia e a comitiva foram para o Seminario onde, no salão da Academia de S. Thomaz de Aquino, o bispo lhes offereceu um almoço á portugueza; um delicioso almoço que nos foi dado saborear, graças a fina amabilidade dos srs. conegos arcediigo A. J. da Silva e José Alves Mottoso.

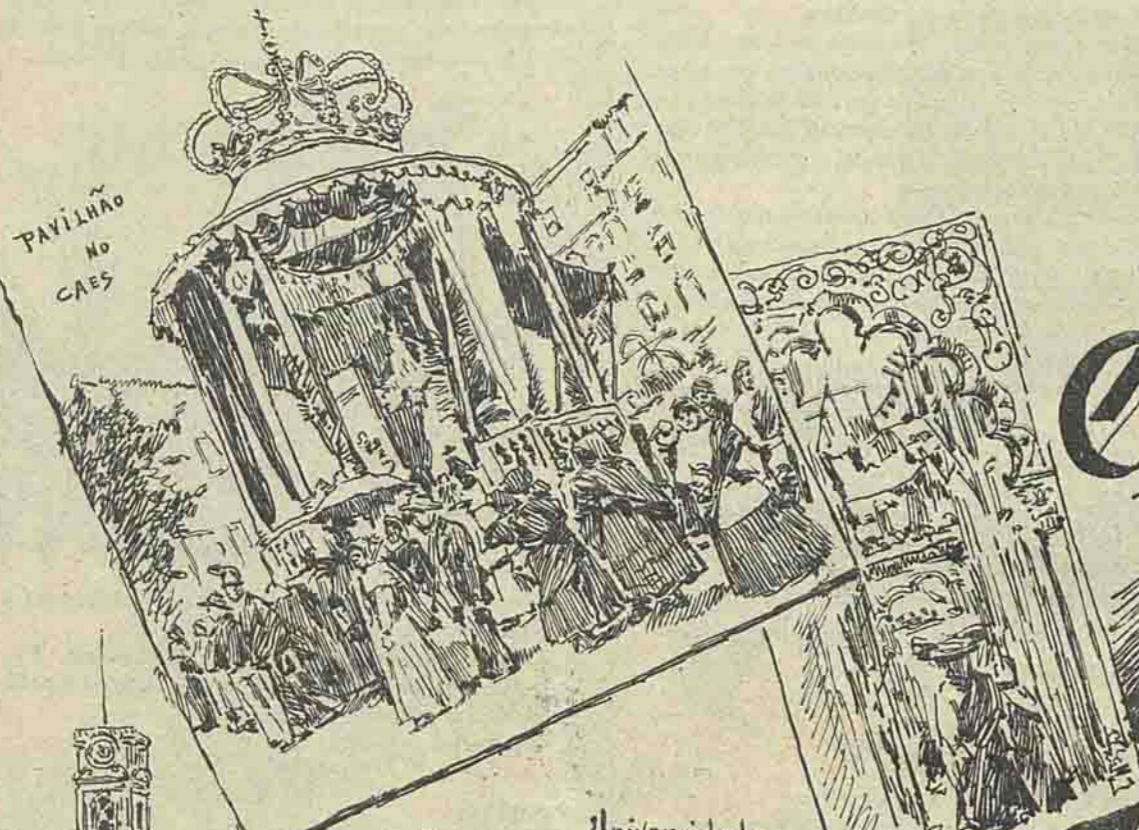
Visita depois aos conventos das Ursulinas e de Santa Clara. No coro superior d'este ultimo está o tumulo da Rainha Santa, um rico tumulo de prata lavrada, todo picado de pedrarias.

Na presença de suas magestades foi aberto o caixao da lendaria rainha. E' o caixao forrado de brocado d'oiro e ornamentado com fulvos metaes subtilmente recortados. Do santo cadaver so se vê uma das mãos, mirrada mão de pergaminho, amarella e fria, mão que todos os que lá estavam beijaram, enquanto as recolhidas do convento, velhas figurinhas de Goya, vestidas de negro, com frescos veus brancos deitados pelas costas abaixo, psalmejavam latins lithurgicos, aqrastados e lentos.

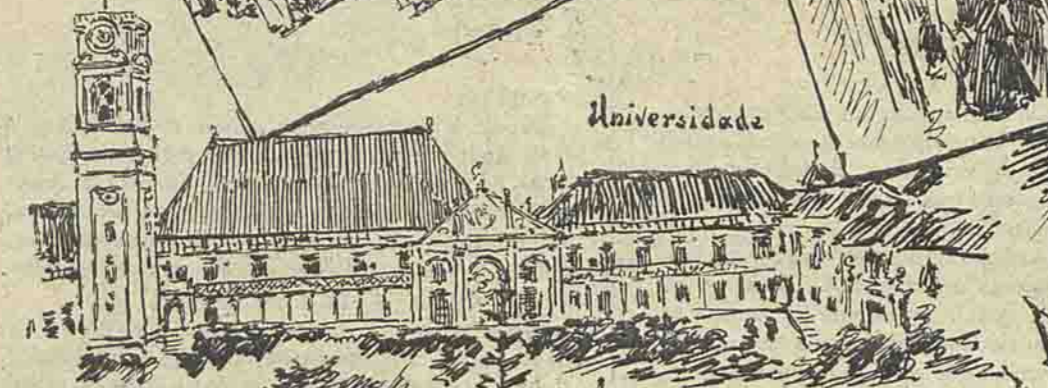


# FESTAS DA RAINHA SANTA EM COIMBRA

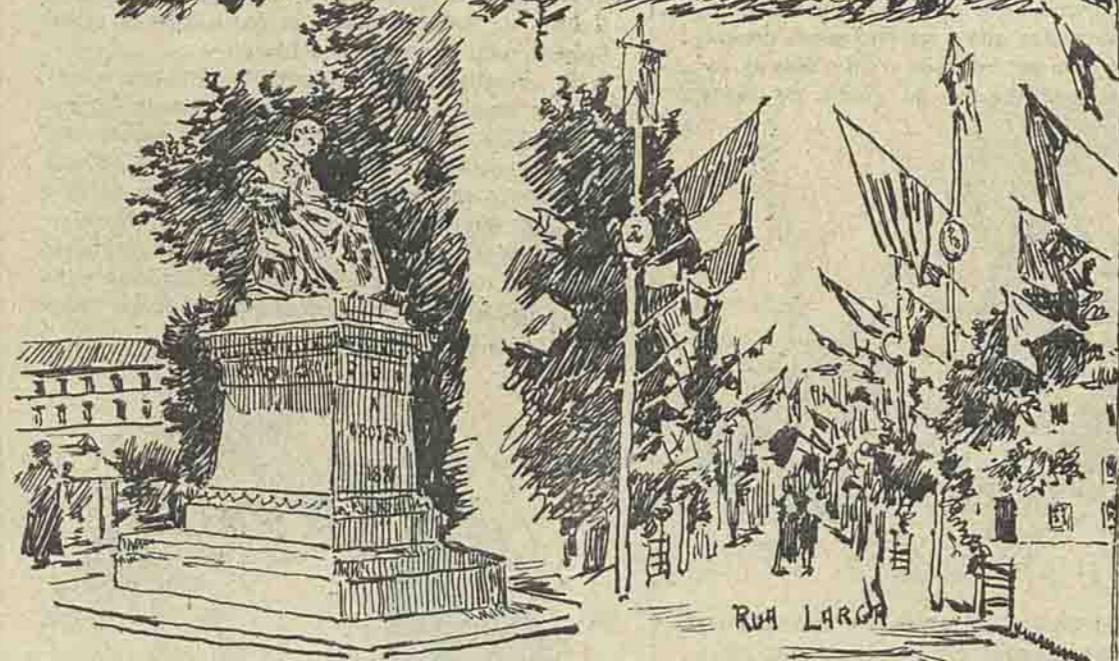
APONTAMENTOS



PAVILHÃO  
NO  
CAES



Universidade

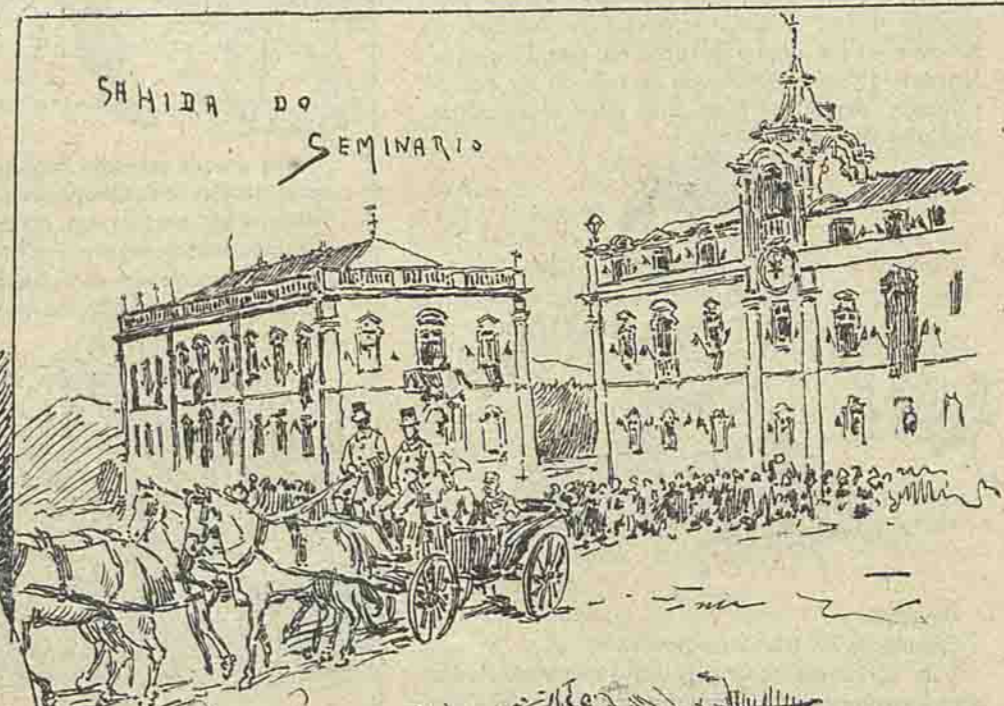


RUA LARGA

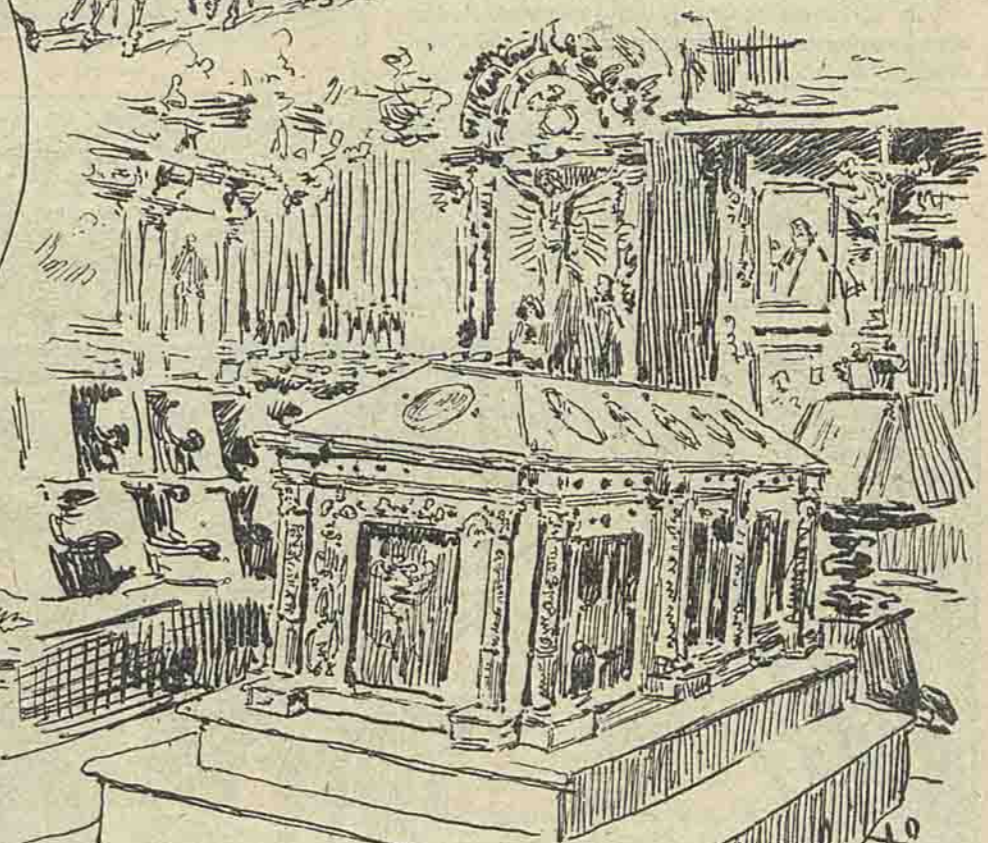
ESTATUA DE BROTERO



Bispo COIMBRE.



SALIDA DO  
SEMINARIO



TUMULO DA RAINHA SANTA.



FAZENDO CAMINHO AS AGUAS DO  
MONDEGO.

*M. Augusto*

A' noite recita de gala no theatro-circo. Um dramalhão detestavel representado por uma companhia de feira.

O theatro, que se inaugurava n'essa noite, foi ultimamente construido sob a direcção do architecto austriaco Hans Dickel.

Pobresinho mas alegre.

O panno de bocca foi com muita felecidade pintado por A. Augusto Gonçalves, um artista a valer e um erudito d'arte; a quem se devem os mais notaveis serviços e que, com a força do seu talento e a persistencia do seu trabalho, tem conseguido ser *alguem* n'aquelle deploravel meio onde quasi todas as pessoas não são cousa alguma.



\* \* \*

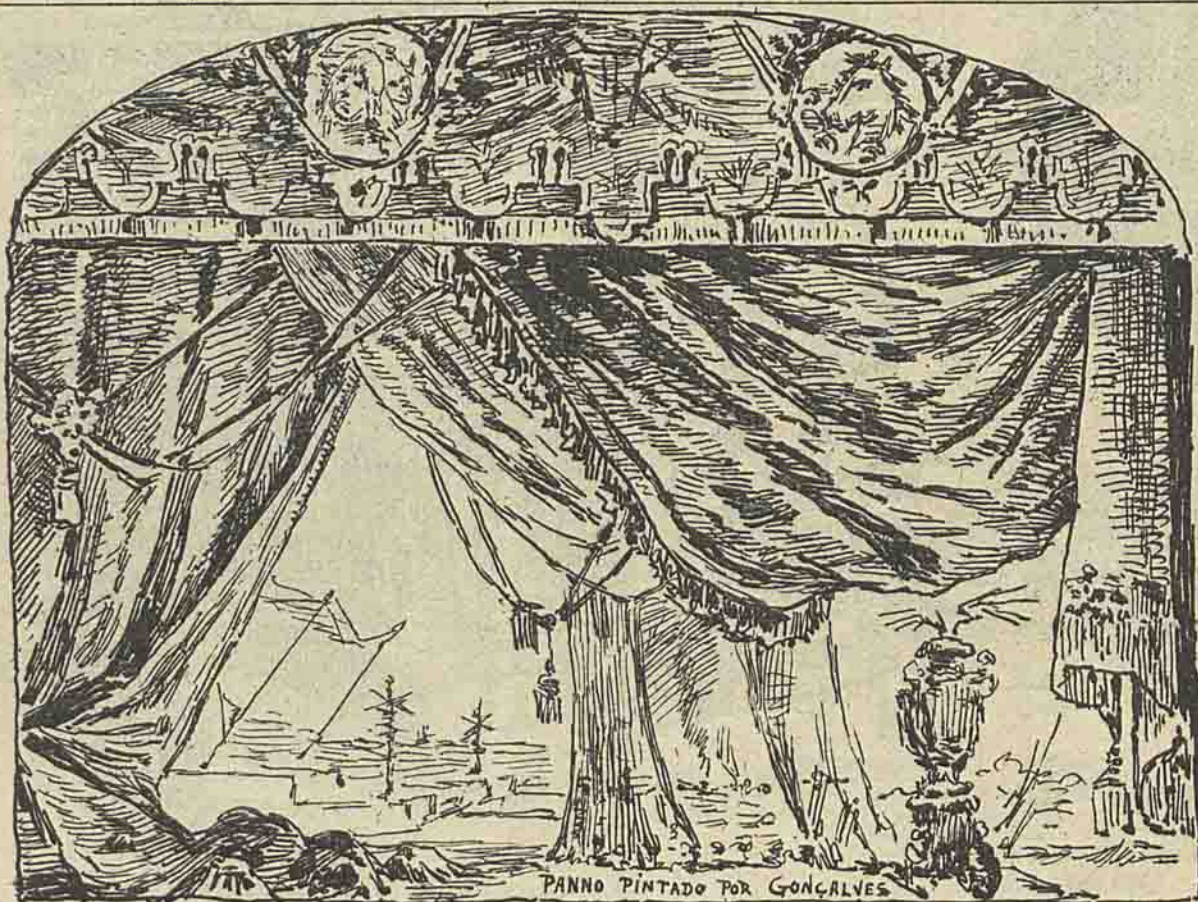
Domingo:  
Capello do dr. Bernardo Ayres.  
Uma cerimonia toca suggestiva de velhas tradições e costumes, que, por muito conhecida, aqui não descreveremos agora.

Findo o capello, beija-mão na sala do throno do paço das escolas.

A' tarde procissão da Rainha Santa, desfilando entre compactas alas de povo arquejante de curiosidade.



Uma grande serpente brilhante de cores variadas, opas, azues, vermelhas, brancas, pretas e castanhas, brilhante das ricas pratas, cruzes e tocheiros, que as irmandades levavam alçados, brilhante dos oiros falsos que recamavam os vestidos dos *anjos*, pequeninos monstros mordidos das pulgas, ranhosos e sem-saborões.



\* \* \*

O dia de segunda feita passou-se em visitas a omni-  
cinas e a estabelecimentos de caridade.

A' noite recita no theatro de D. Luiz. A's 11 é  
tanto partida da real familia para Cintra.

\* \* \*

D'essa viagem suas magestades devem conservar  
amaveis impressoes. Por uma crenca monarchica ou  
por um deslumbramento produzido pela esplenden-  
cia dos costumes da corte, o povo de Coimbra re-  
cebeu, cheio de cordialidade, com alegria e calor, a  
visita regia.

E' esta a verdade.

Houve durante os festejos notas ridiculas, episo-  
dios risonhos; mas todas essas notas, todos esses  
episodios foram apagados pela vehemencia do en-  
thusiasmo popular.



\* \* \*

Entre as figuras mais ou menos curiosas, que  
na linda cidade do Mondego vimos:

O governador civil,—uma pitada de rapé vestida  
de moço fidalgo;

O presidente da camara,—a alma do conselheiro  
Accacio a penar dentro d'um dandy de provincia;

O commissario de policia—um fanfarrão que se de-  
fazer rir as pedras das calçadas, janota d'algabebe  
com fallas e moços de sargento.

Eu.



## Fabrica de Fatunças das Caldas da Rainha

Quando, ha mezes, o dramatico naufragio do norte  
fez estremecer todas as almas portuguezas, um nosso  
compatriota; o sr. Guilherme de Azevedo, que então  
se achava no estrangeiro abriu, entre os seus amigos  
e conhecidos uma subscrição em beneficio das vi-  
ctivas sobreviventes d'esse tragico desastre.

Voltando pouco depois a Portugal, quando se pre-  
parava para distribuir o producto da sua subscrição;  
veiu a saber que, graças a unanime philantropia na-  
cional, não era tão lastimavel, como a principio sup-  
pozera, o estado das creaturas em favor das quaes  
tanto trabalhara, motivo que o levou a dividir as es-  
tolas recolhidas em duas parcelas: uma para as  
familias dos naufragos, outra para os operarios mais  
fundamente lesados pela recente crise de trabalho.

D'esta ultima parcella tirou o sr. Guilherme de  
Azevedo a quantia de 20,000 réis que; por interme-  
dio da administração do *Commercio do Porto*; nos  
enviou para distribuímos pelos operarios da Fabrica  
de Fatiunças das Caldas da Rainha.

Perante o administrador do concelho d'aquella lo-  
caldade, o nosso amigo Francisco Gomes d'Avellár  
Junior, procedeu-se a essa distribuiçã, sabbado da  
semana passada.

Ao sr. Guilherme de Azevedo o nosso agradeci-  
mento e o agradecimento dos contemplados, cujos  
nomes vão abaixo inscriptos, e a cada um dos quaes  
foi entregue a quantia de 500 réis:

José de Campos, Herculano Elias, Antonio Cabá-  
bo, Cândido da Silva, Antonio Miranda, Eváristo Re-  
bello, Augusto Miranda, Francisco Elias, José Fran-  
cisco, Francisco da Clara, José Vicente, João Perêi-  
ra, Antonio Duarte, Francisco Victorino, Etelvino  
dos Santos, Avelino Belto, Joaquim Cartaxo, José  
Carlos, Luiz Leal, Antonio Madeira, Domingos Pro-  
denção, Antonio Procencio, João Nunes, José Pacheco,  
Antonio de Almeida, Joaquiz Duarte, José Bar-  
bado, Joaquim Cipriano, José Fradesca, Amelia Dias,  
Maria Rita, Maria d'Oliveira, Silvana da Conceição,  
Thereza de Jesus, Francisco Alves, Lucas da Silva,  
José do Couto, Augusto Baptista, Lilippe de Sotisa  
Felix dos Santos.

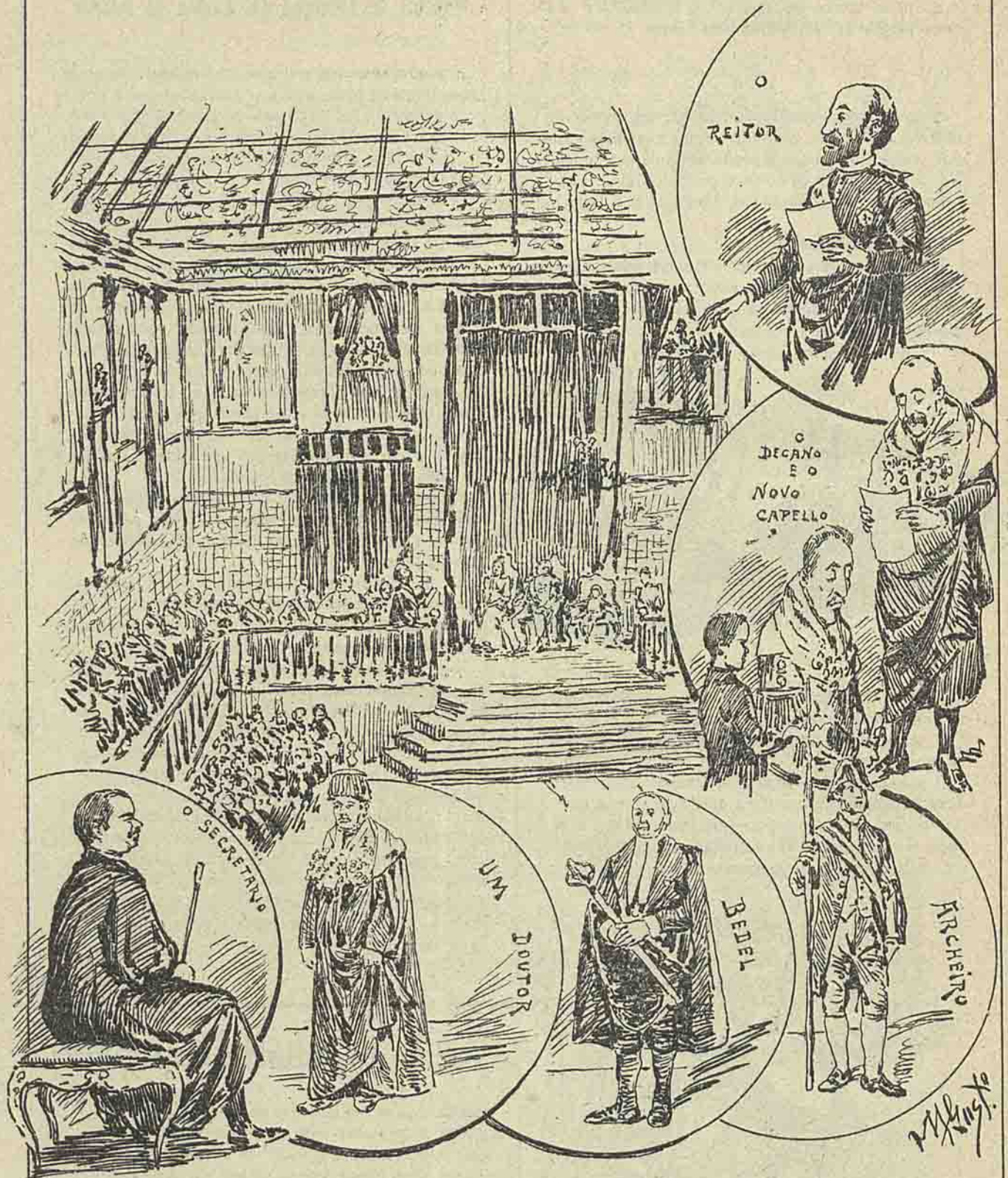
## Agua de toilette do Congo

Algumas gotas só deitadas na bacia  
Fazem da agua um leite odoroso e es. amoso  
Que imprime sobre o rosto um cheiro delicioso  
Torna a tez fresca e pura, a pelle alva e macia.

Victor Vaissier, inventor do Sabonete do Congo



## A CERIMONIA DO CAPELLO



De tudo o que vimos em Coimbra a cerimonia do capello do dr. Bernardo Ayres, foi aquillo que mais nos impressionou. Uma solemnidade grave e hieratica, com um bello ar decorativo e brilhante. D'esse acto grande aqui damos alguns apontamentos furtivamente feitos, fundamente penalizados por não darmos aos nossos leitores mais completos e minuciosos detalhes.

## MAURICE MAETERLINCK



O moço poeta de quem hoje damos o retrato é, entre os letrados belgas, o primeiro. Marchando por um caminho seu, não devendo nada a ninguém, cheio de genio, creou uma reputação enorme em meia duzia de annos, reputação crescente e ainda ha pouco solidamente augmentada com o enorme successo do seu ultimo e maravilhoso drama *Pelléas et Melisandre*.

## O OLYMPO POLITICO

(Commentario á pagina central)

O Olympo politico.

Uma paz elysia, uma alegria electrizante e doce. As Musas cantam nos sagrados bosques e nas fontes espelha-se a gracilidade hellenica das nymphas e dos divinos ephebos.

Venus de Milo treme de inveja á passagem de Venus de Bethsaida.

Voando, Cupido-Alpoim despede frechas.

Juno de Carvalho abana-se com um estrellado leque de pennas de pavão.

A ambrosia ri nas taças d'ouro.

Os loireiros rosas poem uma nota voluptuosa, como que um fremito de carne virgem, no ar azul.

Harmonia, paz, descanso, felicidade, amor e vinho.

O peor é quando os deuses caem, porque até os deuses dão trambulhões.

Cahidos, expulsos do sereno Olympo, como tristes Laocontes envolve-os a cobra do esquecimento.



A candidatura do conde de Burnay continua a ser o favorito assumpto dos que passam a vida palestrando em politica e o inexgotavel thema sobre o qual os humoristas da imprensa vão tecendo as mais risonhas e imprevisitas variações.

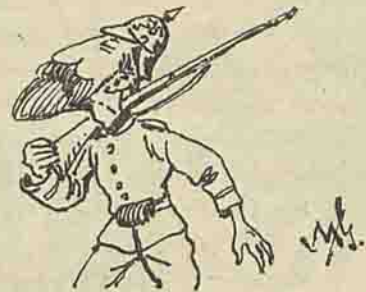
Apenas o millionario conde annunciou as suas intenções parlamentares, nas famosas epistolas publicadas pelo *Seculo*, uma interrogação appareceu á flôr de todos os bigodes.

— O sr. conde de Burnay é portuguez ou belga ?

Da averiguação do caso depende a legalidade da preoccupante eleição.

E assim, emquanto os amigos do candidato o apresentavam como portuguez, pondo na sua affirmativa o mesmo calor, o mesmo enthusiasmo e a mesma vehemencia, que assignalou a contenda travada

por causa de Homero entre as doze cidades gregas, os seus inimigos, tendo sabido que o venturoso banqueiro não obedeceu ás prescripções do recenseamento militar, que não possui esse adoravel papeliinho que se chama *resalva*, prendem-lhe os movimentos, vestem-lhe a camisa de forças d'este dilemma inexoravel: — ou o senhor é belga, e portanto não pode ser eleito, ou é portuguez e n'este caso tem não só de abandonar a urna, mas tambem de responder como refractario perante um conselho de guerra.



Sabbado á noite, no Hotel Universal, houve um festim offerecido pela mavortica Liga Liberal ao sr. Augusto Fuschini.

A avaliar pelo que as gazetas disseram do banquete, este foi uma das mais calorosas e vivas manifestações de sympathia que em Portugal teem sido feitas a um individuo em evidencia.

Os escanções gastaram todo o vigor dos seus fortes braços no derramamento dos doirados licores e capitosos vinhos; a companhia do gaz auferiu lucros singulares com a illuminação do festim; a eloquencia foi crucificada na bocca dos oradores que, assim que se sentiram com os respectivos bahunhos estomacões confortavelmente governados, queimaram todo o incenso, todo o benjoim, toda a myrrha e todos os bálsamos da sua admiração em honra e louvor de Fuschini.

Conhecemos Fuschini. E' um homem honrado e serio, trabalha Jor como poucos, algo extravagante de opiniões, mas no fundo sempre bem intencionado.

H' longos annos que elle percorre Lisboa com a sua barbicha rara, de anamita, o chapéu sobre o nariz, sisudo e silencioso, como convem a todos os espiritos superiores, entre mesuras de commovido respeito e entranhada admiração.



Admirado, applaudido, incensado, Fuschini está, porém, um pouco abaixo da reputação que lhe fizeram. A despeito de todos os seus laboriosos es-

forços, a sua obra poderia ser symbolisada com o signal numerico que alguns etymologistas dizem filho da palavra hebraica *czar* que significa *cinto*, e que outros dizem ser uma corrupção do vocabulo *cafrun* que em arabe quer dizer *vazio*.

Na vida publica dá-se o que se dá nos theatro ha os principaes figurantes e os comparsas. Estes ultimos trabalham ás vezes mais do que os primeiros. Sómente o trabalho d'aquelles desaparece, passa desapercibido, sem gloria, sem triumpho, emquanto o d'estes se conserva e resiste, entre acclamações e applausos.

Na vida publica o sr. Fuschini é um comparsa.

De toda o seu trabalho persistente, continuado, energico, não sahiu ainda, que se saiba, uma unica obra digna de ficar presa á tradicção do nosso tempo, capaz de solidamente firmar uma individualidade.

Parlamentar, publicista, engenheiro, director de companhias, vereador da camara municipal, toda a sua actividade tem sido gasta em trabalhos arduos, espinhosos e fatigantes mas impróprios para o estabelecimento da exagerada fama de que gosa.

Emquanto outros dispendo de qualidades mais elevadas, letrados, musicos, pintores, architectos, financeiros e homens de sciencia passam a vida em silenciosas reclusões, viuos de todas as acclamações populares, a Liga Liberal praticou um acto de injustiça offerendo ao socialista Fuschini um luminoso festim cujo luxo, cujo fausto e grandeza, estiveram em aberta contradicção com os mais rudimentares principios do socialismo.

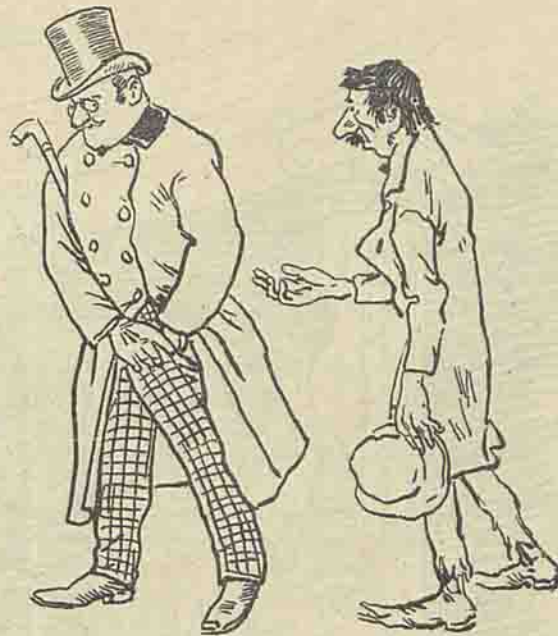
Outros com superiores direitos não recebem, não receberam nunca e nunca hão-de receber uma manifestação identica.

Como homem particular, como chefe de familia Fuschini é um arminho sem mancha. Elle proprio se gabou d'isso ha mezes n'uma carta publicada no *Seculo*. N'estes tempos de depravação moral ninguem deve furtar-se a applaudir e a respeitar as suas raras virtudes domesticas.

Se, porem, o banquete não foi offerecido ao homem publico que, n'esta qualidade, evidentemente o não merecia, mas sim ao homem particular com direito a todas as sympathias, amidades e admirações, a festa da Liga Liberal foi inopportuna e insensata porque fez sair do seu recato e expoz ao ridiculo de uma rhetorica laudativa, a superior qualidade do festejado, a sua qualidade de bom, honesto e vigilante pae de familia.

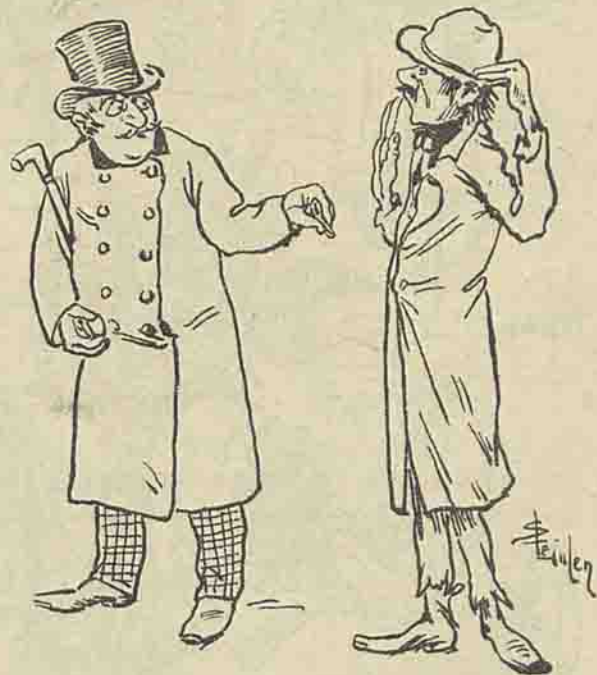
Eu.

## Um homem de principios



—Um povre oporario sem trabalho...

—Coitado! Tome lá um vintem.

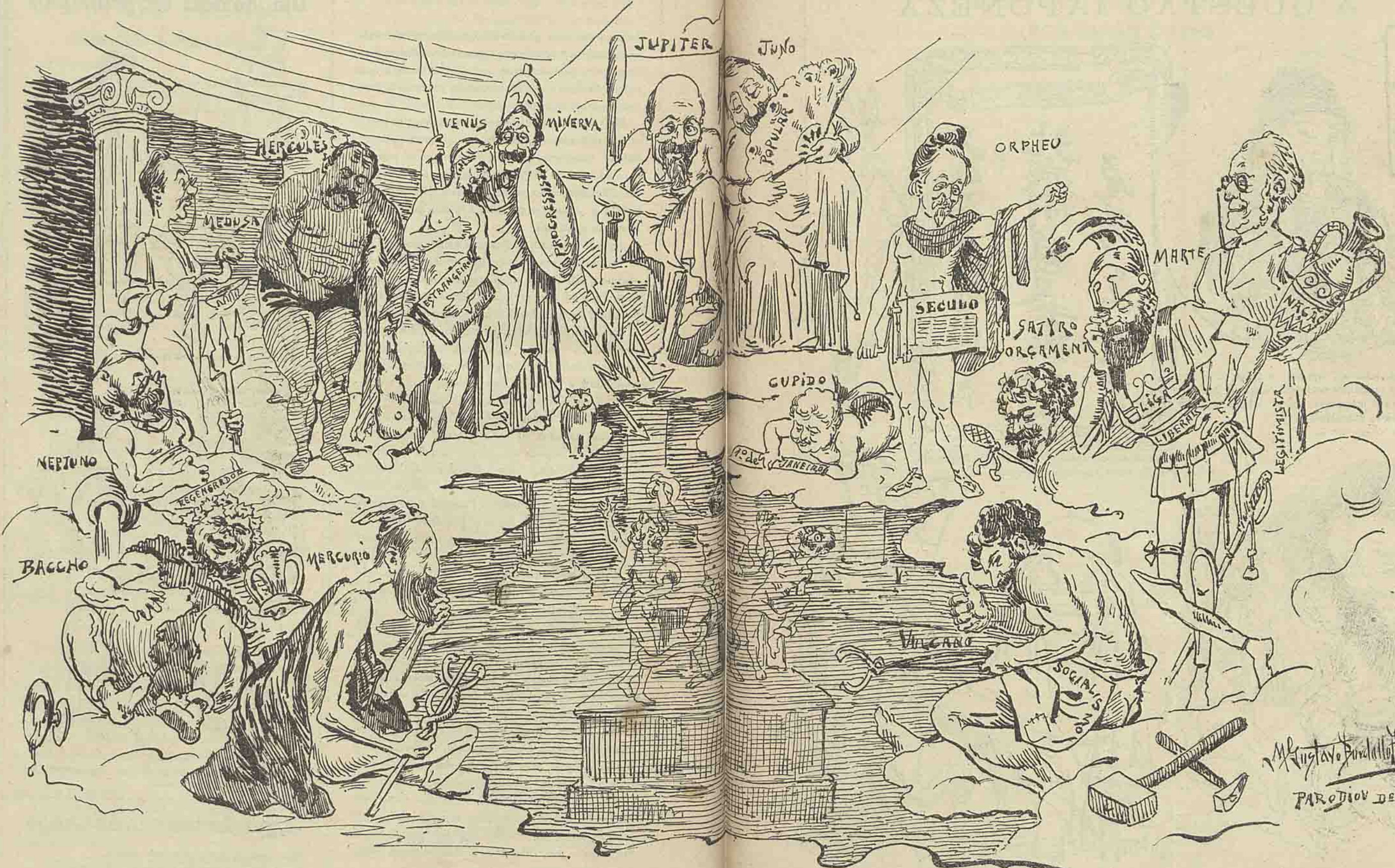


—Ora essa! Os meus principios inibem-me de aceitar menos de um tostão.

## Agua do toilette do Congo

Esta agua de perfume e base vegetal,  
Producto é de eleição, producto sem rival,  
Seu exquisito aroma é fino e delicado,  
Seguro o seu effeito, prompto o resultado.

Victor Vaissier, inventor do Sabonete do Congo



# O OLYMPO POLITICO

(Veja-se o comentario na 3.ª pagina)

Mr. Gustavo Durallottini  
PARODIOW DE F. KOL

# A QUESTÃO JAPONESA

北  
亞  
西  
全



Retrato do ministro japonês, a quem os nossos compatriotas residentes no feérico império dos crysanthemos e das cegonhas devem a linda situação em que agora se encontram.



Carta do mesmo ministro ao bispo de Bethsaida, notificando-lhe a resolução imperial.



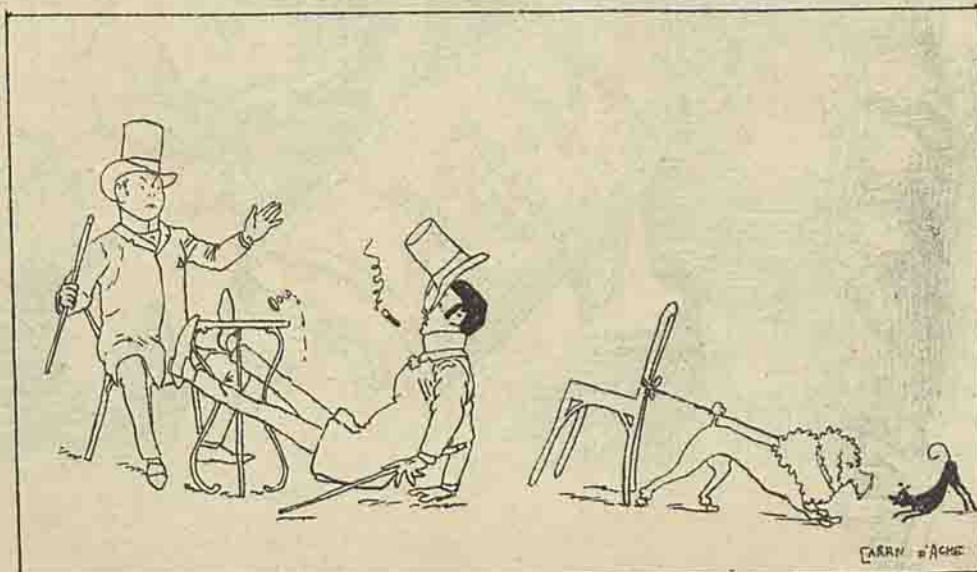
Attitude da justiça japoneza perante os portugueses que vivem no Japão.



Portugal a tratar o Japão como um rapaz trata a namorada, a comprar-lhe loiças, sedas, biombos e bordaños e o Japão a fazer-lhe caretas como esta...

# DOIS AMIGOS

(POR CARAN D'ACHE)



## A QUESTÃO THEATRAL



Como a rainha Santa, intervindo na lucta que andava acesa entre el-rei e o principe, conseguiu abrandar e derreter o odio que entre pae e filho ia lavrando, assim o melifluo rouxinol das *Mocidades*, derramando olhares de paz e agitando symbolicos ramos de oliveira logrou desfazer a renhida lucta travada entre Lopes de Mendonça, representando os dramaturgos portuguezes, e Augusto Rosa, representando a empreza do theatro de D. Maria II.

Editor: MANUEL LUIZ DA CRUZ. — Sêde da Administração: RUA DO NORTE, 39, 1.<sup>o</sup>  
LITHOGRAPHIA LUSITANA, Rua do Ferregial de Baixo, 36 a 40.  
TYPOGRAPHIA DA «REVISTA INDUSTRIAL», 158, Rua do Poço dos Negros.



## D. MARIA PAES MOREIRA



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Paes Moreira concluiu ha pouco com distincção o curso de medicina na Escola do Porto. A dissertação que escreveu para a these final, *Hygiene da gravidez e do parto*, é um trabalho recommendabilissimo, onde a pureza das doutrinas se casa maravilhosamente com a pureza da forma litteraria. Publicando o seu retrato o *Antonio Maria* presta homenagem a essa senhora, que, fugindo á inércia e á ignorancia, que tão amadas são pela mocidade feminina portugueza, teve coragem para reagir contra todos os preconceitos e logrou obter um logar predominante e excepcionalmente sympathico.



Nas zinas do verão, não ha na Syria tanto calor como o que ultimamente tem feiro em Lisboa.

Com meia duzia de palmeiras e um bocadinho de architectura arabe não existe incredulo que n'estes dias de sol se não julgasse em pieno Oriente, impressão altamente reforçada com a passagem das dezenas e dezenas de creaturas que pela cidade divagam e que, sem grandes abstracções, facilmente podem passar como camelos.

Faltavam, para completar a impressão, os crescentes nos turbantes. A falta, porem, poderia ser remediada com os recurvos ornamentos que em tantas testas luzitanas tão bovinamente se dobram.

\*  
\* \*

Quinta feira da semana passada, inauguração da praça de touros no Campo Pequeno.

O alvoroço com que a gente de Lisboa foi á tourada, demonstrou mais uma vez a arrebatada sympathy que o nosso povo tem por este genero de espectaculos.

O que francamente nos admira é a coragem, muito superior ás mais celebradas e historicas coragens, com que algumas creaturas foram aquella funcção, expondo-se á contingencia de certos confrontos humilhantes, dada a significação symbolica dos animaes farpeados.

Para alguns espectadores á arena devia parecer um espelho.

\*  
\* \*

A praça do Campo Pequeno foi construida sob a impressão directa d'algumas praças hespanholas.

Ora sendo as nossas touradas perfeitamente characteristics, perfeitamente nossas e inteiramente diferentes das dos nossos vizinhos, não vemos bem a razão porque se foi pedir a estes a formula architectural para a nova praça, tendo nós os elementos precisos para fazermos uma praça com um feitiço essencialmente portuguez, cheia de originalidade.

Que significação pode ter aquella parodia á praça de Madrid?

Seria altamente conveniente a collocação, em ponto final n'esta inveterada costumeira de insensateza importação artistica, tão prejudicial á nossa arte.

Lembrar isto, bem o sabemos, é o mesmo que lembrar ao sr. director dos correios que olhe pela regularidade da distribuição postal.

O uso butou raizes.

E não será para pasmar que, dentro de pouco tempo, completamente esquecida e apagada a nossa tradição artistica, se vejam amanuenses passeiando pelo Chiado vestidos como os imperadores romanos, ou como os mandarins do Celeste Imperio, e se levantem egrejas catholicas construidas á maneira das egrejas moscovitas, como se fossem templos do rito grego.

\*  
\* \*

O architecto da praça não é um architecto.

Outra asneira vulgar em Portugal: occupar os curiosos e pôr de banda os artistas de profissão.

Eu quero crêr que o sr. Dias da Silva tenha largas aptidões, uma intuição artistica de primeira ordem, uma vocação declarada e manifesta.

O que, porem, lhe falta com certeza, é o conhecimento dos pequeninos segredos da profissão que usurpou e que lhe deixaram usurpar, segredos que, só ao cabo de uma persistente e longa existencia de trabalho nunca arredado da especialidade, se adquirem.

\*  
\* \*

A proposito do famoso discurso pronunciado pelo presidente da camara de Coimbra, quando a familia real chegou ultimamente áquella cidade, a *Gazeta Nacional* inseriu n'um dos seus numeros mais recentes umas graciosas *blagues*, picantes como granulos de pimenta, *blagues* que fundamentalmente melindram o muito accacio orador. Este, passando de pregador José Augusto a Geraldo Sem-Pavor, armou-se como para uma escarapuzca e esperou á falsa fé o distincto redactor principal da *Gazeta*, dr. Costa Lobo, que a estas horas estaria com o seu rico corpinho todo contuso, como o de S. Sebastião, se não fossem alguns transeuntes, que milagrosamente appareceram.

No nosso penultimo numero largámos algumas biscoas ao ridiculo Demosthenes, biscoas um bocadinho mais fortes do que as que foram publicadas na *Gazeta Nacional*. Dada a promptidão com que aquella fonte de destemperos se desforça dos commentarios que os jornaes fazem ás suas obras, não nos admira que a dita fonte nos appareça um d'estes dias para se pagar dos nossos beliscões. Que venha. Encontra-nos preparados. Já cá temos uma lata velha...

Eu.

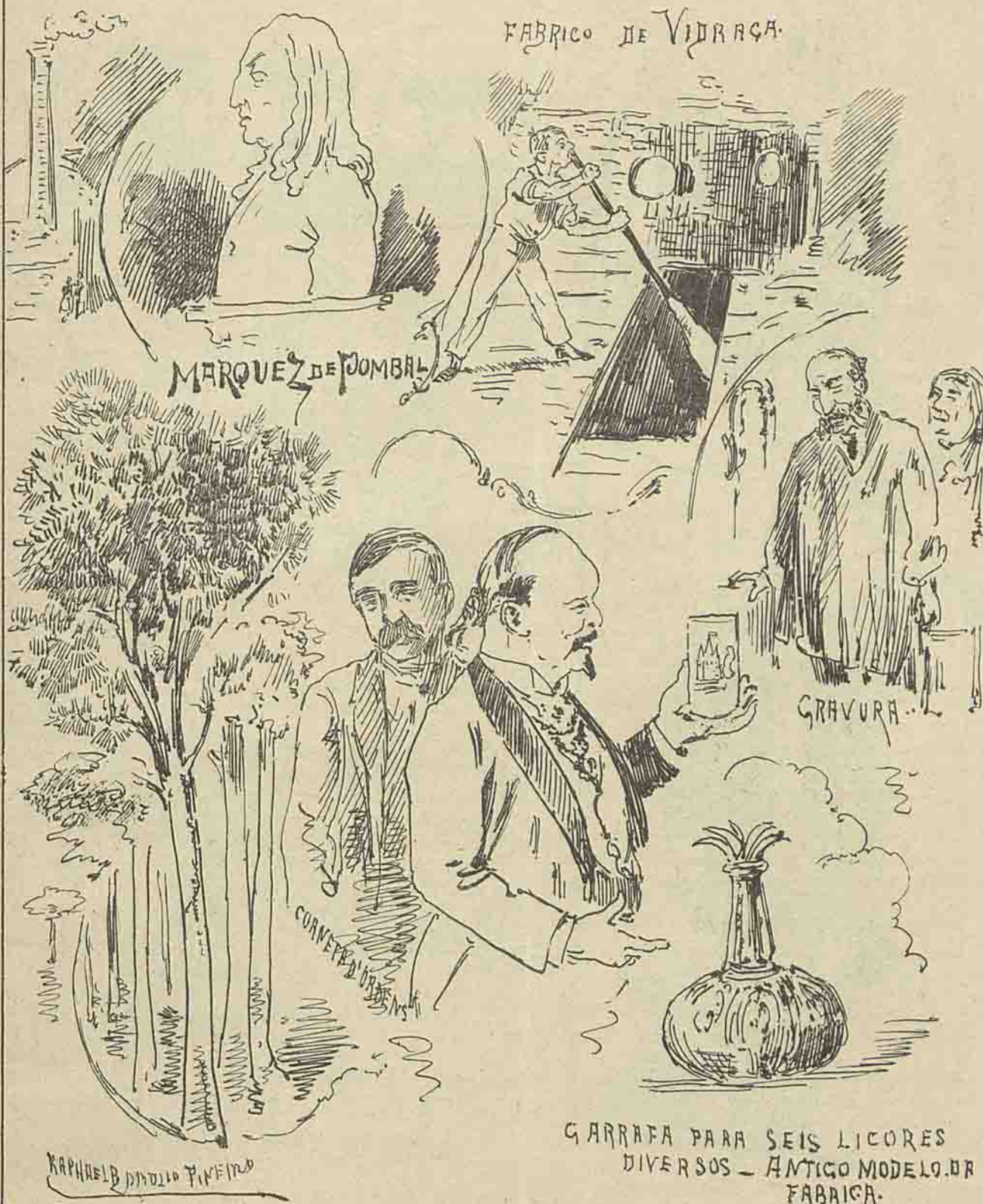
## Agua do toilette do Congo

Em julho, mez ardente, o rosto toma côr,  
E o sol canicular o cobre de suor.

Não esquecer que esta agua, o rosto refrescando,  
Torna a tez pura e branca, a côr do nacar dando.

Victor Vaissier, inventor do Sabonete do Congo

# MARINHA GRANDE

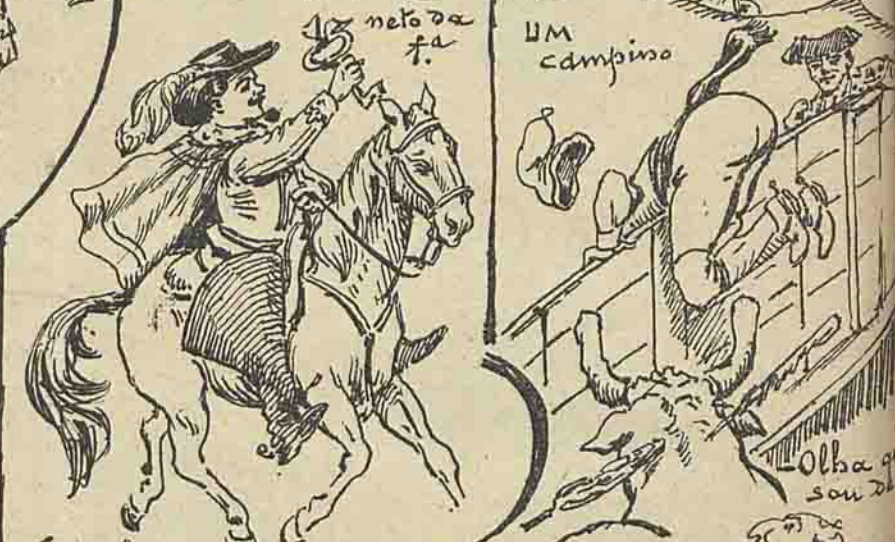
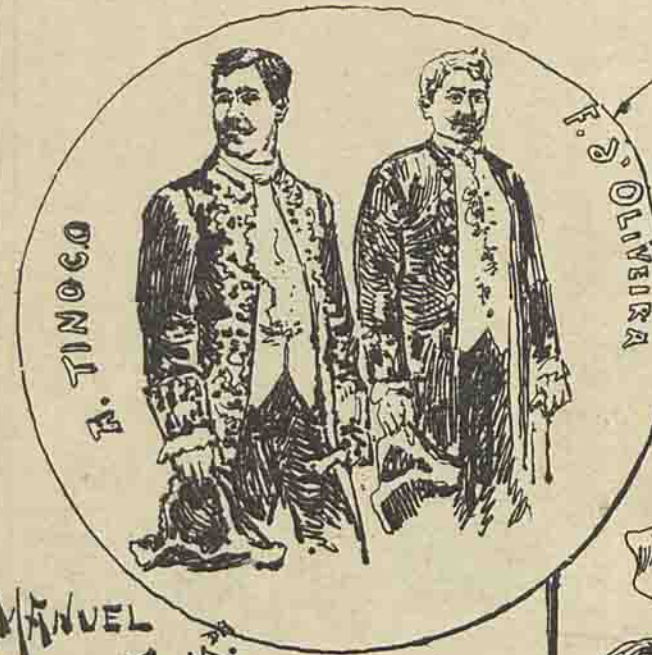


GARRATA PARA SEIS LICORES DIVERSOS - ANTIGO MODELO DA FABRICA.

Domingo ultimo, Suas Magestades visitaram a fabrica de vidros da Marinha Grande, fundada no seculo passado sob os auspicios do primeiro marquez de Pombal. A fabrica está na mais florescente das situações, — pecuniariamente falando. Pena é que uma intelligente direcção cheia de bom gosto, de afinada comprehensão esthetica, a não leve para melhor caminho, obrigando-a a abandonar a costumeira de imitar as coisas estrangeiras, forçando-a a fazer reviver velhos typos nacionaes, hoje quasi perdidos, e a crear typos novos, esveltos, graciosos, cheios de elegancia e arte. Pela amabilidade com que fomos recebidos, os nossos mais calorosos agradecimentos á Direcção da Fabrica da Marinha Grande.

# INAUGURAÇÃO DA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

(TOUREIROS EPISODIOS)



Tanta pluma e tanta bota para trazer a chave d'uma porta aberta.



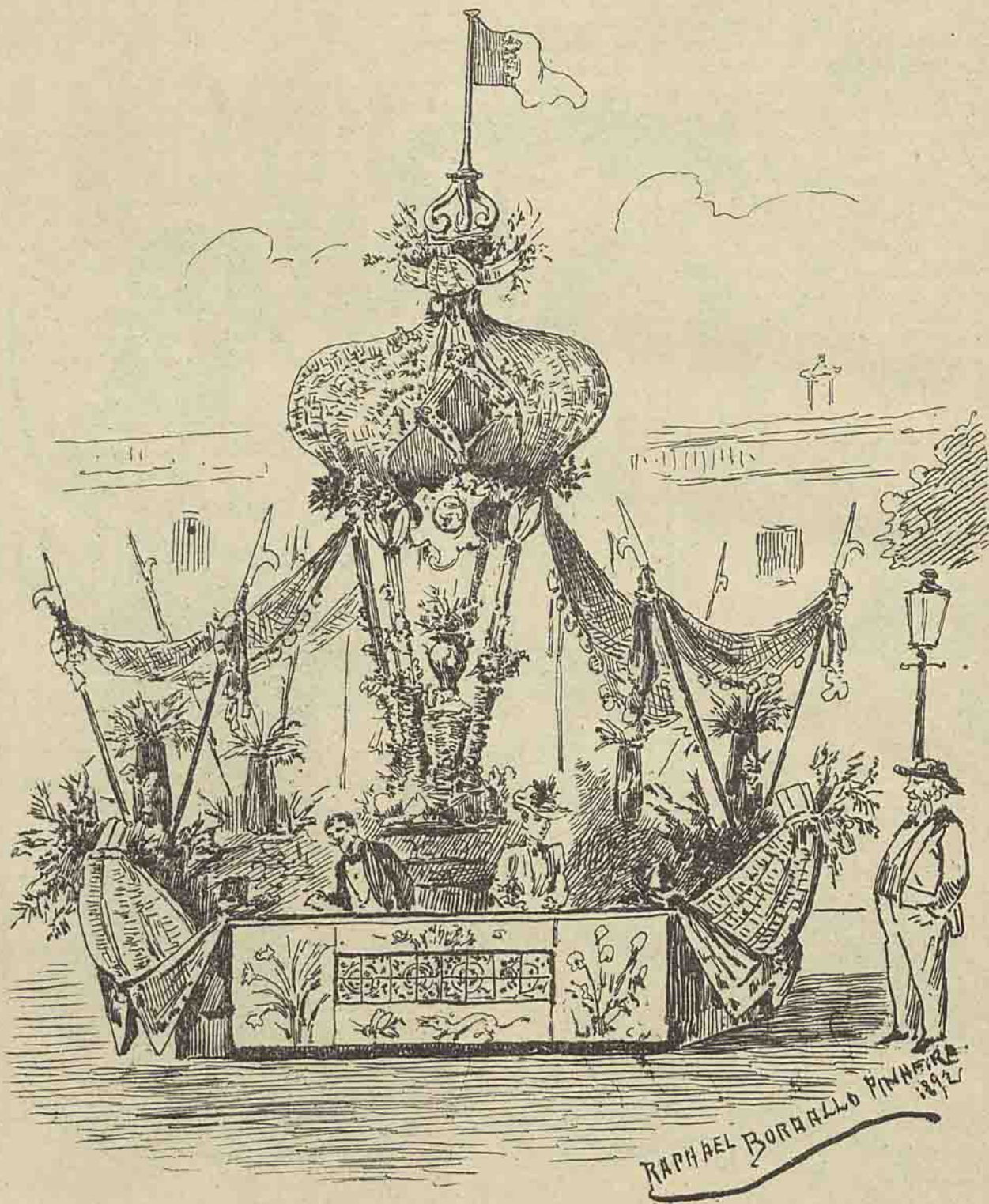
Pescadero - S'alga usted...  
O touro - Deixa, que não perdes por esperar...

- Caracóles!!!  
- Eu bem t'o dizia...



Dando os retratos dos toureiros, que tomaram parte na primeira corrida, a Antonio Maria aproveita o espaço para saudar com fervor a Empresa da nova Praça, que com tanta diligencia e boa vontade, se está esforçando por apresentar bons curros e organizar bons espectáculos. A respeito das proximas corridas daremos nos proximos numeros uma serie de pequenas chronicas tauromachicas, leves, risonhas, sem attitudes graves. As nossas folicitações a Zé Povinho que finalmente tem aos domingos um divertimento tão nacionalmente electrisante, durante o qual, descompondo o Botas e tratando o Tinoco por tu, poderá esquecer rapidamente as espinhosas amarguras da semana.

# CALDAS DA RAINHA



Barraca do bazar promovido a favor da construcção de um theatro planeada e executada pelo director d'esta folha

A decoração da barraca era feita com productos industriaes da villa. A cupula e os cantos formados por enorme canastras das Caldas e o centro por cestos de vime. Balcões de pinho da terra pintados com flores de campo, cobras, lagartos e borboletas, e incrustados de azulejos. Grandes lenços de chita presos ao balcão por grandes pregos, abraçavam as canastras angulares d'onde emergiam potes vidrados cheios de leques de palmeira, fetos e girasoes. Folhagem de loiro e de carvalho. A cada canto do balcão dois arpeos seguravam redes de pesca que subiam até á cupula, alindada com o brazão das Caldas e encimada por uma canastra de quatro proascheia de flores, sendo para notar entre estas os cravos de papel feitos pela sr.<sup>a</sup> D. Maria L. Markert. Verduras e loiças por toda a parte.

Foram convidados a collabora n'esta barraca todos os fabricantes de loiça da villa. Só os srs. Mafra e Avellar acceitaram o convite. Pouco feliz a collocação da barraca. Na praça, onde estava, não se podia parar com calor. O lugar escolhido devia ter sido a Copa. A essa escolha se oppozeram, porém, ridiculas

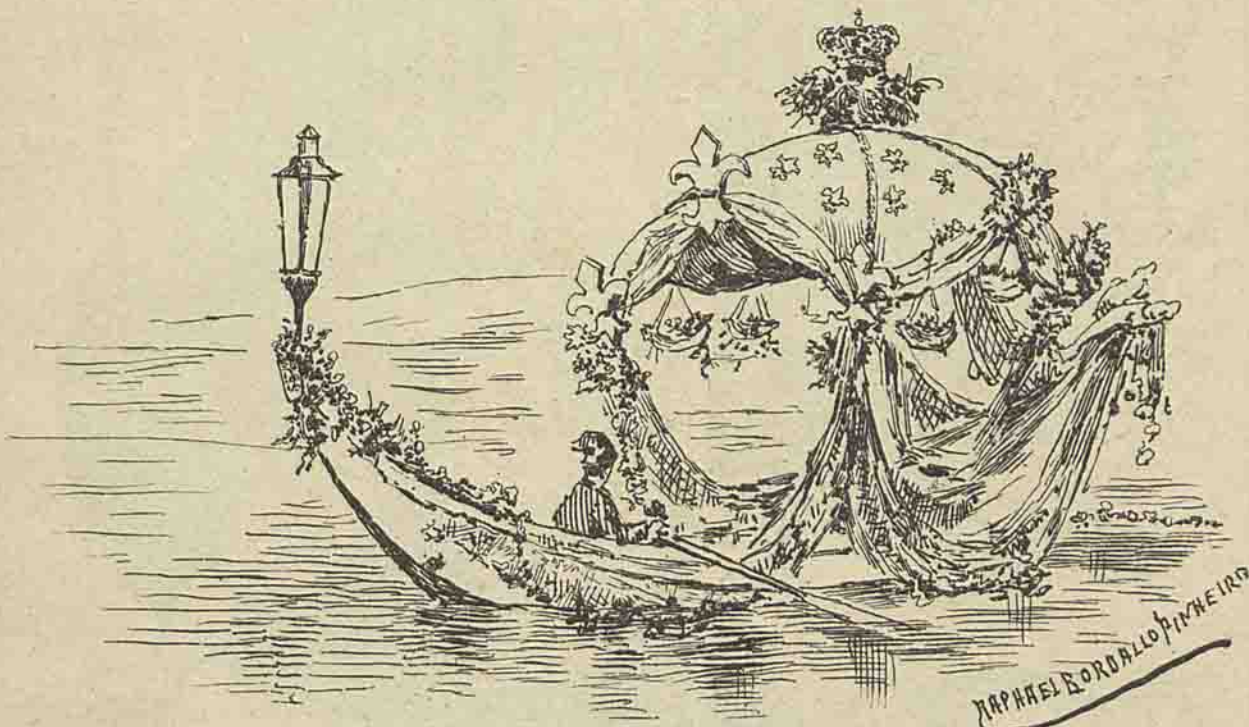
questiunculas de campanario. Pouco annunciado, o bazar foi pouco concorrido. O producto das vendas não podia ser mais insignificante, graças á eterna questão eleitoral que tudo estraga nas Caldas, onde ninguém cura de melhorar as ruas e as praças, de prender os hospedes com continuas e variadas distrações e de desenvolver as industrias locais, onde apenas se trata de resolver esta importante questão: quem deve ser eleito, o capitão Machado ou o Victorino Froes?

E agora uma pequena declaração: O director do *Antonio Maria* não se teria encarregado de decorar a barraca se previamente tivesse visto o projecto do theatro, um theatro que, a construir-se como está planeado, ficará um barracão da mais deploravel architectura, sem nenhuma das condições exigidas n'este genero de construcções. E passa-se isto n'uma terra fundada pela rainha D. Leonor, na região mais artistica de Portugal!

Verdade seja que os caldenses não teem tempo para questões artisticas, preocupados como estão com esta questão importantissima: quem deve ser eleito, o capitão Machado ou o Victorino Froes?

## CALDAS DA RAINHA

Grande pescaria na lagôa d'Obidos, offerecida pela villa das Caldas a Sua Magestade a Rainha



*Croquis* da gondola destinada para S. M. a Rainha e ornamentada pelo director do *Antonio Maria*. Gondola branca, cupula de seda azul celeste flôrdelysada d'ouro e encimada pela corôa real posta sobre um açafate de verguinha cheio de cravos. Na proa as armas reais entre ramos de carvalho e loiro. Mantelando o barco, redes cheias de flores e presas na popa por peixes de loiça. Grande profusão de hortenses, cravos, dhalias e girasoes.

Uma deliciosa festa para cuja magnificencia, pittoresco e ordem muito concorreu a actividade do sr. Cyrillo Martins.

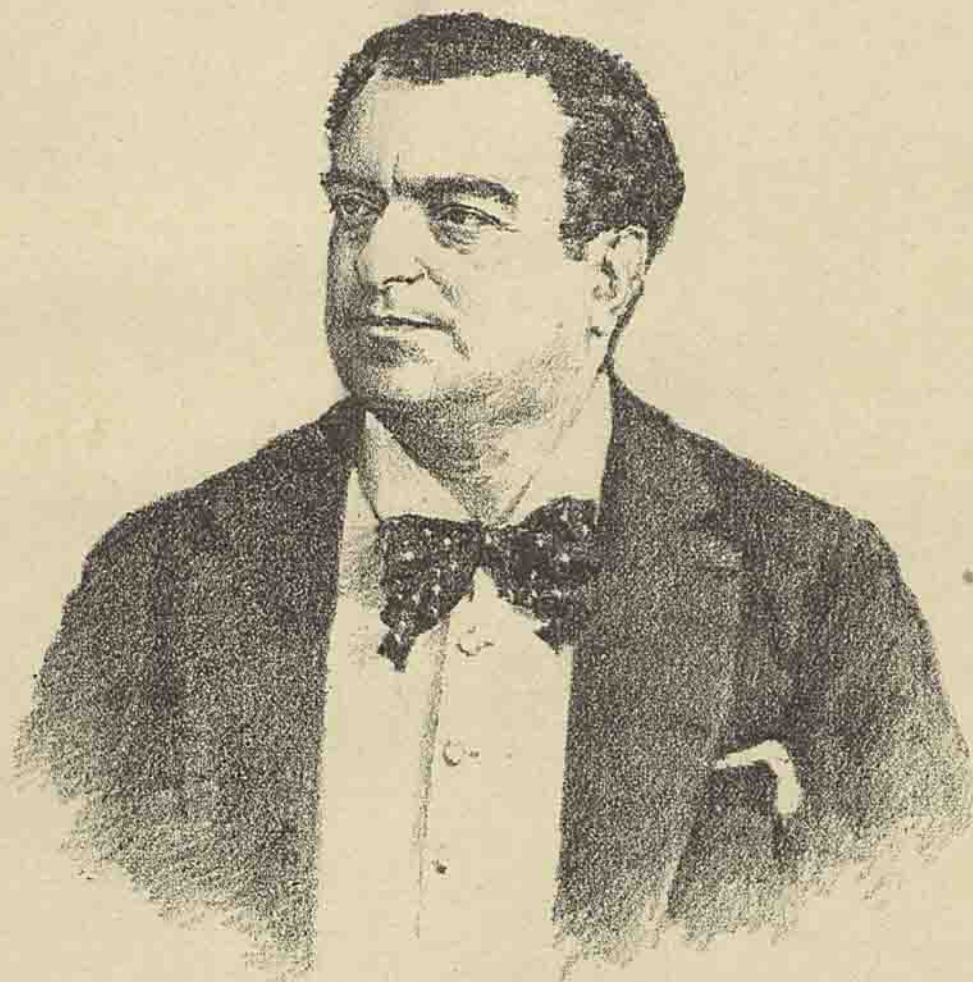
# CASOS DA QUINZENA

(MISCELLANEA)



Calor, tédio e indiferença...

# D ANTONIO VICO

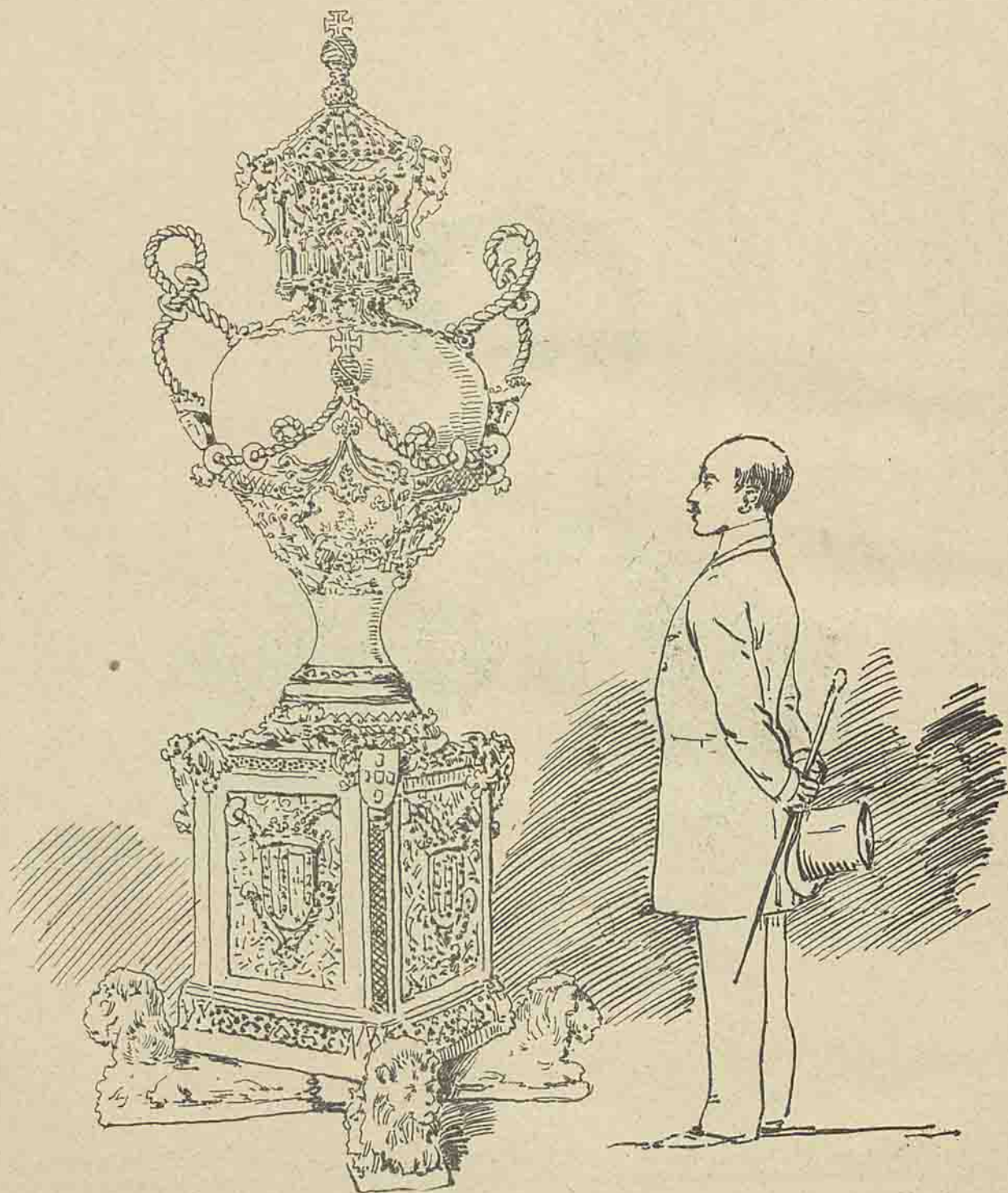


Como acontece com certos doidos, que de quando em quando teem momentos de claro siso, o publico lusitano, ordinariamente desdenhoso, ordinariamente frio perante as coisas d'arte, perante as coisas que não morrem, emancipa-se, ás vezes, da sua quasi criminosa myopia, para saudar rasgadamente, vibrante de enthusiasmo, as produções estheticas vincadas de inspiração e genio.

Foi n'uma d'essas horas de lucidez, de sinceridade e justiça que a gente de Lisboa applaudiu com cascatas de palmas e estremecimentos de funda admiração e pasmo, o grande actor hespanhol D. Antonio Vico, uma das mais salientes e gloriosas figuras do theatro moderno, que com o seu enorme talento tem conseguido fundir o gelo da nossa indiferença.



## TALHA MANUELINA



Sob os olhos que, semanalmente, costumam percorrer o *Antonio Maria* pomos hoje o desenho da talha manuelina, obra do nosso director, ultimamente adquirida por sua magestade el-rei. Ha muito que nos lembramos de dar este desenho. Um melindre, facil de perceber, levou-nos porém a pôr de banda a nossa lembrança. Se agora o publicamos não se julgue que o fazemos impulsionados por qualquer sentimento de presumpção e orgulho, mas sim com o agradecido desejo de corresponder á obrigante curiosidade dos que, tendo lido os jornaes e não tendo visto a talha, d'esta desejam fazer uma approximada ideia.



O cholera, que, logo ao despontar da primavera, começou a organizar funebres procissões pelas terras frias da Russia, que depois desceu á Persia e agora anda por Hamburgo e Paris, ameaça-nos com a sua visita.

O governo, tremulo de susto, medita sobre as macabras estatísticas que das terras infeccionadas quotidianamente lhe enviam os seus representantes e decreta medidas de prevenção contra a entrada da epidemia no continente lusitano.

Creaturas timidas e agarradas á vida como o capitalista Seixas á sua reserva metallica, premeditam já apressadas fugas para sitios ermos e saudaveis onde a peste difficilmente chegará, tão afastados são.

Genros martyrisados formulam claras hypotheses de liberdade, e avistam, em sonhos, as respectivas sogras estorcendo-se abraçadas pela ameaçadora doença, como Lacoonte pela mythologica Serpente.

Pallidos amanuenses, cheios de dividas e de caspa, olham tambem a approximação do mal como um alto beneficio, como um meio de enviar a Charonte toda a confraria dos directores e officiaes das diversas repartições, mortandade que tornaria mais branda, mais facil e doce a subida da escada burocratica.

As donzellas da rua dos Fanqueiros e d'outras de igual jaez ardem de temor e finam-se da melancholia pensando na favoravel formação do cordão sanitaria que inexoravelmente levará de Lisboa quantos amorosos alferes por Lisboa passeiam.

Assim, por diferentes modos, o phantasma cholericico vaé alarmando o espirito portuguez, derramando apprehensões, receios e até doiradas esperanças.

\*  
\* \*

Por mais acrobatissimos e complicas gymnasticas que a minha phantasia execute, não consigo imaginar o que seria o apparecimento do cholera n'esta terra onde o bidé é para a maior parte da gente o que os apparatus cirurgicos são para mim, isto é, uma coisa cujo destino se ignora.

O meu altruismo leva-me a desejar que a hofmanica epidemia não venha enriquecer os cangalheiros e os fabricantes de coróas funebres.

O meu egoismo, porém, que todo se irrita com o cheiro a roupa suja exhalado pela maioria dos meus compatriotas, faz-me encarar como uma felicidade, como um bem a continuação dos receios que por hi vão lavrando e que, prolongando-se um pouco, teriam talvez a vantagem de supprimir o horror que pela agua e pela escovas de dentes nutrem os meus ditos compatriotas.

\*  
\* \*

Circula para ahi o boato de que vaé ser supprido o subsidio que os deputados recebem emquanto as camaras estão abertas.

Como era de prevêr, o boato levantou as mais altas indignações, os mais vehementes protestos da parte d'aquelles que teem certa ou provavel a sua entrada no parlamento e que, a realisar-se o, que por emquanto corre como simples versão, ficariam n'uma platonica e desinteressada posição, que os seus interesseiros instinctos lhes não deixam appetecer.

Revoltados, aventam este argumento: tal medida seria altamente anti-democratica por quanto tornaria exclusiva para os ricos, para os homens de fortuna, a entrada na camara.

Será assim, será. Mas o que tambem é certo é que é altamente immoral que o povo esteja pagando a algumas dezenas de creaturas que se dizem representantes da vontade popular quando, como todos sabem, são simplesmente eleitos á custa de pequeninas tricas e de odiosas pressões; pagando a cento e setenta e oito deputados cuja interferencia nos negocios publicos é absolutamente inutil quando não é absolutamente prejudicial.

Eu.

## Agua do toilette do Congo

Quando, para a toilette, esta Agua é empregada, O rosto resplandece, em aura embalsamada, Espalha-se no sêr frescura salutar, Sente-se um doce encanto, um calmo bem estar.

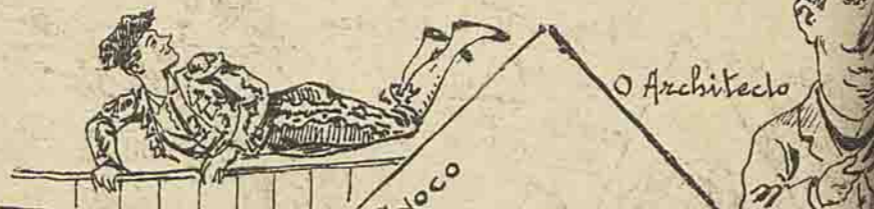
Victor Vaissier, inventor do Sabonete do Congo

# PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

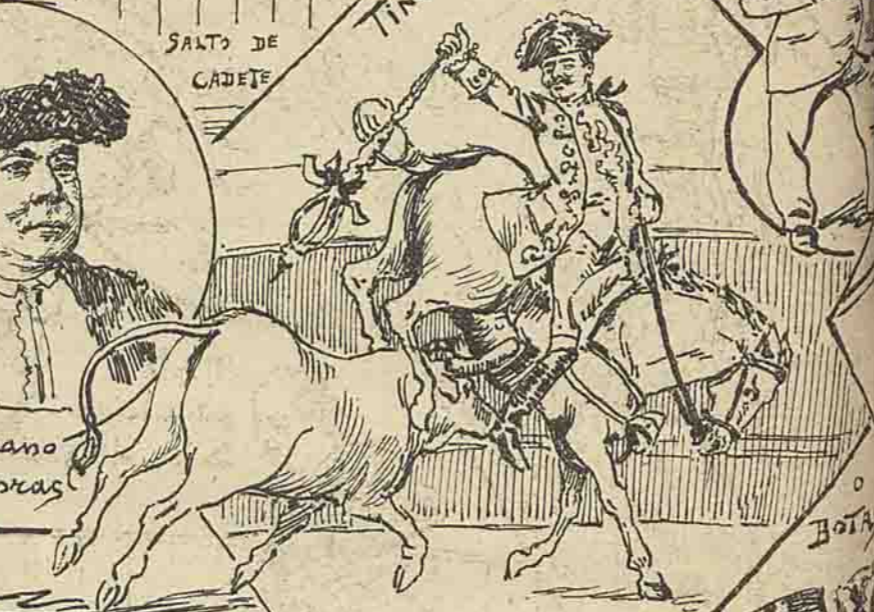
DOMINGO 28 DE AGOSTO



JORGE CADETE, o novel.  
Habilidade, pernas e precipitação.



SALTO DE CADETE



O Architecto

TINOCO

Dias da S.  
FERNANDINHO

Mazzantini á busca de "toros"

Hombre, si no los veo!

Morte simulada.  
Lôce ilusão!



S. Rodriguez Bataha, martyr e director.  
Todas as iras lha chovem em cima. Preso por ter bilhetes, preso por nao ter.



Calabaza, o decano quem teve as honras da tarde.

O CURRO.



Equilibrio muito instavel.



O "Intelligente" e o menos inganda!



Shabalho fuzco, caracis brilhante

Apparelio indispensavel pa' olhar para os camarotes



Mazzantini no capote.

A QUADRILHA



Os que lucram.

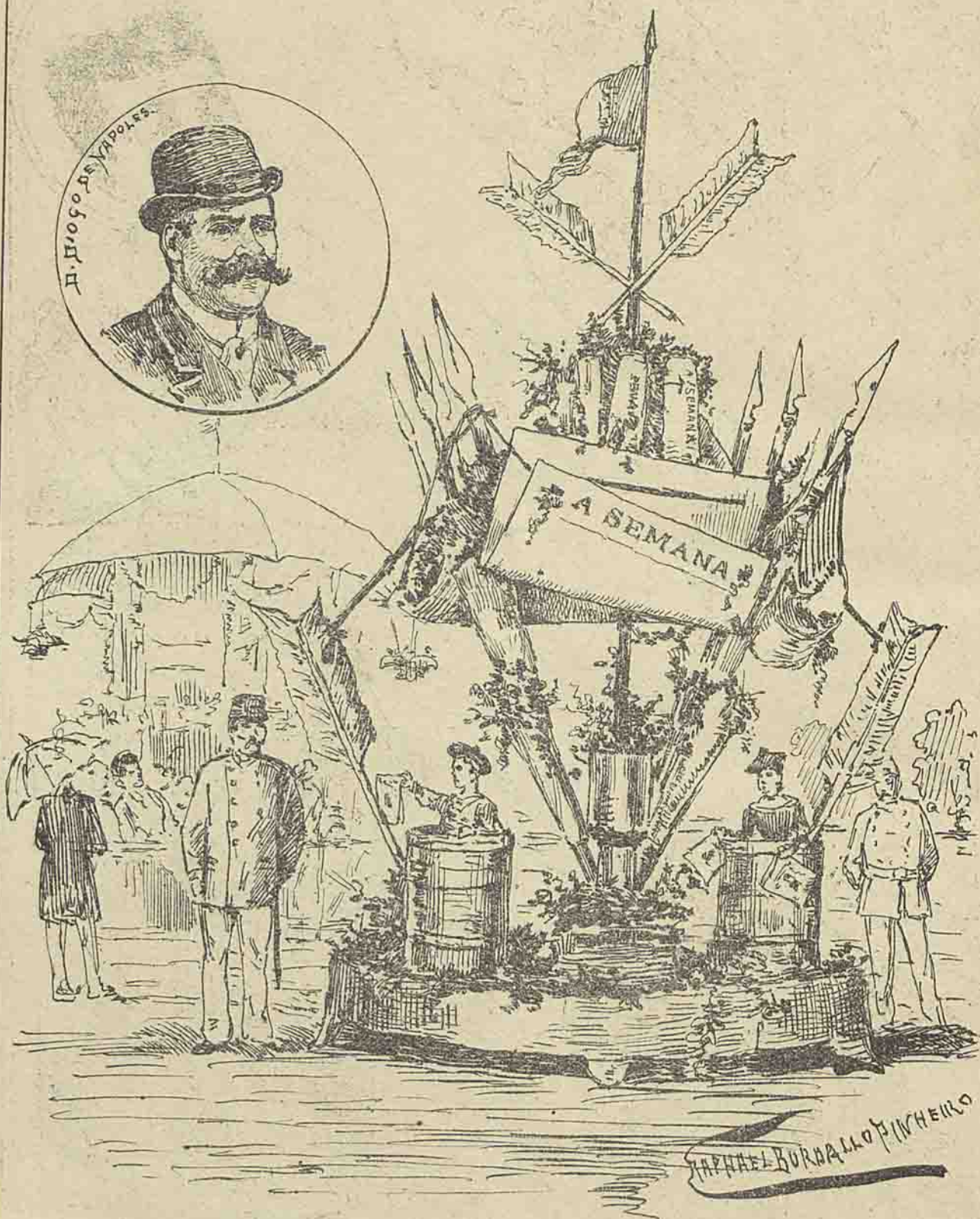


Mostrarei a minha independencia, indo assim

- Psst, Psst, Psst! Oh! Cocheiro!! Pz'ô Campo Pequeno a...  
- Não vou lá, menos de 500\$000 r\$, em ouro. E isto é p. quem quer.

Justavo Bordallo Pinheiro

# TORRES VEDRAS



Aspecto d'uma barraca projectada pelo director do *Antonio Maria* e erigida na kermesse ultimamente realisada em Torres Vedras. A kermesse, cujo pittoresco e optimos resultados se devem especialmente á incansavel iniciativa do sr. D. Diogo de Napolés e tambem á intelligente collaboração do sr. Dyonizio de Carvalho, foi promovida para com o seu producto se transformar em passeio publico, ajardinado e arborizado, o largo da Graça, em Torres Vedras.



# O QUE SE VIU NAS CALDAS DA RAINHA



Elle tinha o mais lindo bigodinho preto.



O beijo d'elle era imberbe como um ovo.



Ella, cheia d'amor, tanto olhou, tanto olhou..



que o bigodinho preto saltou do beijo d'elle para o beijo d'ella.

E aqui está como elles appareceram nas Caldas e como continuam veraneando: elle parecendo ella e ella parecendo elle!

# THEATRO DO GYMNASIO

O grande actor Vico na «Mala Raza»



MALA  
RAZA  
EXPLENDISSIMO.

Caramba! Olé! Canastro! Caracoles! Bendita sea tu madre! Bojero! Grabanzos e melcotones!  
Rigodon! Puchero!  
Le beso a usted las manos! Que las tenga usted muy buenas! Y viva!

Editor: MANUEL LUIZ DA CRUZ. — Sede da Administração: RUA DO NORTE, 39, 1.º  
LITHOGRAPHIA LUSITANA, Rua do Ferregial de Baixo, 36 a 40.  
TYPOGRAPHIA DA «REVISTA INDUSTRIAL», 158, Rua do Poço dos Negros.

## A ACTRIZ CONTRERAS



Ao pé do grande actor Vico sobresahe a actriz Contreras. E' quanto basta para se avaliar a força do seu talento. Uma luz de stearina nunca brilhou ao pé d'uma estrella. O publico portuguez teve consciencia do subido valor da graciosa artista e d'esse publico conservará ella durante toda a vida uma forte lembrança talvez uma das suas melhores lembranças, de tantos, de tão ardentes applausos aqui foi alvo.

## O SARGENTO HOFF



Passou por Lisboa este bravo e glorioso militar que na guerra franco-prussiana tantos e tão heroicos feitos commetteu. Patriota e corajoso como poucos, matou na memoravel guerra 27 prussianos n'um só dia. O governo francez condecorou-o com a Legião de Honra.

Publicando o seu retrato, o *Antonio Maria* saúda com toda a sympathia o sargento Hoff que, no meio do egoismo moderno, é dos poucos que ainda tem esse grande platonismo: — o amor da patria.

## VARIAÇÕES

A gente de Lisboa, esporeada pelo sol argelino d'estes ultimos tempos, sedenta de villegiaturas e descanso, cinge-se de flannels claras e de sedas molles e parte, n'um alegre exodo, para os sitios estivaes, onde a vida corre facil e risonha, como um fio d'agua por um campo de hervas.

As ruas da cidade tomam a solitaria feição das velhas necropoles que, á beira do Nilo, dormem entre avenidas de palmeiras.

Tudo foge do famoso burgo de Ulysses. Tudo, inclusivamente o Tejo que corre para Cascaes.

\*  
\* \*

O unico logar que não tem positivamente o abandonado aspecto d'uma rua dos Prazeres, é o Gymnasio, onde, ás noites, o notabilissimo actor Vico continúa fazendo estremecer de entusiasmo os espiritos mais empedernidos e apagados.

Deitou raizes a admiração a elle votada. Sob a pressão do seu maravilhoso talento não ha insensibilidade que não desapareça, sensibilidade que não se exalte.

Feliz é Vico em ser estrangeiro, que se fôra portuguez, passada a crise de rasgado pasmo e artistica devoção, beliscado começaria a ser, á certa, pela causticidade do nosso espirito critico, que breve se cança, que quer que as notabilidades façam como as estrellas cadentes, que brilhem muito e passem de pressa.

\*  
\* \*

O cholera, cuja marcha assustadora é minuciosamente registrada nos jornaes diarios, continúa assustando as gentes, não havendo boato terrificante que não se invente, alarmante versão que não corra n'um grande, funebre bater de azas.

A despeito de não ser imminente o perigo, tomam-se grandes precauções, fazem-se visitas sanitarias, publicam-se receitas hygienicas, praticam-se com rigor os dictames quarentenarios.

No meio de todo este zelo descobre-se, porém, á ultima hora, que temos uma quasi absoluta carencia de desinfectantes. E' grave. Mas mais grave ainda digno de todas as censuras, de todas as asperezas de julgamento, o procedimento dos droguistas e pharmaceuticos lisbonenses que se negam a vender aquellos productos, dizendo que os não tem, guardando-os, na fé de com elles auferirem extraordinarios e fabulosos lucros, caso a epidemia venha a atacar-nos.

Quem assim procede tem razão de não vender desinfectantes: deve gastal-os em proveito proprio, deve bebel-os para désinfectar a alma.

\*  
\* \*

Falla-se na remodelação do ensino industrial, iniciado ha annos no meio das mais sinceras esperanças e cahido, dentro de pouco tempo, no mais chocho, no mais improductivo e caro luxo do nosso paiz.

Corre com insistencia que serão recambiados para os respectivos paizes os professores estrangeiros que vieram supprir a falta que tinhamos de especialistas em materia de ensino industrial.

Contra o que era de prevêr n'esta terra, onde se applaudem todas as asneiras e se chicoteiam todas as medidas sensatas, o boato circula com grande applauso de toda a gente.



D'esta vez tem razão o publico. E tem razão porque os professores em questão nada tem feito. A sua influencia sobre a industria portugueza é do genero da que tem tido sobre a litteratura nacional o Santa Ritta ou o Florencio Ferreira, o que de resto não é para admirar, porque se elles valessem para alguma coisa não teriam vindo certamente para Portugal ganhando relativamente uma insignificancia, deixando grandes terras cuja florescencia e habitos artisticos lhes garantiam grandes lucros e glorias.

Eu.

## VER E CREER

### Agua do toilette do Congo

E' o suave olor d'esta agua de *toilette*  
Que convem á mulher elegante e *coquette*;  
Imprime no seu rosto uma ideal frescura,  
Transmitte á sua tez a mais extrema alvura.

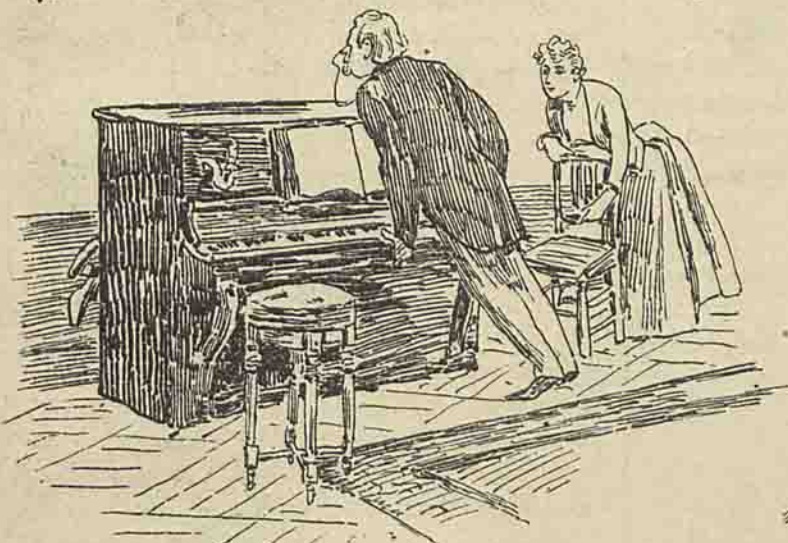
Victor Vaissier, inventor do **Sabonete do Congo**



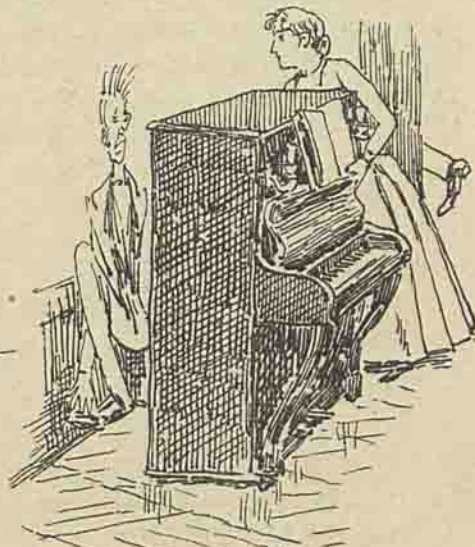
—Desconfio que o mestre de piano se atira á pequena... Observemos...



—Alguem puchou o piano mais para cá. Vamos a pô-lo no seu logar.



—Oh diabo! está uma coisa atraz!



—Pobre papásinho!

# PRAÇA DO CAMPO PEQUENO DOMINGO, 14 DE SETEMBRO

José Sanchez del Campo

O 2º touro deita-se e diz que não está para massadas. Vede uma canja. Deita-se fraco.



CARA-ANGHA.

Vaya si es diestro bonito, y de gracia y de presencia, en la tauromaquia ciencia Don Pepito!

Lo mismo en lances de capa que en el quiebro, sus primores no tienen competidores en el mapa.

(Do Torea Comico).



Uma péga confidenciada

Chamem-lhe tolo!!



3º boi

O touro se quebra e manda-me um traseiro de linguiça

M. Sanchez del Campo.

RECORTES.

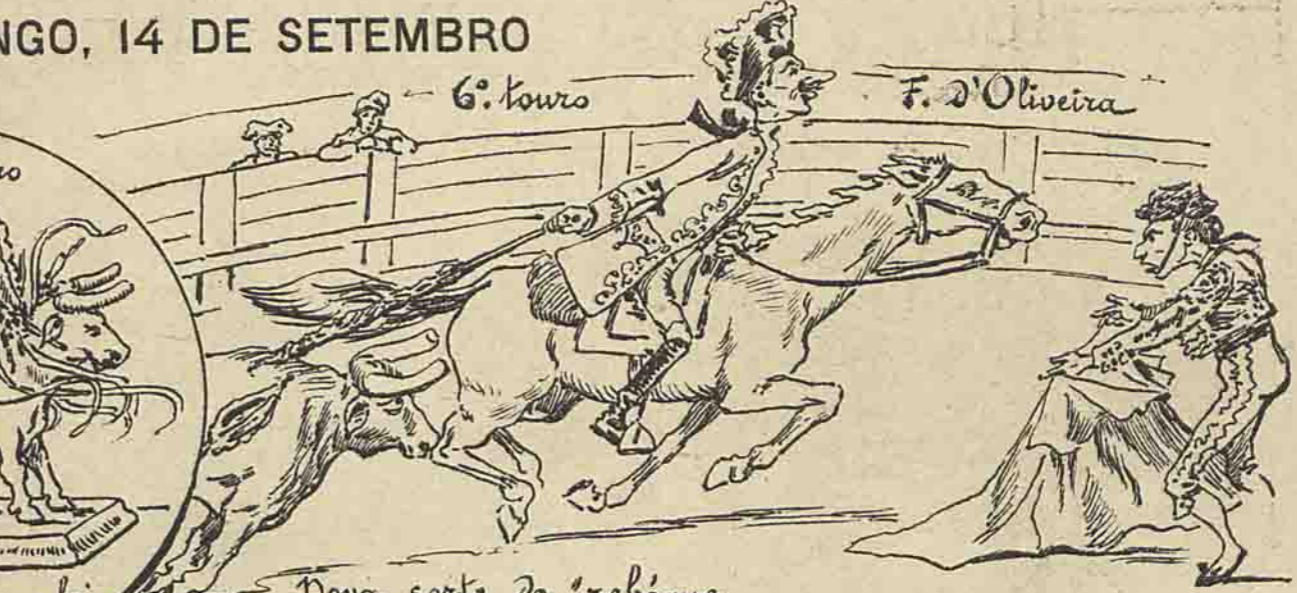
M. Gustavo Bordallo Pin.



1º touro

CALBAS

Chama-se a isto um boi que cumpriu...



6º touro

F. D'Oliveira

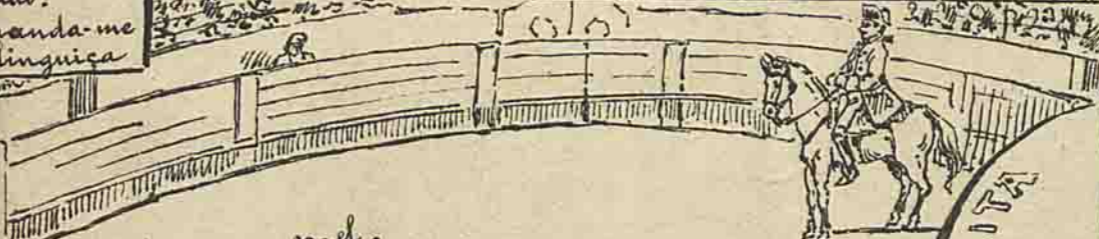
Dava sorte do 'rebóque



Como elles sabiam...



e como elles entendam.



2º boi para M. Casimiro. Tudo entrincheirou! Cavalleiro, boi e capotez



GERRITA



Trez que já não correm a foquetes.



Amambã, vederemo a dopo parlaromo

# THEATRO DO GYMNASIO O GRANDE ACTOR VICO NOS DRAMAS:



Vida alegre y muerte triste



La Levita



Drama nuevo



RAPHAEL BORDALLÓ PINHEIRO

# O SOLAR DOS BARRIGAS



ANGELA PINTO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



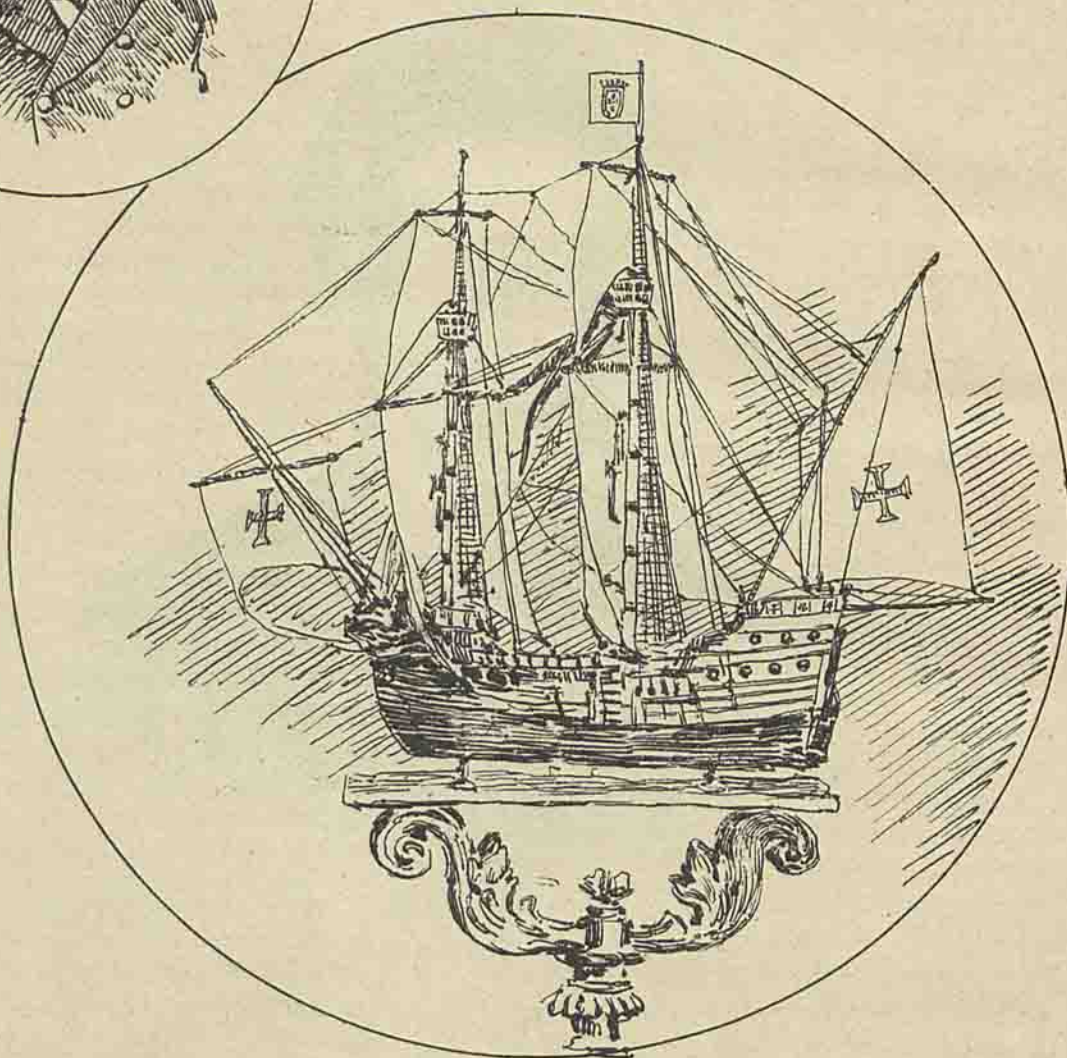
Do unido e applaudido triumvirato dramático, formado por Cyriaco de Cardoso, D. João da Camara e Gervasio Lobato, temos agora uma nova peça, ha dias representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes. O solar dos Barrigas tal é o titulo da graciosa obra, para a qual Cyriaco escreveu lindos trechos de musica fresca, popular, alegre, D. João da Camara recortou versos cheios de malicia uns, outros cheios de ingenuidade, e Gervasio abriu a vermelha boceta da velha graça portuguez, espumante e embriagante como o vinho.

A peça foi e continúa a ser muito bem desempenhada, sendo poucos os *bravos* e as *palmas* que saudaram o trabalho de Angela Pinto como actriz e o de Valle como ensaiador e como actor, sempre cheio de talento e de correcção.

## DR. CASTELLO BRANCO SARAIVA.



O dr. Castello Branco Saraiva, cujo fallecimento tão regado de lagrimas tem sido, era um homem ás direitas, um exemplo de honestidade e de talento, tão bom como intelligente. Cheio de sensibilidade, caridoso como um santo, levou a vida a fazer bem, amparando os fracos, protegendo os humildes, humildemente, sem ostentação, quasi ás escondidas, como se a sua caridade fosse um crime. Clinico distincto, é incalculavel o numero de beneficios que derramou sobre as classes pobres. Homem de fé pura, ninguem como elle soube conservar intactos e firmes os seus ideaes. Na vida d'elle, immaculada, branca, ponham os olhos os que entram na vida, n'esta vida moderna, de lodo e fel.

**ANTONIO ARTHUR BALDAQUE DA SILVA**

O sr. A. A. Baldaque da Silva é um dos mais distintos e activos officiaes da nossa marinha. A elle se deve a intelligente e rigorosa reconstituição, em miniatura, da famosa nau San Gabriel, que deve figurar na exposição colombiana de Madrid, e diante da qual fizemos o rapido esboço que acima vae publicado. Este trabalho, no qual foi coadjuvado por mestre Joaquim de Deus, velho e sabido mareante, basta para tornar saliente o seu raro merito, e, entre as maravilhas que ao madrileno certamen enviamos, não será por certo, das que menos apreciadas hão-de ser.



Ministerio em crise: assim se diz.

Crise parcial, como alguns affirmam, ou total, como outros apregoam, parece que o boato tem seus visos de verdade.

Era tempo.

O espirito portuguez, leviano como uma rapariga de dezoito annos, precisa de sensações variadas, não admitte que qualquer assumpto, qualquer questão, qualquer individualidade ou qualquer trabalho d'arte ou de sciencia se demore na evidencia por espaço superior a oito dias.

Apparece um grande poema: o enthusiasmo ferve em grandes golfadas, os applausos estalam vibrantes e cascataes. Oito dias depois morre o delirio: ninguém já tolera o poema.

Veja-se a gloria ephemera do João Arroyo, medite-se sobre os triumphos—cedo fanados—que Gomes Leal alcançou com os seus alexandrinos revolucionarios, compare-se a quente admiração que, ha mezes, revestiu de incenso o ultimo livro de Junqueiro com a fria indiferença que o mesmo livro merece agora a todas as pessoas.

D'est'arte, o ministerio Dias Ferreira, graças á sua dilatada existencia, não póde despertar a menor curiosidade, a mais leve attenção.

As suas intenções e as physionomias dos seus membros são demasiado conhecidas. A gente passa pelo *Diario do Governo*, como passa pelo Chiado, sem dar por isso, tão velhas, tão immutaveis, tão permanentes e quietas são as linhas architecturaes da famosa rua, tão holorentos, tão vãos de originalidade são os numeros da official gazeta.

Imagine-se um eterno realejo tocando, desde o romper até ao desmaiar do sol, sob a mesma janella.

N'estas circumstancias a queda ou, pelo menos, a recomposição ministerial, será recebida por todos, com alvoroço. Saudades não as deixa, francamente,

e dá aos espiritos a possibilidade de poisarem fundas esperanças sobre o ministerio que lhe succeder.

\*  
\*  
\*

Sob o ponto de vista decorativo, com excepção do reverendo bispo de Bethsaida, o gabinete agonizante deixa tudo a desejar.

Desde os collarinhos em poltrona do conselheiro Dias até ao polychromo chinó do general Candido as peças de *toilette* com que os corypheus da administração ornamentam suas plasticas são do mais prevertido gosto.

Como a calligraphia, o vestuario signala de modo flagrante o caracter das pessoas. Vestem-se como toda a gente as pessoas que pensam como toda a gente. Trajam de maneira bizarra, longe das normas estabelecidas, aquelles cujo espirito bizarro se affasta do espirito da maioria.

Ora, a avaliar pelo modo como andam vestidos, os actuaes governantes são creaturas triviaes, communs, não são ou, pelo menos, não parecem ser os cerebros eleitos, destacados, esclarecidos, cuja lurtinidade e singular penetração deveria ser uma garantia da boa marcha dos negocios publicos.

Esta questão do vestuario, que muitos encaram como a mais futil das questões, tem, sem duvida, a mais alta importancia, a mesma importancia que na religião catholica tem o culto externo.

O regimen monarchico é um regimen tradicional e como tudo o que na tradição se enraiza deve apresentar-se sob as suas formas hieraticas, sob as suas formas estabelecidas.

A farda do ministro monarchico tem tanta significação como a dalmatica do clérigo.

Ora, em dia de assignatura, vede passar o ministerio... Muito devem ganhar os algibebees!

\*  
\*  
\*

Que partam! Não deixam penas.

Os que vierem de novo, não serão melhores, bem se sabe. Mas que ao menos nos seja concedida a faculdade de ingenuamente pensarmos o contrario.

Eu.

## Água do toilette do Congo

Esta agua perfumada, embalsamando o rosto, Hygienica, usa-a e de apurado gosto: Transmitta esta agua a tez a deslumbrante alvura Deixando sobre a pelle a mais ideal frescura.

Victor Vaissier, inventor do **Sabonete do Congo**

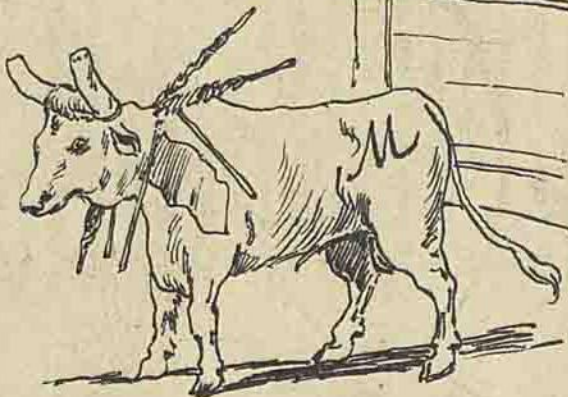


# RAFAEL GUERRA (GUERRITA)



# PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

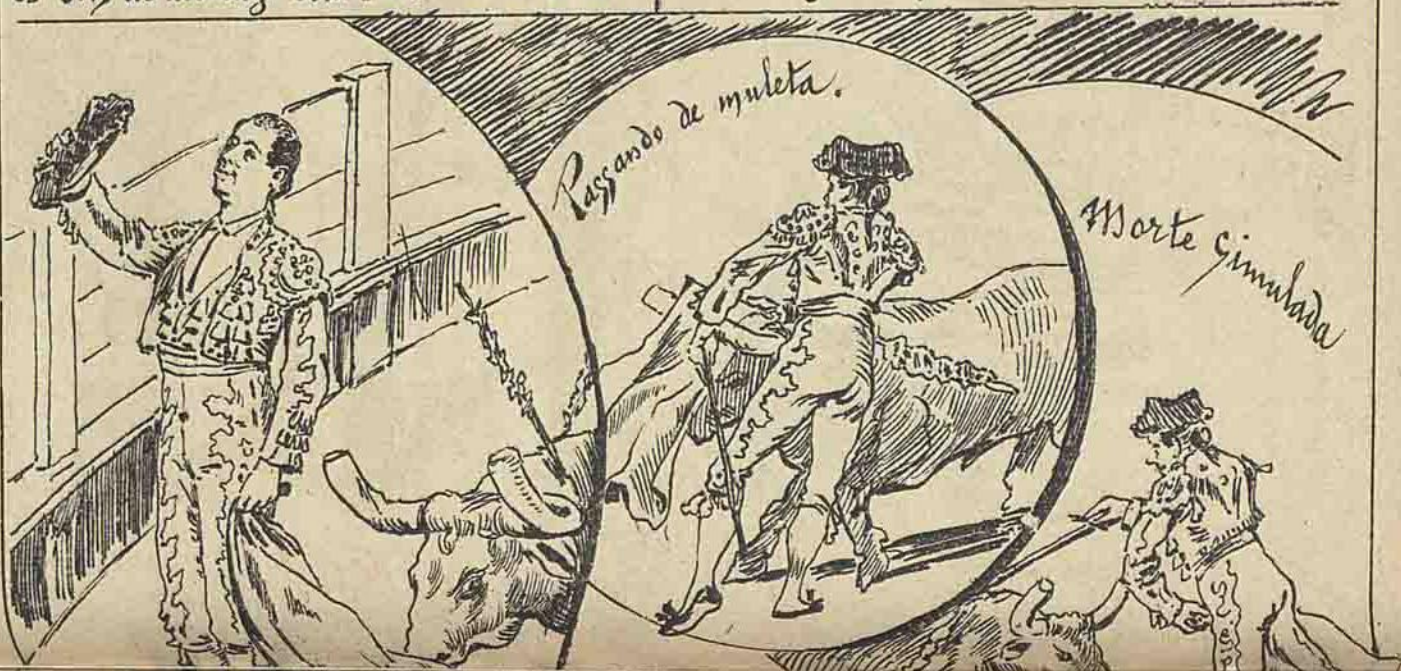
SÉGUNDA FEIRA, 12 DO CORRENTE



Os bois de domingo eram da marca M.



Os de segunda foram da marca X.P.T.O.

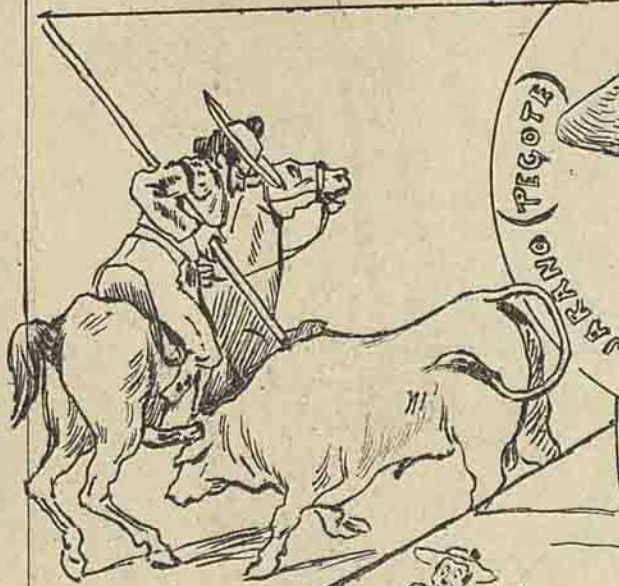


Guerrita, que tão applaudido foi na toirada de segunda feira, é hoje dos primeiros, se não o primeiro dos toireiros hespanhoes. Ninguem lhe ganha em serenidade, em elegancia, em dextreza.

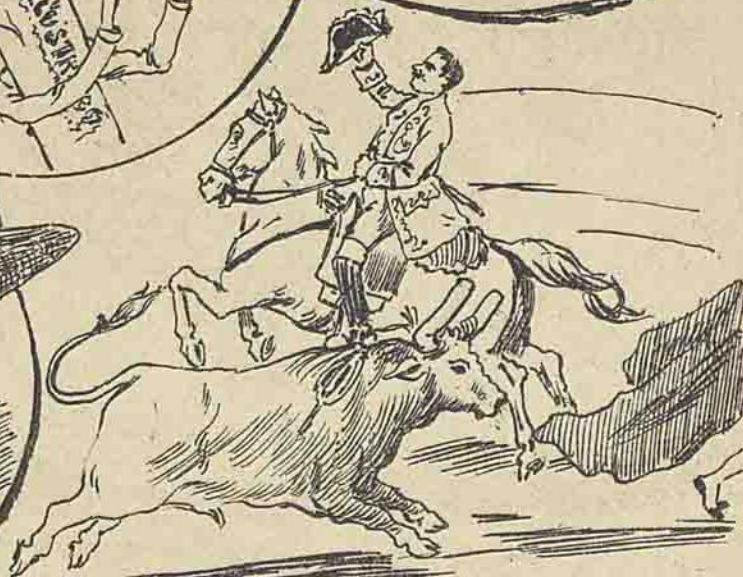
Um adeus de

GUERRITA

Ai! Jesus.



TOMA VARAS...



Set'apanho, se l'agarró...  
10º Caraga. Um verdadeiro touro. Muito pé  
muita força e muito saber. Por isso...  
um bravo ao M.º Cagimiro.



ALMENDRO.  
Tão longo de boi  
como  
da alternativa.



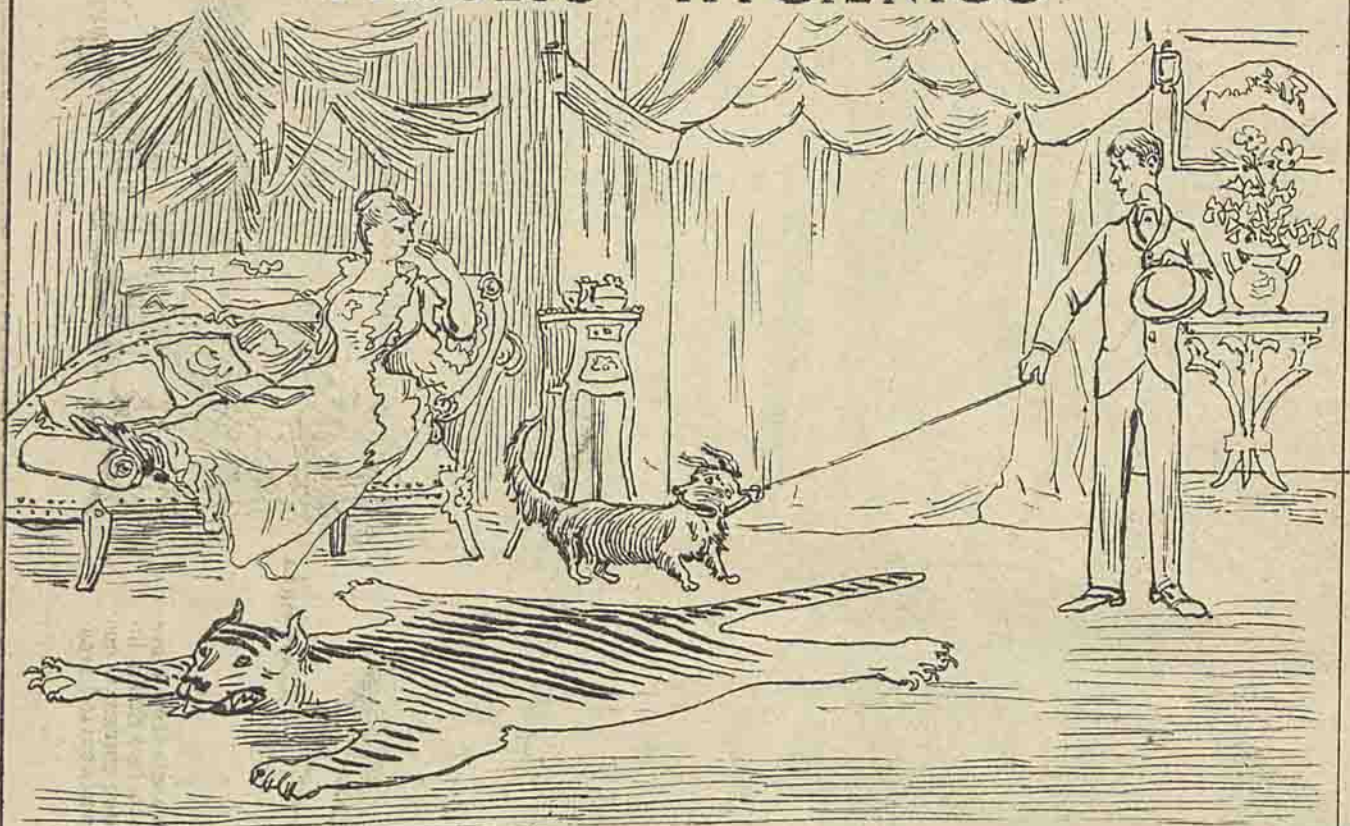
Cada um defende-se, com agunhas que tem.

Este, coitado, é que não toma nada.

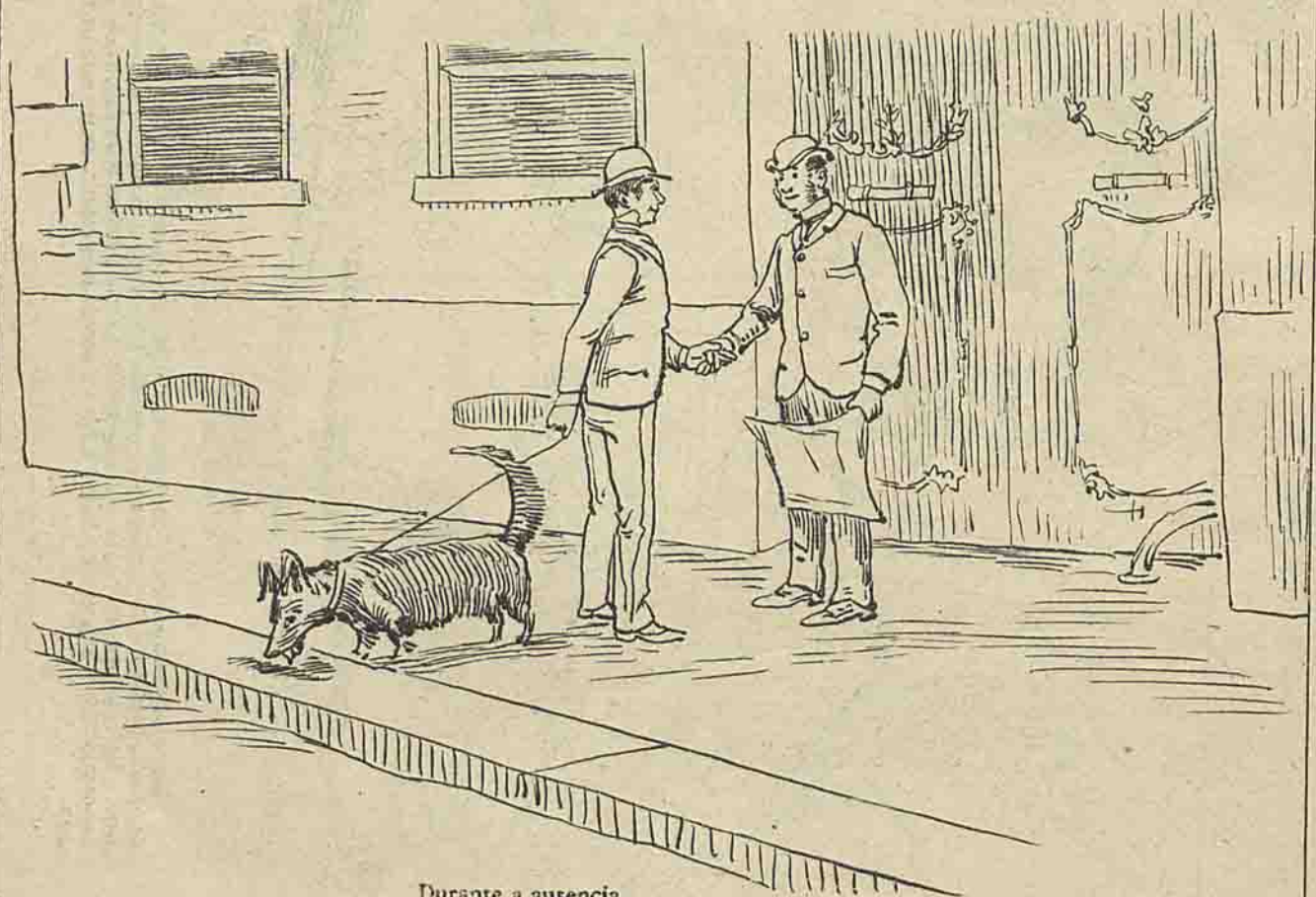
Uma toirada magnifica. Tudo bom, os artistas e os bois. Tão bons que ficámos indecisos sem saber o que devíamos applaudir de preferencia, com mais frenesi: se os bois, se o Guerrita, se o Tinoco, se o Emilio Infante. Este ultimo pelo gado que apresentou, ficou purificado do fiasco que teve na primeira corrida. O que francamente não pega entre nós, é a lide de cavallo hespanhola, demasiado barbara para a nossa natural bradura.

António Bardallo Filho

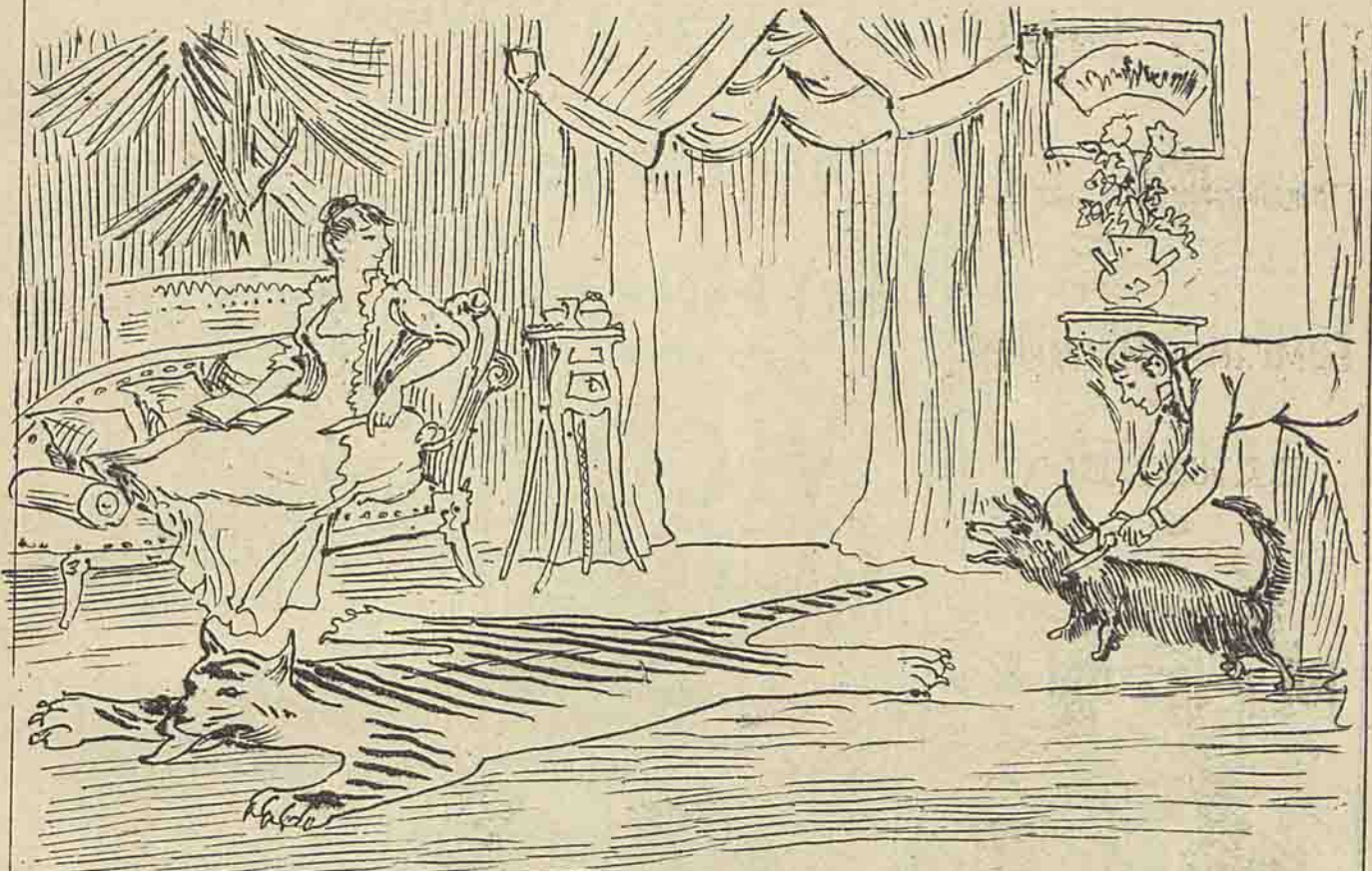
# PASSEIO HYGIENICO



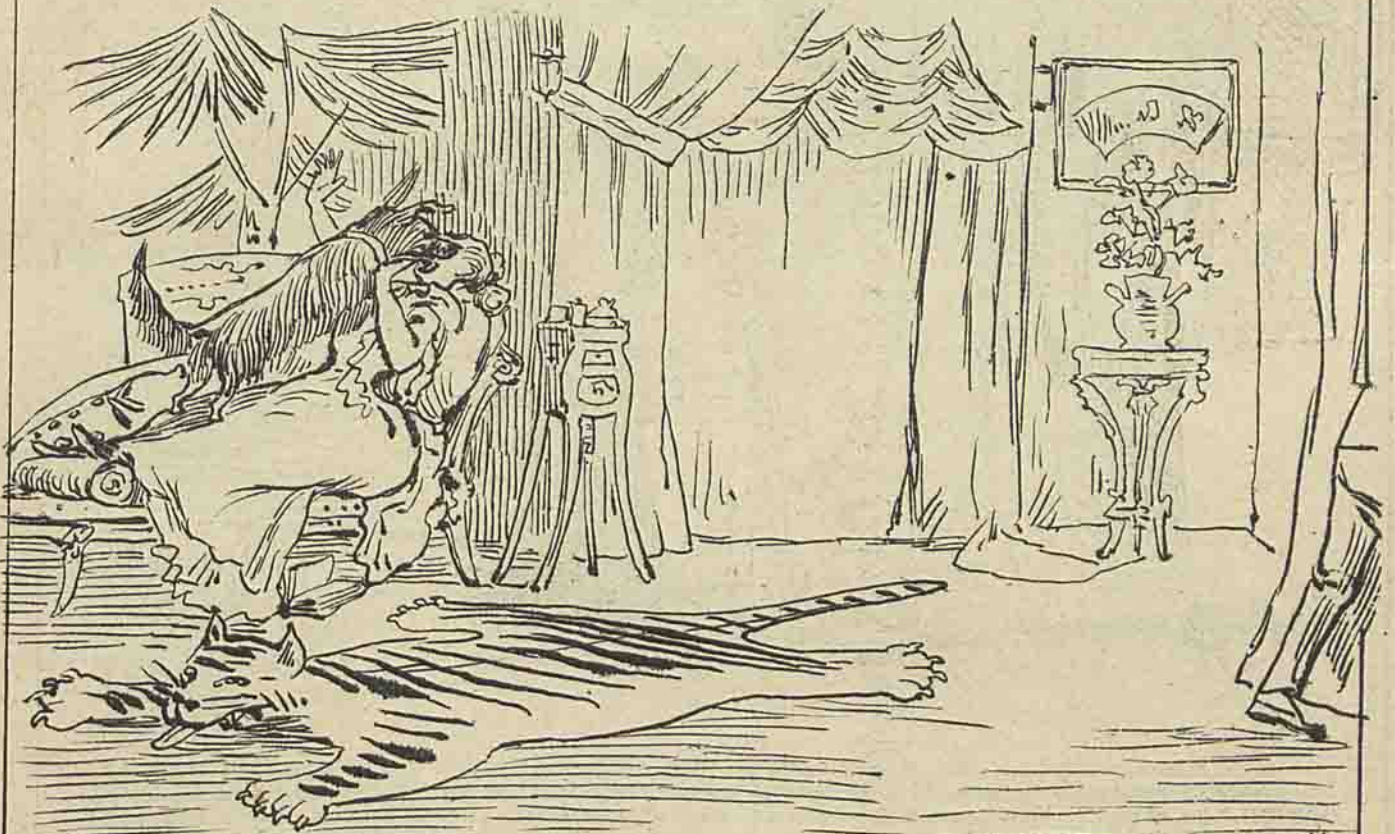
Separação cruel.



Durante a ausência...



Feliz regresso.



Expansão canina.

# LISBOA HESPANHOLA



Hespanholisa-se a cidade. Não se falla senão em Vico, em Cara Ancha, em Contreras, em Mazzantini, em Guerrita e na companhia de zarzuella. . . Accessiveis bellezas femeninas que por Lisboa passeiam, na sua maioria, são o que se sabe. . . Deus apresse a abertura dos theatros portuguezes a ver se com essa abertura nos vem a convicção de que a lingua portugueza não é, como o grego, uma lingua morta.

# THEATRO DA RUA DOS CONDES COMPANHIA INFANTIL



Na rua dos Condes está trabalhando agora uma companhia dirigida pelo conhecido actor Chaves. Posto que a peça que representam, uma revista semeada de allusões politicas, esteja em flagrante desarmonia com a pouca idade dos minusculos-actores, justo é confessar que estes teem graça e vivacidade, notando-se em alguns decidida vocação scenica. E' justo tambem signalar o trabalho e a santa paciencia do director do lilliputiano grupo dramatioo.



Castas como o cardeal Dom Henrique, as aucto-  
dades de Cascaes acabam de expulsar da linda e fi-  
dalga praia quantas raparigas de vida airada por lá  
andavam irritando com a petulancia de seus vestua-  
rios e a atrevida garotice de suas attitudes e risos a  
ecclesiastica e conselheiral seriedade das pessoas vul-  
garmente chamadas serias.

Dir-se-ia que é Santo Thomaz d'Aquino quem  
governa o concelho de Cascaes.

Tão severa resolução foi tomada, ao que parece,  
para castigar a estroinice de certa leviana, que escan-  
dalisou um visinho com as suas provocantes troças,  
e para restabelecer a paz de muitos *ménages*, altera-  
da graças ás capciosas, irresistiveis artes das mulhe-  
rinhas em questão.

Fosse, porem, pelo que fosse tal ordem parece nos  
a quinta-essencia da moralidade.

Postoque essas damas de prazer não tenham do  
pudor a mesma noção que do pudor tinha Lucrecia,  
que a sua estouvada conducta faça arripiar todos os  
que possuem almas brancas como toalhas d'altar, a  
nota alegre que soltam por onde passam, a sua phi-  
losophia rebelde a todos os convencionalismos mais  
ou menos polvilhados de simonte, e a rara coragem  
com que de cabeça alta e cara risonha affrontam a  
vida, tudo isto devia protegê-las dos venenosos olha-  
res e dos emphaticos rigores com que são tratadas.

Não se levê o exaggero a ponto de as tratar com  
as mesmas attentões com que se tratam as infantas  
mas não as firam com requintes de aspereza, não as  
expulsem severamente como se expulsavam os ju-  
deus no seculo XVI,— em vinte e quatro horas.

O sol é de todos: deixem-nas viver ao sol.

E menos receio pelo seu contacto.

Por muito venenosas que sejam, nunca as balla-  
donas envenenaram os lyrios visinhos.

\*  
\*  
\*

Fervilham os boatos de crise.

Todos os dias se armam projectos de remodela-  
ção ministerial, mais ou menos absurdos, mais ou  
menos para desejar.

E n'uma perguiça muito nossa, com uma vaga fé  
no dia seguinte, esperando que isto mude em breve  
para melhor, vamos soffrendo as inclemencias e as  
incoherencias do actual ministerio, sem reclamações,  
sem protestos, como os jogadores que perdem todos  
os dias e que todos os dias esperam a desfortuna.

\*  
\*  
\*

Em torno das escolas industriaes ventillam-se di-  
versas questões sufficientemente burlescas e que em  
evidencia põem o lastimoso estado d'aquelles insti-  
tutos.

Era de esperar.

Quando entre nós se pensou na fundação das es-  
colas, já na Belgica, na França, na Allemanha e em  
outros paizes o ensino industrial estava perfeita-  
mente orientado, n'um caminho seguro, de provados  
resultados.

Em vez, porem, de se ir lá fóra, de se estudar a  
fundo a constituição das escolas e de se adoptar em  
Portugal tudo o que de bom n'este sentido se en-  
contrasse no estrangeiro, não senhor, viraram-se as  
costas a todos os exemplos salutaes e, como se o  
ensino industrial fosse uma recente invenção nossa,  
começaram a derramal-o ás apalpadellas, construindo  
hoje, destruindo amanhã, sem senso, sem cami-  
nho traçado, sem ideal certo, como um cego a de-  
senhar.

No provimento das cadeiras Deus sabe o que se  
fez. Na importação dos professores estrangeiros o  
mesmo Deus não ignora o que aconteceu. Uma ca-  
lamidade.

Tudo isso vai dar em droga.

E n'este ponto todas as indignações são justas  
contra a falta de juizo o de honestidade com que as  
coisas tem corrido e, graças a nossa elastica paciencia,  
hão-dé continuar a correr.

ev.



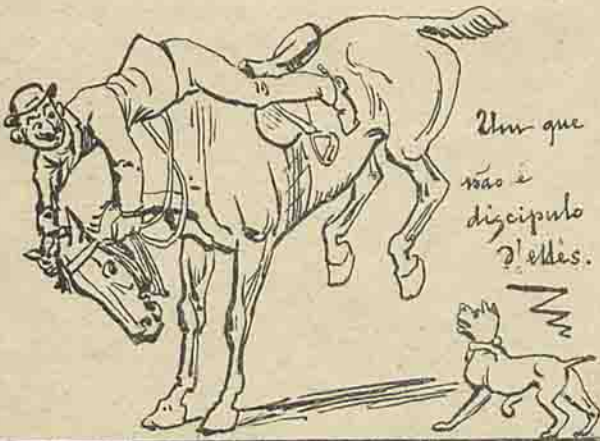


Os srs. D. José Manuel da Cunha Menezes e Antonio Prudencio, dois dos nossos mais distintos cavalheiros, abriram recentemente um magnifico picadeiro que, pelas optimas condições em que foi construido e pela rara pericia dos seus proprietarios, ficará sendo, sem duvida, o primeiro de Lisboa.

E' á Junquéira.

Como anexo do picadeiro, os mesmos senhores tomaram de renda as soberbas cocheiras do sr. marquez da Foz, na rua da Gloria. No genero de sport que em Portugal teve com *sacerdos magnus* o famoso Marialva, fazem tudo o que humanamente pode fazer-se, desde a mais simples e rudimentar lição d'equitação té aos mais complicados problemas equestres, preparação de cavallos para toureio, amansamento de cavallos bravos, etc.

Que a nova empresa prospere. E que os cavalheiros portugueses se alegrem.



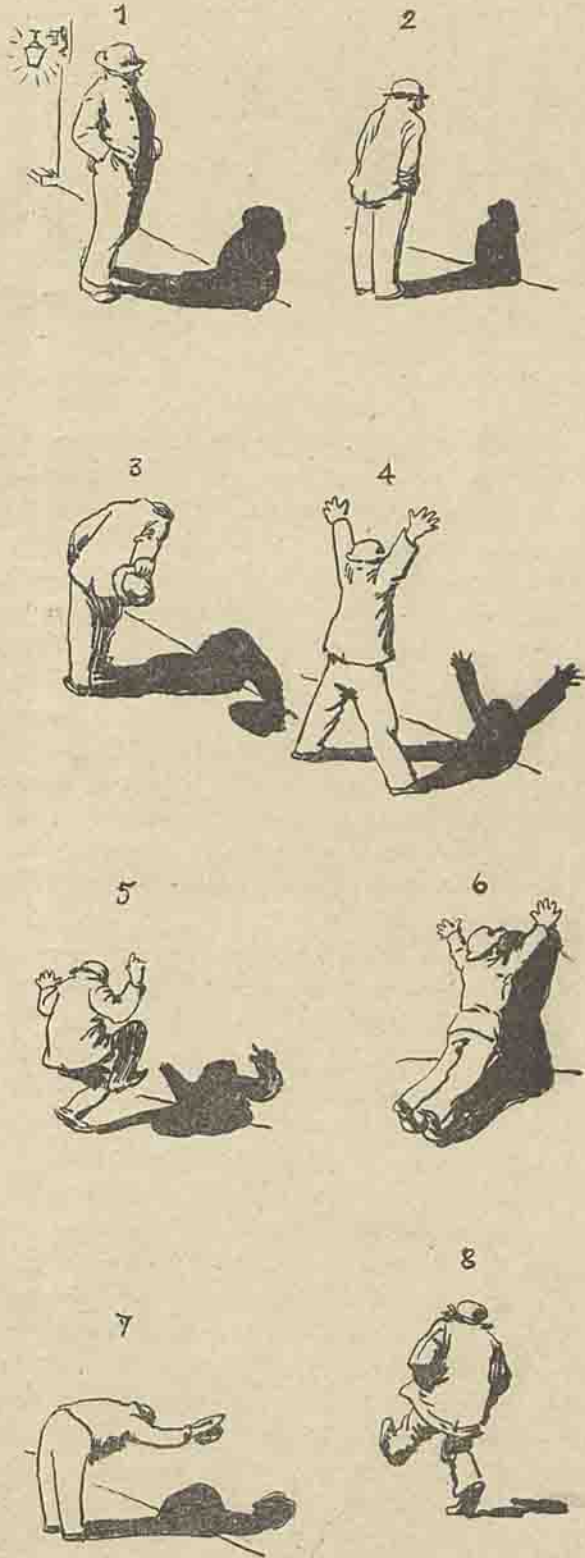
### Agua do toilette do Congo

Junta com agua fresca, uma só gota faz Um bálsamo suave, energico, eficaz, Saudavel para a tez; uma agua que transcende. Essa agua similar que por ahí se vende.

Victor Vaissier, inventor do **Sabonete do Congo**

Vende-se em todas as capellistas e perfumarias

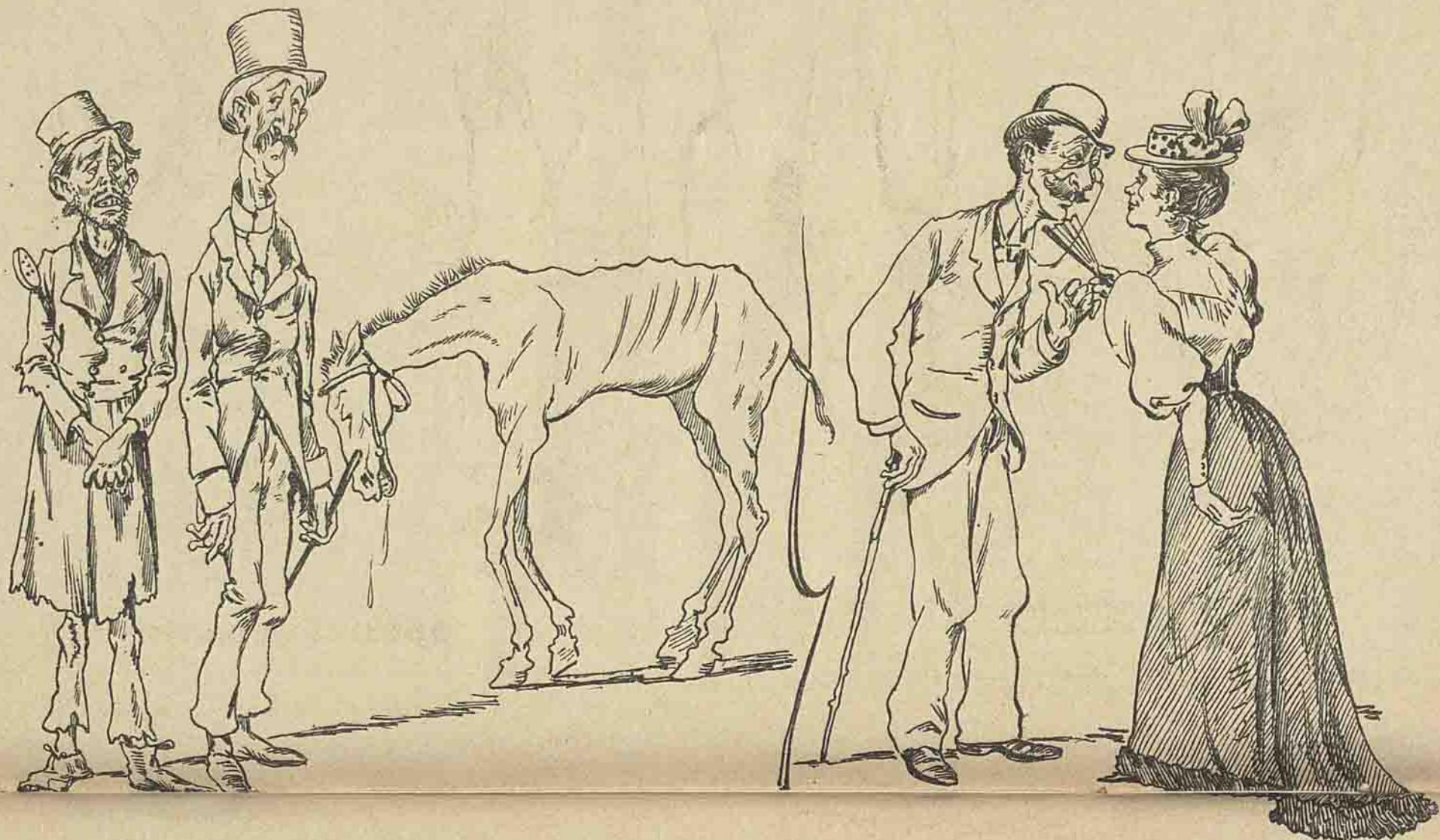
### Um sujeito que janta fóra e a sua sombra



# A PENURIA DOS DEPUTADOS

TRINDADE

UM FRECHEIRO



Um professor, um deputado... e o cavallo do  
inglez.

**Um futuro deputado**

Mira, tu, deputado, me levas a jantar al Silva?  
—Ai menina! levas-me tu á tia Leonarda?

**DEPUTADO DA OPPOSICÃO**



—Uma esmola a um pae da patria

Ze Dias:—Então o seu voto vem ou não vem?  
Meio bife?... Vae?  
Deputado:—Com batatas?... Não resisto. Conte  
çommigo.

M. Augusto



# COMO SE ENGANA O PAPÁ

(Continúa)



# COMO SE ENGANA O PAPÁ

(Continuação e fim)



# PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

## ULTIMAS TOURADAS



Tourada de 18.

ANGEL PASTOR

ESPARTERO

Espartero - Me dá vergueza  
(sexual)

Agradecida  
Carla-Linda

Um quite de Calabaza  
Sen. Domingos

O lavrador q. manda  
encuitar e polir os ferrões, devia  
também fornecer aos bois, chapéus  
de chuva

ANGEL

MOURISCI - Reaparição  
- Ajudado  
fado... que foste

Os dois mangos Siameses

Indignação de Le Sapateiro.

Al. Augusto

### 18 E 25 DE SETEMBRO

Editor: MANUEL LUIZ DA CRUZ. — Sede da Administração: RUA DO NORTE, 39, 1.  
LITHOGRAPHIA LUSITANA, Rua do Ferregial de Baixo, 36 a 40.  
TYPOGRAPHIA DA «REVISTA INDUSTRIAL», 158, Rua do Poço dos Negros.

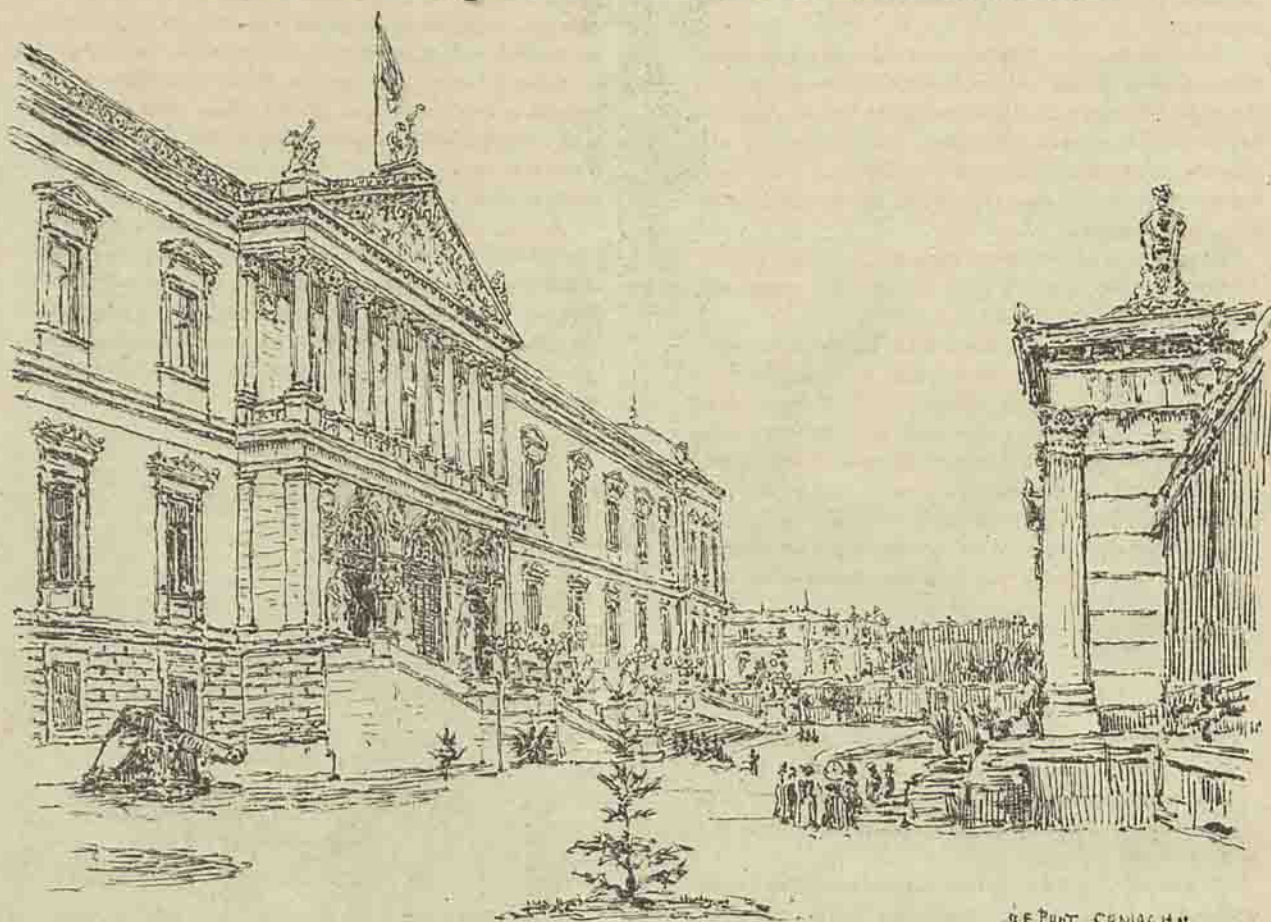
EXPOSIÇÃO COLOMBIANA — SECÇÃO PORTUGUEZA



FRANCO BORDALO PINHEIRO - INV.  
1885 - 1892

Porta da 2.ª sala feita de cabos, aplicação dos principais motivos da parte manuelina do convento da Madre de Deus. Trabalho executado no Arsenal da Marinha.

## EXPOSIÇÃO COLOMBIANA



Palácio da Bibliotheca, onde estão installadas as diversas secções da Exposição colombiana.

## Variações

Cerrado o parenthesis.

Despido o gibão das questões graves, das empolgantes questões, braços livres e pulso agil—ó nossos amigos!—cá nos tendes de novo para a entrudada.

Sobre a rua, que um frouxo sol d'inverno veste d'amarello desbotado, abramos a janella.

—Maria Clara, velha serva, traga-nos a alfofa com tremoços e o poccoiro com batatas.

O parenthesis, hoje cerrado, não foi um armistício: os nossos alfinetes agudos como sempre cá vos esperam, borboletas do ridiculo!

Nem armistício, nem inercia.

Por terras d'Hespanha andámos, e em terras de Hespanha constatámos com uma transbordante alegria que o nosso nome não é uma nodca mas uma estrella.

Armada a secção portugueza na Exposição Colombiana, Portugal, o velho, o velhinho de pernas de pau e muleta, logrou apresentar-se bem, tão bem que nem parecia o mesmo.

Symbolos ricos d'uma grandeza historica, quasi incomparavel, casados com salientes specimens das nossas modernas industrias, tudo disposto sob um principio decorativo, que, sem vãs modestias, signalava bem as particulares tendencias da raça lusitana — a sua idyosincrasia artistica, a sua feição toda maritima, toda d'aventuras—davam n'um pittoresco resumo todo o fio da nossa vida passada e presente e abriam uma janella de sol para o futuro, pois mostravam, sem nuvens, que não vivemos só de platonicas tradicções, do echo de esmorecidos prestigios.

Urge aizer-o:—a secção portugueza deu a quantos a visitaram uma sensação de estranheza.

A legenda pessimista da nossa completa decadencia, como um nevoeiro tenue, dissipou-se. A nossa arte e a vossa industria, tidas e havidas como coisas velhas, anemicas, esfarrapadas, vestidas de teias d'aranha, ficaram sendo olhadas pelos olhos dos estrangeiros como duas das mais fortes columnas que hão-de aguentar o peso da contemporanea gloria europea.

O velho, o moribundo, appareceu como um rapagão forte e sadio com sangue limpo e musculos elasticos.

Entretanto—não fallamos por nós, não queremos alcapremar a nossa exigua collaboração—emquanto Portugal obtinha na capital madrilena um incontestavel triumpho, o povo portuguez, completamente abosvido pelas complicadas methaphysicas eleitoraes, virava as costas a esse triumpho, na mais petulante das indifferenças.

Ninguem se preoccupou, ninguem teve um segundo de attenção volvida para o invejavel papel que representámos em Madrid.

E se alguma bocca se abriu a tal respeito, foi para, n'um movimento de reles dicacidade, levantar uma gritaria, que nem a dos naufragios de Fernão Mendes, contra a excessiva despeza feita com a representação portugueza na exposição colombiana, quando essa despeza, comparada com a que se fez com tricas d'eleições, foi um humilde franciscano, todo de burel e descalço, ao pé d'um opulento cruzio aninhado n'uma fôfa caleche puchada por mulas brancas.

\*  
\* \* \*

Esta singular attitude das gentes lusitanas não é d'agora, vem de longe.

Malaventurado o que se fiar na adhesão vibrante e sincera dos nossos compatriotas. E' contar com a sorte grande.

E assim, abertos os olhos, provada a suprema indifferença d'este povo, uma unica força nos pôde levar ao trabalho—o egoismo. O egoismo do nosso nome, o egoismo de enobrecermos a nossa terra, para que esta seja digno berço e tumulo digno da nossa reputação individual.



\*  
\* \* \*

Commentou-se muito e ainda hoje se commenta o caso estranho do bispo de Bethsaida, esse voltairzinho de mitra, que, achando-se em Madrid, ficou tres noites fóra do real palacio, onde fóra alojado.

Os jornaes da terra, em aphrodisiacos periodos temperados com cantharidas e valeriana, contam que as noites passadas em branco pelo prelado foram rubras, se é que, pela theoria das correspondencias, o rubro—côr das mucosas!—symbolisa a luxuria.

Apenas o facto foi conhecido, os corypheus da opinião deram-se a inventar legendas de amores sacrilegos, signalando morenas damas da Andaluzia, estorcendo-se n'as juncto do principe da Egreja e levaram a biague a ponto de forjar epistolas das referidas enamoradas, que, n'uma prosa toda de beijos e de estrangulados suspiros, lembravam com espinhos n'alma as innenarraveis noites rubras, rubras de voluptuosidade e de prelaticias sedas.

A nós, que temos mais em que pensar, pouco se nos dá que o bispo de Bethsaida passasse as referidas noites nos braços d'uma linda senhora ou que as levasse castamente a dormir n'um leito d'hospedaria, com o breviario sobre a mezinha de cabeceira e a cruz peitoral dependurada na barra, protecionalmente.



Temos pelo mexerico, pela febre de indagar mysterios d'alcova, a mesma absoluta indifferença que a maioria da gente tem pelas coisas serias, pelas coisas juradoiras e altas. Emquanto o lusitano em geral gasta os seus desdens com tudo o que levanta e esmalta a respeitabilidade nacional, nós gastamos os nossos com os insignificantes detalhes de qualquer vida particular.

Mas, seja verdadeiro ou não, isto doe.

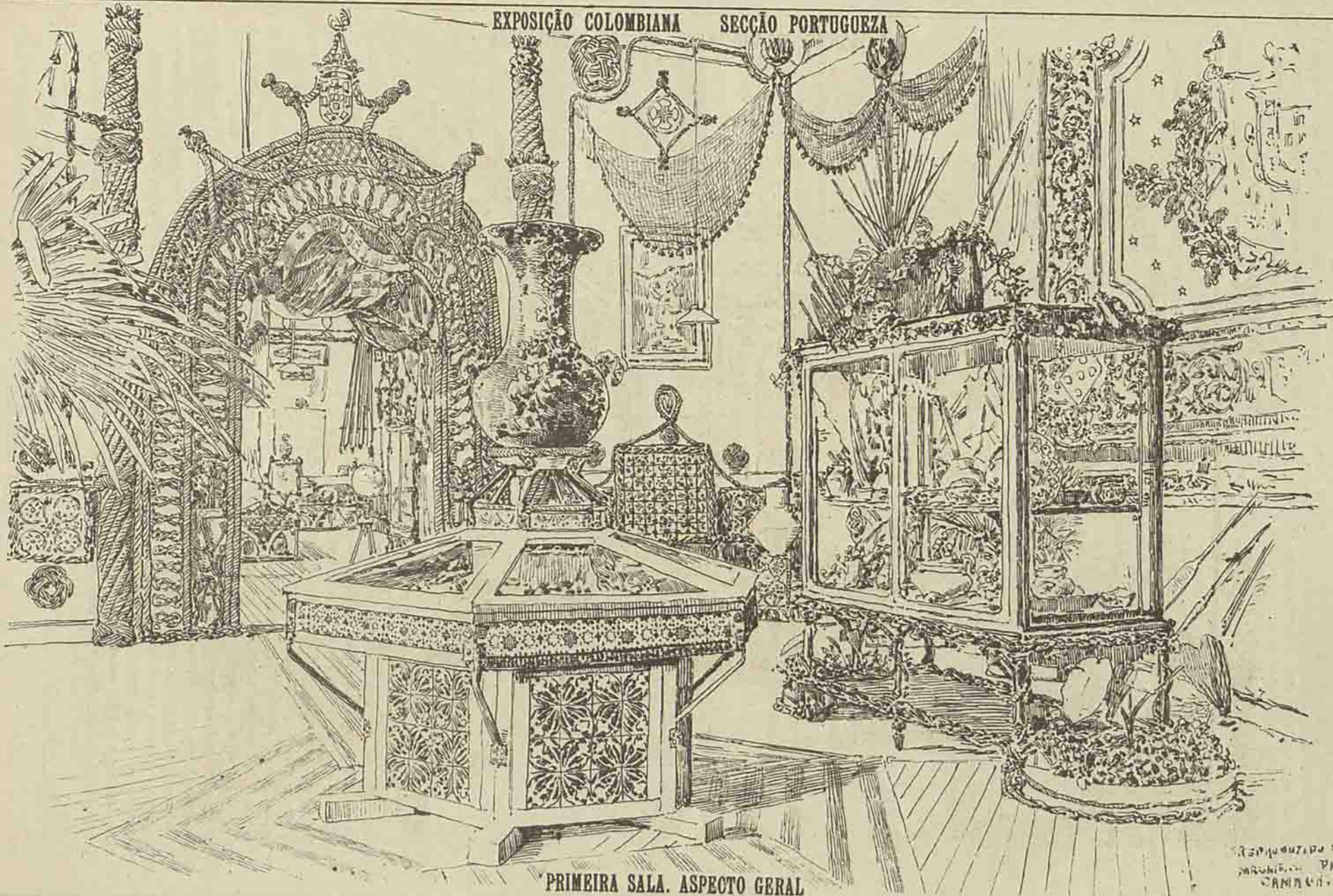
Se foi verdade é de ciliciar todas as almas patrias o parallelo que fatalmente se estabelece entre o vicio requintado e artistico d'outros tempos. com o prosaico, semsaborão, frio vicio d'agora; o parallelo entre Alexandre VI nos braços de Vanosa e um prelado d'agora reclinado nos braços d'uma femea acessivel, para quem tres duros parecem a Ursa Maior.

E, se não foi verdade, não é menor a dôr, a dôr de vêr uma imprensa levando semanas e semanas a discutir a côr das ceroulas episcopaes e a proveniencia do vaso de noite que serviu nas famosas noites.

Eu.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaisier, fornecedor ti tular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

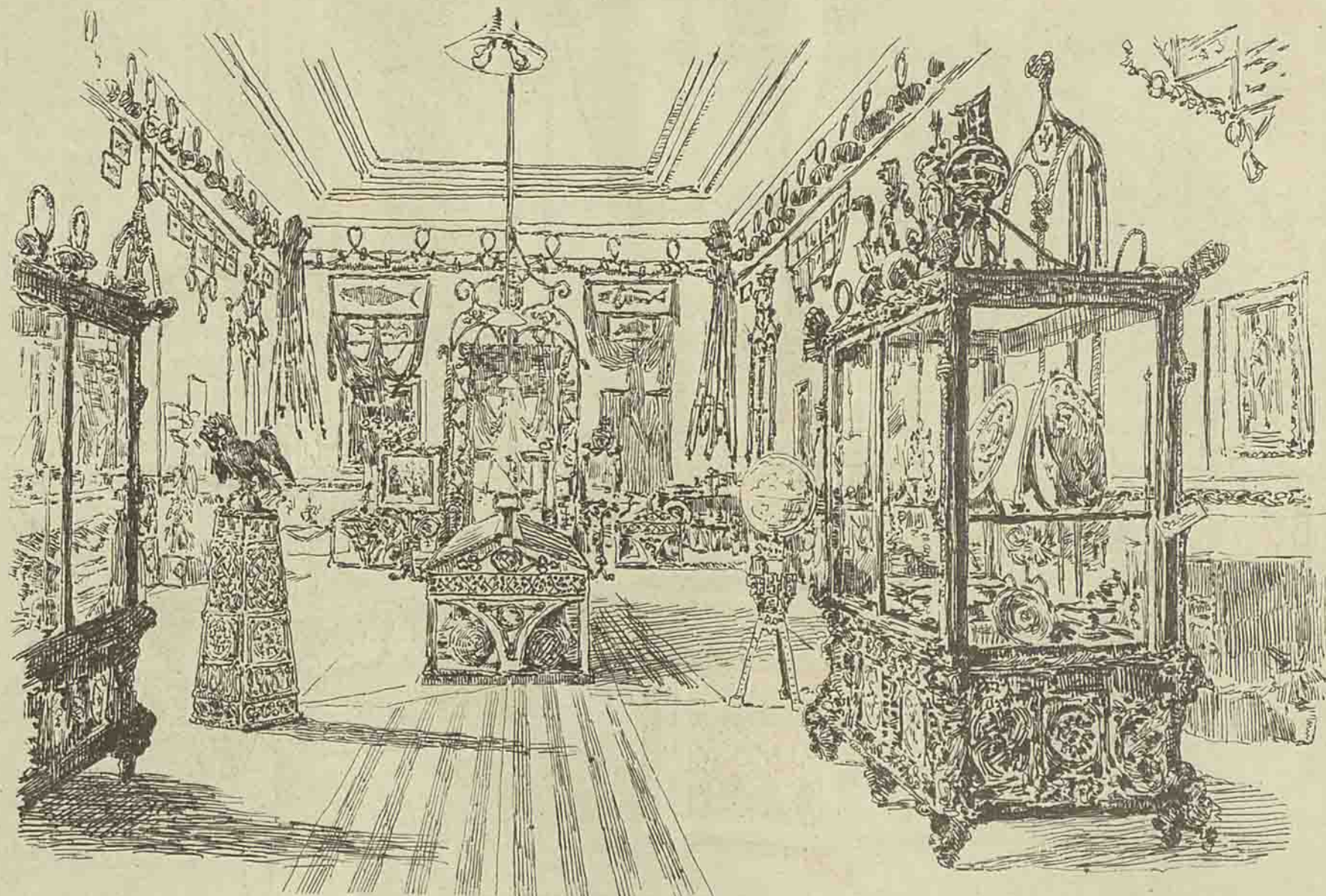
EXPOSIÇÃO COLOMBIANA SECCÃO PORTUGUEZA



PRIMEIRA SALA. ASPECTO GERAL

Desenhado por  
Machado. Pintado  
CAMELLO.

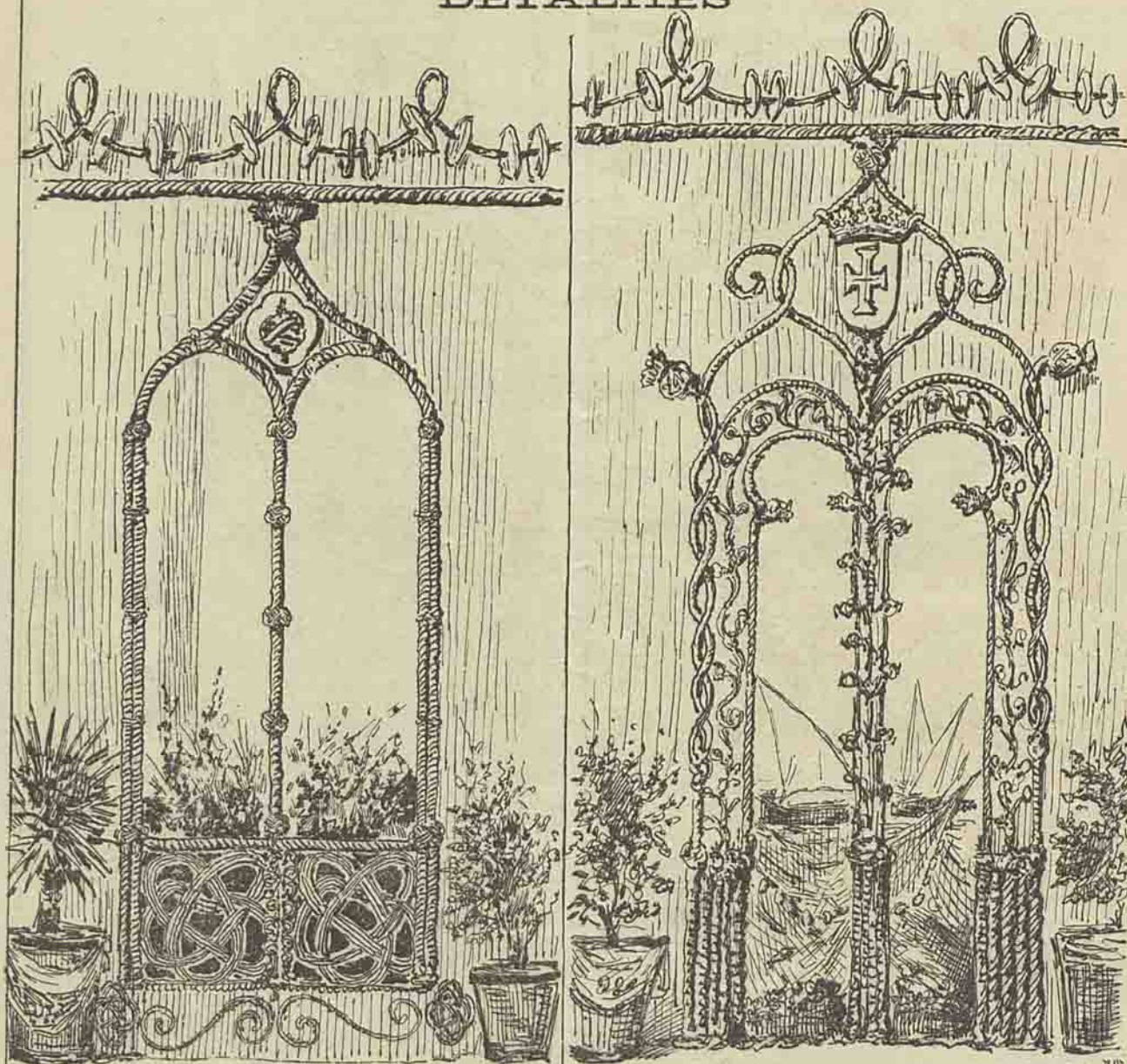
EXPOSIÇÃO COLOMBIANA SECÇÃO PORTUGUEZA



SEGUNDA SALA. ASPECTO GERAL

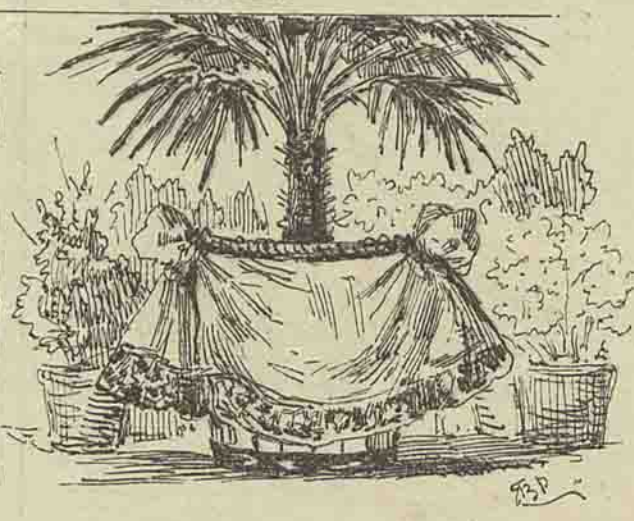
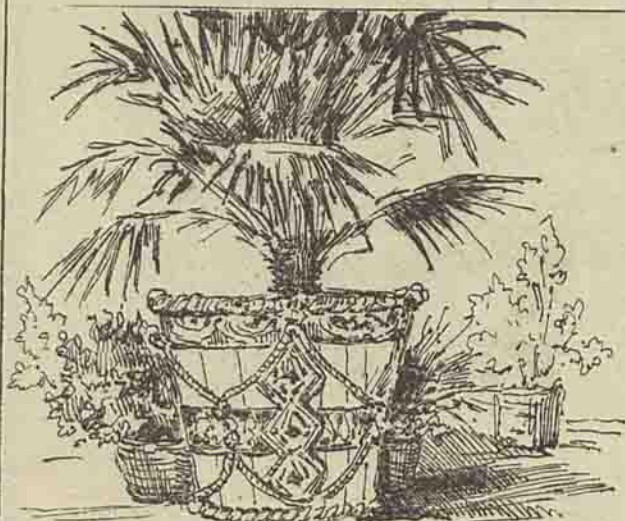


# EXPOSIÇÃO COLOMBIANA DETALHES



Typo das janelas, executados em cabos embreados.

MARCELO BORDALLO PIN  
INV. DES.



Ornamentação dos grandes vazos, feita com cabos, azulejos e lenços da terra.

EXPOSIÇÃO COLOMBIANA SECÇÃO PORTUGUEZA  
DETALHES



Janella da primeira salla.  
**REAL COLYSEU**  
Companhia de zarzuella



Pablo Lopes, comico engraçadissimo, é um artista de primera.

Theatros : Trindade

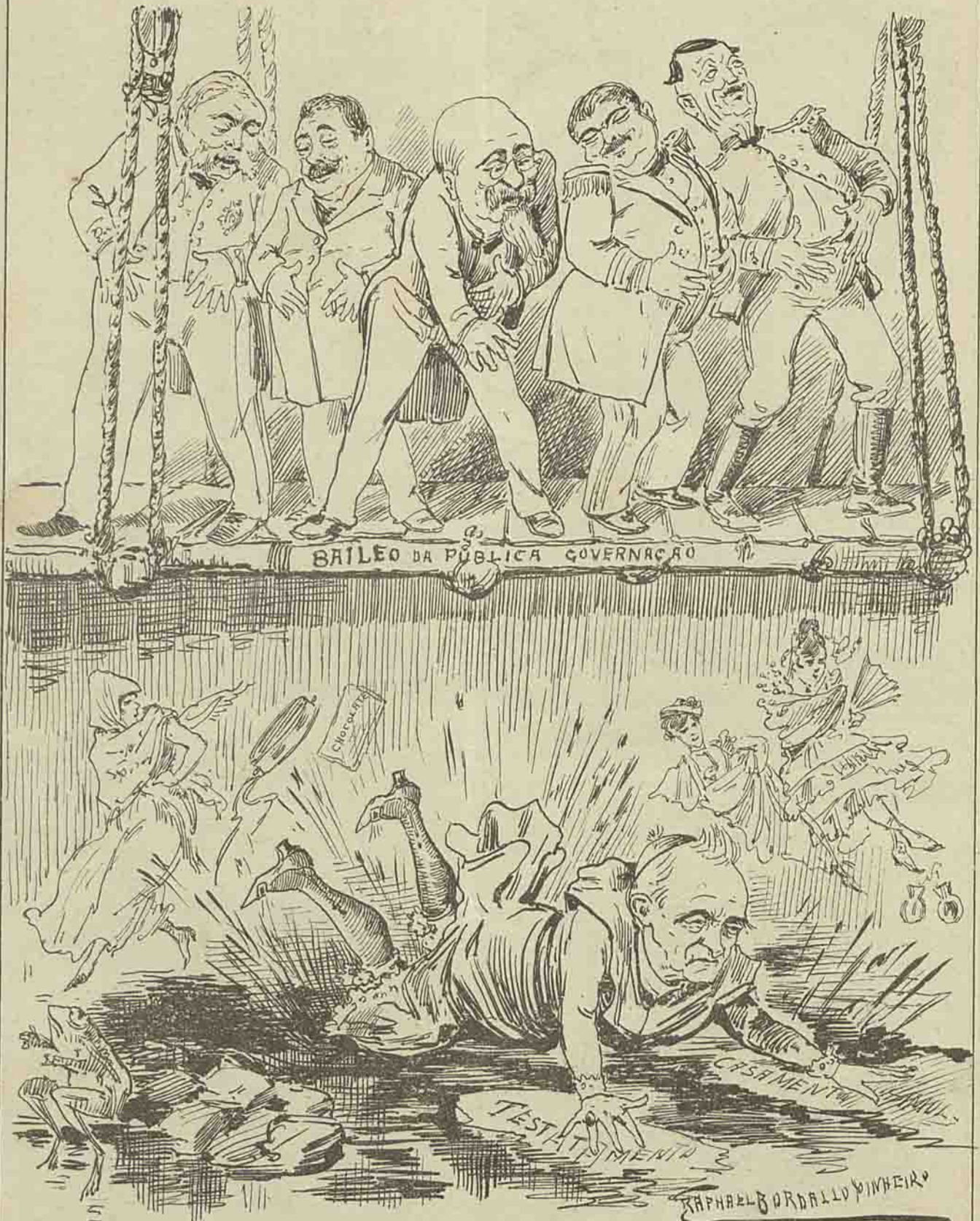


Na Trindade representa-se agora a *Ponte do Diabo*, uma peça de fazer rir o sr. Hintze Ribeiro. Optimo desempenho, salientando-se Augusto, Joseph e Augusta Cordeiro.



Amanhã, sexta-feira, beneficio da sympathica actriz Judith. Representa-se *Fernando, o felisardo*. Comparando com o Rocio a totalidade dos admiradores de Judith, o Gymnasio terá forçosamente de ser comparado, amanhã, com a Bitesga.

# Záz-Páz



Cahiu d'ahi abaixo

Cahiu do chão abaixo, porque no chão já elle estava.

## CIGANICE



—Vão ver esta alimaria pôdre e velha, no mercado de S. Bento, depois de tosqueada por mim.  
Tenho artes e uma rabulice de segredo para saber onde lhe devo metter o dedo para a espertar. Sou um gajo e por isso *Ojo, mucho ojo oh Zé...*

## Variações

Fim d'anno.

Para o anno que está á porta vão caravanas d'olhares.

No alto da sua torre irmã Anna está fiando: meada de seda, roca d'oiro, fuso de prata, talar de lhama, chapins de brocado, escarcella de coiro branco, gargantilha de renda, aventurinas nas orelhas, lyncurios nos cabellos, beryllos nos dedos longos.

—Do alto da tua torre o que vês tu, irmã Anna?

Irmã Anna poisa a roca, poisa o fuso, e erguendo-se do escabello macio, gracil e fina figurinha d'Evangelisario, acercando-se da janella esguia que um estreito mainel separa em duas, e espalmando a mão em alpendre sobre os olhos, deita os olhos ao largo.

—Do alto da tua torre o que vês tu, irmã Anna?

Irmã Anna nada vê. Perdidos no nevoeiro os seus olhos são dois meninos perdidos n'um pinheiral.

\*

\* \*

O anno que morre é como certos aleijadinhos de romaria, tão cobertos de gangrenas, tão perseguidos pelas varejeiras, tão ulcerados, tão pôdres que, ao vel-os não ha piedade que não se manifeste por estas palavras:

—Deus Nosso Senhor o leve para si.

Parte e só deixa saudades aos que pensam como o homem que partindo a perna esquerda, ria de contente porque a direita lhe ficára inteirinha.

\*

\* \*

Um anno singular, o anno moribundo. Um entulho disfarçado em jardim, um enterro disfarçado em kermesse, um baile em casa d'um cangalheiro.

Por fóra, aparentemente, uma pompa, uma magnificencia de apagar todas as pompas, todas as magnificencias da côrte d'el-rei Nabuchodonossor. Requisites de elegancia e de vicio, beijos caros como brilhantes, ceias e bailados, o rendimento d'um predio fulgindo em cada dedo, o rendimento d'uma herdade rutilando em cada nó de gravata, toiradas, veraneios, theatros, viagens, amores, ociocidade, roubo...

Mas se quereis ver aquillo por dentro, prevenivos com um frasquinho de saes...

\*

\* \*

Graves e doutos philosophos, aterrados com o crescente negrume dos tempos proximos, pitadeiando e franzindo os sobrolhos espessos, dependuram alarmantes e severas considerações no gancho d'esta interrogação:

—Para onde vamos?

E n'um pessimismo de nankin, redigindo o *horario* dos lusitanos destinos, inscrevem como estação de chegada a *estação do Abyssmo*.

Nós outros portuguezes da gemma e, como todos os portuguezes, accessiveis a todas as philosophias de momento, a todos os enthusiasmos e melancholias d'ocasião, temos, por vezes, feito rancho com tão schopenhaurianos cacalheiros e, munindo-nos do indispensavel bengalorio de castão, do indispensavel lenço de ramagens e da indispensavel caixa de rapé (poema de prata!), n'um desconsolado gesto e melancholica physionomia, engrossado o eôro dos desiludidos com o monologo da nossa desillusão.

Espinhos no coração e na cabeça, patriotismo barbaramente crucificado como uma inerte virgem crucificada, sete navalhas n'alma, temos tambem seguido o violaceo caminho do Desconsolo, admirados do triumpho da Estupidez sobre o Genio, da Industria sobre a Arte, da Luxuria sobre o Amor, do Limoeiro sobre o museu das Janellas Verdes, da politica eleitoral sobre a platonica, espirital, levantada affeição pelo torrão natal.

Mas mirando a nossa attitude e comparando a sua quasi santa sinceridade com a torpeza d'essas almas de pavão que por 'hi circundam, latrinas vestidas d'homem, uma faúlha de bom senso nos attinge —setta de sol! azagaia de diamante! — e nos leva para o bom caminho, salientando a nossa espirital *gaucherie* no vidro puro da ingenuidade.

Irmão terceiro que se fez irmão do Santissimo, creatura que deixou o triste burel escuro pela estridente flanela côr de fogo, amigos! aqui nos tendes livres de velhos preconceitos, cabeça limpa sem a caspa da Tristeza, saboreando com a voluptuosidade d'um schah o prohibido fructo da Alegria.

Pois que os vossos corpos não de ser, em pouco, um punhado de nauseabundos farellos dentro d'uma tumba apodrecida, exilio para todas as lycanthropias.

Rôa os ossos quem comeu a carne.

Surdos a todas as sentimentalidades, graças ao algodão da experiencia, que a Ironia seja escolhida para nossa fornecedora de lunetas.

E, atravez dos crystaes com que ella ha-de agucar as nossas vistas, olharemos o anno que chega.

Eu.

A Grandella, pelos bilhetes que nos enviou para os nossos pobres irem ao bodo do dia d'Anno Bom, e ao camiseiro Pitta, pelos calendarios que nos offereceu, mil agradecimentos: quinhentos para cada um.

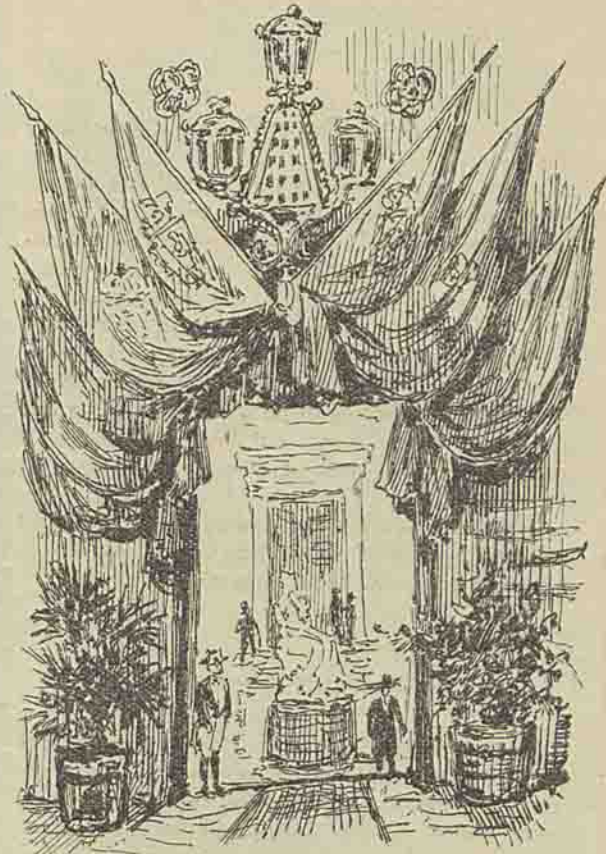
O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

EXPOSIÇÃO COLOMBIANA  
SECÇÃO PORTUGUEZA



Estatueta do infante D. Henrique, misula e baldaquino. Composição subordinada aos dictames da arte manuelina.

EXPOSIÇÃO COLOMBIANA  
SECÇÃO PORTUGUEZA



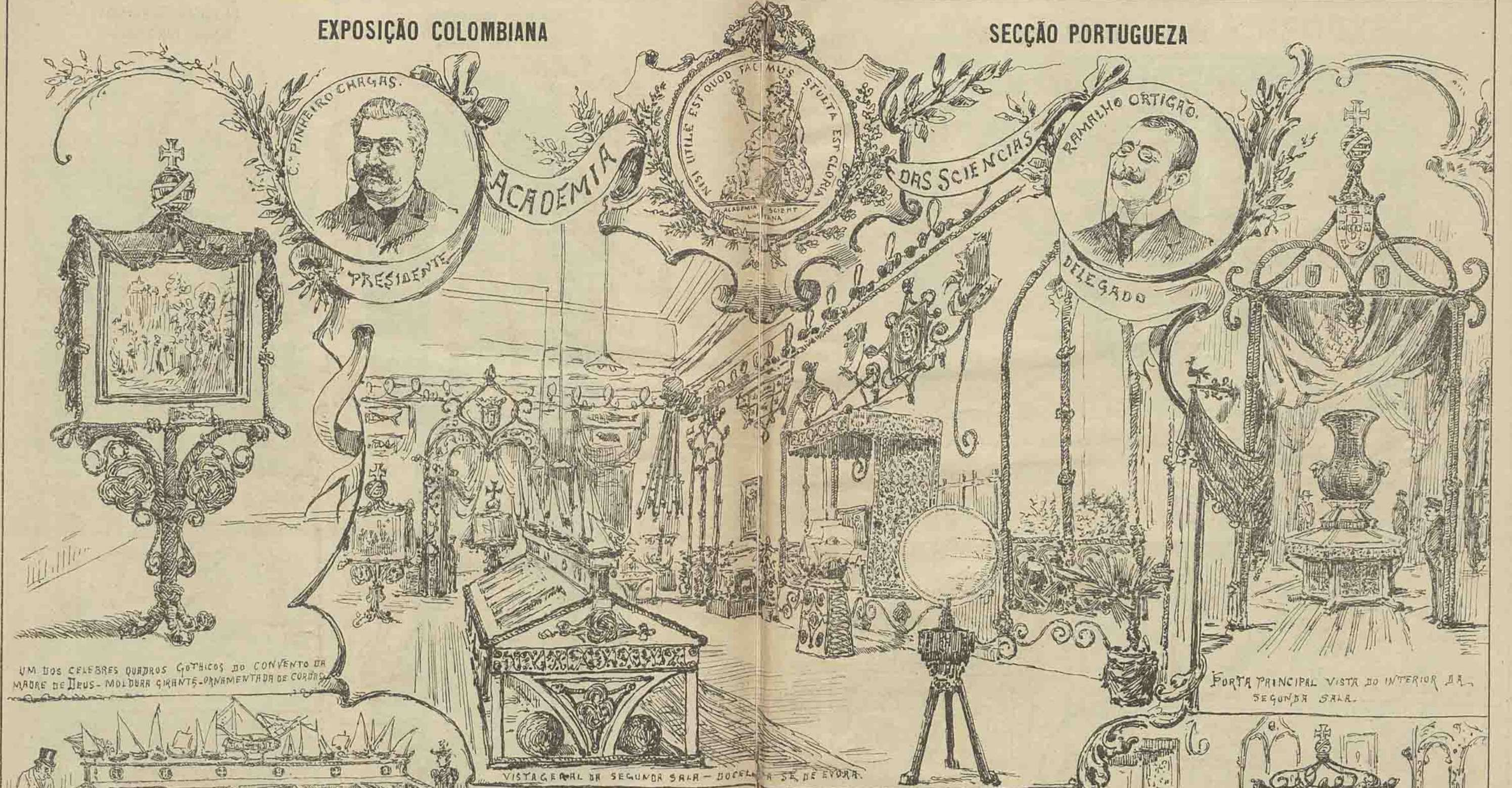
PORTA D'ENTRADA VISTA DO LADO DE  
DENTRO DA PRIMEIRA SALA



PESSOAL DA EXPOSIÇÃO

EXPOSIÇÃO COLOMBIANA

SECÇÃO PORTUGUEZA



C. PINHEIRO CHAGAS.  
PRESIDENTE

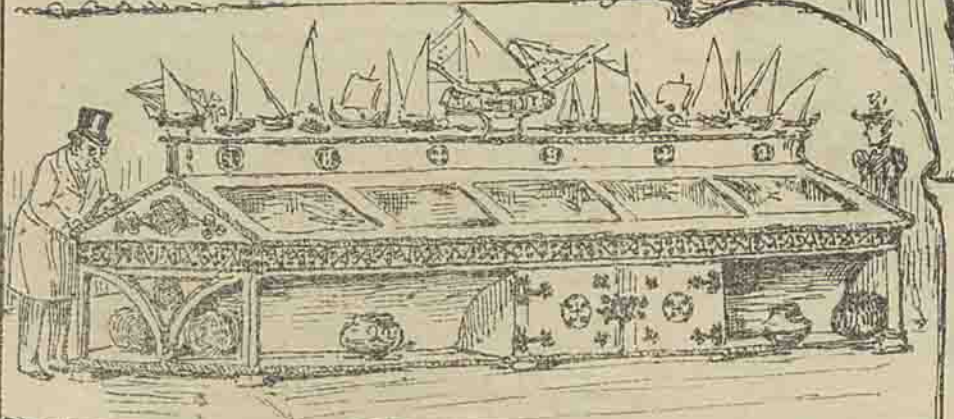
ACADEMIA

UTILIS EST QUOD FACILIS STUETA EST GLORIA

RAMALHO ORTIGÃO.  
DELEGADO

DAS SCIENCIAS

UM DOS CELEBRES QUADROS GOTHICOS DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS - MOLDAÇA GIÁNTA - ORNAMENTADA DE CORDAS



GRANDES ARMÁRIOS DE PINHO - ORNAMENTADOS DE AZULEJOS E CORDAS SERVINDO PARA EXPOSIÇÃO DE MAPAS, LIVROS RAROS, MANUSCRITOS E BARCOS DE PESCA

VISTA GERAL DA SEGUNDA SALA - DOCELA SE DE EVORA

FORTA PRINCIPAL VISTA DO INTERIOR DA SEGUNDA SALA

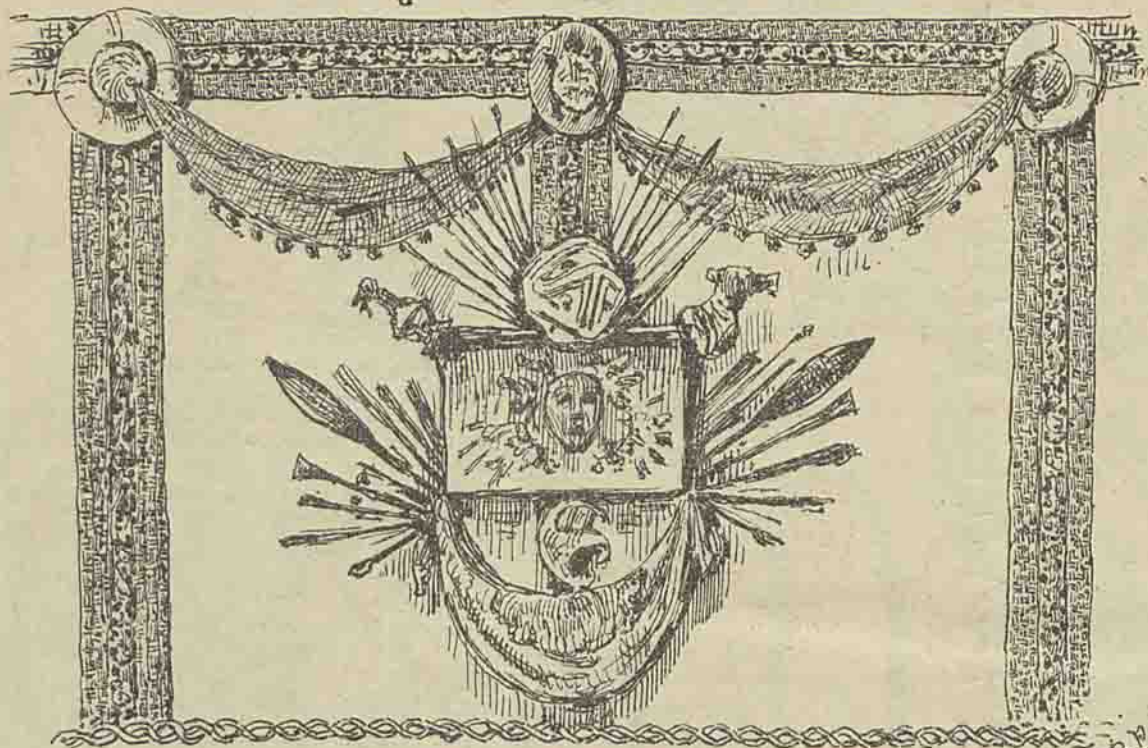


VITRINES ORNAMENTADAS DE CORDAS E AZULEJOS - SERVINDO PARA EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

E' a Academia Real das Sciencias, a quem cabe a gloria de ter realizado tão brilhantemente a Exposição Colombiana em Madrid. A grande actividade, intelligente e excessivo trabalho do nosso grande escriptor, Ramalho Ortigão, que teve a bella ideia de fazer uma exposição maritima, se deve tambem o ter sido a nossa secção tão completa e, sem duvida alguma, a que melhor cumpriu o programma, entre todas as secções estrangeiras que se apresentaram em Madrid. Entre todos os portuguezes que n'ella collaboraram, todos com patriotismo e muito trabalho, distinguiremos a intelligentissima coadjuvação de Frederico Augusto Ribeiro, constructor, de Joaquim das Dôres, o mestre dos cabos, de Dyonisio, mestre-carpinteiro e enfim de todos os marinheiros que foram sempre de uma boa vontade e dedicacão dignas de todo o elogio.

# EXPOSIÇÃO COLOMBIANA



Parede da 1.ª sala, orlada de lenços da terra e encanastrados das Caldas. Panoplia formada com objectos mexicanos pertencentes á Academia Real das Sciencias.



Theatro de S. Carlos

Uma *estrella* excepcional. Enquanto as outras, lá de cima, deslumbram os humanos olhos, esta (*estrella* de bigode) *vae* captivar os humanos ouvidos.

## Theatro do Gymnasio



Graciosa peça franceza, graciosamente traduzida por Gervasio, tão semeada de espirito que se impoz fortemente perante o nosso publico, a despeito do seu caracter pronunciadamente gaulez em guerra com o feitiço luzitano.

E tão bem representada como graciosa e graciosamente traduzida.



### EM HESPANHA

1



—Querido Pepe, cuidado con los ayuntamientos: son terribles.

2



—Canovas, quanto a mi, te dijo que no m'intrujam ellos: tengo um sistema d'engañifa de primera!

3



—Mira, los como a todos con pan.

—Me alegro que el sistema ese resulte bien. Aunque tuerto no me ha ocurrido esa trampa.

4



—Pues amigo mio, l'engañifa es un sistema de primera.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

### INTRUJICE SALOIA

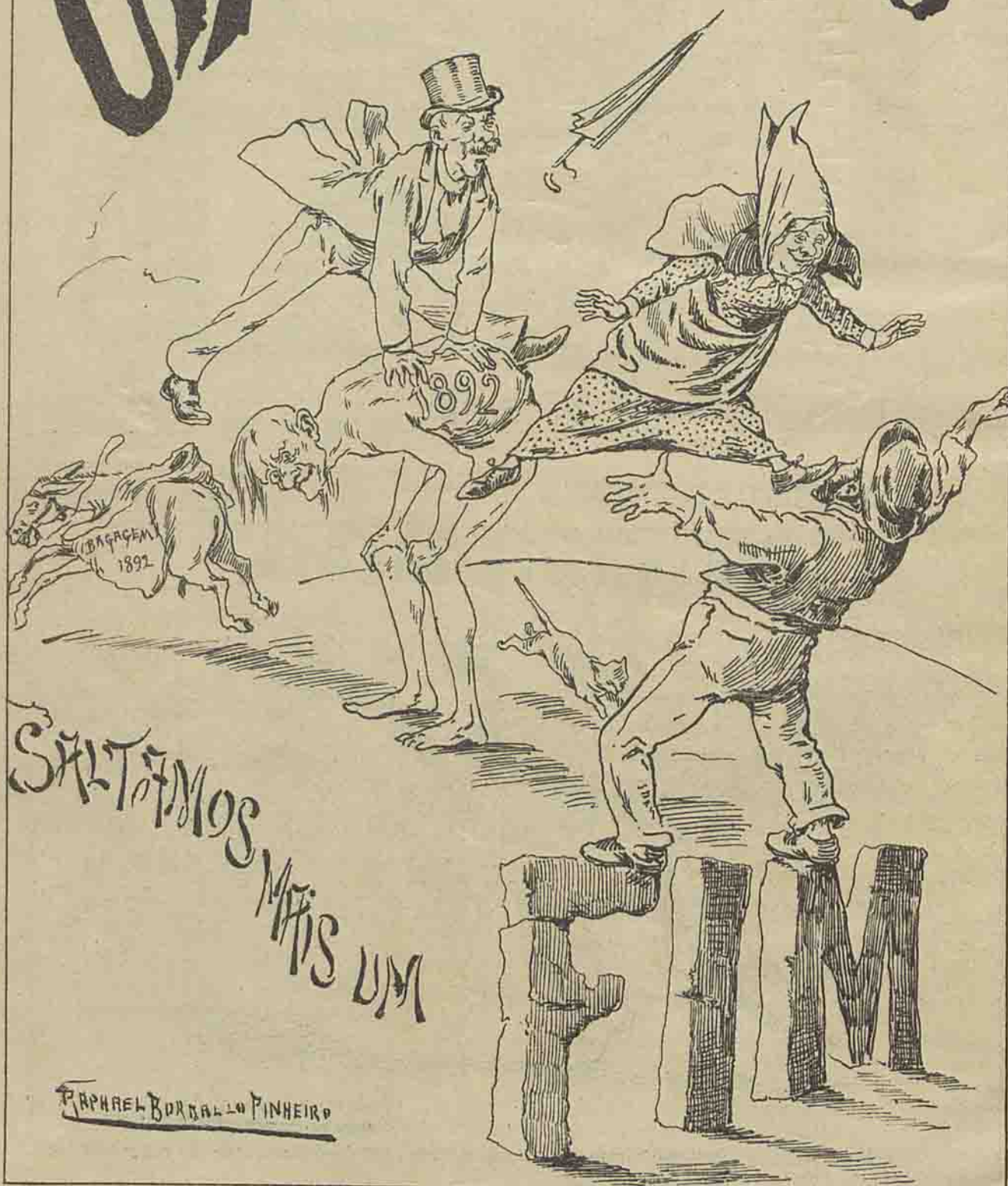
MAIORIA



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

—Eu cá vou para a porta de S. Bento armar a passarinhada com visco pôdre... Se não cahirem má'raios os partam mais á burra.

# O Javo Anho



SALTAMOS MAS UM

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO